APONTAMENTOS

PARA A

HISTÓRIA DOS JESUITAS

NO

BRASIL

PELO

Dr. Antonio Henriques Leal

TOMO II E ÚLTIMO

Á VENDA NO MARANHÃO

LIVRARIA POPULAR DE MAGALHÃES & C.ª

EDITORES-PROPRIETARIOS

23 LARGO DO PALACIO 23

1874

Typ. Castro Irmão, rua da Cruz de Pau, 31 — Lisboa

APONTAMENTOS

SANCTUARIO MARIANNO

POR FREI AGOSTINHO DE SANCTA MARIA[1]

Consta esta obra, hoje mui rara, de dez tomos, occupando-se o chronista de coisas do Brasil no tomo IX e em parte do X.

Tirando as descripções da fundação das egrejas e capellas, dedicadas a Nossa Senhora, das imagens e retabulos em que figura a mesma Virgem, quasi que cinge-se no mais a copiar o que disseram os padres Balthasar Telles e Simão de Vasconcellos nas suas *Chronicas*, que ficam resumidas no tomo I d'esta obra; de modo que pouco pude colher d'aquella que interésse o assumpto de que me occupo, senão que repitto aqui alguns factos para dar mais fôrça ao que fica já escripto.

É a Bahia, «cabeça d'esta dilatada porção da America e Nova Lusitania, onde reside o governador ou vice-rei, o arcebispo, e estão os tribunaes das justiças e relação.»

[1] Cumpre patentear aqui o meu reconhecimento ao ex.mo sr. commendador Antonio da Silva Tullio, bibliothecario-mór da bibliotheca nacional de Lisboa, pela benevola complacencia com que permittiu-me trazer para casa e consultar com todo o socêgo e vagar esta parte das obras que cito n'este tomo.

Foi Francisco Pereira Coutinho quem primeiro a conquistou do poder dos indios. Depois da sua desgraçada morte, Diogo Alves Caramurú com seu genro, Paulo Dias, que eram mui estimados dos indios pela brandura e affabilidade com que os tractavam, restaurou parte do que se havia perdido «pela desordem, ambição e tyrannia de muitos portuguezes.»

Reflexionando o chronista sobre o poder que tem nos ánimos dos selvagens a brandura, diz: «que até estes (os indios) com serem umas feras montezas, e quasi homens sem uso da razão, sabem reconhecer a brandura e estimar a mansidão: e com não parecerem humanos, abominam a deshumanidade [1].»

Está a Bahia de Todos os Sanctos em treze graus escassos na parte do sul, tem uma fiel estancia para os navios, muitas ilhas, «todas tão frescas, que cada uma d'ellas parece um paraiso.»

Foi erecta em bispado pelo papa Julio III, «que cuidou muito do espiritual das suas conquistas.»

Faz o author a seguinte resenha chronologica dos prelados brasileiros:

Bispos

Primeiro. — D. Pedro Fernandes Sardinha, naufraga em 1663.

Segundo.—D. Pedro Leitão.

Terceiro.—D. Antonio Barreiros, que havia sido prior de Aviz.

Quarto.—D. Constantino Barradas. No seu tempo mandaram-se administradores por el-rei, ao Rio, a Pernambuco e ás demais capitanías.

[1] Vid. *Sanct. Mar.*, tom. IX, liv. I, pag. 3.

Quinto.—D. Marcos Teixeira. Morreu a 8 de março de 1624, tendo entrado na Bahia a 8 de dezembro de 1622.

Sexto.—D. Miguel Pereira.

Setimo.—D. Pedro da Silva Sampaio.

Oitavo—D. Alvaro Soares de Castro, do conselho geral do Sancto-Officio. Morreu em Lisboa sem ir ao Brasil; porque nunca foi confirmado de Roma em razão das guerras com Castella.

Nono.—D. Estevam dos Santos.

Decimo.—D. frei Constantino de Sampaio, segundo do nome e religioso da ordem de S. Bernardo. Falleceu em Lisboa antes de lhe haverem chegado as bullas. Foi o último bispo que teve a Bahia antes de arcebispado.

O ARCEBISPADO DA BAHIA

Foi creado por Innocencio XI no anno de 1671, e no reinado de D. Pedro II.

Arcebispos

Primeiro.—D. Gaspar Barata de Mendonça, que tomou posse por procuração a 30 de julho de 1672. Falleceu no Sardoal, antes de haver partido para a Bahia.

Segundo.—D. frei João da Madre de Deus, religioso da provincia de S. Francisco. Foi o primeiro que se passou ao Brasil, onde falleceu em 1686.

Terceiro.—D. frei Manuel da Ressurreição, que foi antes nomeado bispo de Pernambuco. Religioso de S. Francisco no convento do Varatojo.

Quarto.—D. João de Oliveira, primeiro bispo de Angola, sendo logo depois nomeado arcebispo, quando era já bispo de Miranda. Falleceu em 1715.

Quinto.—D. Sebastião Monteiro da Vide, prior da parochia de Sancta Marinha de Lisboa, depois vigario geral; era ainda vivo em 1720 quando o author escrevia sua obra.

Pernambuco

Indo D. Constantino Barradas, bispo da Bahia, visitar Pernambuco e as mais egrejas do norte do Brasil, padeceu tantos trabalhos e perigos, que para os evitar d'ahi em diante, escreveu em 1615 a Filippe de Castella e de Portugal, pedindo-lhe elevasse Pernambuco e o Rio de Janeiro a bispados, porque eram terras ricas e muitos os dizimos.

O rei, para o alliviar d'aquellas visitas, tanto para o norte como para o sul, nomeou administradores ecclesiasticos, independentes do bispo.

Impetrou breve de Paulo v, que separou da jurisdicção dos bispos da Bahia, Pernambuco, Parahyba e mais terras do norte; e o mesmo o fez para o Rio e terras do sul, concedendo ao dito rei que nomeasse administradores que lhe fossem sujeitos quanto á inquisição e correcção de suas pessoas, e appellações e aggravos de suas sentenças.

O primeiro administrador de Pernambuco foi o licenciado Antonio Teixeira Cabral, e a este seguiram-se outros até ao tempo de D. Pedro II.

Para melhor govêrno no espiritual das almas, conseguiu D. Pedro, como regente, do papa Innocencio XI fosse erecta em 1676 essa capitanía em bispado.

Bispos de Pernambuco

Primeiro.—D. Estevam de Figueiredo, que havia sido visitador geral do arcebispado de Lisboa. D'aqui de Pernambuco foi promovido para o bispado do Funchal.

Segundo.—D. Mathias de Figueiredo e Mello, que ha-

via sido prior da Ventosa e visitador do bispado de Coimbra: nomeado em 1684, morreu em 1694. Abrindo-se a sua sepultura, annos depois (diz o author) se lhe achou «o corpo inteiro e incorrupto [1].»

Terceiro.—D. João Duarte do Sacramento, fundador da Congregação do Oratorio de S. Filippe Nery de Pernambuco, onde se achava quando foi nomeado bispo em 1694. As bullas, porém, chegaram quando já era morto.

Quarto.—D. frei Francisco de Lima, que depois foi nomeado bispo do Maranhão em 9 de outubro de 1691, recebeu as bullas a 12 de junho, segundo o author, e a 22 de agosto do mesmo anno, como se lê no *Diccionario Historico-Geographico* do sr. dr. Cesar Marques: seguindo-se d'ahi que ha manifesto engano de mez em um d'elles. Foi sagrado a 20 de abril de 1692 pelo cardeal D. Verissimo de Alencastro, sendo seus assistentes D. João de Sousa, bispo do Porto, e D. José de Vasconcellos de Alarcão, bispo do Rio de Janeiro [2]. Removido em 1695 para Pernambuco, chegou a Olinda em 1696, onde falleceu em 29 de abril de 1704, e jaz sepultado no convento carmelitano d'essa cidade.

Quinto.—D. Manuel Alvares da Costa, nomeado em 1705, depois promovido em 1720 ao bispado de Angra, na ilha Terceira [3].

Diogo Alves

Dão-n'o alguns escriptores como o primeiro povoador da Bahia: foi um mancebo nobre, natural da villa de

[1] Vid. *Sanct. Mar.*, tom. IX, liv. II, *Introd.*, pag. 262.

[2] A pag. 51. do *Diccionario Historico-Geographico* do sr. dr. Cesar Augusto Marques, no artigo, aliás mui curioso, de noticias sobre os bispos do Maranhão, acha-se — D. José de Barros Marvão em vez de Alarcão.

[3] Veem estas relações assim dispostas no *Sanct. Mar.*: a da diocese da Bahia, na introducção ao tom. IX, de pag. 5 usque 7, e as das demais dioceses na introducção ao tom. X.

Vianna do Minho, e de generoso coração. Embarcou-se em uma náu, ou para a capitania de S. Vicente, como querem uns, ou para a India, segundo outros; mas o certo é que a náu, depois de quebrados os mastros por uma tormenta, naufragou juncto á barra da Bahia, nos baixos chamados dos gentios—*Mairaguiquig*, onde pereceu parte da gente, sendo comidos uns e captivados outros pelos gentios. «E entre os captivos notaram elles a singular constancia de Diogo Alves, que desprezando o golpe da fortuna, ajudava a ajunctar as coisas, que saíam do naufragio, em favor dos indios. Contentes d'elle, assentaram que ficasse com vida para os fins do seu serviço.» (*Loc. cit.*, pag. 9).

Recolheu Diogo Alves entre as coisas rejeitadas á praia alguns barris de polvora e dois mosquetes ou espingardas. Estando já na sua aldeia os indios, concertou Diogo Alves uma das armas, carregou-a e disparou diante de todos, que á vista do estrondo, do fogo e do effeito produzido, ficaram assombrados, pondo-se em fugida as mulheres e os meninos, clamando que era um homem de fogo que os queria matar; mas dissuadiu Diogo Alves aos varões, *mostrando-lhes que com sua arte podia ajudal-os contra os inimigos*.

Houve dentro em breve ensejo para experimentar o effeito do mosquete; porque trazendo os indios, de quem era captivo, guerra com os *tapuyas* de Passé, «distante como seis leguas do lugar aonde hoje se vê situada a cidade da Bahia», levaram-n'o á sua frente; mas sabido isto dos contrarios deitaram a fugir por temerem o grande *Caramurú*.

Succedeu n'este tempo que navegando para o Rio da Prata uma náu com gente hespanhola, foi naufragar juncto á *Boypeda*, em uma ponta que ficou chamada dos *Castelhanos*. Soube Diogo Alves d'isto e tractou logo de agasalhar os naufragos e livral-os dos dentes dos selvagens.

Convento das Claras

Partiram de Evora as madres fundadoras a 8 de novembro de 1676, e a 9 de maio de 1677 tomaram posse do convento onde se venera Nossa Senhora do Desterro, na Bahia.

Eram as madres: — soror Margarida da Columna (abbadessa), soror Luiza de S. José (vigaria), soror Maria de S. Raymundo e soror Jeronyma do Presepio. Todas se restituiram a seu convento em Evora a 8 de novembro de 1686, dez annos justos depois da partida (*loc. cit.*, pag. 19).

Sé

Em 1553 deu o bispo D. Pedro Sardinha princípio á cathedral metropolita, continuando-a D. Marcos Teixeira e seus successores.

Carmelitas (observantes)

Diz o chronista serem mui antigos na cidade da Bahia; mas no anno de 1602 é que começaram sua nova, elegante e formosa egreja.

Nossa Senhora da Palma (ermida)

Foi fundada por Francisco da Cruz Arraes; e quando este morreu, seus tres filhos, que eram Bernardo, dr. Ventura e Manuel levantaram a egreja, realisando-se em 1670 a trasladação da imagem de Nossa Senhora da Palma.

Mortos já os irmãos, succedeu-lhes o dr. Jeronymo Pereira da Cruz.

Os religiosos agostinhos descalços entraram na Bahia para levantarem um hospicio com permissão de D. Pedro II,

e o dr. Jeronymo fez-lhes cessão da egreja e mais pertenças (*loc. cit.*, tit. XIX).

Hospicio dos padres italianos

Os capuchinhos italianos tiveram licença para fazer um hospicio na Bahia para recolhimento de seus missionarios. Foi-lhes este depois tomado sem motivo plausivel e dado aos padres capuchinhos francezes, ficando os italianos desaccommodados. Depois, *por justas causas e justos juizos de Deus*, diz o chronista, foram os padres francezes lançados fóra de todas as conquistas, e el-rei D. Pedro restituiu os italianos ao seu hospicio (*loc. cit.*, pag. 81).

Carnificina nos Caetés

«No anno de 1590 Christovam de Barros, filho do provedor Antonio Cardoso de Barros, foi aos *Caetés* vingar a morte de seu pae, matando a muitos d'elles, captivando outros, e impedindo por este meio a communicação que tinham com os francezes.»

Cachoeira

Em 1595 entrou no porto e sítio da Cachoeira, que fica ao norte da cidade da Bahia, o capitão Alvaro Rodrigues Adorno, filho de Antonio Dias Adorno, o qual, no tempo do governador Luiz de Brito de Almeida, foi mandado descobrir minas de pedraria. Fez-se com boas maneiras capitão dos indios da Cachoeira, onde não havia até então moradores portuguezes.

Proseguiu o capitão Alvaro Rodrigues Adorno no descobrimento, e se fez senhor de muitas terras d'aquelle districto, que hoje (no tempo em que escrevia o author) possue João Rodrigues Adorno.

Seminario da Cachoeira

Foi fundado pelos jesuitas no sitio que era antigamente chamado *Sigismundo.* Foi o padre Alexandre de Gusmão quem fundou em 1686 este seminario e a egreja, dedicando-a á Nossa Senhora de Belem (*loc. cit.*, tit. CXVII).

Era n'aquelle tempo o padre Alexandre de Gusmão provincial da Ordem, passando depois a reitor do mesmo seminario; e n'elle continuou até o anno de 1700, postoque houvesse renunciado áquella occupação por já se achar muito velho e cançado.

Nossa Senhora Azevediana

Conta frei Agostinho de Sancta Maria [1], a seu modo, o lastimoso successo dos jesuitas que foram aprisionados por Jacques Sória, não differindo na relação do facto ao que fica exposto na *Chronica da Companhia* do padre Balthasar Telles, accrescentando que a imagem de Nossa Senhora *del Pópulo* que o padre Ignacio de Azevedo trazia presa nas mãos por occasião de sua morte, e que foi assim com elle arrojada ás praias, presume elle ser a que se venera no collegio da Companhia da cidade da Bahia, «e que disporia Deus que lá fosse levada.» Cabe-me aqui observar que acho mui singular que Jacques Sória só offendesse os padres, deixando incolumes os demais passageiros portuguezes e á marinhagem.

Ilhéos

Ainda mesmo no tempo das prosperidades d'esta capitanía parece que Lucas Geraldes, já então senhor d'ella

[1] Vid. *Sanct. Mar.*, tit. CXIX, pag. 229.

por compra que havia feito a Jorge de Figueiredo Corrêa, seu donatario, pouco recebia d'ella, pois que de Portugal escrevia a seu feitor Thomaz, florentino como elle, e que lhe floreava em cartas de muita eloquencia as bondades d'aquelle territorio, e lhe dizia: «*Thomazo, quiere que te diga? manda l'asucre, e deixa le parole.*»

Por morte de Manuel Telles nomeou D. João III a Lucas Geraldes por governador do Brasil, que arribou e morreu sem nunca chegar a tomar conta do govêrno, indo substituil-o na posse da capitanía dos Ilhéos seu filho Francisco Geraldes.

Em 1675 chegou á villa d'esta capitanía uma armada de corsarios francezes, composta de tres navios grandes e dez menores, saltando a gente em terra, onde não encontraram outra resistencia senão a do forte de Sancto Antonio, que fica no porto, e onde havia um unico falcão com que o artilheiro Pedro Gonçalves fez um tiro e matou dois homens. Os moradores fugiram, excepto Christovam Vaz Leal com alguns poucos, que se oppozeram; foi-lhes, porém, tambem forçoso fugirem e acolherem-se á ermida de Nossa Senhora das Neves. Os francezes os seguiram; mas com a morte e perda de doze arcabuzes voltaram para a villa e fortificaram-se nas casas de Jorge Martins, d'onde começaram a saquear as demais. Mostrou-se n'estas tristes conjuncturas valente e brioso um obscuro e humilde mameluco de nome Antonio Fernandes, por alcunha o *Catuçadas*, «porque assim chamava ás estocadas na lingua de sua mãe.» Mettido nas casas occultamente com mais alguns, assim que pilhavam descuidados os francezes, que andavam n'ellas ao saque, matavam-n'os. Foram d'est'arte se animando, a ponto de elegerem por seu capitão ao *Catuçadas*, que se não era o mais nobre e o mais rico d'entre elles, seguramente o mais bravo e decidido.

«Eram quinze ou vinte sem mais armas que settas e

espadas, e mataram no campo trinta e sete francezes, entre os quaes ao proprio capitão d'elles. Fugiram e despejaram os mais a terra e o porto por valor d'um moço boçal, que nem fallar (o portuguez) sabía. Não foi isto só confusão para os francezes, mas tambem para o capitão da capitanía, que nunca mais appareceu (*loc. cit.*, tit. CXXX, pag. 232).

São estas as notícias mais remotas da capitanía e villa dos Ilhéos. Por esse tempo levantou-se a parochia de Nossa Senhora do Rosario, em cuja matriz se venerava a imagem d'esta invocação.

Nossa Senhora da Soledade nas margens do Rio S. Francisco

Segundo o author, é templo magnifico que se descobre a duzentas leguas da foz.

«Um moço portuguez, Francisco de Mendonça, ourives, com vinte annos de edade, filho de paes pobres e que se suppõe natural de Lisboa, como padecesse, além do achaque da pobreza, outras queixas, resolveu passar-se á Bahia, entendendo com a mudança de terra melhorar de saude. Era devoto da Virgem, mas o clima, delícias e largueza com que lá vive quem não anda muito armado do temor de Deus, produziu logo o seu effeito, ao menos em parte.» (*Loc. cit.*, tit. CXXXI, pag. 247).

Ajunctou algum cabedal e assentou deixar o mundo. Tinha já trinta annos. Distribuiu (1680) o que lá tinha, e saíu em habito humilde e pobre acompanhado de uma imagem de Christo do tamanho de tres palmos. Entrou pelo sertão a dentro, sempre inquieto, e foi dar a uma montanha mui grande e a cavalleiro sobre as ribeiras do S. Francisco.

Diz o author que n'este monte descobriu o ermitão, que depois se chamou *frade da Soledade*, um grande e dila-

tado templo. Duzentos palmos de comprido com largura proporcional, e em fórma de cruz, por isso que tinha no cruzeiro oitenta e dois pés. «O tecto representa um céu com nuvens e raios de diversas côres, e por obra de uns bichinhos formadas bastantes estrellas, como se reconheceu.»

«Sustenta-se esta machina sobre columnas e bases de jaspe, e paredes reforçadissimas, nas quaes estão abertas algumas casas como capellas ou cellas. Tem capella-mór e collateraes, um sino com badalo de pedra, cujos toques são como se a arte os temperasse. Para este prodigio da natureza entra-se por uma portada, como porta de uma grande cidade, e dentro, no braço do cruzeiro, á parte do Evangelho, se vê uma porta onde se acha uma varanda com cem palmos de comprido, e d'alli ao rio faz a altura de trezentos palmos, tudo para a parte do occidente, por onde entra bastante luz, batendo-lhe ao pé o rio, que corre pelo frontispicio da penha, que para esta parte é altissima. E por fóra parece uma cidade em que se notam coisas rarissimas, torres e pyramides altissimas, entresachadas com bons arvoredos. Acham-se tambem ao redor, e pelo alto da mesma penha, bastantes covas e capacidade proporcionada para ermidas. Dão a esta penha o nome de *Itabarabá*, que na lingua gentilica vale o mesmo que *pedra que luz.*» (*Loc. cit.*, pag. 250).

«O irmão Francisco, olhando para uma das capellas collateraes, vendo n'ella um perfeito monte Calvario, rematado com uma peanha e um singular buraco, que mysteriosa e proporcionalmente recebia a cruz da sanctissima imagem de Christo, o que foi para o ermitão maravilha assombrosa, alli a collocou.» (*Idem*, *ibidem*).

O arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide, com a noticia d'estas maravilhas, mandou logo visitadores, chegando até alguns d'elles a celebrarem ahi missa, como refere o author por conta de quem vae a *maravilha*.

Eregiu-se depois uma capella a Nossa Senhora da Soledade, cujo ermitão ordenou-se em 1700, continuando a servir n'aquella egreja.

Porto-Seguro

Pedro de Campos Tourinho, natural de Vianna, conforme alguns, passou a capitanía á sua filha, Leonor de Campos, mãe de outro Pedro de Campos, deão da Bahia, e que foi depois viver em Porto-Seguro com a mãe e a avó. Venderam-n'a estes depois ao duque de Aveiro, D. João de Lencastre, por cem mil réis de juros, tal o pouco valor que davam então ás novas conquistas!

Pernambuco

«Entre as quatorze capitanías que divídem a costa marítima do Brasil, a mais florente, opulenta e fertil é a de Pernambuco. O terreno é outra terra da promissão, estendido em varzeas e campinas, vestido todo, já de verdes, já de amarellos canaviaes, que parecem que quantos torrões teem são outros tantos torrões de assucar.» (*Introd.* ao liv. II, pag. 259).

A etymologia do nome Pernambuco vem de *Paranã* (mar) e *Buc* (furado), de uma pedra furada por onde entra o mar e que se encontra vindo de *Temaraçá*, ou, melhor, deriva tal denominação do recife de pedras por onde se entra para o ancoradoiro.

Fez D. João III mercê d'esta capitanía a Duarte Coelho, em razão dos muitos serviços que prestára na India e na tomada de Malaca. Embarcou-se este com sua mulher, D. Brites de Albuquerque, seu cunhado, Jeronymo de Albuquerque, «e outra muita gente», aportando ao rio *Igaraçú*, e desembarcando no sítio a que chamaram *Marcos*. Fundou este donatario a villa de Olinda.

Os padres de Sancto Antonio passaram-se ao Brasil no anno de 1584. Eram religiosos da provincia de Portugal, sendo seu prelado o padre frei Belchior de Sancta Catharina, que era definidor da provincia e grande prégador. Chegaram ao Recife a 12 de abril de 1585, e a 25 de outubro tomaram posse da ermida de Nossa Senhora das Neves, que fôra edificada por uma virtuosa matrona, irman terceira da mesma ordem. Foi esta a primeira casa e convento que tiveram no Brasil, e já em 1720 era provincia independente, com mais de vinte e tres casas n'elle, depois de ter sido elevada a esta cathegoria pelo papa Alexandre VII a 14 de agosto de 1657. «E porque no tempo em que foi custodia era chamada de Sancto Antonio, conservou este nome, e ainda ao presente conserva.»

Foi Jorge de Albuquerque Coelho quem não só alcançou do papa Xisto V a patente de geral da ordem, como tambem o respectivo breve [1].

Collegio da Companhia em Olinda

Deram os padres da Companhia princípio ao seu collegio em uma antiga ermida de Nossa Senhora da Graça, que se suppõe ter sido fundada quando começou a ser povoada a cidade de Olinda. Não mudaram áquella casa o titulo e invocação que d'antes tinha (*loc. cit.*, pag. 319).

Nossa Senhora da Penha de França

Os capuchinhos francezes, com a permissão dos reis de Portugal, fundaram um hospicio no Recife. «A experiencia tem mostrado, diz o chronista, não ser o interêsse das almas o que os guia.»

[1] Vid. *Angiologio Lusitano*, tom. III, pag. 311.

D. Pedro II os mandou sair d'aquella e de todas as mais terras de suas conquistas «por lhe constar que não convinham n'ellas estes missionarios.»

Parece-me que este acto violento foi suggerido pelos religiosos portuguezes, invejosos da acceitação e estima que iam aquelles tendo entre os indigenas

Os capuchinhos italianos vieram depois substituil-os.

Parahyba

Em 1581, logo que foi povoada a Parahyba, entraram n'ella os padres carmelitas observantes e fundaram o convento do Carmo. Suppõe o author do *Sanctuario* que os padres de Sancto Antonio tambem entraram ahi, quando muito, no anno de 1600, fundando logo seu convento (*loc. cit.*, pag. 298.)

Jesuitas

Não diz o author quando entraram na Parahyba, e só que tinham alli casas, nas quaes viviam, é ajuncta que o sítio não era capaz para fundarem n'elle collegio.

Havia no fim da villa uma ermida dedicada a S. Gonçalo, com uma imagem de Nossa Senhora da Penha de França. Era o sítio melhor, muito largo e de melhores ares. Pediram-n'o á camara e à ermida ao vigario. «E este se affeiçoou tanto ao sancto procedimento dos padres e á sua virtude, que lhes deixou umas boas terras que tinha, e de que elles, com a sua grande indústria e bom govêrno, teem muitos interêsses. E além das terras que lhes deixou os fez senhores de quasi todos os seus bens; e por isso edificaram nova egreja e commodo para os padres, constando de dez dormitorios e de todas as mais officinas, com que ficaram bem accommodados n'aquelle sítio, que é alegre e com muita boa vista.» (*Loc. cit.*, pag. 359).

Rio Grande do Norte

Conquistada a Parahyba, não desanimaram os francezes, mas seguindo as emigrações dos *tapuyas*, rebattidos do sul, os vinham como que acompanhando e continuando em seus tractos com elles. Commerciavam no Rio Grande com os *potyguaras*, e d'alli saíam, como de um covil, a saltear os navios que iam e vinham de Portugal, saqueando-os, captivando os portuguezes e vendendo-os aos gentios para os comerem. Para se atalharem estes grandes damnos, escreve el rei para Pernambuco a D. Manuel de Mascarenhas Homem e ao capitão-mór Feliciano Coelho; encarregando-lhes fossem ao Rio Grande, e n'elle fizessem uma povoação, e pedissem ao governador geral, D. Francisco de Sousa, provisões para tudo o que fosse de mister, assistindo elle de sua real fazenda a toda a despeza.

Partiu de Pernambuco a armada de seis naus e cinco caravelas, e por terra o proprio capitão-mór de Pernambuco com tres companhias de pé e uma de cavallo, e assim foram todos; mas começando a enfermar de bexigas a gente que vinha por terra, só chegou a armada, em que ia o padre Gaspar de S. Peres, grande engenheiro da Companhia, para dispor a fortaleza que se havia de levantar, indo-lhe por companheiros o padre Lemos e mais o padre frei Bernardino das Neves, religioso capucho da provincia de Sancto Antonio, por ser muito perito na lingua brasilica e na dos *potyguaras*, e tambem muito mais respeitado e amado d'elles pelas suas virtudes.

Chegou a armada a 17 de dezembro de 1597. Dos que iam por terra e adoeceram, só foi em um caravelão Jeronymo de Albuquerque com mais alguns poucos a ajunctar-se com Manuel Mascarenhas Homem, que na viagem teve vista de sete náus francezas que estavam no porto

dos *Buzios*, traficando com os *potgguaras*, «porém, vendo aquelles a nossa armada, picaram as amarras e se foram embora.»

No dia seguinte mandou Manuel Mascarenhas logo de manhan descubrir o rio, e descuberto que foi, entrou-o por tarde a armada, guiada por marinheiros praticos. Alli desembarcaram e se entrincheiraram a princípio com estacas de mangues, e defenderam-se dos gentios *potyguaras*, que não tardaram em vir, como o fizeram, em uma madrugada quasi infinitos, acompanhados de cincoenta francezes que haviam ficado no porto dos *Buzios*, os quaes, «rodeando a nossa cêrca, nos feriram, e comtudo não desmaiámos, antes á vista do sangue mais nos assanhámos, defendendo-n'os e offendendo tão animosamente os inimigos que levantaram o cêrco e se foram, postoque voltaram depois innumeraveis, recolhendo-se bem castigados..»

Depois reuniram-se os capitães Manuel Mascarenhas e Feliciano Coelho para discorrerem como se havia de acabar o forte. Accordaram trabalhassem todos, assim portuguezes como *tabayaras*, que eram amigos e os haviam acompanhado.

E mandando sair alguns brancos e indios em exploração, foram dar em umas aldeias onde mataram quatrocentos e captivaram oitenta (!) E d'estes ultimos souberam estava muita gente juncta, assim *potyguaras* como francezes, em seis cêrcas muito fortes, d'onde viriam dar nos portuguezes. Realisou-se a denúncia; estes, porém, resistiram e defenderam-se valorosamente, até que, em fim, concluido o forte, entregou-o Manuel Mascarenhas a Jeronymo de Albuquerque, deixando-lh'o muito bem fornecido de artilheria, munições e de tudo o mais que era de mister, e se partiu com a mais gente da armada para a Parahyba. Os que ficaram obraram valorosamente e mataram infinitos *potyguaras*.

Vem aqui notar que os invasores europeus tomavam quasi sempre posse de novas terras, ainda que não encontrassem resistencia da parte dos naturaes, por meio da violencia, irritando os infelizes indigenas, quando não os afugentavam e anniquilavam.

Depois de recolher-se Manuel Mascarenhas á Parahyba, consultou Jeronymo de Albuquerque ao padre Gaspar de S. Peres, que traça haveria para se fazerem pazes com os *potyguaras*. Deram elles com uma felicissima, que foi soltarem um principal chamado *Ilha Grande*, insigne feiticeiro, e mandal-o que as fôsse tractar com seus parentes. Foi-se o indio bem instruido no que havia de obrar, e chegando á primeira cêrca ou aldeia, onde foi bem recebido dos seus, mórmente sabendo ao que ia. Mandaram, pois, aos das mais aldeias, assim da ribeira do mar como da serra, aonde estavam *Pau-Sêcco* e *Jorababé*, que eram os maiores principaes, e aos quaes fez o indio um longo arrazoado com que os induziu a acceitarem as pazes, dizendo-lhes fossem com elle a Jeronymo de Albuquerque, governador e capitão do forte. Convencia os mais principaes a fazerem pazes, com affirmar-lhes seriam sempre firmes, como as que haviam sido feitas com *Itajuba* (Braço de Peixe) e com outros *tabajaras*, e costumavam fazel-as com todo o Brasil; porque os que se mettiam na egreja não os captivavam os portuguezes, antes os doutrinavam e defendiam, o que os francezes nunca fizeram, e menos o fariam agora, que tinham o porto impedido com a fortaleza, onde não poderiam entrar sem os matarem.

Isto posto, ajustaram-se as pazes, o que succedeu em 1599, fazendo-se com toda a solemnidade e assistencia de todos os cabos, do ouvidor geral e do padre frei Bernardino das Neves, que era o interprete. Feitas estas, começou-se logo a povoação a uma legua da fortaleza, dando-se-lhe depois o nome de cidade do Natal.

Ceará

A capitania do Ceará fica distante de Pernambuco mais de duzentas leguas e em altura de dois graus e meio para a parte do norte da linha equinocial, e no mesmo continente e terra firme do Rio Grande dos Tapuyas (é este o nome que davam antigamente ao Rio Grande do Norte) e cuja villa mandou D. Pedro II se dedicasse a S. José de Ribamar, sendo tambem dedicada ao mesmo sancto a egreja matriz (*loc. cit.*, *pag.* 357).

Maranhão

Diz o chronista (pag. 361, tom. IX) que quando perdeu-se, em 1535, a armada de Ayres da Cunha, foram dar na ilha das Vaccas, que era assim chamada antigamente a do Maranhão [1], o cabo e os dois filhos de João de Barros, fazendo pazes com os *tapuyas* que a habitavam, e chegando a tanto a amizade entre elles «que alguns tiveram filhos das *tapuyas*, como se descubriu depois que cresceram, não só porque lhes nasciam barbas, como todos os descendentes d'elles as produzem, como seus paes e avós.»

Berredo, nos *Annaes Historicos*, refere no n.º 46, liv. I, que parte da gente salvou-se a nado na ilha do Medo, que fica na bahia do Boqueirão, e onde fez pazes com os *tapuyas;* mas conhecendo que não bastava para povoação, passado algum tempo voltou para Portugal, a bordo dos

[1] Suppõe o ex.mo sr. visconde da Porto-Seguro (F. Varnhagen) que é a essa ilha, bem como á povoação européa, formada dos poucos naufragos da primeira e mallograda expedição, que coube a denominação de *Trindade*. Quanto á etymologia do nome — Maranhão — alvidrei-a na pag. 91 das *Locubrações*.

navios piratas que navegavam aquella costa. O padre José de Moraes não confirma a noticia de terem os naufragos da expedição de João de Barros tido taes relações com os indigenas, que se propagassem d'ellas mestiços, nem a ilha do Medo, até hoje deshabitada, parece lugar apropriado para fundação de nucleo popular de qualquer natureza [1].

Falla no entanto o ex.mo sr. visconde de Porto-Seguro da povoação de Nazareth, formada pelos naufragos da expedição de Ayres da Cunha, não na ilha do Medo, mas na do Maranhão.

Nossa Senhora do Desterro

Vê-se em um alegre sitio, «fóra da cidade um tiro de mosquete, o sanctuario de Nossa Senhora do Desterro, imagem de grande devoção.»

«É esta sanctissima imagem, continúa o chronista, de vestidos riquissimos, e a sua altura são alguns quatro palmos.» Da Senhora do Desterro faz menção o conde da Ericeira no seu *Portugal Restaurado*, fl. 302, e Berredo, nos *Annaes Historicos do Estado do Maranhão*, refere que os hollandezes, por occasião de occuparem a cidade de S. Luiz do Maranhão, despedaçaram essa imagem (liv. XI, n.º 771). Hoje ergue-se no mesmo sitio, notavel por ter sido onde desembarcaram os hollandezes, a elegante capella de S. Joseph do Desterro, reedificada ha pouco pela muita devoção e perseverança do sr. Marcellino José Antunes Pimenta [2].

Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, sendo nomeado para a Bahia, e desejoso de acudir ás capitanías do norte pelo receio de corsarios que as infestavam, mandou á do Maranhão um barco com alguns velhos e mu-

[1] Vid. *Historia da Companhia de Jesus*, pelo padre José de Moraes, pag. 21. Rio de Janeiro — 1860.

[2] Vid. *Diccionario Historico-Geographico do Maranhão*, pelo dr. Cesar Augusto Marques, no artigo — *Desterro* — de pag. 179 a 181. Maranhão — 1870.

lberes, e n'elle tambem o padre franciscano Christovam Severim, custodio da provincia de Sancto Antonio, com quinze frades de sua ordem e do convento dos padres capuchos de Portugal, e cinco mais da custodia do Brasil, que se haviam a elles reunido.

O administrador ecclesiastico de Pernambuco, o dr. Bartholomeu Ferreira Lagarto, deu-lhe posse de vigario-geral e provisor, conforme os despachos do Sancto-Officio.

Partiram do Recife a 12 de julho de 1624, e a 18 estavam na enseada de Mocuripe, no Ceará.

O capitão Martim Soares Moreno os levou para a fortaleza, onde se demoraram quinze dias, sacramentando os brancos e doutrinando os indios de duas aldeias que alli haviam, e onde o custodio, a requerimento do capitão, deixou dois religiosos. Antes, porém, d'estes sacerdotes havia já ido do Maranhão para alli dois da mesma Ordem; isto quando era governador Jeronymo de Albuquerque.

Eram elles: fr. Francisco de S. Cosme e S. Damião, e frei Manuel da Piedade, os quaes, não fundando o convento, nem por isso faltaram aos seus deveres.

Chega aquella sancta caravana ao Maranhão a 6 de agosto de 1624, e dá principio á fundação, que, diz o author, foi a primeira d'aquella cidade, referindo-se provavelmente aos portuguezes; porque é sabido que os padres francezes Ivo d'Evreux, Claudio d'Abbeville e seus companheiros, por occasião de ser a ilha occupada, em 1612, por gente de sua nação, erigiram um hospicio onde celebraram missa, e em cujo sitio levantaram depois os jesuitas a egreja de Nossa Senhora da Luz, e que hoje serve de cathedral. Fundado que foi pelos sacerdotes portuguezes o edificio de que falla o chronista, celebraram n'elle a sua primeira missa em 2 de fevereiro de 1625, dia de Nossa Senhora das Candeias.

Passou o custodio ao Pará, fez pazes com os indios *to-*

cantins, escandalisados de muitos aggravos; trouxe-lhes os filhos para doutrinar, e prohibiu, sob pena de excommunhão, a venda de indios forros. *Queimou* muitos livros que achou dos *francezes herejes* (*sic*).

Faz menção d'este convento o padre franciscano frei Vicente do Salvador, que no liv. v, cap. xxvii da sua *História do Brasil*, que tambem o dá como primeiro fundado em S. Luiz, por onde se collige que não é isso equivoco, senão de proposito e por mal entendido orgulho nacional em ambos.

Carmelitas

Entram no mesmo anno de 1624 no Maranhão, ou vindos de Lisboa ou na companhia do padre Severim. Fundaram a egreja de Nossa Senhora do Carmo.

Mercenarios

Empregaram inauditos esfórços para terem um convento ou hospicio em Portugal; mas os padres trinos pozeram sempre tropeços a esse intento com o temor de que viessem a ser os *redemptores dos captivos*.

Não sei que mais admire, se a ingenua e singela confissão do author, se a sancta inveja e espirito pouco evangelico dos trinos!

Não sabe frei Agostinho de Sancta Maria d'onde vieram estes mercenarios para o Maranhão, se de Quito ou de Cuba; mas pelo que consta do cartorio do antigo convento das Mercês, do Pará, está averiguado que vieram do Peru. Apesar de D. João v haver-lhes permittido hospicio, não tinham convento até 1720.

Dá o capitão Manuel da Silva Serrão principio á obra da ermida da Madre de Deus, no Maranhão, a 24 de setembro de 1628, com grandes festas e solemnidades, afim

de pôr n'ella uma imagem de Sancto Amaro, quando era bispo da diocese D. frei Timotheo do Sacramento. Morreu o fundador quando as paredes estavam galgadas, e ficou a obra exposta á ruina do tempo. Achando-a n'essa altura Christovam da Costa Freire, senhor de Pancas, a concluiu, dedicando-a á Madre de Deus.

Pará

Sendo grande a distancia que vae do Maranhão ao Pará, D. João v solicitou do papa Clemente xi a divisão d'aquella prelazia, e d'ahi foi nomeado primeiro bispo do Pará D. frei Bartholomeu do Pilar, carmelita, a 9 de novembro de 1717, confirmado a 4 de março de 1720, e sagrado na patriarchal de Lisboa em 22 de dezembro, tambem do mesmo anno.

Quando Francisco Caldeira de Castello-Branco foi ao Pará em 1616 ou 1617, levou comsigo dois religiosos de Sancto Antonio: — frei Antonio da Marciana e frei Christovam de S. José.

Com a revolta dos indios do Pará, La Ravardière, que se achava a passeiar com toda a confiança nas ruas de Lisboa, foi preso e mettido na torre de Belem por se temer o rei de que aproveitasse o ensejo e se partisse d'alli para essas terras de que se mostrava tão affeiçoado [1].

É este o facto acima alludido da rebellião dos colonos no Pará: queixosos de Caldeira, prenderam-n'o, e em seu lugar levantaram outro capitão. Em vista do estado das coisas insurgem-se os indios contra todos e os põem em apertadissimo cêrco. D'elle pôde escapar-se o capitão Manuel Soares de Almeida, que foi pedir soccorro a Pernambuco. Aqui achou por governador geral a D. Luiz de Sousa,

[1] Vid. *Sanct. Mar.*, tom. ix, liv. ii, tit. liv, pag. 378.

que expediu uma armada de quatro vasos ao mando de Jeronymo Fragoso de Albuquerque com ordem de inquerir dos culpados, e remettel-os presos para o reino.

Chegando Jeronymo Fragoso, livrou os portuguezes do sitio e perseguiu o gentio duzentas leguas rio acima, e morreu por fim n'essa expedição depois de ter obrado peregrinos feitos.

Distinguiram-se tambem os capitães Custodio Vicente e Pedro Teixeira, e mais do que ambos o capitão Bento Maciel, que havia partido do Maranhão com oitenta portuguezes e seiscentos indios de flecha, em auxilio dos do Pará. Renderam-se muitos indios, pedindo paz e misericordia. O padre Manuel Figueira de Mendonça, vigario da nova povoação, recebeu a este na aldeia de *Separará*, assentada na ponta da barra do Pará, do lado de léste (*loc. cit.*, pag. 379).

Fica provado por estes factos, que narra o author do *Sanctuario Marianno*, não haver ainda por esse tempo missões n'aquellas paragens.

Terminando aqui o que ha para nós de util no tomo IX, passo a resumir o X.

Entrada dos francezes no Rio de Janeiro

Foi o nobre francez Nicolau Villegayllon, do habito de S. João de Malta, quem veiu no anno de 1555 alterar a posse pacifica que gozavam os portuguezes do Rio de Janeiro, que por mandado de el-rei D. João III fôra demarcado, como as demais partes, até o Rio da Prata. Tomou este corsario porto em Cabo-Frio, habitado pelos *tamoyos*, que em odio aos portuguezes, com quem traziam guerra, abraçaram aquelles.

Recolhendo-se Villegayllon á França, tornou-se outra vez ao Rio e foi demandar a povoação principal, «chamada dos

gentios Nitheroy, e os nossos pela descobrirem no 1.º de janeiro lhe deram impropriamente o de Rio de Janeiro [1].»

Assistido Villegayllon dos soccorros de França e dos favores dos da terra, fundou algumas fortalezas.

Temendo-se os portuguezes das cuidadosas diligencias de Villegayllon, mandou a rainha D. Catharina, regente de Portugal na menoridade de seu neto, D. Sebastião, soccorros de Lisboa ao governador Mendo de Sá, que saiu da Bahia com tres galeões, oito navios e dois mil homens, e assim aportou ao Rio de Janeiro. O que sabido de Villegayllon, recolheu-se com os seus e alguns indios á ilha do Governador (*loc. cit.*, pag. 3), onde são assaltados, á noite, quando dormiam os vigias, e incendiada a fortificação. Foram abrazados uns e afogados outros por se ter pegado fogo na polvora. Villegayllon salva-se com muitos dos seus nos bateis de seus navios.

Cheios de confiança, entregam-se os portuguezes depois d'isso ao mais culposo descuido; continuando no entanto os contrarios nas mesmas hostilidades. Tendo d'isso aviso a rainha, mandou povoarem aquellas terras soldados destros e munidos de convenientes aprestos, dando-lhes por capitão Estacio de Sá, sobrinho do governador, que se embarcou com elles em náus grandes. Acolheu-se Estacio de Sá com sua fôrça juncto do Pão de Assucar, onde o investiram os francezes com tres navios e os *tamoyos* com mais de cento e vinte canoas grandes. «Pelejou-se de ambas as partes com valor até se declarar do nosso lado a victória.»

Fizeram os portuguezes muito damno nas suas embarcações e nas dos *tamoyos*. Estes, «que á defensa da patria accrescentavam a vingança, cresceram tanto no poder que excederam ás suas mesmas fôrças.» Armaram para mais de duzentas canoas, algumas com ligeira artilheria; mas

[1] Vid. *Sanct. Mar.*, tom. x, *Introducção*, pag. 2.

perseguidos dos portuguezes, saltou fogo na polvora em uma das canoas d'aquelles (segunda vez!), e ao estrondo e confusão veiu junctar-se o conselho de uma grande feiticeira, que era o idolo d'estes indios, bradando: — *Fugi e fugi logo, porque me revelou a inspiração divina que vos espera a feitiçaria dos brancos com morte industriosa*. Retirou-se o cardume das canoas e desappareceram os indios.

Mostrando a experiencia de dois annos que essas fôrças não bastavam para destroçar os francezes, passou-se de novo Mendo de Sá ao Rio com todo o podêr que estava ao seu alcance, e dirigindo o ataque com toda a pressa e vigor contra a grande povoação de *Yrassumiri*, onde travou-se renhido combate, pendendo a victória para as armas portuguezas, não sem a perda de muitas vidas, entre ellas a do capitão Gaspar Barbosa e a do capitão-mór Estacio de Sá, que ia na vanguarda (*loc. cit.*, pag. 5).

Acceitam os *tamoyos* as pazes, e expulsos os francezes, que occupavam havia onze annos esse territorio, recolheram-se á França os que não ficaram entre os gentios.

Começaram então os portuguezes a augmentar com edificações a cidade, a que pozeram o nome de S. Sebastião, não tanto para lisongear o monarcha reinante, como por obrigação ao glorioso martyr, «que foi visto, diz o chronista, no combate da batalha de 1557 ajudar aos portuguezes», que o tomaram por padroeiro, instituindo-se desde então a *festa das canoas* em honra do sancto e para commemorar o milagre de ter Deus salvado da cilada dos *tamoyos* quatro canoas grandes em que iam os melhores soldados, e isto pelos merecimentos do milagroso sancto.»

Bahia do Rio de Janeiro

«Fica ao norte da cidade, em altura de vinte e tres graus da parte do sul uma bahia de oito leguas de dia-

metro e vinte e quatro de circumferencia, limpa, segura, e onde podem alojar-se náus de todas as armadas de Portugal, mais outras muitas das mais nações, émula da de Todos os Sanctos, e cujos reconcavos, ilhas, rios, saccos, e enseadas, se os quizessemos descrever seriam necessarios muitos livros.» (*Loc. cit.*, pag. 7).

A primeira povoação da cidade foi feita em um monte (*Morro do Castello)*, aonde hoje vemos a sé, o collegio da Companhia e a fortalêza de S. Sebastião: desproporcionado o sítio para a muita gente que se foi aggregando, foram os moradores fundando na marinha casas de pedra e cal. No monte opposto edificou-se o convento de S. Bento; que era a cidade apertada entre estas duas eminencias. Deitava ella do Castello duas azas para o valle, uma para o bairro da Misericordia e outra para o da Ajuda, cuja egreja, segundo querem varios authores, foi a primeira que em 1600 se reedificou e accrescentou; porque n'este tempo os padres de Sancto Antonio (que ainda era custodia) fundaram aqui o seu hospicio; mas logo que mudaram de sítio retomou a casa o seu antigo e proprio nome de Ajuda.

Teve antigamente esta Soberana Senhora grande culto e foi servida com muita grandeza; porque os christãos novos, «de cujos corações não acabam de cair aquelles rios de suas obstinações, que os teem cegos para não acabarem de conhecer a verdade da fé; os quaes, ou por enganarem os verdadeiros e fieis christãos, limpos d'aquelle pessimo sangue, ou por se justificarem, lhe faziam grandes festas e lhe solicitaram um solemne jubileu, que chamava á sua celebridade todos os povos circumvisinhos. Mas entendendo-se depois a sua maldade, e que elles a dedicavam a uma Maria de Judá, se diminuiu aquelle antigo concurso e tambem a festividade. E hoje se lhe faz sómente uma simples festa no seu dia.» (*Obr. cit.*, pag. 7 e 8).

Todas ou grande parte das informações a respeito do

Rio de Janeiro foram ministradas ao author pelo reverendo frei Miguel de S. Francisco, provincial da reformada provincia de Nossa Senhora da Conceição de religiosos menores, recoletos (*Obr. cit.*, liv. I, tom. II, pag. 13).

Collegio da Companhia fundado em 1567, e casa da Misericordia em 1582 ou pouco antes

N'este anno de 1582 chegou ao Rio uma armada de dezeseis náus com tres mil hespanhoes, de que era general Diogo Flores Baldez, que Filippe II mandava para segurar o estreito de Magalhães. Com os temporaes adoeceram muitos, e chegaram mui necessitados de remedios e agasalho. Anchieta estava então no Rio, fundando-se tambem por esse tempo o hospital da Misericordia, cuja irmandade parece que já era creada, pois que lhe ficou annexo o hospital. O certo é que em 1.° de julho de 1591 já o administrador ecclesiastico Bartholomeu Simão Pereira passou uma provisão em favor do provedor e irmãos, para que o vigario da parochia se não intromettesse em suas eleições.

Em 1720 era servida com mais grandeza e authoridade do que a cathedral, pois que tinha treze beneficiados; que assim chamavam a seus capellães, todos aquinhoados com mui boas congruas e obrigados a rezar as horas canonicas do côro, dirigidas por um d'elles como seu presidente. Havia mais quatro moços de sacristia, um organista, e além d'estes mais seis capellães que assistiam ás procissões e enterros da irmandade, e acompanhavam as tumbas e esquifes dos pretos (pobres e escravos), mais outro capellão, que, como cura dos enfermos, lhes administrava os sacramentos.

Nossa Senhora da Candelaria

É a segunda imagem que começou a ser venerada no Rio de Janeiro.

Egreja de Nossa Senhora do Parto

Funda-a em 1653 João Fernandes, mulato, natural da ilha da Madeira.

Nossa Senhora da Glória

Foi fundada em 1710 por Antonio Caminha, erigindo elle no mesmo lugar e monte habitação para si e outras para recolhimento e descanço dos romeiros.

É curioso o seguinte dado archeologico: «É de saber que do sanctuario de Nossa Senhora da Ajuda, que fica extra-muros da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, vão duas estradas, que hoje (1714) já estão muito povoadas. A primeira da direita faz caminho para a casa de Nossa Senhora do Destêrro. A seguinte, que é a da mão esquerda, faz caminho para a fonte da Carioca, por onde vae sempre um grande concurso de brancos e pretos. Por este caminho se vae para a casa de Nossa Senhora da Glória, situada sobre o monte que fica imminente á casa da parte do sul e distante da cidade pouco mais de um quarto de legua.» (*Ob. cit*, pag. 21). Este sítio foi doado pelo dr. Claudio Gurgel do Amaral com a terra circumdante.

Entram os carmelitas observantes em 1598, antecedendo-os em 1590 os padres da ordem de S. Bento. A estes fazem doação do sítio Aleixo Manuel e sua mulher, Francisca da Costa, ambos naturaes da ilha Terceira. Tinham

elles no monte uma granja e uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, e fizeram doação aos monges tanto d'essa ermida como das terras circumvisinhas e annexas, com obrigação d'elles festejarem a Senhora.

Foi conservada a imagem da Virgem no seu proprio convento até que fizeram um novo edificio; e succedendo chegar por esse tempo o marquez das Minas, D. Francisco de Sousa, conseguiu d'elles tomassem por padroeira Nossa Senhora do Monserrate, e por isso deram uma capella áquella imagem de Nossa Senhora da Conceição, que ahi festejam a 8 de dezembro com sermão e missa cantada, afim de suffragarem as almas de seus dois fundadores, e de mais um que lhes cedeu tambem terras.

Nossa Senhora da Conceição

No morro do mesmo nome edificou em 1634 Miguel Carvalho Cardoso a ermida d'esta invocação, no lugar onde tinha chacara. Indo alli os padres capuchinhos francezes á conversão do gentio, pediram aquella egreja, «e como eram religiosos que mostravam tanta perfeição e virtude, lh'a cederam; elles lhe fizeram os commodos para suas vivendas, e um hospicio de pedra e cal, tudo obrado com grande perfeição, como quem desejava perpetuar-se n'aquelle agradavel e salutifero sitio. Depois compraram a terra que lhe era necessaria para uma cêrca, como de facto a fizerem.»

«N'este hospicio viveram com grande virtude e exemplo por espaço de quarenta annos, até que por desconfiança do rei, ao que parece deram alguns d'elles bastantes motivos», foram os padres mandados sair das conquistas, como já fica dicto. Voltou assim a ermida á jurisdicção ordinaria, fazendo d'ella o bispo D. Francisco de S. Jeronymo sua residencia, sendo ahi até hoje o palacio episcopal.

Cabo-Frio

Os francezes, ainda alliados dos indios, continuavam a impedir a paragem do Cabo-Frio, e tão destemidos eram, que emquanto uns se demoravam a cortar pau-brasil, que alli havia excellente, iam outros dar caça ás náus que vinham do Rio da Prata ou de outros portos em demanda da barra do Rio de Janeiro.

Houve de uma vez noticia que lá estavam cinco náus, as quaes tinham todos os preparos necessarios para o córte do pau-brasil. A isto acudiu Constantino Menelau, capitão-mór do Rio de Janeiro, porém já muito tarde, porque os navios mui abarrotados picaram as amarras e abalaram-se.

Foi d'isto avisado o rei, o qual veiu a ser informado da falsidade com que alli carregavam, por não ser aquelle sítio povoado e por ficar longe do Rio, d'onde se não podia acudir com a pressa exigida. Para remediar a este mal escreveu ao governador Gaspar de Sousa, ordenando-lhe com muita instancia mandasse sem demora povoar e edificar aquelle lugar.

Informado o governador que Estevam Gomes, morador do Rio de Janeiro, podia bem desempenhar essa tarefa, por ser homem rico, senhor de dois engenhos, e que em todos os rebattes de corsarios, que se offereciam, era dos primeiros em correr animosamente com sua canoa e escravos, passou-lhe por isso provisão de capitão de Cabo-Frio, instando com elle acceitasse-a e fizesse como d'elle esperava, mandando ao mesmo tempo a Constantino Menelau o provesse á custa da fazenda real de soldados, munições e mais coisas necessarias para a povoação e defensa da terra.

Acceitou Estevam Gomes o encargo, e gastou além, do que se lhe mandára dar da fazenda de el-rei, muito da

sua, e assim se fortificou e povoou o Cabo-Frio; sendo-lhe n'esse trabalho de muita ajuda uma aldeia de indios, que os padres da Companhia, a instancias do governador, trouxeram do Espirito-Sancto.

Com estes indios saíu uma vez o capitão contra uns vinte e tantos hollandezes que haviam saltado em terra para fazer aguada, de que careciam em viagem para a India. Mataram dezoito, e tres se recolheram aos bateis. Os hollandezes traziam cincoenta captivos portuguezes, que haviam tomado de um navio que ia para a costa de Mina. Quizeram matal-os, mas depois mudaram de accôrdo, mandando bandeira branca e pedindo aguada em troca d'esses portuguezes.

O capitão consultou o governador do Rio de Janeiro, que por esse tempo era Luiz Vaz Pinto; este, porém, não sabendo resolver-se em negocio tão grave, fez uma juncta de religiosos e officiaes da camara, que decidiram affirmativamente, e os hollandezes, em consequencia do ajuste, soltaram todos, excepto o commandante do navio.

«D'esta vez fizeram os pretos grande galhofa, dizendo que mais valia um d'elles do que cincoenta brancos, porque aquelles custavam ordinariamente quarenta mil réis, e os brancos se compravam por menos de uma pipa de agua.» (*Loc. cit.*, pag. 57).

O mesmo capitão fez tambem pazes com os indios *guyatacazes*, gentio alli visinho e que nunca se pôde conquistar, ainda que a oiro. Mas agora, atacados das bexigas, procuraram o capitão Estevam Gomes, dizendo «fossem compadres, effectuando-se estas pazes em 1615. A ser a povoação do estrangeiro poderia tornar-se mui populosa cidade.» É um portuguez que o confessa!

As maiores fazendas dos campos dos *guyatacazes* eram, em 1750, as da Companhia de Jesus. «Teem elles n'aquelles dilatados campos uma muito rica fazenda e muito ex-

tensa, onde trazem assaz grandes manadas de gado, muitos criados e muitos escravos.» (*Loc. cit.*, pag. 65).

Nossa Senhora do Rosario do Sacco fundada nas margens do Parahyba do Sul

Era fazenda de um Manuel Rodrigues, muito amigo dos padres capuchos francezes, dos quaes era syndico. Habitavam perto d'alli os indios *garrulhos*.

Aquelles missionarios franciscanos criaram um filho de Manuel Rodrigues, moço de agudo engenho e que fallava melhor a lingua d'esses indios do que a propria. Quando os capuchinhos francezes foram obrigados a despejar o territorio e vieram substituil-os os portuguezes, já era ordenado o filho do syndico Rodrigues: «a este commetteram o cuidado dos *garrulhos*, o que fez com tanto espirito e zêlo da sua conversão d'elles, que tem entrado muitas vezes e ao presente entra por aquellas vastas regiões, onde tem reduzido á fé muitos, tirando-os a viverem nas aldeias.» (*Loc. cit.*, pag 70).

1720

Fundam os jesuitas uma aldeia no rio *Irirityba*. «E raras vezes succede, diz aqui o author, admittirem os indios em suas confrarias homem branco.

Conta o mesmo author do *Sanctuario* (pag. 75), louvando-se no padre Miguel de S. Francisco, que por occasião de uma invasão dos francezes no Rio de Janeiro, a bisavó d'este, com outras mulheres, vendo-se desamparadas de seus maridos, que andavam na conquista do gentio, pegaram das espadas e arcabuzes, e com alguns velhos e homens de palha, e alguns indios ao seu serviço, se oppozeram aos inimigos, que se não atreveram a in-

vestir o bairro da Misericordia, aonde se tinham ellas fortificado, por entenderem «que as mulheres e figuras de palha eram homens armados.» (*Loc. cit.*, pag. 77).

Males que resultaram das superstições

Eram os indios animados em suas prácticas superstíciosas pela credulidade dos portuguezes, e para prova adduz o author este facto passado em 1720: «Uma mulher sonhou que uma india que estava n'uma roça e era mui mimosa do marido, lhe dava a ella feitiços com que estava muito mal. Falla ao marido, sorri-se, ameiga-o e insta, atanaza-o, perturba o homem, e tanto faz que o impelle a pegar de um punhal. Vae-se á india, arrasta-a pelos cabellos, põe-lhe um pé ao pescoço e ameaça matal-a se lhe não revela tudo. A pobre coitada confessa o que bem quizeram d'ella, defendendo-se comtudo de que quizesse matar a senhora, e sómente lhe fazia aquillo para que ella lhe quizesse bem. Veiu o marido para a cidade, andou desenterrando immundicias pelos cantos da casa, e a mulher melhorou. Venderam-n'a; mas continuando ella na mesma práctica, o novo comprador a levou ao mar, aonde com uma pedra ao pescoço a sepultou n'elle,» e assim acabou desgraçadamente a india, «pagando com tão terrivel morte o tracto que tinha com o demonio, que lhe fazia executar tão crueis maldades.» (*Loc. cit.*, pag. 99). Narra o author o caso n'estes simples termos, e diz que d'esse castigo proveiu grandes males á terra!...

Nossa Senhora do Amparo

Em distancia de doze leguas, por costa, da villa de *Ubatuba* chega-se á villa de S. Sebastião, onde está a egreja de Nossa Senhora do Amparo, convento dos padres da Con-

ceição (Sancto Antonio). As terras eram de um Antonio Coelho, que lh'as deu para n'ellas fundarem esse convento.

Os moradores da villa de *Itanhaem*, «tambem chamada da Conceição, quando a mudaram para a raiz da serra, offereceram aos padres capuchos do Rio de Janeiro sitio para fundarem alli um convento.» (*Loc. cit.*, pag. 128). N'esta casa pozeram os padres a ancora de sua esperança, e a augmentam de sorte que toma o titulo de provincia da Immaculada Conceição do Brasil, ficando a Bahia com o seu antigo convento de Sancto Antonio. O padre frei Miguel, quando vigario provincial, acabou o do Rio, e eleito depois provincial, melhorou o da Conceição, em *Itanhaem*, e fez n'elle egreja nova.

José de Sousa Barros, syndico da Ordem, acceitou o padroado, consignando-lhe em 1700 ou 1701 a tença ordinaria de cem mil réis annuaes.

Ilha de Sancta Catharina

«D'aqui, dizem, foi levada aquella casca de ostra, na qual o capitão de S. Vicente mandou lavar os pés a um bispo em lugar de bacia.» Refere mais o author que d'ella se tiraram perolas formosas e perfeitissimas.

Patos

Cobrem estas aves aquellas praias e terras da beira-mar por distancia de cincoenta leguas e mais. «São os mesmos da Europa. Alli os soltaram uns hespanhoes que em 1554 faziam viagem para o Rio da Prata,» se não é invenção do chronista!

Curutyba

Ha aqui vastissimas campinas, chamadas *Campos Elyseos*, que chegam até S. Paulo e vão acabar no Rio da Prata.

Certo homem dizia «que se houvera pisado aquellas terras, em edade de varão ou de mancebo, havia de passar a Portugal a informar a magestade do nosso rei e dizer-lhe o que aquellas terras eram, e que lhe havia de pedir as mandasse povoar com duzentos casaes de gente d'entre Douro e Minho, ou das ilhas, com preceito capital para que nenhum comprasse negros, nem se servisse de indio, e que lavrassem elles mesmos as terras, como o faziam na sua patria; porque no termo de trinta annos teria o monarcha n'ella a maior colonia de todas as do Brasil, e que dando o govêrno á pessoa de indústria, prudencia e christandade, se podia alli fundar um imperio.»

«O certo é, reflexiona em seguida o chronista, que se aquellas terras foram de estrangeiros, pelo muito que teem de industriosos, seriam aquelles campos uma muito grande coisa.» (*Loc. cit.*, pag. 144).

Descoberta das Minas

Cita aqui o author o n.º 146 da *História do Brasil* de Francisco Vicente do Salvador, d'onde extrahe o que se segue:

«A fama das muitas minas de oiro e prata que havia nas terras da capitanía de S. Vicente, de que el-rei D. João III fizera mercê a Martim Affonso de Sousa, se espalhou por muitas partes: o que sabido pelo governador D. Francisco de Sousa, avisou a sua magestade, offerecendo-se para esta empreza, e el-rei lh'a encarregou; e deixando aquelle no govêrno da Bahia a Alvaro de Carvalho, partiu a dar cumprimento ás ordens régias, saindo da Bahia no mez de outubro de 1598, e chegando á capitanía do Espirito-Sancto, por lhe dizerem havia minas na serra de Mestre-Alvaro, e em outras partes. Mandando cavar n'ellas, e fazendo ensaio tirou alguma prata. Tambem

mandou ás esmeraldas, o que já havia feito da Bahia, Diogo Martins Cão, que as havia descoberto, e depois de levantar alli um forte com duas peças de artilheria, para defensa da entrada da villa, saíu e fez viagem para o Rio de Janeiro.»

«......Da capitanía de S. Vicente, para onde se partiu logo, foi-se o governador á cidade de S. Paulo, que é a mais chegada ás minas, aonde até então os homens e as mulheres se vestiam de panno de algodão tinto; e se havia alguma capa de baeta ou manto de sarge, se emprestava aos noivos e noivas para irem á porta da egreja. Era isto, quando lá chegou D. Francisco de Sousa, pelos annos de 1599 ou de 1600. Depois, porém, que lá foi, e víram suas galas e as dos seus criados, houve logo tantas librés e galas ricas, e mantos, que já parecia aquella terra outra. Muito se havia D. Francisco pago da Bahia; mas quando viu o que era S. Paulo, muito mais se pagou d'aquelle clima, porque são alli os campos, como os de Portugal, ferteis de trigo e de muitas fructas, uvas, rosas, açucenas, regados de frescas ribeiras e de excellentes aguas. Alli se empregou nas minas, onde, por ser o oiro de lavagem, ás vezes tiravam muito, outras menos, e algumas se achavam grãos de peso e de preço, do que mandou fazer um rosario, assim como saíam, redondos, quadrados ou compridos, que enviou a el-rei com outras amostras, e quatorze perolas que se acharam no esparsel de Cananéa e em outras partes maritimas.»

Em S. Paulo entraram primeiro os jesuitas, depois os carmelitas, e por fim os de S. Bento [1].

Minas de oiro

«Nas villas da costa do mar, como são Cananéa, Iguape, Paranaguá, Rio de S. Francisco do Sul e Curutyba, todas

[1] Vid. *Sanct. Mar.* tom. x, liv. iv, tit. xxxviii.

teem minas de oiro; porém, n'este tempo [1] só ellas servem para os seus moradores, que o tiram sem custo, levando de suas casas o mantimento necessario. E como lhe ficam perto, mandam por elle os que estão lavrando. Porém, nas que são geraes (minas) é de absoluta necessidade plantar primeiro o mantimento para se poder lavrar, e assim é hoje infinita a gente que se occupa só do plantio de mantimentos, para os venderem, tendo estes, por certo, maior mina n'este tracto, porque lá se vende tudo pelo que cada um quer, e o oiro custa pouco, sendo muito no valor; n'estas compras ficam os vendedores mais bem livrados porque recebem quanto querem.» (*Loc. cit.*, pag. 187).

Na invasão do Rio de Janeiro pelos francezes, em 1710, Antonio Dultra da Silva, natural d'essa provincia e capitão de cavallos de S. Gonçalo, acudiu destemido, e dando com um troço de francezes que se não queriam recolher ao trapiche, como os outros, até que elle os forçou a isso; mas os que já estavam intrincheirados o mataram á fôrça de descargas.

Louvando-se o author nas palavras do padre frei Miguel de S. Francisco, d'onde houve esta noticia, accrescenta: «Homem (Antonio Dultra da Silva) de notaveis fôrças, muito valoroso, destemido, e se apanhasse os francezes em campo descoberto, era capaz de os jarretar a todos e de vender muito bem a sua vida pela patria.»

Villa-Rica

Era uma parochia situada no arraial de Antonio Dias, homem rico e poderoso de S. Paulo, e um dos primeiros

[1] Cumpre notar que o author do *Sanctuario Marianno* refere-se com frequencia a 1714, anno em que escreveu essa parte de sua obra, principiada a imprimir em 1707, sendo o tomo IX em 1722, e o X em 1723.

que passou ás minas a sua gente, que eram muitos escravos pretos e indios (*loc. cit.*, pag. 243).

Nossa Senhora do Carmo do Ribeirão

Pouco depois de Villa-Rica fundou-se esta, a que deram o nome acima indicado, por ser banhada por um rio a que assim chamavam. Era arraial de Antonio Pereira, paulista rico, que com os seus escravos e indios assentou alli as suas lavras.

Rio das Mortes

«Appelidaram assim este grande rio por causa de uma formidavel batalha que juncto ao mesmo deram os indios de duas das muitas nações que habitavam aquelles sertões, disputando entre si a posse e assistencia d'aquellas vastas regiões, que para a sua habitação estimavam como ferteis e abundantes de mantimentos brasilicos, muita caça e gado; n'esta demanda morreram muitos de parte a parte. Depois entraram os paulistas por aquellas terras repentinamente a captivar os indios para se fazerem senhores d'elles, e como os paulistas iam melhor armados, fizeram nos indios uma grande mortandade...........»

«D'estas muitas mortes veiu o nome ao rio.»

Rio das Velhas

«É de saber que entrando os paulistas n'aquellas terras do sertão a captivarem os indios, todos estes fugiram por não serem presos nem captivos; e só ficaram muitas velhas *carijós*, por não poderem fugir ou por se persuadirem que por mulheres e velhas lhes não fariam mal, e que tambem por inuteis as deixariam; e por que os

paulistas acharam estas velhas ao pé do rio lhe deram o nome pelo que é hoje conhecido.»

Nova Colonia

Um convento dos capuchos da provincia da Conceição e outros padres da Companhia estabeleceram para os portos do sul uma aldeia, e estes lá faziam grandes fructos. Os escriptores do tempo dão muita importancia áquella colonia, e o chronista diz que «se el-rei mandasse fundar n'aquellas terras seis cidades desde Nova Colonia até á villa de Laguna faria n'ellas uma grande monarchia e opulento reino; o que se podia fazer sem despeza alguma de sua real fazenda, só com o escolher seis homens ricos e dos mais honrados da cidade de S. Paulo, dando-lhes em tres vidas o senhorio das terras que fundassem, porque só com esta mercê que lhes fizesse seguraria todo aquelle estado de todos os inimigos da Europa. E estes que sua magestade nomeasse cederiam o interêsse d'esta honra que lhe faria, e iriam com seus indios e escravos, e mais parentes, a fazer estas fundações.»

Do titulo LXXXX (á pag. 255) em vante até o fim do *Sanctuario Marianno* occupa-se o author das imagens que se veneravam na colonia do Sacramento, ilhas do Oceano e outras conquistas de Portugal, que omitto por estarem fóra do meu plano e intento.

HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS

NA EXTINCTA PROVINCIA

DO MARANHÃO E PARÁ

PELO PADRE JOSÉ DE MORAES [1]

Apesar de vulgarisada esta obra no Brasil desde que a descobriu na bibliotheca de Evora e mandou tirar d'ella cópia o nosso distinctissimo confrade e eminente poeta Antonio Gonçalves Dias, e que o ex.^{mo} sr. senador Candido Mendes de Almeida a fez imprimir por conta da provincia do Maranhão, faço d'ella resumo, porque adoece dos achaques das outras Chronicas da Companhia de Jesus.

Diz o padre José de Moraes (liv. I, cap. I) que foram os jesuitas quem primeiro se entregou á conversão dos gentios n'esta canquista (estado do Maranhão), e que estes eram a milhares no número e milhões no preço.

Está a cidade de S. Luiz do Maranhão em altura de tres graus e meio ao sul da equinocial com trezentos e trinta e seis de longitude. A ilha do Maranhão tem de comprimento sete leguas nordéste sudoéste, e de largura cinco noroéste-suéste, em fórma quasi oval, com pouco mais de vinte leguas de circumferencia.

A sua barra, depois de montada a Coroa Grande, demora

[1] Foi reimpressa no Rio de Janeiro em 1860.

a oéste, formando-se a sua bocca de duas pontas, a de *Itacolomy*, na terra firme de *Tapuytapera* (Alcantara), e a do *Pereá*, pegada com a mesma ilha pela parte em que está uma ermida da invocação de S. Marcos, pertencente á Companhia. Torna-se difficil a entrada, «ainda ás embarcações mais pequenas, por se ter de tal sorte apertado a sua garganta com a muita areia, que é preciso entrarem enfiadas as embarcações, e a proporcionada distancia por não ficarem engasgadas e em perigo de serem engolidas da correnteza [1].»

A cidade de S. Luiz, bem situada, com boas ruas a rumo de corda, a maior parte calçadas, fórma uma ponta triangular, que vae abraçada dos dois rios, *Ibacanga* da parte do sul, e *Coty* da do norte. «Eram os seus mares copiosos de muitos e deliciosos peixes, de que se sustentava a cidade sem mais dispendio que mandal-o tirar ás cambôas de maré vasia; porém hoje, (1758 em que escreveu o author), fechada mais a sua barra pela muita areia, faz difficultosa entrada assim ao peixe como ás canoas para o irem pescar, por ser aquella costa desabrida, obrigando a viver toda aquella numerosa povoação de menor fartura de pescado, etc.»

Avista Ayres da Cunha a ilha do Maranhão em setembro de 1535

Avistou Ayres da Cunha, um dos donatarios do Maranhão, e que levava em sua companhia os filhos do seu consocio, o historiador João de Barros, a ilha do Maranhão em setembro de 1535; mas falto de prático, naufragou no Boqueirão, tendo já perdido parte das embarcações na Coroa Grande.

[1] Vid. *História da Companhia*, liv. I, cap. I.

Emprehenderam Pedro Coelho de Sousa e Martim Soares Moreno ír por terra á ilha do Maranhão, aquelle não com ánimo de a descobrir, senão de prear os indios, e n'esse intuito partem ambos de Pernambuco com alguns homens, e entram por Jaguaribe, no Ceará. A princípio tractam bem os indios, que os recebem sem receios e com lhaneza. Martim Soares Moreno, não concordando com Pedro Coelho, que os quer captivar, abandona-o, e regressando procura o governador do Brasil Diogo de Menezes, que o attende e o nomeia capitão-mór do Ceará. Chegado a seu destino começa a tractar com doçura os indios, afagando-os e presenteando-os, de modo que os foi attrahindo a si. «Tanto póde com esta gente a *suavidade do genio* quando se ajuncta com a liberalidade do ánimo.»

Outros eram os designios de Pedro Coelho e dos seus, tantoque, apesar das admoestações e rogativas do capitão-mór Soares Moreno, cairam com impeto sobre os incautos *tabajáras* da serra do *Ibyapaba* e *tupynambás* do Maranhão, que se achavam no Ceará, e os captivaram e maltractaram.

Magoado e queixoso Moreno, e conhecendo pouca segurança no meio dos indios que estavam alvorotados com tamanha aleivosia, e entendendo mallogrado o descobrimento do Maranhão por terra, se tornou por isso a Pernambuco.

Instado pelo governador Gaspar de Sousa, se propoz o provincial da Companhia, padre Simão Pinheiro, á empreza da conversão dos indios *tabajáras*, *tupynambás* e *potyguáras*, os mais numerosos e tractaveis de todo o Brasil, «que depois do seu descobrimento, e fundação da cidade da Bahia tinham fugido do rigor e fôrça das nossas armas, e largando as suas terras se espalharam por toda a costa do Ceará, até chegarem os *tupynambás* a fundar suas aldeias no Maranhão [1].»

[1] Vid *História da Companhia de Jesus*, do padre José de Moraes, cap. III.

Os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira vão á descoberta do Maranhão

Nomeados para primeiros missionarios e descobridores do Maranhão os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, partiram para esta missão em um barco que ia carregar de sal á Jaguaribe. Depois de tomar no presidio do Rio-Grande, aportou a embarcação ás referidas salinas, e d'ahi partiram os padres á pé, acompanhados dos indios de sua comitiva, e assim chegaram ao lugar da costa onde os naturaes tinham experimentado as maiores violencias de Pedro Coelho, e ahi encontrando o principal *Amauay*, usaram de tanta arte, que o convenceram da innocencia e boa vontade d'elles e dos portuguezes, e os levaram a se offerecerem aos padres para formarem aldeias, e d'est'arte fundou-se uma no lugar onde é hoje a cidade da Fortaleza. Então o padre Francisco Pinto se determinou proseguir na sua jornada em busca da ilha e aldeias do Maranhão, para o que se partiu d'ahi com seu companheiro, alguns *tabajáras* da terra e *tupynambás* do Maranhão. Postos assim a caminho, chegaram ao rio *Parámirim*, que passaram com muito custo, e, largando as praias, buscaram o rumo do sertão e a serra de Ibyapaba.

É esta serra de difficil ingresso «pela banda em que fica a costa, e a terra fecunda de tudo em que n'ella se planta..... Tem bellos ares, ainda que no inverno mais frios: muito bom clima e nevoas como em Portugal.» (*Ob cit.*, cap. III).

Alcançado o alto da serra, começaram os padres a chamar os indios, a doutrinal-os, e por fim conseguiram que edificassem uma egreja. N'estas sanctas prácticas gastaram cinco mezes. Emprehendem de novo a sua jornada, mas o padre Pinto primeiro serena os ánimos aos *tapuyas*

e os põe de paz com os seus neophitos d'elles, para o que expede embaixadores com avultados presentes aos *tocarijùs*, nação entre todas a mais feroz. A primeira barbaridade d'estes foi matar os embaixadores, passando depois a descarregarem as suas furias nos indios que acompanhavam o padre.

Morte do padre Pinto, a 11 de janeiro de 1608

Dominados os *tocarijùs* do espirito de vingança, atiram-se furiosos sobre a expedição, matam tres, fogem os mais, e com elles o padre Luiz Figueira, ficando ahi só o padre Pinto, que pretende abrandal-os com palavras cheias de doçura; mas sem o attenderem, dão-lhe um profundo golpe com pau de *jucá*, com que cruelmente lhe abriram a cabeça, e assim expira a 11 de janeiro de 1608 o padre Francisco Pinto, e com elle mais tres indios da sua comitiva, que o defendiam com harto denodo. Vendo o padre Luiz Figueira frustrados d'este geito os designios do descobrimento do Maranhão, totalmente perdidas as esperanças da conversão de tantas almas, e tolhidos os meios de continuar este emprehendimento, resolveu retroceder. Mettendo o cadaver do padre em uma rede, o foi enterrar na raiz da serra de Ibyapaba.

Era o padre Pinto natural da ilha de Sancta Maria (outros dizem que da Terceira), filho de paes nobres. Se embarcou ainda menino para o Brasil, entrando para a Companhia em 1568, com dezesete annos de edade.

Viveu cincoenta e seis annos, dos quaes trinta e nove na Companhia. Fez cinco entradas nos sertões, e n'ellas reduziu innumeraveis gentios. Nunca os perigos o intimidaram, e era tão prudente e caritativo, e tinha tal affabilidade no tracto, que attrahia a vontade aos indios e lhes roubava os corações, contribuindo muito para isso a grande

intelligencia da lingua dos naturaes, em que era peritíssimo, e nas suas prácticas o mais eloquente, pela destreza nas phrases e pela naturalidade nas similhanças.

Succedeu com elle um milagre obrado pelo padre Anchieta; e foi que estando o padre Pinto gravemente enfermo no collegio da Bahia, em 1582, e quando acabava de tomar a Extrema-Uncção, entrou aquelle sancto varão, e dando-lhe um abraço, assegurou-lhe que não era ainda chegado o seu dia. «O mesmo foi o padre Anchieta acabar de fallar que achar-se repentinamente são o padre Pinto.» (*Ob. cit.*, cap. VI).

«Vestiu-se e foi dar graças no côro, e não tornou a adoecer.»

Descobre o capitão Riffault a ilha do Maranhão

Em tempo em que Henrique IV governava a França, pirateava nas costas do Brasil Riffault, capitão francez, que, levado pela violencia dos ventos ou das aguas, depois de observar a entrada, logrou aportar á ilha do Maranhão, onde desembarcou e deixou Carlos des Vaux, cavalheiro do condado de Torena, de vivo engenho e de singular agrado. Passados tempos, como não visse Carlos des Vaux voltar Riffault, e já era sabedor da lingua e senhor dos corações dos indios, metteu-se com alguns d'elles em uma pequena embarcação que lhe deixára Riffault, e n'ella aportou em seu paiz. Bem recebido do rei de França, a quem propoz povoar o Maranhão: não póde, comtudo, realisar a conquista por ter este fallecido. Passado o govêrno a Maria de Médicis, esta concedeu licença a Monsieur de La Ravardière para poder organisar uma companhia, que de facto formou, tomando por socios Francisco de Rasilly e de Sancy, e assim poderam aprestar com largueza tres náus, em que se embarcaram os dois interessados Ravar-

dière e Rasilly, e na terceira com Carlos des Vaux o barão de Sancy, em lugar do pae. Levaram quinhentos homens de equipagem entre soldados e marinheiros, e quatro padres capuchinhos, tendo por superior Claudio d'Abbeville (*Ob. cit.*, cap. VII).

Partida de Ravardière e dos socios para a conquista do Maranhão

Partiram do porto de Cancale em 1612, e a 24 de julho do mesmo anno «com breve e feliz viagem lançaram ancora na ilha de Sanct'Anna,» e d'ahi passaram-se para a ilha do Maranhão, onde em um alto, na ponta que caía sobre os dois braços de mar (*Ibicanga* [1] e *Coty*), entraram a fabricar uma fortaleza com tanta actividade, que dentro em pouco tempo poderam cavalgar n'ella dezesete canhões da sua melhor artilheria.

Primeira missa

A 12 de agosto de 1612 celebraram os capuchinhos francezes a primeira missa em um altar portatil, mandando-se-lhes depois fazer egreja com hospicio no lugar onde hoje (no tempo que escreveu o padre Moraes) se acha o collegio da Companhia (sé cathedral).

Expediram logo embaixadores aos indios da terra firme de *Tapuytapera* (Alcantara), promettendo-lhes paz e amizade, o que estes acceitam a exemplo dos moradores da ilha.

[1] *Ibicanga* é como escreve o padre José de Moraes o nome do rio *Bacanga*, e ao que parece com plausibilidade de acêrto, por quanto no seu tempo devia de haver menos corruptela nos nomes brasilicos, e vejamos se ha razão etymologica n'aquelle — *iby*, terra, *acanga*, cabeça, isto é, cabeça da terra, como quem diz principio d'ella, e por extensão o rio que a banha, supprimindo-se por contracção e euphonia o primeiro *a* de *acanga*, fica — *Ibycanga*.

Discorrem os fervorosos missionarios pelas aldeias com muito fructo, e diz o author que «é muito digno de especial nota, que achando-se então na ilha e nas suas visinhanças vinte e sete populosas aldeias, em que contaram os francezes dez para doze mil almas, no dominio portuguez se fossem pouco a pouco extinguindo sem ficar mais que umas pequenas reliquias na aldeia que ainda hoje se conserva com o nome de S. José.» (*S. José dos Indios* ou de *Ribamar*).

Sabendo Martim Soares que na ilha do Maranhão estavam já situados os francezes e em correspondencia com os *tupynambás*, «indios n'aquelle tempo os mais valorosos e guerreiros,» partiu-se com toda a diligencia, e, chegado que foi a Pernambuco, avistou-se com o governador Gaspar de Sousa, que ordenou logo uma expedição de trezentos soldados com armas, munições e embarcações competentes para seu tansporte, o que tudo entregou a Martim Soares com ordem de receber a Jeronymo de Albuquerque, capitão-mór da fortaleza do Rio-Grande do Norte, e então com poderes de general d'esta facção. Feito isto, endireitam para o seu destino. Aportados á ilha de Sanct'Anna, manda Jeronymo de Albuquerque a Martim Soares em uma embarcação afim de explorar a ilha do Maranhão e tomar informações do estado das fôrças francezas. Logra este aprisionar alguns *tupynambás*, que mette a bordo com todo o sigillo e prudencia; «e querendo voltar para os companheiros, foram tão fortes e ponteiros os ventos geraes que então corriam, que lhe não foi possivel vencer o impeto e violencia das correntezas, que o obrigaram a arribar ás Indias de Castella.» Como Albuquerque houvesse colhido informações por alguns indios transfugas, não só da expedição de Soares como das fôrças inimigas, faz na ilha de Sanct'Anna uma fortificação de madeira, e deixando n'ella seu sobrinho com quarenta homens, torna-se a Per-

nambuco para buscar refôrço que lhe désse ganho de causa. N'este tempo era chegado de França de Pratz com soccorro, e vendo que estavam fortificando-se os portuguezes na ilha de Sanct'Anna, manda-os desalojar. Manuel de Sousa de Eça, que era vindo com soccorros de Pernambuco, sae a impedir esse assalto, e embuscando-se com sua fôrça nos mattos, consegue repellir os francezes, que abandonam a empreza e foram abicar á ilha do Maranhão, informando Ravardière do acontecido (*Ob. cit.*, cap. VIII).

Parte Jeronymo de Albuquerque de Pernambuco com fôrças em 1614

Parte Jeronymo de Albuquerque de Pernambuco em agosto de 1614 com uma fôrça de trezentos soldados e número sufficiente de indios, tendo por adjuncto o sargento-mór Diogo de Campos [1], e em setembro do mesmo anno aportam á ilha de Sanct'Anna. D'ahi, com quatrocentos soldados e duzentos e cincoenta indios vae demandar a ilha do Maranhão, e entrando a barra de S. José foi postar-se em Guaxenduba, sítio que lhe pareceu mais defensavel. Vieram procural-os os francezes, que se apoderaram das embarcações que aquelles haviam abandonado no porto, e d'ahi foram intrincheirar-se em uma eminencia á cavalleiro ás fortificações de Jeronymo de Albuquerque e d'onde os desalojou Sousa de Eça, causando-lhes muitas perdas, entre ellas a morte de Pizieu. Derrotados os francezes, retiraram-se para sua patria.

«Foi fama constante, accrescenta o author, e ainda hoje se conserva a tradicção, que a Virgem Senhora fôra vista

[1] Este escreveu a *Jornada do Maranhão por ordem de Sua Magestade, feita no anno de 1614*. Foi impressa pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1812, e acha-se hoje reimpressa no tomo II das *Memórias do Maranhão*, pelo ex.^{mo} sr. senador Candido Mendes de Almeida.

entre os nossos batalhões animando os soldados em todo o tempo do combate, retardando-se milagrosamente a enchente da maré para complemento da victória; e por agradecidos lhe dedicaram os portuguezes depois o primeiro templo da cidade de S. Luiz, que é hoje sé episcopal, com o titulo de *Nossa Senhora da Victória*, pela que alcançaram as nossas armas n'este dia, e de que se faz solemne memória todos os annos aos 21 de novembro...»

Temos aqui reproduzido o milagre de Campo de Ourique, a intervenção de Sanct'Iago e de S. Jorge em batalhas com os infieis e castelhanos, e a de S. Sebastião no Rio de Janeiro!...

Conhecido o mallôgro da expedição, envia La Ravardière o capitão Mallart a Jeronymo de Albuquerque para ajustarem, por intervenção do sargento-mór Diogo de Campos, umas treguas e suspensão de armas pelo tempo determinado de um anno, no que conveiu o general, e assigna com o sargento-mór os artigos de treguas.

O general Alexandre de Moura e os jesuitas Gomes e Nunes partem para o Maranhão

Sabido do governador Gaspar de Sousa o exito feliz das armas portuguezas, e instado pela côrte que expellisse os francezes, envia novo refôrço, nomeando para capitão-mór e general Alexandre de Moura; e como confiasse muito para taes commettimentos nos indios, obteve do provincial dos jesuitas, Pedro de Toledo, enviasse com esta expedição os padres Manuel Gomes e Diogo Nunes.

Levando ferro as embarcações, tomam no terceiro dia de viagem o porto do Ceará, onde tiram setenta indios de guerra, e depois de alguns dias de demora, montando a ponta do Preá e entrando pela barra de S. José, a léste

da ilha do Maranhão, dão fundo juncto do porto de Guaxenduba.

Descontentes Albuquerque e seus soldados com a desattenção a seus serviços, sujeitando-o a alheias ordens, serena-lhes os ânimos irritados Alexandre de Moura, assegurando a Albuquerque que, restaurada a ilha do poder dos francezes, retirar-se-hia para Pernambuco, empossando-o no govêrno d'ella.

Passam-se d'alli os padres ao forte de Itapary, «situado na ilha fronteira ao alojamento dos portuguezes,» para porem-se em communicação com os indios e os inclinarem a abraçar a causa dos portuguezes, o que de feito conseguiram, promettendo os *tupynambás* «toda a assistencia em favor das suas armas, ainda que arriscassem n'ella as proprias vidas, com condição, porém, que os padres da Companhia viveriam entre elles como seus paes e defensores.»

Expiradas as treguas e engrossadas as fôrças portuguezas com os indios vindos de Pernambuco e os do Maranhão, manda o general a Jeronymo de Albuquerque, assistido de dois padres, cercar os francezes dentro da sua praça d'elles, emquanto com toda a armada lhes fechava a barra. Conheceu Ravardière o seu perigo, vendo-se cercado, desamparado dos indios e sem esperanças de navios que lhe podessem trazer de França «o muito de que precisava n'aquella praça para sua defeza,» e no intento de salvar as vidas e a fazenda, offerece despejar a ilha com os seus que o quizessem seguir, permittindo-se-lhes levar as fazendas e dando-se-lhes as embarcações necessarias para o seu transporte á França. Annuiu a isso Alexandre de Moura, menos na entrega da artilheria e munições de guerra. Arvorada a bandeira portugueza e presidiada a fortaleza com cento e setenta soldados, desembarcaram Alexandre de Moura, Jeronymo de Albuquerque e Diogo de

Campos, sendo recebidos pelo «governador e mais francezes com os termos da urbanidade e politica muito propria d'esta nação [1].»

Como com a retirada dos capuchos francezes ficassem desoccupados o hospicio e a capella que lhes pertenceram, fez o capitão-mór mercê d'elles aos padres da Companhia. «É o mesmo lugar onde hoje se acha fundado o nosso collegio da Virgem Senhora da Luz, juncto onde depois esteve o Carmo-Velho.»

Regressa Alexandre de Moura a Olinda em 1616

Repartidos as terras e chãos pelos portuguezes, expedido Francisco Caldeira Castello Branco com cento e cincoenta soldados para a parte do sul da bocca do Amazonas, e resignado o poder nas mãos de Jeronymo de Albuquerque, se partiu Alexandre de Moura, chegando á cidade de Olinda aos 5 de março de 1616.

Cuida então Jeronymo de Albuquerque na edificação e arruamento da cidade, e dá princípio ao palacio, «que ainda hoje serve de morada aos governadores com mais algumas obras.»

Os dois padres, além das prácticas e exercicios quotidianos, fundam da outra banda da cidade a primeira missão e residencia, onde com os indios reduzidos á lei evangelica e com os que trouxeram de Pernambuco assentam a aldeia de *Oçágoaba* (de Vinhaes). Residia um na aldeia e o outro acudia aos moradores da cidade e aos neophitos das outras aldeias, que se governavam pelo methodo da

[1] **Não combina nos pontos essenciaes esta narração com o modo porque os mais chronistas dão os factos da expedição contra os francezes e sua expulsão da ilha, sendo inexacto que estivesse terminado o prazo das treguas acceitas por Albuquerque, e que consentisse Alexandre da Moura levassem os francezes comsigo suas fazendas e haveres.**

de *Uçágoaba*, assistindo em cada uma d'ellas um catechista, que fazia, na ausencia do missionario, doutrina aos pequenos e instruia os adultos.

Escrevendo o padre superior Manuel Gomes ao seu provincial sobre os trabalhos emprehendidos por elle e seus companheiros, conclue: «Ha muitos *tapuyas* de muitas nações das quaes quatorze fallam a lingua geral dos *tupynambás*, que é *quasi commum no Brasil*... Todos são grandes lavradores.»

Os padres Manuel Gomes e Diogo Nunes continuam a exercer o seu ministerio na ilha do Maranhão com o mesmo fervor e devoção.

«Eram os moradores do Maranhão n'aquelle tempo (1616) pela maior parte gente baixa», cubiçosa e sensual com grave prejuizo dos indios, «que eram todo o alvo de suas desordens, a uns roubavam a honra tirando-lhes com abominavel violencia as mulheres e filhas, a outros a liberdade,» etc.

Queixavam-se os indios de tantos vexames e repettidas tyrannias, allegando «o bom tracto que receberam dos francezes, por quem tinham sido conservados em paz e justiça, com uma exacta e avantajada paga de seus serviços», ao passo que as grandes promessas de mercês e premios, brandura e protecção se auxiliassem as armas portuguezas na expulsão d'aquelles, tornaram-se em *jugo insupportavel.*»

Requeriam debalde os padres se pozesse termo a tantas violencias e se refreassem as injustiças. Para mais os affligirem moveram os portuguezes guerra aos indios *tremembés*, situados na costa, entre o *Preá* e a *Tutoya*. Com o zêlo dos padres mais encruesciam as iras dos moradores, tantoque, conhecendo aquelles que nada conseguiriam senão da protecção real, resolveram requerer á côrte para Madrid (*Ob. cit.*, cap. XII).

Tornam os padres á côrte

Largaram os padres d'ahi em principios de 1619, e chegando ás Indias de Castella, onde falleceu o padre Diogo Nunes, se passou a Madrid o padre superior Manuel Gomes; porém ahi nada alcançou, em razão de ter morrido em 1621 Filippe III, por cujo motivo retira-se n'esse anno á sua provincia do Brasil. Pouco tempo depois de sua chegada, em principios de 1622, vieram para essa missão os padres Luiz Figueira e Benedicto Amodei.

Depois dos capuchinhos francezes, foram os padres da Companhia os primeiros religiosos que entraram no Maranhão; pois que os franciscanos frei Cosme de S. Damião e frei Manuel da Piedade, embora viessem com Jeronymo de Albuqerque, não passaram suas funcções além de capellães da armada, em que depois tornaram-se para Pernambuco (*Ob. cit.*, cap. XIII).

Fundação dos conventos de Sancto Antonio e Carmo

Entra o author em longas considerações para refutar o *Jardim da Escriptura*, do padre Gabriel do Espirito-Sancto, e, como se vê, confuta tambem a do *Sanctuario Marianno*, dando primazia de estabelecimento no Maranhão á Ordem de Loyola. Segundo elle, fundam o convento de Sancto Antonio em agosto de 1624 o commissario frei Christovam de Lisboa e os mais religiosos franciscanos que com elle tinham vindo na armada que trouxe ao Maranhão o primeiro governador d'este estado, Francisco Coelho de Carvalho.

Em 1627 fundam o convento do Carmo frei André da Natividade e frei Antonio de Sancta Maria, que para isso tinham vindo do estado do Brasil, indo para o Pará, a

convite de Bento Maciel Parente, o vigario provincial frei Francisco da Purificação, que fundou alli n'esse mesmo anno, na rua do Norte, um soberbo convento da sua Ordem.

Mercenarios

Quanto aos mercenarios, chegam á cidade do Pará em dezembro de 1639 os padres frei Pedro Cirne e seu companheiro, dando logo principio n'essa cidade e na do Maranhão ao estabelecimento de sua Ordem.

Franciscanos

Os religiosos reformados de S. Francisco da Piedade fundaram tambem no Pará duas casas em 1697, uma em S. José, suburbios da cidade, e outra em Gurupá.

Jesuitas no Maranhão

Tornando o padre Manuel Gomes de sua viagem a Madrid, se passou a Pernambuco, onde fez ao provincial uma narração dos vexames que elle e seu companheiro soffreram dos moradores do Maranhão, que «até entrarem no projecto de os quererem lançar fóra.» Será esta a primeira tentiva de expulsão dos jesuitas. Não se intimidou com isso o padre Luiz Figueira, que alli se achava desde que se tornára de Ibyapaba, depois da morte do padre Francisco Pinto, antes instava para que o incumbissem d'essa laboriosa missão, no que só por último conveiu o provincial, quando lh'o ordenou o governador Diogo de Mendonça Furtado por mandado de Filipe IV. Elegeu então, como fica dicto, os padres Figueira e Amodei, e para alli os enviou (*Ob. cit.*, liv. II, cap. I).

Chegam os padres Figueira e Amodei

Partidos estes de Pernambuco com Antonio Moniz Barreiros, nomeado capitão-mór de estado do Maranhão, aferram o porto da cidade de S. Luiz do Maranhão em março de 1622.

De Moniz Barreiros diz o author: «se fazia credor de maiores cargos, assim pela qualidade da pessoa, como pelas forçosas razões do merecimento e serviços de seu pae, com o que se fazia egual aos maiores e a nenhum segundo na experiencia, na resolução e no acêrto.» Ordenou-lhe o governador no seu regimento, que nas coisas de maior momento (excepto militares) *«se aconselhasse em tudo e por tudo com o padre Luiz Figueira, e não obrasse coisa a que se oppozesse manifestamente o parecer do dicto padre.»*

Desembarcados os jesuitas, entra logo o povo a inquietar-se e a intentar por meios violentos a retirada d'elles no mesmo barco que os trouxera de Pernambuco, e foram-se os ânimos alterando de maneira que o padre Luiz Figueira resolveu dirigir-se á camara, onde assigna termo de que se não intrometteria a tirar os indios, fossem ou não verdadeiros captivos; mas os moradores não se deram por satisfeitos, continuando a exigir a saida dos padres, e só vieram a serenar-se com a atitude energica que mostrou Moniz Barreiros lavrando na camara um protesto em sua sessão de 2 de abril d'esse mesmo anno (1622).

Primeira fazenda dos padres jesuitas

Foi o sitio *Anyndiba* (hoje Paço do Lumiar) a primeira terra doada á vice-provincia da Companhia no Maranhão. N'esta legua de terra funda o padre Luiz Figueira em 1627

a primeira fazenda que teve ahi o collegio, fabricando casa e erigindo capella, que dedicam a Nossa Senhora da Luz.

O padre Luiz Figueira, fervoroso na conversão dos indios, escreveu a grammatica da lingua geral, que corre impressa e de que ha segunda edição de 1851; e dirigiu-se ao provincial instando por mais obreiros. Acudindo este a tão justo reclamo, expede para essa missão o padre Lopo do Couto, a quem deu por companheiro um irmão coadjuctor.

O padre Figueira, assistido de alguns indios mechanicos, que trouxera de Pernambuco e do principal Mitagaya, criado de menino pelos padres e sujeito de prendas, emprehende a edificação do collegio da Companhia, fazendo de pedra e cal, e com toda a segurança, o corredor, que é «o mesmo que ainda hoje se vê para a parte do norte (Praia Pequena), correndo o rumo de léste a oéste.»

Expedidos o padre Couto para converter os indios e acudir aos moradores do Itapecurú [1] e do Mony, e o padre Amodei aos da ilha, occupava-se o padre Figueira da doutrinação no pulpito e no collegio, e não contente com tão afanoso lidar, já projectava passar-se ao Pará.

Morte do governador

Em 1636 succede a morte do governador Francisco Coelho na villa de Camutá.

Primeira exploração do Amazonas (1637)

Apossa-se das redeas do govêrno o provedor da fazenda real da capitanía do Maranhão, Jacome Raymundo de No-

[1] Serviu depois o collegio de paço episcopal, e foi ha annos arreado para no lugar edificar-se nova vivenda para os prelados maranhenses.

ronha, fazendo-se obedecer pelo senado da camara d'ella e logo em seguida pelo do Pará. Intenta este a exploração do rio Amazonas, para cujo fim nomeia o capitão Pedro Teixeira, que, «dando principio á sua commissão em outubro de 1637, subindo até Quito e voltando d'esta para a cidade do Pará, chega a ella em dezembro de 1639, acompanhado de sua mesma escolta e dos dois jesuitas castelhanos—Christovam da Cunha e André de Artieda.»

Chega Bento Maciel Parente de governador

Aos 27 de janeiro de 1638 chega ao Maranhão Bento Maciel Parente, nomeado governador do estado, com doação de donatario da capitanía do Cabo do Norte de juro e herdade para elle, seus filhos e herdeiros descendentes, tanto transversaes como collateraes; e trazia sobreposse resuscitada a antiga lei da administração dos indios.

Tracta o novo governador de fortificar a cidade de S. Luiz, mandando «lançar um muro ou trincheira que corria da Praia Pequena, detraz da cêrca do collegio, até a Praia Grande.»

Tomam os hollandezes a fortaleza do Ceará

Tinham já os hollandezes soffrido revez das armas portuguezas, sendo expulsos do Amazonas pelas fôrças ao mando de Bento Maciel Parente, de Pedro Teixeira, de Pedro da Costa Favela e de João de Caceres, succedendo-lhes outro tanto no Ceará, onde encontraram forte resistencia em Martim Soares Moreno, que duas vezes os rechaçou, eis senão quando mais animados com a tomada de Pernambuco accommetteram pela terceira vez a fortaleza do Ceará, presidiada por Bartholomeu de Brito, e lograram rendel-a á escala vista.

Entrada dos hollandezes no Maranhão (1641)

Tentaram então a conquista do Maranhão, apesar de achar-se por esse tempo já acclamado rei de Portugal D. João IV, e n'esse intento partiram do Recife com dezoito vasos e dois mil homens de desembarque ás ordens de João Cornelles, e a 24 de novembro de 1641 embocaram a barra do Maranhão, e quasi que sem resistencia foram desembarcar na praia do Destêrro. Manda-lhes o governador estranhar similhante violencia por uma commissão composta do padre Lopo do Couto e do provedor da fazenda Ignacio do Rego Barreto, ao que respondeu o commandante hollandez com evasivas. Retirados os commissarios, procedem os hollandezes ao desembarque, fugindo a companhia militar á primeira descarga dos inimigos. Avançam então para a fortaleza, mas saindo-lhes de novo ao encontro os mesmos commissarios, e ignorando o commandante hollandez as fôrças portuguezas alli presidiadas, concorda em ficar senhor do terreno conquistado sem tentar accommetter a fortaleza; mas sabendo depois da diminuta fôrça que a guarnecia, toma-a e põe a saque a cidade sem respeitar os templos, á excepção da egreja dos jesuitas. Isto diz o author.

Estendeu-se o saque á terra firme, e os moradores da ribeira do Itapecurú [1] para evitarem maiores estragos e vio-

[1] De muito que adoptei esta maneira de escrever o nome do nosso rio, e tenho a satisfação de a ver hoje geralmente seguida. D'antes escreviam *Itàpycurú*, o que seria plausivel, se não fosse forçado, como veremos: *Ita*, pedra — *pe*, caminho — *yg*, agua — *curú* (abreviatura de *curutem*), abundancia, muito. *Caminho de muitas pedras por agua.* Isto podia dar-se por contracção de *peeyg* em *py*, se na lingua tupy a coisa possuida não fosse posposta ao possuidor, dizendo-se *yg pe;* portanto a etymologia Itapecurú é a unica que me parece admissivel, por isso que logo na foz do Itapecurú ha uma extensa cachoeira, além outras no seu curso, e d'ahi *caminho abundante de pedras* ou — *com muitas pedras*.

lencias «reuniram esta infelicidade com o donativo de seis mil e quatrocentas arrobas de assucar, que promptamente entregaram.»

Valor de Pedro Dessaes

Ordenaram os hollandezes aos moradores a que jurassem vassalagem á republica, ao que obedeceram todos, menos Pedro Dessaes, biscainho de nascimento, que sem temor da morte e resistindo aos rogos e lagrimas da esposa, dos amigos e parentes, não quiz seguir o exemplo dos mais. Á vista, porém, de tamanha obstinação e valor, das lagrimas de D. Antonia de Menezes, sua mulher, e dos conselhos de algumas pessoas de respeito, muda o commandante hollandez de proposito e concede-lhe a vida.

Rebellam-se contra os hollandezes

Justifica o author a inercia e frouxidão de Bento Maciel Parente allegando que lhe faltavam soldados e estava malquisto dos moradores por tel-os fintado para a fábrica e reedificação dos muros da cidade.

As exacções e violencias de toda ordem por parte dos hollandezes iam de dia a dia exacerbando os ánimos aos do Maranhão, escandalisados na sua fazenda, honras e crenças. Observando isto o padre Lopo do Couto, intenta subleval-os contra o dominio estranho, procurando para isso em seu engenho a Antonio Moniz Barreiros, seu sobrinho, um dos mais offendidos e muito affeiçoado dos moradores agradecidos do tempo em que fôra capitão-mòr d'aquella conquista.

Parte então o padre a pretexto de visitar seus neophitos da terra firme, e na volta d'esta visita busca Moniz Barreiros «a quem, no maior silencio da noite, communica só por só o acêrto, conveniencia e meios de uma tão glo-

riosa acção.» Approva tão arriscada resolução Moniz Barreiros e obriga-se a communicar com toda a cautela o negocio aos demais bons patricios.

Contando já para mais de sessenta conspiradores, convoca-os Moniz Barreiros para o engenho de Vital Maciel Parente, e ao mesmo tempo os padres discorriam pela ilha para terem á mão os indios precisos para os remos e para os arcos. Formados em corpo, percorreram os revoltosos os engenhos, levando a fio de espada os hollandezes que encontravam, excepto no engenho do sargento-mór Antonio Teixeira de Mello, que por compaixão não consentiu similhante barbaridade; mas deixando-os prisioneiros e entregues á guarda de um morador do sítio, este os matou! D'ahi marcharam contra o forte do *Calvario*, na foz do rio Itapecurú, onde os hollandezes tinham setenta soldados e oito peças de artilheria; porém, tão pouco vigilantes estavam, que não presentiram a chegada dos revoltosos, que os surprehenderam, e ao amanhecer tomaram o forte, cuja guarnição atirou-se ao rio. Vencidos em uma só noite os hollandezes, tracta Moniz Barreiros de accommetter a ilha antes que na cidade tivessem notícia do facto; mas um mistiço que se escapára a nado, leva d'isso aviso á cidade, pelo que assentou Moniz Barreiros arraiaes em *Tayáçúcoaratim*, entre o *Ibacamga* e *Igarassú*, onde, já engrossadas as fôrças rebeldes com duzentos homens, planeja fazer guerra de emboscadas ou guerrilhas de modo a impedir toda a communicação da cidade com a terra firme e centros da ilha, onde se forneciam os hollandezes de viveres. Fez n'esse intento acampar uma escolta no *Cotymirim*; mas não tardou que soubesse que os hollandezes pretendiam vir atacal-a. Avisado d'isso Moniz Barreiros pelo cabo d'ella, com tanta diligencia veiu com fôrça em seu soccorro, que ao amanhecer já estava alli com a maior parte de sua milicia. Dispostas as tropas ao longo

da estrada e occultas pelas arvores, assim emboscadas aguardaram os hollandezes, que em número de duzentos e sob o commando de Sandalin, tão confiados em si e sem a menor suspeita da cilada, que ao chegarem ao rio entraram a banhar-se. Quando estavam mais descuidados, cairam os revoltosos sobre os hollandezes, levando-os a tiros, frechadas e a fio de espada, perecendo no conflicto até o proprio commandante Sandalin, e escapando só quatro soldados com um alferes, que levaram a notícia d'esta derrota ao general da praça. Achava-se entre elles no campo da batalha o padre Benedicto Amodei. Seguindo-se o que indica o author, não parece que fosse o sítio d'esse recontro o *Outeiro da Cruz*, como quer a tradicção; porque fica distante do rio e por isso não podiam os hollandezes entregar-se ahi ao prazer do banho quando lhes caíu de chofre a tropa dos revoltosos.

Determinado Moniz Barreiros a accommetter de improviso a cidade, marcha para alli, soffrendo pouca resistencia dos sitiados, e indo postar-se no convento de Nossa Senhora do Carmo. Tornava-se então preciso senhorearem-se das casas de Antonio Vaz, situadas na esquina da rua que vae para Sancto Antonio. Commetteu o capitão-mór essa facção ao esfôrço e pericia do capitão Pedro da Costa Favella, que a desempenha com feliz successo, tomando aos hollandezes esse ponto estrategico, d'onde com duas peças de artilheria, que haviam mandado vir do forte do Calvario, faziam grande estrago nas trincheiras inimigas.

Morre o padre Lopo do Couto

Chegado do Pará um bom soccôrro de trez companhias de soldados com setecentos indios, entra o padre Lopo do Couto a instar com o sobrinho para que assaltasse a praça sem mais dilação. Por prudencia espaçou Moniz

Barreiros em tão ousada empreza, e por isso perdeu-se a occasião de tomar a fortaleza. Enfermou gravemente o padre Lopo de pura pena por ver frustradas as suas diligencias, o que não é edificante e nem abona a mansidão do jesuita, mas assim o diz o author, e accrescenta «que em poucos dias morre.» A este padre attribue Moraes «o arbitrio e resolução d'esta guerra em beneficio da liberdade e restauração do Maranhão,» e d'elle diz que era filho de Portugal, onde entrou para a Companhia, conservando n'ella um ardente desejo de servir a Deus na conversão dos gentios, para o que partiu em 1600 para o Brasil em companhia do padre Marcos da Costa.

Novo soccorro aos hollandezes

Chega de Pernambuco mandado pelo conde de Nassau o soccôrro de um navio e sete barcos com gente de transporte e munições de guerra sob o commando de Anderson. (*Ob. cit.*, liv. II, cap. VI).

Morte de Moniz Barreiros e successos da guerra contra os hollandezes

Soffrendo Moniz Barreiros por esse tempo de febres, cae gravemente enfermo e nomeia para fazer suas vezes ao sargento-mór Antonio Teixeira de Mello. Faz Anderson uma sortida contra as fôrças portuguezas e teve de retirar-se ao forte com grandes perdas. Pouco depois falleceu Moniz Barreiros em consequencia da molestia.

Por carencia de munições de guerra, como tambem pela desunião que ia lavrando entre os cabos, vê-se Teixeira de Mello obrigado a levantar o cêrco a 25 de janeiro

(1643) e a internar-se na ilha, acampando no Coty «onde no anno antecedente tinham alcançado as armas portuguezas uma insigne victória.» Ahi arma elle egual cilada e com a mesma fortuna que lográra seu antecessor. Alentados com este successo foram os revoltosos seguindo em boa ordem até *Muruapú*, segundo escreve o author, ou *Moruapy*, conforme B. P. de Berredo [1]. No cabo de trez mezes, consumida a maior parte das munições, e depois de fazerem algum damno nos hollandezes, retiraram-se para a terra firme de *Tapuytapera* (Alcantara), d'onde desertaram alguns que se passaram ao Pará. Não tardou, porém, que ahi chegasse o capitão Antonio de Deus com refôrço. Alentado com elle Antonio Teixeira e persuadido, segundo diz o author, das exhortações do padre Benedicto Amodei, resolve atacar os hollandezes, para o que expede o seu tenente Antonio Dias Madeira com mais sete portuguezes em duas canôas afim de informar-se do que se passava na ilha e rio Itapecurú. Encontrando n'elle uma embarcação com trinta hollandezes, aborda-a Madeira, degolando toda a equipagem, menos um para lhe servir de interprete, e lança depois fogo ao barco. Tomadas do prisioneiro minuciosas informações, ordena o capitão-mór, segundo Berredo, aos capitães João Vasco e Manuel de Carvalho Barreiros, que se passassem á ilha a talar a campanha. Conseguiram estes desembarcar e aquartelar-se no sítio *Inhaúbas*, segundo o author, *Nhaúmas* como escreve Berredo, ou *Inhaúma* como hoje se diz; mas isto, já se vê, causando damno aos contrarios, que em varios recontros perderam ao todo cincoenta soldados. Foram atacados n'esse acampamento pelos hollandazes, a quem rechaçaram, puzeram em fuga e perseguiram até juncto á cidade (*Ob. cit.*, liv. II, cap. VII).

[1] Vid. *Annaes.*

Chegada de quatorze jesuitas e peleja de Inhaúmas

A 13 de junho de 1643 chega ao Maranhão o governador Pedro de Albuquerque com uma grande náu fornecida de soldados e munições de guerra, e n'ella tambem quatorze jesuitas com o padre Luiz Figueira, que para esse effeito se tinha passado a Portugal. Por prudencia não procurou a armada a terra, e contentou-se o governador com mandar disparar alguma artilheria. Teixeira de Mello manda logo o alferes João de Paz com cincoenta indios reconhecer a embarcação; mas este, cujas acções contrastavam com o appellido, dando vista na *Ponta de Areia* de um lanchão de hollandezes, que vinha do Araçagy com vinte e sete soldados, abalroa-o, «e aos que não matou, aprisionou.» Desvanecido com a victória, desattendeu as ordens e regressou ao arraial dos seus. Notando o governador que de terra não o vinham reconhecer, fez-se de véla e partiu para o Pará. Apesar de desamparados, não deixavam os revoltosos do Maranhão de colher vantagens em varios recontros. No dia 10 de agosto d'esse mesmo anno, sendo accommettido o capitão Manuel de Carvalho por cento e oitenta hollandezes e outros tantos indios, quando estava apenas com quarenta soldados e alguns indios no sítio acima indicado *de Inhaúma* a fabricarem farinha para mantimento dos seus, defenderam-se com muito valor, desbaratando totalmente o inimigo (*loc. cit.*, cap. VIII).

Evacuam os hollandezes o Maranhão (28 de fevereiro de 1644)

Animado Antonio Teixeira de Mello com esta e outras vantagens, com o soccorro que lhe enviára do Pará o governador Pedro de Albuquerque, e com as exhortações do padre Amodei (segundo José de Moraes), manda algumas

partidas para a ilha afim de pôrem os hollandezes em bloqueio. Vendo-se estes picados pela fome e mingoados de munições, protestaram a maior parte pela retirada, no que conveiu o seu general, e no dia 28 de fevereiro de 1644, encravada a artilheria e retiradas todas as munições de bocca e guerra, se embarcaram os hollandezes e deixaram o Maranhão, depois de o terem senhoreado pouco mais de dois annos. Occupada a praça por Teixeira de Mello, expediu elle sem demora aviso a Portugal da conclusão da liberdade e do quanto se empenhavam todos em refazer as ruinas da cidade e da fortaleza. Não foram comtudo recompensados o valor e constancia d'este denodado e patriotico cabo de guerra, conforme o affirma Berredo nos seus *Annaes*, n.os 926, 927 e 929, e nem desculpa tão imperdoavel injustiça a allegação de Moraes, de que elle fallecêra pouco tempo depois da restauração do Maranhão (*Ob.* e *loc. cit.*, cap. VIII).

Proceder do padre Benedicto Amodei

O padre Benedicto Amodei, «com cuja virtude e fervorosas exhortações se tinham animado os restauradores a levar por diante e concluir a final tão gloriosos principios,» empregou-se então não só na diligencia costumada de assistir os portuguezes e de converter os indios, como de extirpar alguns erros em que os tinham mettido os hollandezes.

Armas do Maranhão

Passa aqui o author a descrever do seguinte modo as armas da cidade de S. Luiz do Maranhão:—«um escudo coroado, no campo do qual se vê um braço armado de uma espada, de cuja mão, como de Astréa, pendem umas balanças a que servem de conchas dois escudos menores;

em um, que pesa menos, se vêem as flores de liz e armas de Hollanda com estas lettras,—*Vis;* e no outro, que pesa mais, as armas portuguezas com est'outra—*Jus*, e por baixo a epigraphe que diz: *Preponderat.*»

Expedição de Caldeira ao Pará

Partindo Francisco Caldeira Castello-Branco do Maranhão com cento e cincoenta soldados escolhidos além dos indios que podessem servir, embarcou-se com elles em fins de novembro de 1615, e no dia de S. Francisco Xavier desembarcaram todos, apesar da opposição dos naturaes, no sítio onde hoje se acha a cidade de Belem do Gran-Pará, sendo Antonio de Deus o primeiro portuguez que pisou aquella terra. Tractou F. Caldeira de enviar embaixadas com brindes aos indios, assegurando-lhes paz e boa amizade, e ao mesmo tempo deu princípio á cidade; levantando forte e formando a matriz de taipa e varas, dedicando-a o mesmo commandante do descobrimento a Nossa Senhora de Bethlem.

Belém do Gran-Pará

«Está assentada a cidade de Bethlem do Gran-Pará em altura de trezentos e trinta graus de longitude, e de latitude um gráu e vinte e sete minutos ao sul da linha equinocial.» Divide-se em duas freguezias, uma na campina e outra na cidade propriamente dicta. Principía no convento de Sancto Antonio, e d'ahi, correndo rumo de nordéste quarta de norte, acaba na ponta ou forte de Sancto Christo, d'onde se fórma o segundo rumo, norte-sul, da parte do hospicio da provincia da Conceição. A sua melhor defeza é a entrada da sua barra. «Porém o que mais parece faz inconquistavel esta cidade é a commodidade dos

mattos e o grande número de seus rios, pelos quaes podem os moradores, como senhores do paiz, resistir e quebrantar quaesquer fôrças inimigas por maiores que sejam.»

«O que mais faz avultar esta nobilissima cidade é a sua régia cathedral, uma das mais primorosas e magnificas de toda a nossa America portugueza.» É fundação de D. João v. Ha mais o convento de Sancto Antonio com egreja, segue-se o dos religiosos mercenarios, «obra antiga, porém a sua egreja bella, e bem obrada á moderna.» O convento de Nossa Senhora do Carmo por acabar (1750); «o seu templo, porém, posto na última perfeição pelas medidas do grandioso frontispicio de pedra marmore, que se vae levantando, será uma das mais primorosas obras d'esta cidade». Tem misericordia, egreja de Nossa Senhora do Rosario dos pretos, a de Nossa Senhora do Rosario dos brancos, a de S. João dos soldados, a capella do Sancto Christo, e, a final, o collegio e egreja da Companhia de Jesus. Tem uma boa casa de camara com cadeia por baixo. O palacio dos governadores, principiado em 1676 pelo governadór Pedro Cezar de Menezes, foi depois acabado por seu successor Ignacio Coelho da Silva. Pretendeu depois o governador Christovam da Costa Freire, senhor de Pancas, fazer novo palacio na praça da Matriz, mas seu successor, Bernardo Pereira de Berredo, fez abandonar a obra por desnecessaria.

«O clima já foi mais sadio com seus habitantes, sendo agora mais ordinarias as doenças, que em outro tempo se experimentavam como raras.»

Capitanías do Pará

Das capitanías do estado do Maranhão a mais antigá, depois d'esta é da do Pará, foi a do rio do *Gurupy*, onde fundára o governador Francisco Coelho de Carvalho, á sua

expensa, povoação com uma grandiosa aldeia, de que eram missionarios os da Companhia. D'ahi se passaram os moradores para Caeté, que é actualmente a cidade de Bragança. No Gurupy, porém, conservou-se a final a aldeia que era da obrigação da Companhia.

Foi José de Mello e Sousa o donatario da capitanía de Caeté. Viu-se esta augmentada com a aldeia da nação *Apotianga*, que tinha descido com o missionario jesuita Bento Alves, quando era capitão-mór e loco-tenente por parte do donatario João de Herrera da Fonseca.

Antes da cidade do Pará topa-se a villa da Vigia, fundada por Jorge Gomes Alemo, para o que lhe déra faculdade el-rei D. João IV. «Tem bons ares, e é muito farta de peixe e mariscos.»

Fronteira quasi á cidade do Pará, da outra banda da sua bahia, fica a capitanía da Ilha Grande de Joannes ou Terra dos Sacácas (hoje villa de Salvaterra).

Na mesma ilha ha mais a aldeia de *Payá* (hoje villa de Monsarás) e outra da Conceição de Condeixa. Tem esta ilha no seu maior comprimento de nordéste a sudoéste cincoenta leguas, e na sua maior largura de léste a oéste trinta e oito leguas.

A vinte e oito leguas da cidade, na foz do Tocantins, ha a capitanía de Camutá. Foram fundadas as aldeias d'este districto pelos padres da Companhia.

Do Camutá até Gurupá, que é outra capitanía, contam-se sessenta e seis leguas até o lugar em que se acha uma fortaleza debruçada sobre o rio Amazonas, que é mui importante «pelas muitas drogas que senhoreia.» Defronte de Gurupá, para a banda do norte, fica a aldeia de *Macapá*, na capitanía out'róra de Bento Maciel Parente.

Armas do Pará

As armas de Belem do Gran-Pará foram «um grande escudo esquartelado, de uma parte do qual, em campo azul, via-se um grande castello de prata, e n'elle um escudo de oiro com as quinas de Portugal, pendente de um trancelim de pedraria. Em cima do castello, de ambos os lados, saiam dois braços; um offerecendo um cesto de flores, com a inscripção por baixo—*Vœreat ternum;* em outro um cesto de fructas com a inscripção—*Tutius latent;* do outro lado, em campo de prata, um sol retrogrado do poente para o nascente, e a inscripção—*Rectiorcum retrogradus;* e logo outra—*Nequaquam minima est*, com um boi e uma mula por baixo olhando para o mesmo sol.

O Padre Luiz Figueira

Partiu o padre Luiz Figueira para o Pará em maio de 1636, tendo gasto no Maranhão quatorze annos no laborioso exercicio de missionario catechista com exemplarissimo zêlo e invejavel caridade. Ao mesmo tempo que cuidava, na cidade do Pará, na reforma dos portuguezes, exercia os ministerios sagrados, escrevia compendios de doutrina em lingua brasilica, e ensinava catechistas que o ajudassem na vasta seara d'aquellas regiões.

«Era imperterito o padre Figueira em emprehender grandes coisas, e onde era maior a difficuldade ahi empenhava mais a valentia do seu ânimo.» Discorrendo por innumeras aldeias, subiu pelo rio Xingú e passou mezes entre as nações populosas que habitavam suas margens. Sentindo a penuria extrema de operarios para tão vasta messe, passou-se para o Maranhão no intento de ir buscar missionarios em Portugal, para onde se partiu em 1637.

Chegado o padre ao seu destino, passou logo á côrte de Madrid, onde Filippe IV lhe mandou passar provisão para que a Companhia de Jesus tomasse á sua conta todas as aldeias do Maranhão e do Pará, bem como a administração espiritual d'ellas, conforme a bulla do Pio V. Retirou-se então para Portugal, onde conseguiu levar comsigo quatorze socios entre padres e irmãos, cujos nomes são: padre Simão Florim, padre Pedro de Figueiredo, padre Francisco do Rego, padre Bernabé Dias, padre João Leite, padre Francisco Pires, os irmãos Manuel de Lima, Manuel Vicente, Manuel da Rocha, Domingos de Brito, Pedro Pereira, Antonio de Carvalho e Nicolau Teixeira, que com o superior padre Luiz Figueira perfaziam quinze. Discorda quanto aos nomes o padre A. Franco, na sua *Synopsis Societatis Jesu*, do padre José de Moraes, omittindo aquelle os dos padres Francisco do Rego e Pedro de Figueiredo, e dando o do padre Manuel Moniz, e entre os dos irmãos em vez de Nicolau Teixeira apresenta o de Gaspar Fernandes.

Aos 29 de abril de 1643 embarcada esta valiosa missão com Pedro de Albuquerque, que vinha de governador do estado do Maranhão, se fez a náu ao mar, e chegando a 29 de junho á barreta do Pará, a embarcação, que demandava muito fundo, tocou em uma restinga, e principiou logo a fazer agua. Veiu o capitão Pedro da Costa Favella com duas canoas salvar a equipagem; mas não chegando para todos, ao que recusaram-se os padres a embarcar-se n'esta primeira viagem, á excepção do padre Francisco Pires e irmãos Antonio de Carvalho e Nicolau Teixeira. Formaram então uma jangada, na qual entraram cento e vinte pessoas, lançando-se sobre um pedaço de coberta oito com o padre Pedro de Figueiredo e irmão Manuel da Rocha, que vieram acabar nas aguas, e os da jangada, aportando á ilha de Joannes (Marajó), ahi fo-

ram tomados pelos indios oroães, que os repartiram por differentes tribus, que os devoraram, sendo os primeiros sacrificados o padre Luiz Figueira e seus companheiros.

Quaes eram esses martyres

Foi o padre Luiz Figueira natural de Almodovar, e entrou para o collegio de Evora em 1592. Ordenado sacerdote, passou-se para a provincia do Brasil em 1602, e nomeado companheiro do padre Francisco Pinto, logrou, como fica dicto, escapar das mãos dos indios na expedição do Ceará, e recolher-se a Pernambuco, onde foi reitor do collegio pelo tempo que se tornou ao Maranhão em companhia e como accessor do capitão-mór Antonio Moniz Barreiros.

O padre Simão Florim, portuguez de nação, tinha singular talento para converter almas, e o padre Francisco do Rego, virtuoso e muito dedicado á oração e a disciplinar-se, entrou para a Companhia no dia da conversão de S. Paulo e fez votos de o imitar na prégação dos gentios. O padre Pedro de Figueiredo, modesto e humilde, sempre sacrificou-se gostoso ao menor aceno de seu superior. O padre Barnabé Dias, além das muitas virtudes em que floresceu no seculo, era devotissimo de Maria Sanctissima, a quem todos os dias resava officio parvo.

Os tres religiosos que escaparam com vida d'este naufragio, onde pereceram cento e onze das cento e setenta e tres pessoas que vieram, foram o padre Francisco Pires e os irmãos Antonio de Carvalho e Nicolau Teixeira.

Recusa de posse aos capitães-móres do Pará e do Cabo do Norte

Pedro Maciel Parente, nomeado capitão-mór do Pará, e seu irmão João Velho do Valle, capitão-mór da capitanía do Cabo do Norte, ambos sobrinhos de Bento Maciel Pa-

rente, querem tomar posse de seus respectivos lugares; mas a isso os impede o senado da camara, attendendo que, tendo-os mandado em soccorro dos do Maranhão, por occasião da expulsão dos hollandezes, chegaram áquella capitanía e retiraram-se logo nas mesmas canoas com temor dos hollandezes, e agora se faziam fortes com os soldados de sua disciplina e se alojavam na ilha do Sol dos Tupynambás!

Morte de Pedro de Albuquerque

Tomou-se de tanta dor por este acontecimento o governador Pedro de Albuquerque, e taes molestias contrahiu empoz o naufragio, que nunca mais logrou saude, vindo a fallecer em 16 de fevereiro de 1644. Pouco depois, vem a morrer d'entre os tres religiosos escapos, o irmão Antonio de Carvalho no convento do Carmo do Pará, tendo ido o padre Francisco Pires para o Maranhão em obediencia ás ordens do padre Amodei, e o irmão Nicolau Teixeira para Portugal para ahi cancluir seus estudos.

Partida dos padres Moniz e Fernandes

Em 1646 partiram de Portugal o padre Manuel Moniz e o irmão Gaspar Fernandes em companhia do governador do estado do Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho (o *sardo)*, com o fito de ajudarem o padre Amodei, a quem acham já morto, sendo alli o unico representante da Companhia o padre Francisco Pires.

O padre Benedicto Amodei

Era o padre Benedicto Amodei, italiano natural da Sicilia, e acabados os estudos, partiu logo para o Brasil, vindo para o Maranhão em 1622. Trabalhou ahi vinte e cinco

annos, pouco acompanhado e muitas vezes só, estabelecendo no Maranhão cinco aldeias, no que foi ajudado pelo padre Luiz da Gram, e a final contribuindo para a expulsão dos hollandezes com seus conselhos e exhortações.

O padre Bettendorf, a quem cita o padre José de Moraes, diz que o capitão-mór de Tapuytapera víra (em sonhos provavelmente) «o virtuoso padre Benedicto Amodei todo cercado de luzes, estando em oração», e instára para que o desenterrassem porque tinha «quasi por certo que o haviam achar inteiro e incorrupto.» Que principalmente as senhoras, todas á bocca cheia chamavam o padre Amodei—*padre sancto*—d'onde se collige que os chronistas jesuitas pretendiam incluir no calendario, além do padre José d'Anchieta, este missionario apostolico. «Foi o seu corpo sepultado na capella-mór da egreja velha do collegio de Nossa Senhora da Luz do Maranhão» ficando a sepultura por baixo da alampada, cobrindo-se aquella de uns azulejos em fórma de estrella.

Morte de trez padres no engenho de Moniz Barreiros

Coube em 1647 o cargo de superior ao padre Francisco Pires por se acharem ausentes no Itapecurú o padre Manuel Moniz e o irmão Gaspar Fernandes, occupados de administrar o engenho de assucar de Antonio Moniz Barreiros, que por morte legára no testamento o uso-fructo á Companhia emquanto seu filho Ambrozio Moniz fosse menor. Cuidavam os dois socios do serviço temporal, como do espiritual da fazenda, e n'este intento procuraram a emenda, principalmente de uma india escrava do engenho e sobreposse grande peccadora. Reprehensões, meios brandos, ameaças, tudo foi baldado e então recorreram os padres ao castigo. Offendida a culpada, retirou-se para o sertão onde vivia a nação dos *urúatys*, que prometteram desaggraval-a.

Viviam estes selvagens em paz com os do engenho e assim o procuravam muitas vezes; mas d'esta feita, armados e com o principal *Potyron* á frente, tomaram conta do terreiro e deram mostras de quererem accommetter os do engenho. Disparando os brancos alguns tiros, encarniçaram-se os indios e arremetteram com tal furia, que os obrigaram a fugir, abandonando os padres, que se ficaram em casa e em joelhos esperaram a morte. N'esta postura, com as mãos levantadas e os olhos postos no céu, receberam dos barbaros golpes de seus paus de *jucá*, com que lhes quebraram as cabeças, se finando d'esta guisa os trez religiosos da Companhia.

Ficou assim interrompida por trez annos a missão dos padres jesuitas n'esta conquista, até que em 1652 veiu a ella a do padre Antonio Vieira.

Donativos realengos aos padres

Conhecendo el-rei D. João IV o desamparo da missão do estado do Maranhão, tractou de fomental-a, dotando-a largamente, ao que se oppôz o padre Antonio Vieira, contentando-se com a congrua annual de trinta e cinco mil réis para cada missionario, concedendo-se-lhes no Maranhão, Pará e Gurupá as aldeias de indios livres, privativas tão sómente da administração dos padres da Companhia, ao que accedeu o monarcha, accrescentando depois D. João V esta mercê com a dotação annual de duzentos e cincoenta mil réis com a obrigação de ter a Companhia n'essa missão mais dez religiosos. No anno de 1684, o padre João Filippe Bettendorf alcançou do rei se pagassem todos os annos novecentos e cincoenta mil réis de congrua estavel e perpétua, obrigando-se a Companhia a manter no Maranhão trinta sujeitos da Sociedade de Jesus.

Missão do padre Antonio Vieira

Tomou a peito o padre Antonio Vieira, com aquelle perseverante enthusiasmo que lhe era proprio, restabelecer a missão do estado do Maranhão, e para isso venceu as maiores difficuldades que lhe oppoz o proprio rei, sendo até necessario que saisse de Lisboa como que fugido.

É escusado resumir aqui, da *História* do padre José de Moraes, os principaes acontecimentos da vida d'este extraordinario varão, quando acham-se traçados com pincel de mestre pelo nosso insigne prosador João Francisco Lisboa no IV volume de suas *Obras* [1].

O padre Vieira, escrevendo ao padre provincial do Brasil, dá a seguinte relação de seus companheiros para a nova missão: «O padre Manuel de Lima se dedicou *se et sua omnia* a esta missão do Maranhão; o padre João de Souto-Maior e o padre Manuel de Sousa; o padre Francisco Velloso e o Padre Thomé Ribeiro, que apesar da opinião dos de Coimbra acabassem primeiro a theologia, sujeitarám-se á determinação dos superiores; o padre Gaspar Fragoso, que é sujeito de grande virtude, acabou o curso e tem muito bom talento de prégador; os irmãos Agostinho Gomes e Agostinho das Chagas,—vulgarmente chamado o estudante *sancto*, porque na realidade o é», e mais dois irmãos, que se chamavam Mena, que na lingua brasilica quer dizer *marido*, e mudou-se-lhes o appelido, chamando-se d'ahi em diante José e Antonio Soares, sendo os sujeitos ao todo doze, afóra o superior, o padre Antonio Vieira. Trez vezes morta a missão do Maranhão, como nota o author, agora resuscitava mais viçosa.

[1] Aproveito o ensejo para indicar ao leitor a notícia de uma obra do padre Antonio Vieira pouco conhecida—*As machinações*. Vid. nota A *in fine*.

Partida dos padres e seu procedimento na missão

D'estes partiram de Lisboa aos 23 de setembro de 1652, na náu em que iam os capitães-móres do Maranhão e do Pará, apenas nove com os dois irmãos coadjuctores Francisco Lopes e Simão Luiz, que era official de carpinteiro, ficando para seguir depois o padre Vieira com seus companheiros, os padres Matheus Delgado, Manuel de Lima e Manuel de Sousa.

Logo que chegaram aquelles ao Maranhão, abriram, conforme as ordens de seu superior padre Vieira, duas classes, uma em que se ensinassem os primeiros rudimentos de ler, escrever e contar, e outra de grammatica; sendo esta a primeira vez que alli se estabeleceu similhante disciplina.

Levaram estes padres as reliquias de S. Bonifacio e de Sancto Alexandre, com que brindára o papa Urbano VIII ao padre Manuel de Lima. Depositaram as de S. Bonifacio na capella-mór do collegio de Nossa Senhora da Luz, no Maranhão, e as de Sancto Alexandre foram para o Pará e ahi acham-se depositadas na egreja d'essa invocação.

Cuidavam os padres na conversão dos indios, refórma dos costumes dos portuguezes e em arrecadar os bens da Companhia, que estavam por mãos particulares.

Partida do padre Antonio Vieira

Partiu, emfim, o padre Antonio Vieira com seus trez companheiros do porto de Lisboa a 22 de novembro em uma caravela, e chegaram ao Maranhão a 16 de janeiro do seguinte anno de 1653. Descreve o padre Vieira esta viagem em carta que a 22 de maio de 1653 dirigiu ao padre provincial do Brasil.

Dos males que padeceram os missionarios jesuitas no Pará

Expediu o superior para o Pará os padres João de Souto-Maior e Gaspar Fragoso, que fundaram casa na cidade do lado da campina, juncto ás casas de Francisco Ribeiro, em chãos pertencentes á ordem de Nossa Senhora das Mercês. Descontentes o capitão-mór e o vigario da matriz de Belem do Gran-Pará, por conhecerem que os padres lhes impediriam a sua desregrada cobiça e haviam de interferir nos negocios dos indios, entraram a incitar a populaça contra esses varões, e como que os traziam sitiados nas pobres palhoças onde se haviam recolhido (*Obr. cit.* liv. IV, cap. I). Uma alma caridosa, D. Cecilia Mendonça, mulher de Antonio de França, procurou meios de fornecer-lhes alimento; mas os agentes dos trez fervorosos inimigos da Companhia, impediam-n'o, e teriam os dois padres morrido á míngua, se não fugissem d'alli e se recolhessem ao convento das Mercês. Conseguiram os padres por último alhanar os ánimos, assignando termo de se não intrometterem com a administração dos indios nem com o captiveiro dos mesmos já escravos.

Foram dois d'estes perseguidores da Campanhia castigados. Fazendo o author, como os demais chronistas da Sociedade, intervir a Providencia nos menores actos, protegendo a Ordem, refere que o capitão-mór morreu de repente em maio de 1654; seu successor, o sargento-mór teve egual sorte, fallecendo tambem no seguinte mez, e o vigario, se quiz ficar bem com Deus, tractou de reconciliar-se com os padres dictando-lhe estes uma declaração por escripto em que confessava seus peccados e arrependimento!

Sobre a provisão do marquez de Pombal, declarando os indios livres, e que foi publicada no Maranhão a 28 de ju-

nho de 1757, tempo em que escrevia o author, diz elle: — «esta lei foi justissima, e a sua publicação uma das maiores glórias do nosso monarcha que a assignou, e de seu ministro de estado que a poz em execução.»

Desassombrados já os dois jesuitas da perseguição que haviam soffrido no Pará, dedicava-se o padre Fragoso aos ministerios do seu cargo, confessando e doutrinando os indios e portuguezes, e o padre Souto-Maior prégando e ensinando latim e rhetorica, quer na classe pertencente á Companhia, quer no convento dos mercenarios; e era tanto o trabalho que tinham, que recorreram ao padre superior Vieira para que os acudisse com mais obreiros, ao que annuiu, enviando-lhes em 1663 por companheiros os padres Manuel de Sousa e Manuel Delgado, acompanhados de paramentos para a egreja e algumas peças para a casa, do que havia carencia. A egreja dos padres até ao anno de 1760 esteve coberta de palha por se ter abattido o tecto em 1664.

Por esse tempo estavam já as capitanías do Maranhão e do Pará independentes e governada cada uma por seu capitão-mór, sendo o d'aquella Balthazar de Sousa Pereira e o d'esta Ignacio do Rego Barreto. Chegado o padre Vieira ao Maranhão foi logo visitado do governador e das principaes pessoas da capitanía, e assim que teve disposto o govêrno das duas casas do Pará e do Maranhão, cuidou só da refórma dos portuguezes e dos indios, como vem tudo melhor referido pelo padre Antonio Vieira em carta que dirigiu a 22 de maio de 1663 ao padre provincial.

Fallecido o bispo da Bahia, D. Pedro da Silva, a 15 de abril de 1649, commettem os conegos, séde vacante, a direcção do govêrno espiritual aos padres da Companhia da vice-provincia do Maranhão. Tiveram estes de luctar com a grave pendencia de dois vigarios-geraes, que queriam ambos governar no espiritual as vigararias do Ma-

ranhão e Pará, concurrentemente, o que resolveu o padre Vieira com muito acêrto e prudencia, reconciliando-os e dividindo a jurisdicção pela fórma que já o estava no temporal, empossando um vigario no Maranhão e outro no Pará.

Soltos corriam os portuguezes na sua desenfreada cobiça, reduzindo a captiveiro os indios do estado do Maranhão, inundando os sertões de tropas volantes, «que não faziam mais do que amarrar e conduzir os miseraveis indios a um pesado e irremediavel captiveiro.» Assim continuaram sem embargo das admoestações dos jesuitas Amodei e Figueira. Chegados que foram os governadores do Maranhão e do Pará com os missionarios de que era superior o padre Antonio Vieira, o do Maranhão mandou quinze dias depois de sua posse publicar ao som de caixa a lei de 1652, que prohibia totalmente o captiveiro dos indios. Os moradores d'esta capitanía ajunctaram-se logo armados no terreiro da camara, seguindo as vozes de Jorge de Sampaio e Carvalho, e a primeira coisa que fizeram foi arrancar a lei do lugar em que estava affixada, e depois reclamar a expulsão dos padres que suppunham authores d'ella. D'ahi abalaram os amotinados para a casa da Companhia, sendo necessario para os socegar que o governador com as trez companhias do presidio e com balas e mechas accesas os viesse arrancar das portas do collegio. Dirigiram ao mesmo tempo ao governador uma proposta assignada, não só pelos sublevados, como tambem pelos prelados das ordens religiosas e pelos dois vigarios-geraes, pedindo a revogação da lei. Instados os padres da Companhia pelos officiaes da camara para que assignassem ou respondessem á proposta, elles assim o fazem a 31 de janeiro de 1663, dando uma resposta evasiva e em sentido ambiguo e casuistico quanto aos indios já captivados, e quanto ao remedio do futuro aconselham que alcancem licença do rei «para se fa-

zerem legitimos resgates no sertão, os quaes não ha dúvida que *são licitos... e mui convenientes* ao bem espiritual das mesmas almas dos indios, e que para o maneio das fazendas se peça ao rei licença para mandar vir para o Maranhão alguns navios de escravos de Angola.» Isto é, remediar um mal com outro! «Quanto aos indios restituidos á liberdade sejam postos em aldeias ou aggregados ás antigas e repartidos pelos portuguezes, mas nunca aos que já tivessem sido seus senhores.» Requeriam mais que, assentadas pazes com os indios dos sertões, façam-se entradas para que desçam, e a suspensão da execução da lei em tudo mais, excepto na parte que tocasse aos indios de conhecida ou duvidosa liberdade.

Conseguiu Vieira acalmar os ânimos, deparando occasião fortuita para isso. Estava o capitão-mór do Maranhão bastante despeitado com os padres, por lhe não ter nenhum d'elles pedido venia antes de começar seus sermões, ao que ajuncta o author: «Estas são de ordinario as despoticas acções d'aquelles governadores, quando o proprio desvanecimento os faz degenerar em divindades fingidas.» Admittido Vieira á audiencia d'este governador, depois de alguma reluctancia da parte d'aquelle, com tal habilidade houve-se o padre, que não só o reconciliou com os mais, como conseguiu d'elle accedesse á proposta da Companhia, depois de demonstrados os intuitos d'esta n'aquella resposta, promettendo elle prégar um sermão, como de facto o fez, explicando ao povo as resoluções da proposta, e assim procedeu com tal clareza e vehemencia, que sairam todos convencidos de seu êrro. Na mesma tarde deu o capitão-mór princípio a uma juncta composta do syndicante, dos prelados das ordens religiosas, da camara, do vigario-geral e de todas aquellas pessoas qualificadas e do povo que se quizeram prestar a isso. N'ella foi accordado se nomeassem dois procuradores, um por parte dos portuguezes

e outro dos indios para que tirassem uma devassa ou inquerito, como hoje se diz, ácerca dos captiveiros dos indios, sendo juizes d'elles os officiaes da camara com assistencia do syndicante, e que uma vez sentenciados os casos, se julgassem livres os indios de cujo captiveiro não constasse. Accordes todos n'isto, elegeram seus procuradores e retiraram-se muito satisfeitos.

Na execução do exame das liberdades dos indios declaram-se não só muitos, senão nações inteiras, livres, sem que ninguem reclamasse contra, tal era a rectidão e justiça das sentenças. Assim terminou o primeiro motim dos moradores da cidade de S. Luiz do Maranhão contra os padres jesuitas [1].

O padre Antonio Vieira representou ao rei, pedindo permissão para o resgate dos indios e descimento de outros, no que concordou o monarcha, revogando sua resolução de 1652 pela lei de 17 de outubro do seguinte anno.

«Infeliz foi sempre o povo americano no seu contacto com os europeos», diz o author. Sempre perseguidos e tyrannisados, e as leis promulgadas a beneficio d'elles contrastadas. O author depois de citar as leis de 1570, 1587 e 1595, promulgadas no intuito de protegel-os, diz que se tomou com a lei de 1609 a última resolução de prohibir totalmente o captiveiro. Esta lei estendeu-se em 1652 aos indios do Maranhão, e foi isso, como já fica dicto, o que deu motivo ao motim, sendo depois inteiramente illudida.

Em virtude do requerimento do padre Antonio Vieira baixou a lei de 17 de outubro de 1653 revogando a antecedente, mandando pôr em liberdade os que se provassem não serem regularmente captivos, depois de acurado exame, e estatuindo seis casos em que se podia fazer guerra

[1] Em um manuscripto que achei na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e vae adiante compilado, acha-se individualmente o tumulto de 1661.

justa aos indios, e entradas nos sertões com tropas de resgates, podendo resgatarem-se os indios presos á corda para serem comidos por seus inimigos; que o cabo e o religioso da entrada seriam eleitos pelo governador e camara da cidade; finalmente, prohibia que os governadores e ministros de justiça occupassem indios no seu particular serviço, nem os repartissem em público; mas como esta lei, chamada do *resgate*, se não executasse nunca, passou o rei nova lei a 9 de abril de 1655. N'esta lei revogavam-se as antecedentes, tirava-se aos governadores e ministros o poder, de que já iam abusando, de fazerem guerra offensiva aos indios sem authoridade do monarcha, marcava só dois casos em que se podia fazer guerra aos indios, permettia o resgate, sob condição porém de ser o caso examinado pelo missionario e cabo de tropa, etc. A 18 de outubro de 1666 baixou nova lei, mandando restituir aos jesuitas suas aldeias, estabelecendo, porém, que não teriam n'ellas jurisdicção temporal, sendo n'essa parte governadas por seus principaes, etc. Já pela lei de 1680 prohibia-se todo e qualquer captiveiro dos indios, que seriam repartidos em trez partes, uma para ficar nas aldeias, outra para o serviço dos moradores, e a terceira, finalmente, para os missionarios. Ordenava tambem que as missões novas e entradas fossem privativas dos jesuitas. Segue-se a esta a lei de 2 de setembro de 1684, que teve por complemento o regimento das missões de 21 de dezembro de 1686, depois a lei de 28 de abril de 1688 [1]. D'esta multiplicidade de leis, não differindo todas ellas na essencia, conclue-se que eram burladas, pouco ganhando com ellas os indios, não contentando os portuguezes e servindo só aos jesuitas, que como seus principaes promotores cuidavam em assegurar seu direito e favorecer a Ordem.

[1] Vid. *Obras* de João Francisco Lisboa, tom. II, pag. 274.

«Estimavam, diz o author, a lei, não pelo que mandava, mas pelo que permettia, porque uma vez levantada a bandeira ou resgate, já podiam militar n'ella as injustiças dos captiveiros, etc. Termina o author o capítulo e o livro IV mostrando o zêlo de seus companheiros na conversão das almas, e reprovando os captiveiros por injustos.

Novos jesuitas para a missão do estado do Maranhão

Em auxílio do padre Antonio Vieira, que muito obrava a beneficio das almas na vice-provincia do Maranhão, mandou o padre provincial do Brasil cinco obreiros, que foram o padre Manuel Nunes, superior dos mais, o padre Antonio Ribeiro, insigne lingua, o irmão Raphael Cardoso e o irmão Bento Alvares, e tambem o irmão coadjuctor temporal João Fernandes. Entrou esta «pequena recruta pela bahia de S. José, vindo saltar em S. José de Ribamar, e d'ahi se passou ao collegio de Nossa Senhora da Luz da cidade.» Com este refôrço já podia o padre Vieira mais desafogadamente attender ás multiplas exigencias do ministerio. Mandou então por embaixadores aos indios *guajájaras* do rio Pindaré os padres Francisco Velloso e José Soares, e aos padres Antonio e Thomé Ribeiro com o irmão Bento Alvares que visitassem as aldeias da ilha. Na casa ficava o padre Vieira com o padre Manuel Lima e os irmãos Raphael Cardoso, Antonio Soares, Simão da Luz e João Fernandes, os primeiros para a classe e eschola, e os dois ultimos para o serviço domestico. O maior trabalho do padre Vieira era a doutrinação de portuguezes e indios, e no confissionario, não se limitando só a acudir com os sacramentos aos moradores da cidade; mas bastava saber que estava em qualquer ponto da ilha alguem doente, corria, ainda que fosse de noite, para a choupana

do cathecumeno, fazendo quatro e cinco leguas de jornada a pé por mattos bravios, vadeando rios, só para levar-lhe a palavra divina, a agua do baptismo ou o pão eucharistico!

Desde abril de 1553 esperava e se apercebia o padre Vieira para fazer uma entrada no Itapecurú, oppondo-se a ella com manha o governador, até que em primeiro de agosto desenganou-se e tractou de passar-se ao Pará. Se esta primeira entrada aos indios da nação *Barbados* foi mallograda, não assim a que emprehendeu o padre Gabriel Malagrida em 1727 com tão feliz exito, que pôde catechisar e chamar a si tantos indios que com elles fundou duas populosas aldeias, — a *Grande* e a *Pequena*, que depois seu successor, o padre João Tavares, situou á margem do rio com grande conveniencia dos moradores do Piauhy e dos que vinham de Minas-Geraes.

Em outro tempo houve na ilha do Maranhão cinco aldeias, das sete que ahi acharam os primeiros povoadores, e no anno que escrevia o padre Moraes (1750) só existia a de S. José (e a de Vinhaes, de S. Miguel, etc.?). Tinha o padre Vieira nomeado para catechisarem n'essas aldeias e administrarem n'ellas os sacramentos os padres Antonio Ribeiro, Thomé Ribeiro, e o irmão João Fernandes para cuidar nos sustentos dos operarios e fazer a doutrina aos indios. Para os ajudarem n'esse trabalho de doutrinação, ensinaram catechistas de ambos os sexos, sendo as mulheres «habeis para aprender e de melhor retentiva para ensinar.» Percorriam incessantes os padres as aldeias, sempre a pé e sem nunca acceitarem as redes que os indios lhes offereciam para os levarem aos hombros, porque era máxima do padre Vieira que «o pastor era o que havia de carregar aos hombros as ovelhas e não as ovelhas ao pastor.» (*Obr. cit.* livro v, cap. II).

Multiplicavam-se os padres Antonio e Thomé Ribeiro em visitar as aldeias, em acudir de prompto e a qualquer

hora aos enfermos, em instruir os indios com muito fructo, e n'essa lida não tinham descanço.

Rio Pindaré e indios guajajáras

É o rio *Pinaré* ou *Pindaré* o terceiro em curso, que nascendo da célebre lagôa do *Maracú*, onde se junctam suas aguas, vêm lançar-se no rio *Meary*.

Foi descoberto até suas cabeceiras, que nascem nas serras de seu nome, pelos padres da Companhia, ahi levados com o fito de converterem os indios *guajajáras*. O padre José de Moraes diz d'elles que são pusillanimes, mas aptos no exercicio do remo, no que são insignes. Dividem-se em seis aldeias, todas da lingua geral e da mais polida do Brasil.

Mandou-lhes o padre Vieira o padre Francisco Velloso, por missionario, dando-lhe por companheiro o padre José Soares. Vem o embaixador dos indios ter com elles, convidando-os e recebendo-os em suas aldeias. Conseguiram os padres o descimento de uma pequena aldeia d'esses *guajajáras*, que situaram no Itaky, na bahia do Boqueirão. Como fosse o lugar distante da cidade, expediu o superior o padre Velloso a cuidar d'elles, para que quando estivessem instruidos e baptisados os mandasse ao Pindaré afim de que resolvessem os parentes a acompanharem-n'os.

Chegado o padre ao Itaky enviou, no seu fervor de conversão, o indio da embaixada com mais trez dos da aldeia do Itaky a irem ter com os de Pinaré, para os chamarem á aldeia. Emquanto aguardavam resposta, occupou-se o padre em doutrinar e baptisar os que ahi se achavam; mas veiu a fome apertar com elles, obrigando-os a retirarem-se todos para a cidade, o que fizeram com grande mágua do padre Velloso. Recolhidos a uma

aldeia da ilha, desvaneceu-se ao padre a idéa de ir missionar ao Pinaré, pensando em buscar os sertões do Pará.

Tentou então o padre Manuel Nunes a conversão dos *guajajáras*, e para isso procurou-os pelo rio, sendo os de *Capiytyba* os primeiros que buscou e que não o estranharam em razão de serem os remeiros da sua canoa parentes d'elles; antes acceitaram as propostas do padre e prometteram descer logo que houvessem realisado a colheita. Partiu d'ahi o padre Manuel Nunes com os que o poderam seguir, e no cabo de quatro mezes d'esta expedição chegou ao Itaky, onde os agasalhou. Desgostosos, porém, do lugar e com saudades de *Capiytyba*, começaram a fugir aos poucos para alli. Isto levou o padre a mudar a aldeia de Itaky para *Cujuype*, que ficava pouco abaixo, e onde o padre João Filippe Bettendorf mandou depois fazer uma boa aldeia com egreja e casas para vivenda dos missionarios, e nomeou para primeiro missionario d'ella o italiano João Maria Garçoni, e por seu companheiro o irmão Manuel Rodrigues.

O padre Garçoni, além da sua exemplar virtude e do zêlo com que doutrinava os da aldeia de *Cajuype*, foi ao rio Pindaré, acompanhado de seus neophitos, e para chegar ao sítio *Cupiytyba* venceu difficuldades enormes e sem conta, não sendo a menor d'ellas os *mururús*, limo denso que nasce á flôr da agua e impede a navegação. Conseguiu d'esta missão trazer comsigo alguns para a aldeia. A este missionario succedeu na administração de *Cajuype* o padre Antonio Pereira, acontecendo então descerem espontaneamente a ella alguns indios. A este seguiu-se o padre Bettendorf, que, como fundador que fôra d'essa aldeia, cuidou muito no seu augmento, expedindo n'esse intuito para os confins de Pinaré o irmão Manuel Rodriguez, já conhecido dos *guajajáras*. Em 1683 enviou o padre Pedro Pedrosa para o sítio *Maracú*, hoje cidade de Vianna.

Fundada esta aldeia, foi facil aos padres Manuel de Abreu e Caetano Ferreira assentarem a do *Pinaré*.

O Padre Antonio Vieira

Como fica dicto, era o padre Vieira superior da vice-provincia do Maranhão, e como varão tão afamado importa dar d'elle breve noticia. Nasceu o padre Vieira a 6 de fevereiro de 1608, entrou para a Companhia, no collegio da Bahia, a 5 de maio de 1622. Professo de quatro votos em 20 do mesmo mez do anno de 1644, veiu a fallecer na mesma cidade da Bahia em 18 de julho de 1697.

O Padre Francisco Velloso

O padre Francisco Velloso, a quem tinha o padre Vieira mais affeição, nasceu em Villa Nova de Famalicão no anno de 1619, e entrou para a Companhia, no Rio de Janeiro, em 1640.

O Padre Thomé Ribeiro

Professo de quatro votos em 15 de agosto de 1648, era o padre Thomé Ribeiro terceiro em antiguidade e zêlo: nasceu este em Lisboa no anno de 1623, entrou para o collegio da Bahia em 1644, e foi insigne lingua geral. Depois d'este dá o author a dacta do nascimento e entrada para a Ordem de outros padres menos notaveis.

Mallogro da missão ao Amazonas e ao Tocantins

Chegado o padre Vieira e seus companheiros, os padres Francisco Velloso e Antonio Ribeiro, e o irmão Simão Luiz, á cidade do Pará em 5 de outubro de 1653, preparou-se elle logo para a entrada do rio Amazonas, o que sabido do capitão-mór, convidou-o para entrar primeiro o rio *To-*

cantins, onde tambem abundava gentio, e para isso offereceu-lhe todas as facilidades possiveis; porque seus intuitos e dos negociantes de drogas era divertil-o d'essa empreza, que lhes faria fechar as portas do commércio illicito da canella e de outras especiarias, fazendo-se o govêrno sabedor d'ellas. Deixou-se o padre illudir da franqueza do offerecimento, e acceitou-o afim de fazer d'essa expedição degrau para a conquista do grande rio. A 13 de dezembro d'esse anno partiu com effeito o padre com trez companheiros e viajou pelo *Tocantins*, fazendo muitas conversões e obrando grandes coisas, como tudo dá conta ao padre provincial do Brasil em carta, ou quasi roteiro, que se acha no primeiro tomo das suas obras, e ainda melhor na que transcreve o padre José de Moraes nos capitulos II e III, pag. 449 *usque* 470 da sua *História*.

Discorrendo a missão pelo *Tocantins*, gastou sete dias até encontrar da parte direita o rio *Tocanhonha*, que tem o nome da nação «que, de mistura com outras, d'elle bebe. São todas barbaras e com fama de guerreiras.» Na sua foz, encontra-se uma ilhota de areia, viveiro de tartarugas. «Acharam os nossos na margem algumas pedras como as que chamam de aguia, do tamanho de ovos, com miolo dentro, cuja massa affirmavam os indios ser admiravel remedio contra febres.» Houve discordia entre os padres e o cabo da expedição, que, attentando contra a liberdade dos indios, desobedeceu ao padre Vieira, e não consentiu descessem os convertidos; e assim ficou mallograda aquella missão, depois de tantos e tão grandes trabalhos de jornada, sem que podessem os padres trazer comsigo as ovelhas d'aquelle immenso rebanho. Como não ficaria maguado com tamanha ousadia do cabo o padre Vieira, elle que era de ânimo tão irascivel e orgulhoso!... Desconsolado o padre, se partiu, logo que chegou á capital do Pará, para o Maranhão, a esperar novo governador.

Fundação das aldeias do Espirito-Sancto e de Gurupá

No seguinte anno, sendo já fallecido o capitão-mór do Pará, foi o padre Francisco Velloso n'esta missão, e logrou trazer comsigo para mais de mil indios, com os quaes fundou a aldeia do Espirito-Sancto na ilha do Sol.

Chegado que foi o padre Vieira ao Maranhão, partiu para Lisboa, onde foi bem acceito e ouvido pelo rei, voltando para o Maranhão despachado com toda a promptidão. Ahi já achou no govêrno a André Vidal de Negreiros, que muito o auxiliou na fundação da aldeia de *Gurupá* e entrada do rio Amazonas.

Missão ao Amazonas

Antes de dar comêço a esta grandiosa empreza, mandou o padre Vieira como exploradores cento e tantos indios, libertados pela juncta de missão de que fazia parte, para que com alguns missionarios se espalhassem pelas aldeias do rio Amazonas e de seus conffluentes a explicarem aos indios as intenções do rei e o fim da missão dos padres da Companhia. E assim, desembarcando em Camutá, foram discorrendo pelas aldeias, para tomarem canoas e outros indios que os transportassem e servissem de embaixadores em todos aquelles sertões.

No cap. v, liv. vi, da sua *História*, occupa-se o padre José de Moraes de relatar os primeiros descobrimentos do rio Amazonas, fundando-se para isso nas observações de La Condamine, que, diz o author, fôra seu hospede d'elle por occasião da expedição scientifica que emprehendêra. Nos seguintes capitulos passa a descrever geographicamente aquelle rio e os que desembocam n'elle; mas como hoje estejam muito mais conhecidas, e tidas

como erros as posições geographicas e certas descripções que o author traz na sua *História*, dispenso resumil-as, citando apenas as dactas das fundações das missões da Companhia.

Missões dos jesuitas

Fez o padre Vieira a sua primeira missão ao rio *Mojú* em 1653, e depois d'elle foram outras realisadas por diversos missionarios, sendo uma d'ellas a de 1724, em que fundou o padre Marcos Antonio Armulfini uma aldeia na cachoeira chamada *Taboca*.

Na bocca do Amazonas, subindo, á mão direita, tinham os padres duas aldeias no sitio chamado *Camutá-tapéra*, sendo uma com a invocação de S. Pedro e outra com a de S. João Baptista. Depois reduziram-n'as a uma só, que, por occasião de a dizimar a peste das bexigas, mudou-a o padre Manuel Nunes para *Parajó* ou *Parejó*, que hoje é a cidade de Cametá. Entrando pelo rio *Araticu* acima, á mão direita, jazia a aldeia dos *Bócas*, hoje villa de Oeiras. Defronte da ria, e onde está situada hoje a villa de Melgaço, havia a aldeia de *Guaricuru* dos indios *nheengaibas*, que se gloriavam de ter sido reduzidos pelo padre Vieira.

Cêrca de duas leguas da foz do rio *Pacajá* existia na terra firme a aldeia de *Arucará*, hoje villa de Portel. Na foz de *Tauré*, onde hoje é villa de Arraiolos, havia uma aldeia de indios.

Entrando pelo *Xingú*, logo na bocca, á mão esquerda, está o povoado de Carrasêdo, outr'óra aldeia *Arajipó;* e da mesma parte, mais duas leguas, a freguezia de Villarinho do Monte, onde era a aldeia de *Cavianá*, ambas dos religiosos de Sancto Antonio da Piedade. Mais duas leguas distantes da Boa-Vista, e do mesmo lado, estanceia a villa do Porto de Móz, onde era a aldeia de *Muturú* dos

mesmos religiosos; e d'ahi a nove leguas, do mesmo lado, havia a aldeia de *Itacuruçá*, dos padres da Companhia; onde hoje é villa de Veiros; e mais adiante a de *Piraniry*, hoje villa de Pombal; e trez leguas mais acima a aldeia de *Aricary*, agora villa de Souzel. Onde é hoje villa de Almeirim, outr'óra existia a aldeia de *Parú*, dos religiosos de Sancto Antonio. Na embocadura do rio *Jary* havia uma aldeia d'este nome, hoje extincta povoação de Fragoso; e no Amazonas, adiante da villa de Almeirim, antiga aldeia de *Parú*, está o lugar do Outeiro, outr'óra aldeia *Urubuquára;* e adiante d'esta havia outra, de que hoje não ha notícia, então chamada de *Jaquaquára*, seguindo-se a ella a aldeia de *Gurupátuba* (villa de Monte Alegre), e defronte d'ella a de *Guruçary*. Onde hoje é a villa de Alemquer existia a aldeia *Surubiú;* adiante a de *Curubá*, (villa de Obidos) reunida a outras duas pequenas aldeias, que eram dos religiosos de Sancto Antonio da Piedade.

Na foz do rio *Tapajóz*, onde era antigamente a aldeia dos *tapajóz*, é hoje a cidade de Santarem, e no mesmo rio a aldeia *Borary* (villa do Alter do Chão), e defronte a aldeia de *Cumarú* ou *Arapiuns* (Villa-Franca), e adiante a aldeia dos *Tupinambaranas*, hoje Villa Boim, ainda subindo mais por esse rio topa-se com a villa de Pinhel, outr'óra aldeia de S. José ou de *Matapus*.

Acima e quasi fronteiro ao rio *Tapajóz* fica o rio *Trombetas*, a que os indios chamavam *Oriximina;* e em distancia de quinze leguas, subindo pelo Amazonas, dá-se vista com o *Janundás* ou *Nhamundá*, em cuja fóz havia a aldeia do mesmo nome, hoje villa de Faro, e que foi tambem fundada pelos padres da Companhia. No rio *Guatumá* ou *Uatumá* havia uma aldeia dos mercenarios. Na foz do *Urubú* tiveram os mercenarios outra aldeia, que é onde hoje está a villa de Silves; e na do *Paranámirim*

está a villa de Serpa, onde era aldeia dos padres, e quinze leguas acima, ficava a aldeia *Trocano* (villa de Borba). No *Madeira* fundaram os jesuitas uma fortaleza, sob pretexto de impedirem as invasões dos indios *muras*; mas com intento occulto de tomarem o Amazonas á corôa de Portugal, como nas missões do Paraguay claramente o mostraram, resistindo com mão armada a Portugal e á Hespanha.

No *Rio Negro* havia uma aldeia abandonada *(tapéra)* dos indios *teromás*, onde hoje é uma freguezia, dicta do Airão, e acima d'esta a aldeia de Sancta Rita da Pedreira, que depois foi villa e hoje freguezia com a mesma denominação. Estas aldeias do *Rio Negro* eram dos carmelitas.

A oito leguas da foz do *Rio Branco* está a freguezia de Sancto Alberto de Carvoeira, outr'ora aldeia de *Aricary*. No *Rio Negro* topa-se a aldeia de Sancto Angelo (freguezia de Poyares), e mais ávante cinco leguas com Barcellos, outr'ora aldeia de Sancto Elyseu de *Mariná*. D'esta aldeia sóbe-se, vinte e cinco leguas rio acima, até á aldeia do principal *Cabuquêna*, (freguezia de Nossa Senhora do Carmo de Moreira), e d'ahi á aldeia *Bararuá* (villa de Thomar) vão outras vinte e cinco leguas. Cinco leguas acima d'esta estava a aldeia de S. José de *Dary* (Lamalonga) ou Nayo. Duas leguas acima da foz do rio *Padandry* (outro Rio Branco, segundo o author), havia a aldeia de Nossa Senhora do Nazareth de *Avidá* (Boa-Vista?), e a trez leguas o povoado conhecido hoje com o nome do Loreto ou *Muçaraby*, e defronte o povoado de *Castanheiro Novo*, antigamente Sancto Antonio do Castellinho. Quarenta leguas acima, no *Rio Negro*, fundaram os padres a aldeia de *Gujuratuba*, que depois mudaram para o rio *Coary*, onde hoje está assentada a freguezia de Arvellos. No rio *Teffé*, em um lago que ha na sua foz, estavam duas aldeias de indios, que reunidas constituiram a que

hoje se chama cidade de Teffé. Subindo de *Puraguary*, rio acima, em distancia de setenta leguas, encontrava-se a aldeia do *Trocatuba* (Fonte Boa). No Amazonas, vinte leguas acima da bocca de *Xatay*, fica a aldeia de *Muturá* (hoje freguezia). A cincoenta leguas da foz do rio *Putumazo* uma aldeia de *S. Pedro de Tucanas*, e adiante a de *S. Paulo*, que hoje reunidas constituem S. Paulo de Olivença.

No cap. XI do liv. VI termina o padre José de Moraes a sua *História*, declarando que foi «o que póde com grande risco salvar do infeliz naufragio que padeceu toda a Companhia de Jesus;» porque a segunda parte de seu trabalho, e pelo que dá a entender a mais importante e curiosa, perdeu-se no confisco do collegio do Pará, a que se procedeu por occasião da expulsão dos jesuitas.



RELAÇÃO ANNUAL

DAS

COISAS QUE FIZERAM OS PADRES DA COMPANHIA

PELO PADRE FERNÃO GUERREIRO [1]

Esta obra, estimada pela pureza e elegancia de sua linguagem, e, ainda mais, pela escassez dos exemplares completos, occupa-se das coisas do Japão e da Ethiopia com bastante desenvolvimento; mas quando tracta do Brasil contenta-se de o fazer no liv. II do tom. II e liv. IV do tom. IV; havendo n'elles pouco que aproveitar para meu intento, além de achar-se esse pouco já impresso da pag. 502 á pag. 556 do tom. II das *Memórias para a História do extincto Estado do Maranhão*, util e valiosa collecção de obras raras e algumas inedictas, que o erudito sr. senador Candido Mendo de Almeida colligiu, annotou e deu á luz, [2] tornando-se portanto escusado resumil-o, e con-

[1] 5 tomos impressos de 1602 a 1611.

2 Já estava impresso o resumo da *História* do padre José de Moraes quando tivé o prazer de lêr a introducção com que s. ex.ª faz preceder suas *Memórias*, que de contrário modificaria em parte minhas opiniões, assim como substituiria a nota que se refere á descoberta e publicação d'essa obra, declarando, como agora o faço, que foi por indicação de s. ex.ª exarada nas instrucções por que devia guiar-se o poeta A. Gonçalves Dias na commissão de que o encarregára, em 1854, o ministro do imperio, ex.^{mo} vis-

tentando-me apenas a dar notícia do seu contheudo no que concerne aos jesuitas no Brasil.

No tit. II do tom. II, dá conta de como foi Martins Leitão á Parahyba acompanhado dos padres, e Mascarenhas ao Rio Grande do Norte, mandando o governador Diogo Botelho Alvaro de Carvalho para sujeitar os indios *goyamures*.

Depois de occupar-se «dos fruytos que fazem os padres n'esta provincia» (Brasil) e de algumas missões ao sertão, descreve n'outro capitulo algumas saidas que fizeram a outras partes; no cap. V tracta da aldeia dos Reis Magos da capitanía do Espirito-Sancto, e no VI dos damnos causados pelos *goyamures*.

Fallando no liv. IV do tit. V, ácerca das missões aos *carijós* e *tapuyos*, diz que vivem aquelles na capitanía de Santos, em S. Vicente, para a banda do sul até intestar com o Rio da Prata, espalhados em distancia de cem leguas, margeando a costa e os rios, como tambem duzentas leguas pelo sertão a dentro. Escolheu o provincial a Fernão Cardim para a missão aos *carijós*, levando comsigo os padres João Lobato e Jeronymo Rodrigues. Partiram estes por mar com dez ou doze indios domesticados. Perdem a canoa; mas chegados a Cananéa constroem outra, em que se foram a Piranaca, onde tambem chegaram trinta e tantos homens de uma náu da frota de Castella, e

conde do Bom Retiro, para colligir documentos historicos, que fez-se a cópia d'aquelle trabalho do jesuita, como tambem que a quantia decretada pela assembléa do Maranhão para compra de duzentos exemplares da obra foi muito inferior ás despezas feitas pelo mesmo ex.^mo sr. com essa publicação. Factos são estes tão particulares e individuaes, que, a não os ter agora referido s. ex.ª, ainda os ignorava. Folgo tanto mais de os registrar, quanto de agradecer a s. ex.ª a maneira benevola e cortez com que tractou-me em seu importante escripto, provando d'est'arte que não quer que seus assertos sejam infalliveis, nem o desvaira o estulto orgulho que o impelliu a aggredir brutalmente aos que não juram em suas palavras ou não o lisongeam.

de uma urca flamenga, que tractaram bem aos padres. Onze leguas d'alli fica o rio S. Francisco (S. Francisco Xavier da provincia de Sancta Catharina), mas antes d'elle está o rio *Guaratina* «onde se tomam muitos *goyages*» (guarás); —Encontraram-se com indios *carijós*. D'alli foram ter ao rio *Itapocú*, entrando na ilha de Sancta Catharina no dia de S. Lourenço. Seguiram depois para o primeiro porto dos *carijós*, chamado de *D. Rodrigo*, levantando ahi uma cruz. Passados dois dias que eram ahi chegados, foram visitados de alguns *carijós*. Continuando depois em sua jornada virou-se a canoa em que iam os *carijós*, perdendo-se a roupa, livros e mais objectos dos padres, salvando-se unicamente uma caixinha do padre José d'Anchieta, não soffrendo avaria quanto pertencia ao padre, acontecendo até que foi comido dos bichos um cartapacio, menos a folha onde o padre José havia escripto um hymno.

No dia 24 de agosto (S. Bartholomeu), já de vespera, desencadeiou-se sobre uma aldeia onde se achavam e tinham levantado egreja, furiosa tempestade de moscas que perturbam os padres até por occasião da celebração da missa. Ahi demoraram-se os padres até 26 de novembro de 1606.

Tractando o padre José de Moraes na sua *História da Companhia de Jesus*, com tal qual individuação dos padres Figueira e Pinto, acho ocioso extractar d'este author o que relata quanto ao que aconteceu a estes jesuitas, e passo a resumir outros chronistas.

VIDA DO PADRE JOSÉ D'ANCHIETA

O primeiro que escreveu a biographia d'Anchieta foi o padre Pedro Rodrigues, que foi provincial do estado. Sebastião Beretario, por ordem do geral Aquaviva, escreveu sobre esta, em latim. Publicada em 1617, foi traduzida tambem em hespanhol pelo padre Paternina e impressa em Salamanca. Os milagres, porém, tinham crescido com o andar dos annos. Commetteu-se a nova obra ao padre Ignacio de Siqueira, que adoeceu e morreu. Depois ao padre Matheus Dias, que indo a Angola na companhia do governador Simão de Souto-Maior, foi morto pelos hollandezes. Emfim, confiou-se a obra a Simão de Vasconcellos (1661), que a publicou em 1672 — Ha mais sobre o assumpto; NIEREMBERG — *Varões Claros* — 1513 — JOÃO BURGUESIO DO PATROCINIO *Virginit, in Soc. Jesu* — JACOB BIDERMAN, liv. I, *Epygramas* — 120 — JACOB DAMÃO — *Synopsi*, liv. V.

Segundo o padre Simão de Vasconcellos, era Anchieta natural de Tanarife — o pae biscainho, a mãe canarina. Nasceu em 1533. Indo estudar a Coimbra, onde, segundo parece, foi condiscipulo do bispo D. Pedro Leitão, entrou para a Companhia de dezesete annos de edade. Da muita

oração, ou antes, como querem outros, da pancada de uma escada, começou a soffrer da çolumna vertebral «aleijão disforme no espinhaço e costellas, ficando o corpo a uma parte penso.»

1553

É mandado ao Brasil com o terceiro soccorro que lá ia levado pelo padre Luiz da Gram, reitor que fôra do collegio de Coimbra. N'este ponto, traduzindo Vasconcellos a *Arcanthologia* de Godofredo, diz do clima do Brasil: «Gosa o Brasil de ares bonissimos pela razão de ventos mui suaves que n'elle quasi sempre aspiram.»

«É abundante de fontes, rios e bosques, variado suavemente de valles e outeiros, e revestido de verde sempre aprasivel.»

Exprimem-se nos mesmos termos de louvor do clima do Brasil: Maffei no liv. II da sua *História Indica*, Piso na *Descrip. Bras.* e no *Theatrum Orbis*, etc.

Tractando o padre Simão de Vasconcellos em especial do clima da Bahia nos liv. I e III, n.º 14, diz: «O clima é o melhor de todo o Brasil, e conseguintemente o maior de todo o universo, puro, vital, de uma primavera sempre perenne, onde raramente se sente frio ou calma.»

Vem a proposito reconsiderar o caso de Bóles, que o merece, pois que mataram-n'o sem motivos mui poderosos e com censuravel crueldade. Que elle fosse argumentador, como todos os lutheranos n'aquelle tempo, nem lhe ponho muita dúvida que invectivasse o padre Luiz da Gram, criminando-o por prégar a palavra de Deus aos de fóra, deixando os de casa; mas ha ahi motivos ou pontos de accusação que dessem de si tamanho excesso?

São dignos de reparo os termos de que se serve Simão de Vasconcellos no liv. IX, cap. XVI. n.º 5 e seguintes:

«Chegaram, diz elle, estas noticias ao padre Luiz da

Gram, que estava em Piratininga, e incontinente se partiu para acudir ao principio d'esta peste (a heresia?), que quando appareceu, tinha logo infeccionado as povoações maritimas, levando após de si a gente ignorante...»

Ha exaggeração manifesta no chronista para desculpar o barbaro *assassinato* de Bóles.

O mesmo foi chegar o padre Luiz da Gram que declarar-se nos pulpitos, nas praças, no público, no secreto, e confutar as heresias de um homem tão atrevido.

Affrontado cara á cara, quando ousava mostrar-se para ouvir a prégação do padre, irritado n'essas occasiões, tentou Bóles applacal-o. Paternina diz claramente que elle procurára por todos os meios as boas graças do sacerdote intolerante! Eis as proprias palavras d'este author que o appellida João de *Bouller*: «Y tenia gracia de entretener una conversacion. Decia dissimuladamente entre sus gracias, alcunas que mordian en la autoridad del Sumo Pontifice, en el uso de los sacramentos, en el valor de las indulgencias, y en la veneracion de las imagines.... procurò escusar con el atrevimiento su peligro. Tuvo traça para aplacar al padre Luis de Grana y carteóse amigablemente con el, como un hombre docto con otro, y comunicole muchas opiniones theologicas, professandose siempre en las palabras *enteramente catolico* (note-se bem). Peró aunque entonces vistio piel de oveja nunca desnudò el alma de lobo... Para atajarle, el tribunal eclesiastico prendio al hombre, etc.» (Paternina, liv. II, cap. VIII [1]).

Por esse tempo em que escrevia o padre Simão de Vasconcellos, battia-se moeda de ouro em S. Vicente, que eram por isso chamadas *S. Vicentes*.

Uma vez fundado o Rio de Janeiro, foi Anchieta feito

[1] Vid. o que referi a respeito do caso do infeliz Bóles na pag. 158 do tomo I d'esta obra.

reitor do collegio de S. Vicente, isto pelo anno de 1569, segundo seu biographo, e alli permaneceu até 1573, quando o provincial Ignacio de Tolosa o quiz transferir para o mesmo cargo no collegio do Rio de Janeiro.

Alludindo o bispo Leitão á voz insinuante e persuasiva, e á excellente práctica do evangelico padre Anchieta, dizia «que mais gostava de ouvir este só *canario* cantar em seus sermões, que todo o bando de prégadores.»

Começaram desde esse tempo os milagres d'Anchieta, sendo o mais notavel d'elles o do engenho dos Erasmos, mercadores flamengos. Tambem era exemplarissimo, e não se poupava a fadigas nem recuava ante perigo algum para converter gentios e chamar ao redil de Christo as almas desgarradas.

Vem aqui a talho reproduzir do chronista a narração dos trabalhos a que se entregavam os missionarios nas suas jornadas pelos sertões: «Caminhavam a pé com seus bordões nas mãos; levavam o seu breviario, ornamentos sagrados, agulha para rumos e alguma companhia de indios mansos, já baptisados, em cuja experiencia livram os caminhos, e em cujo arco a provisão do sustento da vida. Com suas flexas que caçam, e pescam tambem algumas vezes. As fructas das arvores, as hervas dos campos, a agua dos rios, o mel silvestre, e, sobretudo, a Providencia do Creador, não faltam. D'esta maneira vão cortando os mattos, abrindo muitas vezes o caminho humano á foice, não sem perigo de féras, serpentes peçonhentas e selvagens traiçoeiros. Depois de verem no caminho as contrariedades de uma, duas e mesmo tres horas, dão tudo por bem empregado quando começam de divisar signaes, que levam destinados, das arvores ou bosques onde habitam as gentes a que são enviados.» (Liv. III, cap. VI, n.º 7.)

Foi esta a lide d'Anchieta emquanto esteve em S. Vicente; accrescendo mais, que nas suas frequentes jorna-

das d'ahi para Itanhaem, que demorava a oito leguas, jejuava em todas ellas, como por devoção.

É a praia d'esta costa, por onde caminhava Anchieta, tão aspera e dura, que um carro bem carregado não deixa signal n'ella, e é communmente empachada de armações desfeitas de baleias, que dão alli á costa, e cujos ossos perturbam, impedem a praia e fazem o caminho mais difficil.

«Jámais n'estas tão frequentes missões andou a cavallo, nem ainda em rêde, costume este do Brasil, mas sempre a pé, com seu bordão na mão, e, postoque começava as viagens calçado, e em passando lugares publicos ou vendo gente, mas descalçava-se logo e continuava com os pés nús. Era com tanta pressa seu caminhar, quer por praias, quer por desertos, por mais fragosos e asperos que fossem, que os mesmos indios, em exercicio perpétuo e por mais andejos, admiravam-se d'isto, dizendo que parecia que voava. Por causa de seus grandes caminhos trazia os pés cheios de grossos callos.»

1569-1583

Habitavam os indios *maromonis* com mais especialidade a capitanía de S. Vicente, estendendo-se por uma parte duzentas leguas sertão a dentro, e outras tantas até chegar á povoação de S. Vicente.

Andavam nús; não eram anthropophagos e tinham alguma lavoira, embora fossem essencialmente caçadores, d'onde vinha-lhes maior inconstancia que nas outras nações, e usando de uma lingua facil de aprender aos que sabiam a geral. Diz Paternina (liv. IV, cap. I) que Anchieta começou uma grammatica e vocabulario d'esta lingua, porém coisa imperfeita, e que o padre Viegas a com-

pletou, ou antes ampliou e concluiu, pondo mais na mesma lingua um catechismo da doutrina christã.

Era Anchieta ainda irmão quando os padres livraram um indio mancebo das mãos de seus contrarios, que o tinham á corda. Vendo-se o indio livre foi-se para os seus; mas, passados muitos annos, voltou com muitos a procurar Anchieta em S. Vicente.

Foram Anchieta e o padre Manuel Viegas ao capitão-mór, que lhes designou terras em Bertioga, que, demarcadas, aldeiaram-se os indios e ficou entre elles o padre Viegas. Tinham, porém, todos este trabalho como baldado, attenta a inconstancia d'elles, e quasi que reprehendiam aos padres de se occuparem de coisas, das quaes não podia resultar fructo. E assim era, que fugiam para os mattos, onde as saudades os levavam; mas os commodos da vida os traziam de novo. Como não eram castigados sentiam-se por isso livres e ficavam da melhor vontade. Assim foram vindo a pouco e pouco, e por fim todos, o que vem ainda mais reforçar a opinião dos que sustentam que por meios brandos ter-se-hiam reduzido os nossos indigenas.

Estabeleceram-se em grandes aldeias, no termo de S. Vicente, porém mais particularmente nos ferteis campos de Piratininga. No tempo em que Simão de Vasconcellos escrevia, achavam-se mudados d'ellas para as do termo do Rio de Janeiro, que então floresciam.

Nos ultimos tempos do reitorado d'Anchieta havia já sete annos que um grande número de moradores de S. Paulo tinham partido com outros das aldeias convisinhas ás partes remotissimas a fazerem guerra ás nações barbaras. Ao voltarem disse-lhes Anchieta: *Eropita Boyaimorebo* (faze parar os teus companheiros aqui sobre nós), e isto acompanhava de acenos para que melhor o entendessem; e o mais notavel é que conseguiu chamal-os a si.

Passou Anchieta em S. Vicente os annos de 1569 a 1578, trazendo-o n'este último anno o provincial Ignacio de Tolosa, que andava em visita, para o collegio da Bahia.

Teve patente do provincial para reitor do collegio da Bahia; mas se tinha elle posto em lugares tão baixos, disformes e despreziveis, que, levados alguns das apparencias, começaram a fazer reparo n'esta patente, dizendo: «*que sería menos reputação de um collegio tão authorisado metter por superior d'elles religioso tão desprezivel, quebrado de costas, e de menos respeito aos olhos dos homens*. Em resposta d'isto mandou-lhe o geral da Companhia patente de provincial do Brasil.

Estava Anchieta na ilha de Itaparica quando recebeu chamado de Tolosa. Na mesma hora em que chegou de volta á Bahia reuniu a communidade, leu-lhe a patente dada por Everardo Mercurianno; e como soubesse das murmurações que lavravam, lançou-se aos pés de seus subditos, beijando-lh'os em joelhos e pedindo-lhes ajuda de suas orações para poder levar a carga que a obediencia lhe impozera. Entrou para este cargo em 1578, sendo na ordem chronologica o quinto provincial que teve a provincia; sendo o primeiro Manuel da Nobrega, o segundo Luiz da Gram, o terceiro Ignacio de Azevedo, o quarto Ignacio de Tolosa, e, finalmente, o quinto José d'Anchieta.

Foi o seu govêrno suave e cheio de brandura, e dizia que o superior não é seu, senão dos subditos e do povo, e que estava sempre prompto a ouvir suas necessidades.

No seu govêrno fez o padre Gregorio Serrão profissão solemne de quatro votos. Serviu de reitor no collegio da Bahia, sendo transferido para o do Rio, a ver se com a mudança melhorava de saude.

Arribou ao Espirito-Sancto o navio em que ia, e o padre alli morreu.

Foram muito antes a Pernambuco o padre José d'An-

chieta e o padre Luiz de Affonseca, seu secretario, por nomeação de Roma: mas faltam-me relações d'esta viagem, e só pude colher que, concluida ella, foi Anchieta visitar as capitanías do sul; que esteve em Porto-Seguro, depois nas do Espirito-Sancto e Rio, d'onde era administrador ecclesiastico o padre Bartholomeu Simão Pereira, concluindo por fim a visita na de S. Vicente.

Em 1583 acompanhava Fernão Cardim ao padre visitador Gouvêa, como seu socio. N'este anno, segundo parece, partiram elles do Rio para S. Vicente; mas antes fizeram-se festas na aldeia de S. Lourenço (Rio de Janeiro). O irmão Manuel do Couto tinha preparado uma comedia em louvor do sancto; porém a muita chuva a impedia, senão quando Anchieta conseguiu pelas suas orações que fizesse bom tempo.

1585-1587

Concluida a visita ás partes do sul, voltaram todos á Bahia, e no caminho cae o padre Ignacio de Tolosa gravemente enfermo, e a ponto de se consultar em Cabo-Frio se não sería melhor arribarem ao Rio para darem sepultura condigna a um sujeito tão grave. A viagem foi tormentosa; mas chegam á Bahia, tanto os dois como o padre Ignacio de Tolosa.

O padre João Lobato, varão veneravel e tido por sancto, conforme Simão de Vasconcellos, principía cedo a patentear suas virtudes. Achando-se enfermo e de cama, pediu ao padre visitador que pois servira oito annos, o livrasse do cargo, e deixou o provincialado n'esse anno de 1585, isto é, occupou-o de 1578 até 1585, succedendo-lhe o padre Marçal Beliarte, que proseguiu o officio por sete annos.

Foi mandado em 1586 para o Rio de Janeiro, cuja col-

legiada, com as das capitanías de S. Vicente e do Espirito-Sancto, era governada pelo padre Fernão Cardim. Melhorou ahi, e em 1587 passou-se ao Espirito-Sancto, para a aldeia de *Rerigtyba*.

D'esta aldeia escrevia Anchieta ao padre Ignacio de Tolosa: «o padre provincial mandou-me licença que estivesse em qualquer parte da provincia onde bem me approuvesse; não quiz tanta liberdade, porque podia ser causa de cegueira, e eu errar o caminho, não sabendo o homem escolher o que lhe convém. E fôra grande desatino, havendo quarenta e dois annos que deixei em tudo a livre disposição de mim nas mãos dos priores, querer agora, no último periodo de minha vida, dispôr de mim. Puz-me nas mãos do padre Fernão Cardim, reitor do collegio do Rio de Janeiro, e ordenou este nosso irmão que eu acompanhasse o padre Diogo Fernandes n'esta aldeia de *Rerigtyba*, para o ajudar na doutrinação dos indios, com os quaes *me dou melhor do que com os portuguezes.*»

Fez-se na Bahia, em 1591 ou principios de 1592, a congregação provincial, para enviar-se procurador a Roma, recaindo a escolha no padre Luiz da Fonseca, se bem que estivesse presente a ella o padre Anchieta, um dos mais antigos professos. Logo que foi a congregação terminada, voltou Anchieta para sua aldeia. Sabe-se que o padre Fonseca desempenhou bem sua missão.

1593

Mandou n'este anno o provincial Marçal Beliarte carta a Anchieta, que por serviço de Deus e bem da Companhia tomasse o govêrno da casa e residencias do Espirito-Sancto, como seu superior.

Era a capitanía do Espirito-Sancto por este tempo fertil em indios, havendo d'elles muitos milhares em quatro al-

deias: *Rerigtyba*, *Guarapary*, *S. João e Reis Magos*. Succedeu n'este mesmo anno que entrasse no Espirito-Sancto o padre João de Almeida para ser discipulo do *grande mestre*.

1594-1597

N'este anno ha guerra na capitanía do Espirito-Sancto entre o gentio *goytacaz*. «Em corpo agigantados, diz o chronista, destros no arco, inimigos de todas as mais nações e tragadores sobremaneira de carne humana, de cujos ossos faziam grandes montes em seus terreiros. O districto que habitavam era pequeno, dentro dos termos do rio Parahyba e Macahé, sítio, porém, horrivel e inexpugnavel, porque em vez de montes, communs aos mais *tapuyas*, viviam quaes crocodilos nas aguas de grandes lagôas, de que abundavam seus campos, chamados por isso dos *Goytacazes*, em choças de palhas, fundadas cada qual sobre um esteio de páu mettido na areia; por mór segurança de seus contrarios, cercados sobretudo de mattas espessas e charcos inaccessiveis. D'estes lugares saiam a dar assaltos nos caminhos e praias, sem que podessem ser accommettidos senão com grandes difficuldades, e em tal caso appellidavam as nações das serras em seu favor, todas féras e barbaras, que só para effeitos similhantes consentiam entrar nos districtos dos *goytacazes* e vinham ajudal-os em bandos, e quando acaso se viam em perigo acolhiam-se em suas lagôas, e, nadando, se mettiam nas casas, d'onde nem a pé, nem a cavallo, podiam ser accommettidos.»

Em 1594 os moradores junctam suas fôrças, e vão em bandeira sob as ordens de Miguel de Azevedo.

Dá Anchieta fim em 1595 ao seu superiorado, mas já tão gravemente enfermo, que todos o criam morto. Volta a *Rerigtyba;* d'ahi vae ao Espirito-Sancto, onde melhora.

Teve, porém, nova ordem que ficasse superior da casa e residencias até chegar o padre Pedro Soares, que o ia substituir. Serviu assim cinco ou seis mezes, quando pôde tornar-se á aldeia de *Rerigtyba*, onde o recebem os indios em grandes prantos, o que o impressionou, embora fosse o costume d'elles com os hospedes.

A 9 de junho de 1597 deu o padre José d'Anchieta sua purissima alma ao Creador, tendo então sessenta e quatro annos de edade, dos quaes passou quarenta e sete na Companhia, e d'estes quarenta e quatro no Brasil. Foi seu leito de agonia rodeado n'esta hora solemne de cinco sacerdotes religiosos, filhos e discipulos do collegio.

Era o padre José d'Anchieta de estatura mediocre, diminuto de carnes, de côr trigueira, olhos mui azulados, testa larga, nariz comprido, barba rara, e no semblante, alegre, amavel e inteiro.

Caminhou o prestito, conduzindo seus despojos mortaes ás costas, por quatorze ou quinze leguas, sendo o saimento acompanhado de todos os indios da aldeia. O cadaver d'Anchieta, com vestes sacerdotaes, foi mettido em uma arca.

Logo que foram chegados á villa, sairam a recebel-os o capitão Miguel de Azevedo, e o loco-tenente do bispo, ou antes administrador ecclesiastico, padre Bartholomeu Simões, que acompanhado do clero, dos religiosos de S. Francisco, que alli tinham casa, e dos irmãos da misericordia, todos com tochas accesas, estes o tomaram em um esquife muito rico e o levaram á egreja dos jesuitas, onde foi sepultado na capella de Sanct'Iago, juncto ao corpo do padre Gregorio Serrão. Houve tres nocturnas, prégando n'essas solemnidades o padre Bartholomeu Simões; e dando o immenso concurso viva demonstração de sentimento e dó.

Depois da sua morte começou o evangelico Anchieta a

obrar muitos milagres em tódas as capitanías do Brasil. Eis como se expressa sobre este assumpto o padre Simão de Vasconcellos: «Tudo quanto é dores allivia, advogado das febres, de partos e apostemas, domina o elemento da terra e seus animaes; o mar, rios, fontes e chuvas, os animaes das aguas, o fogo, o ar e seus animaes; domina sobre a cabeça, olhos, queixos, bocca, dentes, garganta, peitos, costas, entranhas, mãos e pés, sobre a saude em geral, sobre a vida, sobre as almas, sobre os bens da fortuna.» Accumula assim o author tantos milagres, como se um só não bastasse para dar testimunho de sua beatificação [1]!



[1] Vid. sobre Anchieta o que ficou dito nas pag. 62, 69 e 159 do tom. I d'esta obra.

DÁ NOTICIA

DOS

SUCCESSOS E EXPULSÃO DOS P.P. DA COMPANHIA

Authora a VERDADE

MS. extrahido da pag. 169 á pag. 260 das Obras de varios authores [1]

Contém esse trabalho, em resumo, ácerca da primeira expulsão dos jesuitas do Maranhão, e de que enviei cópia integral ao Instituto Historico e Geographico do Brasil o seguinte:

Fica o Maranhão na terra que corre a costa do Cabo de Sancto Agostinho para o oéste, entre a capitanía do Ceará e a do cabo do Norte. Dista a capitanía-mór do Gran-Pará do Maranhão cento e cincoenta leguas. Computa o author anonymo a população portugueza da cidade de S. Luiz em setecentas almas. Explica esse limitado número de habitantes dizendo que — povoam os moradores portuguezes suas lavras distantes umas das outras, e poucos residem nas villas e cidades, e portanto, afastados do tracto em commum.

[1] Este trabalho faz parte de um volume manuscripto pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde está classificado sob n.º E—5—53 e tem por titulo *Obras de varios authores*. Vid. na nota B *in fine* o indice do que contém esse precioso volume de manuscriptos, bem como notícia d'outro que tambem descobri na mesma bibliotheca, e que tem no rosto:— CUNHA, *Cartas para S. A. Real*, e que interessa a nossa história patria.

«Sam os indios, naturaes da terra, gente bruta e por suas inclinaçoens remissos, faltos de discurso, preguiçozos e tam inertes que nem por si, nem pelo seu procuram, nem ainda no mayor aperto das necessidades humanas, de comer, ou dormir; timidos e obedientes, ainda contra o poder, e forsas da mesma natureza: sam incõstantes e mentirosos, e tam pobres, que as suas mayores riquezas se cifram em hum arco, e frexa, huã rêde, e huã cuya, que lhes serve de pratto e copo; e sam tam covardes, e de pouco animo, que se nam atrevem a negar, ou repugnar a qualquer Branco, pera que lhes nam tome o que quizer d'esta sua pobreza, nem tem outras eleyçoens fóra daquellas pera que os inclinam; sendo subditos pela regra do senhorio, que sobre si conhecem, ou que sobre elles se tem, e suppostas estas qualidades naturaes do seu alvedrio, sam suas operaçoens pendentes do bem, ou do mal a que os persuadem ou despersuadem; sendo mais ou menos o interesse, e commodo, no descommodo proprio dos moradores Portuguezes, quanto he mayor ou menor a liberdade que têm pera se aproveytarem do sangue e serviço d'esta gente.»

Passaram os padres da Companhia a estas terras (do Maranhão) para tractarem da conversão e salvação d'estes indios; mas a despeito das próvidas, justas e convenientes leis ordenadas pelo rei em beneficio dos gentios, as authoridades e moradores, e o proprio governador, as contrariavam, e punham mil estorvos aos padres no desempenho de sua missão.

Tinham chegado por esse tempo (1661), e em dez annos, a trinta o número dos sacerdotes que se estenderam desde as terras do Ceará até os sertões do Amazonas, possuindo n'essa immensa gentilidade cêrca de quarenta egrejas, a que acudiam com grande trabalho.

O governador Pedro de Mello (1658), que, segundo o

author d'esta notícia, possuia navios, muito ambar e tantos escravos, e que por isso devia dar-se por satisfeito, era insaciavel aliás em suas cubiças, e viu com maus olhos a interferencia que lhes davam as leis nas entradas e mais negocios relativos aos indios.

Ás intrigas movidas pelos que governavam, vieram ajunctar-se a emulação e inveja dos mais religiosos, que o author, que é jesuita, pinta como ignorantes e instigadores das desordens que iam tomando calor e corpo entre os moradores d'aquellas capitanías.

Clama depois contra o modo por que eram feitos os resgates dos indios, vindo assim a morrer a mór parte d'elles: «morrem, quando os que os vendem aos portuguezes os vam buscar á forsa de armas ás suas terras, e nam consideram o estrago que occasiona o uso illicito e desordenado dos resgates, aos que escapam, aos que matam e aos que prendem; morrem ao desamparo quando os trazem por distancia de mais de quinhentas leguas, e não advertem que *todos aquelles districtos do caminho eram povoados, e estam desertos*, por causa dos mesmos resgates, que actualmente executam; morrem depois de chegados, pelo ruim tracto que lhes dam, e contínuo trabalho a que os obrigam, e nam olham que a elles lhes está acontecendo o que succedeu aos passados, e que da mesma sorte hade succeder a todos os mais que successivamente comprarem, captivarem e trouxerem taes indios,» etc. Esse iniquo tráfico era sustentado, segundo o author, pelos religiosos, que allegavam e ensinavam aos portuguezes que os indios dos sertões «sam uns selvagens alarves, que nam têm fé, nem sam capazes de a ter; que sam bichos do matto e têm almas de cachorros,» etc. Servem taes desculpas para «cevarem, segundo a *Noticia*, a sêde e ambição de mais escravos, com que ajunctem mais cabedal pera virem ao reino *agenciar ou comprar pre-*

lazias, sem attenderem aos principios do direito natural.»

Trago acinte este trecho por extenso, para que aquelles que suspiram pelos tempos passados, e os trazem constantemente para exemplo, conheçam que, a despeito dos progressos da humanidade, que tanto praguejam, sempre é melhor a geração presente do que as das eras transcursas.

Conforme a politica dos padres, de fazer intervir Deus a favor d'elles, ainda nos menores acontecimentos, attribue o author um acêrvo de calamidades que desencadeiou-se sobre o Maranhão por occasião da expulsão dos jesuitas a castigo do céu. Affirma que a colera divina manifestou-se não só na fome, na carencia de peixes, como na peste das bexigas que assolou a capitanía de um modo cruel. Para esses missionarios não é o Creador cheio de bondades e misericordia, mas sempre irado e disposto a arremessar seus raios contra os peccadores, indo assim de encontro ao que ensinam os Evangelhos. Parece incrivel, mas é certo, que o Cordeiro immaculado é lobo sanguinario em todas as chronicas e demais escriptos dos padres da Companhia; porque o terror religioso é uma de suas mais predilectas armas!

Descreve pela segunda vez o governador D. Pedro de Mello como vaidoso de sua prosapia, refalsado, injusto e malversor, vendendo a justiça e os despachos, consentindo nos adulterios e *ladroices*, tanto nos de fóra como em seus criados; perseguindo a innocencia e amparando os inimigos da honra, da verdade e da consciencia. Por este resumo vê-se claro que D. Pedro de Mello é um monstro, ao menos no parecer do author, typo talvez que alguns modernos mandões de provincia imitaram, aperfeiçoando.

Tendo elle descripto as condições da gente da terra, as qualidades dos religiosos e a fórma do govêrno, adduz mais algumas considerações, tudo sob o aspecto mais van-

tajoso para os da Companhia e em detrimento dos que lhe eram hostis, como é de praxe dos chronistas jesuitas. Entra a referir então o motim de 1661. Apenado o povo pelo bando de 17 de maio d'este anno, encorporou-se na praça com o seu juiz e procuradores, que fizeram seus requerimentos aos officiaes da camara, para que dentro do prazo de tres dias despejassem os padres da Companhia a egreja; por isso que tinham os moradores muitos aggravos d'elles.

Passaram depois a assaltar o collegio por todas as partes, tirando d'elle á fôrça os padres, que, não sendo acceitos em Sancto Antonio, levaram para uma casa. Continuando com o motim por meio de rebate no sino da camara, e de violencias (diz o author) aos que não eram concordes com os agitadores, marcharam para a aldeia de S. José, de cuja egreja retiraram os padres, deixando-a sem parocho. Encorporando-se a elles os soldados que abandonaram a guarnição das fortalezas, dirigiram-se á casa do governador, depois de commetterem excessos na do ouvidor geral, alli puzeram os mosquetes aos peitos d'este e do procurador da fazenda, e exigiram os soldos. Os moradores da capitanía de Sancto Antonio de Alcantara, não querendo ficar a dever em excessos aos de S. Luiz, arrazaram por terra a vivenda dos padres.

Inclinados os do Pará a acompanharem os do Maranhão, apresentou-se entre elles o prelado a administrar os seus bons conselhos, offertas e concertos, apontando os meios accomodados para divertir-se e compor a desordem, e assim ia conseguindo applacal-os; aporta, porém, alli uma canoa dos amotinadores do Maranhão, e a faisca do incendio ateia fogo n'aquelles espiritos já abalados, e a 17 de julho, dois mezes depois do alevantamento da cidade de S. Luiz, alborotam-se os do Pará, imitando aquelles. Formaram corpos de guarda, com sentinellas e rondas,

apoderando-se da terra e das embarcações, etc., e desrespeitando aquelles officiaes que se mostravam obedientes ao rei. No Gurupá prendem o prelado que concertava com o capitão d'esse presidio nos meios de resistencia, e o remetteram para o Maranhão. No entretanto ia na capitanía do Pará em augmento o motim, esbulhando-se os padres de todas as suas casas e egrejas, e prendendo-os, como tambem a varios seculares, em casas particulares, ficando separados uns dos outros.

Depois de embarcados, no Maranhão, os religiosos da Companhia com o seu prelado, levantou-se contenda entre o governador e o ouvidor, opinando aquelle que fosse elle julgado e recluso por traidor, remettendo-se os autos ao reino. Resistia o ouvidor-geral por não achar causa, querendo que o governador fosse quem o executasse por determinação sua e de seu despacho. Dividiu esta controversia o povo, que tirou o prelado da caravela em que estava preso e o metteu na náu, que deu logo á véla com os mais religiosos, «e de cuja passagem cobrou o governador de frete trezentos e vinte mil réis, obrigado o padre superior d'esta casa do Maranhão a deixar-lhe, antes de dar á véla, um papel, cuja minuta lhe fez a seu modo pera que João Pereira Barros, que ficou procurador do que tocava aos padres da Companhia, lhe pagasse logo o frete ou maior parte d'elle contra todo o uso e costume.»

«Temos, diz o author, os religiosos da Companhia de Jesus, que estavam no Maranhão, já nam só embarcados, mas dados á véla para o reino; os do Pará presos e tam opprimidos... tractando o povo efficazmente dos aprestos dos navios para os embarcar tambem para o reino.»

Encarece não só os vexames e violencias que padeceram os padres no Pará, como a resignação e humildade com que elles, a exemplo do prelado, as soffreram sem se lhes notar, accrescenta a *Noticia*, a minima colera ou

irritação de ver obrar, entre portuguezes contra sacerdotes e religiosos catholicos, o que jámais em tempo algum se obrou em lugares de gente que confessasse obediencia á egreja romana.

A capitanía do Gurupá, de que era capitão Paulo Martins Garro, não molestára aliás os padres que alli residiam, antes os conservava. Vendo-se os padres do Pará em completo desamparo com a ausencia do ouvidor-geral que os protegia, valeram-se de Manuel da Vide Souto-Maior, que só com os de sua casa os embarcou e levou ás occultas para a capitanía do Gurapá, onde já se achava tambem o ouvidor-geral. Quero crer que o ouvidor entrou no conluio e concêrto d'esta fuga dos padres. Sabido dos moradores o facto, destruiram as fazendas de Manuel da Vide, já que de outro modo não se podiam vingar d'elle, e depois armaram vinte e seis canoas das maiores «que se costumam na terra» com noventa portuguezes e quatrocentos indios de guerra, munições e petrechos, e assim assaltaram a praça de Gurapá, matando uma sentinella, ferindo duas e aprisionando por último os padres, que puzeram no convento do Carmo fronteiro áquella fortaleza. Insistiram d'ahi em que soltassem os criminosos detidos na fortaleza; mas, achando resistencia da parte do capitão em annuir a similhante requisição, abandonaram a 28 de março de 1662 este posto, levando comsigo os padres.

Tres dias depois aportava a S. Luiz do Maranhão Ruy Vaz de Siqueira, provido no cargo de governador-geral do estado. Tractou o antecessor, que era seu primo, de espalhar que tinha ascendencia sobre elle, e que assim melhor lograria seus intentos, vindo a princípio os actos de Siqueira confirmar de algum modo esses boatos.

Estava-se a 25 de março, proximo á Semana Sancta, occasião em que afflue á cidade grande concurso de po-

vo, e aconteceu que prégava na matriz o vigario-geral quando em S. Marcos deu a fortaleza signal de embarcação do reino. «Tocou logo o sino de motim (o da camara); largando o povo a egreja, desampararam todos a prégação, etc.»

Surgiu o novo governador no mencionado dia 25 de março no porto de Araçagy para não causarem estranheza na cidade os navios de sua conserva, que eram tres. Expediu d'alli um batel, em que vinham o padre commissario das Mercês, e os sargentos-móres do estado do Maranhão e da capitanía do Pará, e outras pessoas conhecidas e estimadas na do Maranhão, para irem dispondo os ânimos dos moradores a favor da nova ordem de coisas. Deu-lhes o novo governador cartas para a camara e para o governador destituido, participando-lhes que era chegado.

Anciosos os amotinados de sondar as disposições em que vinha o governador e se trazia padres, syndicante e soldados, dirigiram-se á capitanía uns frades, com o pretexto de irem buscar companheiros que esperavam do reino; mas foram tão de corrida que nada poderam observar. Seguiram-se a esta exploração infructifera a visita do capitão da guarda do ex-governador, que levava recado d'este ao seu substituto e que nada pôde colhêr a bordo, e as do juiz do povo e procuradores, que foram dar as boas vindas ao governador, representar-lhe que o povo ficaria alterado se visse padres ou syndicante, e pedir-lhe licença para fazerem certo requerimento. Socegou-os o governador, dizendo-lhes que não trazia padres nem syndicante, e que as ordens de sua magestade mandavam governal-os, ouvindo seus requerimentos e deferindo-lh'os conforme fosse de justiça. Com estas seguranças os despedia satisfeitos.

Não logrou melhor resultado a visita que tambem fez a bordo o governador destituido, senão que o primo saccou

d'elle todas as notícias que póde, sem comtudo abrir-se sobre sua missão. Louva o author, como jesuita que é, o modo ardiloso com que se houve Ruy Vaz de Siqueira, e faz a apologia da doutrina seguida pela Ordem, de que os fins justificam os meios. Levava o governador tão adiante este artificio, que no decurso da viagem, desde Lisboa, parecia desaffecto aos padres, e guardava certo disfarce, negando que recebesse ordens do rei sobre a materia. Acha o author *portentoso* este procedimento, o que não é de estranhar em quem vestia roupeta.

Chegou o sargento-mór no dia seguinte (26 de março) pela manhan a bordo da capitanía com a resposta da camara, declarando que estava prompta a receber a todos e a toda a hora. Á vista d'isto levaram ferro as náus e com a enchente da tarde vieram lançar ferro no porto da cidade do Maranhão. Metteu-se então o governador no batel, ao som da artilheria de bordo e da das fortalezas, e saltou em terra acompanhado só de seus officiaes. Veiu recebêl-o a camara no portão, levando-o debaixo de palio á matriz e d'ahi á casa da camara, acompanhados sempre da caterva do povo juncto pela novidade. Logo que foi apresentada a patente do seu govêrno, o juiz do povo, seguido de muita gente, entregou-lhe seu requerimento, que elle recebeu, dizendo que, com a camara, o responderia por escripto.

Com a retirada do juiz da sala entrou o povo a murmurar por não assistir seu juiz á audiencia. Disse-lhe o governador aquietasse o povo emquanto elle, que era de novo chegado, examinava da validade da sua vara. Tornou o juiz para fóra e o rumor cresceu. Levantou-se então o governador e chegando á janella pediu á multidão soccegasse, porque vinha fazer justiça. Acalmado com isto o povo, leu o governador o requerimento, e, dando entrada no tribunal ao juiz, simulou que concordava com o que

lhe requeriam ácerca dos padres. Deu-se o povo por satisfeito com tal declaração, e romperam as acclamações e os vivas. Lida a patente real, mostrou-se propenso a favonear os intentos populares, «que favorecendo, diz a *Notícia*, os afrouxou» para depois os contrariar.

Parecia ao novo governador facil a reducção d'aquelles povos, attenta a rivalidade que lavrava entre a nobreza e plebeus, e cuidava já nos meios de executar seus planos, quando chegou-lhe do Pará a notícia das desordens em Gurupá. Ordenou logo o governador juncta, que se fez em sua casa, fallando só n'ella D. Pedro de Mello (ex-governador) contra o que tinha assentado com o primo. Redarguiu o governador que Francisco de Seixas Pinto, que com elle viera do reino provido no cargo de capitão-mór do Pará, se partiria sem demora a impedir aquellas desordens ou os damnos d'ellas, levando comsigo quarenta soldados para do Pará se passarem a Gurupá, para de lá trazerem os padres, o ouvidor, o capitão da praça e Manuel da Vide Souto-Maior. Votaram uniformes os da camara, cidadãos e nobreza contra a vinda dos padres, com que fingiu annuir o governador. Tal foi o segrêdo que guardou em todo este negocio, que nem do capitão-mór do Pará, que ia represental-o alli, confiou que trazia ordem do rei para restabelecer os padres no estado do Maranhão. Apenas ordenou-lhe que convocasse juncta e n'ella procedesse da mesma fórma que o víra já practicar. Antecedêra ao capitão-mór a canoa que fôra ao Maranhão com papeis dos de Gurupá, de sorte que o povo mostrou-se satisfeito com a vinda d'elle, «enganado pelos boatos, todos favoraveis á causa dos amotinados e que espalharam os mensageiros. Confiados, pois, em que o rei não mandava ordens contra os amotinados,» que o novo governador era um coração e vontade com o seu primo D. Pedro de Mello, e que os padres continuariam retidos em uma casa: ficou o povo seguro e altivo.

Cuidando os do Pará que não tinham impedimento no embarcarem os padres, tractaram de aperceber os navios que os haviam de conduzir, quando o capitão-mór convocou juncta com o fim de que fosse ordenado que os padres se recolhessem ás suas egrejas; mas os moradores do Pará não consentiram n'isso, por emulação que tinham aos da capitanía do Maranhão, sendo para aquelles ponto de honra, que estes se lhes avantajassem na expulsão dos padres da Companhia. Observando o capitão-mór que não era ensejo propicio para mais, despediu a juncta, recommendando se abstivesse o povo do seu mal começado intento até que chegassem as ordens reaes. Censura-o no entanto o author por nem ao menos ter alliviado parte dos padres que estavam reclusos em uma embarcação.

O ouvidor-geral e Manuel da Vide Souto-Maior tinham aliás recebido aviso da chegada do governador e que o capitão-mór os mandava buscar, ficando assim livres os cercados. Os padres abandonaram logo Gurupá e desencontraram-se da tropa que o capitão-mór havia expedido para alli, e por isso avisaram estes de sua vinda um dia de jornada antes de chegarem á cidade. O capitão-mór, sabendo d'isso mandou dois commissarios fieis que os guiou para um dos navios ancorados no porto, provido de uma esquadra de soldados. Alta noite os procuraram no navio os amotinados em duas canoas; mas, vendo-se frustrados, vingaram-se em um criado de Manuel da Vide, que se recolhia ao navio e a quem deixaram muito maltractado e ferido.

No dia seguinte levou o capitão-mór a Manuel da Vide para a fortaleza, onde o deixou com mui boa guarda, para assim o preservar do furor do povo, que suppôz que era isto castigo pela protecção que dera aos padres. Voltando do navio, conduziu o ouvidor-geral para o convento das Mercês; mas o povo insistíra tanto em criminal-o que o

capitão-mór achou prudente submetter o negocio á decisão do governador.

Chegada a tropa do Gurupá e o capitão-mór d'aquella capitanía, mandou o do Pará a este para o convento de Sancto Antonio, e no dia seguinte embarcou a todos os que haviam chegado do Gurupá e os enviou para o governador-geral, sem que houvesse recebido ordens d'elle para tanto.

Despendia o governador Ruy Vaz de Siqueira o tempo que lhe sobejava dos negocios em discretear com as pessoas que o procuravam, e a quem mostrava que dentro na lei e no regimento estavam as obrigações de seu encargo, e o modo práctico de resolver todas as dúvidas e emergencias, sem que houvesse mister de ordens especiaes do rei. Desvelava-se não menos em explicar á tropa seus deveres e o que a disciplina exigia d'ella.

Procurava no entanto D. Pedro de Mello semear a discordia entre o povo e o governador, alheando-lhe as sympathias dos moradores de S. Luiz por meio das mais torpes intrigas. Com o accento da mais confidencial verdade ía conseguindo seu fim depravado, no que era acreditado pelo povo em razão de seu parentesco e apparente amizade ao governador, como a parte que tomára nos motins dos moradores.

Deu o governador na traça de D. Pedro de Mello, e querendo pôr côbro ás coisas e restituir aos padres suas egrejas antes da partida para o reino de seu antecessor, começou a chamar á boa razão a gente ajuizada e cordata, e ao mesmo tempo ordenou uma proposta para apresentar em juncta, e que era concebida em resumo nos seguintes termos: que a restituição e acceitação dos padres devia ser feita emquanto estava alli presente D. Pedro de Mello, em cujo tempo succedêra a expulsão dos religiosos da Companhia, e pelo que estavam obrigados a duas di-

vidas: a primeira ao seu rei, senhor natural, pois havendo acceitado os religiosos da Companhia por seus missionarios n'aquella conquista, e requerendo depois ao monarcha contra elles, sem esperarem pelo remedio, os expulsaram: «a segunda divida em que estavam era ao sobredito D. Pedro de Mello, que presente tinham, pois governando-os todo aquelle tempo com a satisfação e egualdade que confessavam, não só lhe desobedeceram no tocante á dicta expulsão, mas se amotinaram contra elle, como os mesmos religiosos faziam certo no reino por mais lhe aggravarem suas culpas, pelo que lhe parecia razão se desempenhassem com o mesmo D. Pedro na fórma que lhes fosse possivel, e que da grandeza de sua magestade e bondade de ánimo do dicto D. Pedro fiava que embora a satisfação não fosse equivalente ao delicto, se daria por satisfeito, vendo que antes da sua partida d'esta cidade deixava n'ella restituidos os religiosos que elles tinham expulsado, e que para este effeito elle governador lhe fazia renúncia do lugar que lhe entregára, que logo alli presente lhe largava para parte os ajudar a melhor se desempenharem, revertendo toda a glória d'esta restituição da desordem passada só para o dicto D. Pedro de Mello; porquanto elle para si não queria mais que a de medianeiro n'este bom successo e de os ver a todos livres da vida.»

Foi o governador na noite antecedente ao dia da juncta á casa de seu primo D. Pedro de Mello, a quem faz leitura da manhosa proposta, convencendo-o das vantagens d'ella e instando com elle para que tomasse o negocio sobre si, «porque a elle só tocava e convinha o vencimento d'elle, e que os moradores estavam muito dispostos para se poder esperar, e conseguir um bom e glorioso successo; e feita esta diligencia se recolheu para sua casa.»

Na mesma noite, affirma o author, mandou D. Pedro de Mello dar parte a todos os seus acostados do assumpto

da proposta, que lhe fôra communicado em segrêdo pelo primo, e que sería apresentada no seguinte dia em juncta. N'esta diligencia indigna occuparam-se toda aquella noite fr. Francisco, religioso de Sancto Antonio, e os criados do mesmo D. Pedro de Mello, aconselhando ao povo que não consentisse em nenhuma das propostas, que era tudo para sua ruina e perdição; mas já conheciam geralmente o caracter de D. Pedro de Mello, e ia grangeando o novo governador o favor popular; por isso teve tambem quem logo o avisasse de similhante aleivosia.

Tendo o governador descoberto o inimigo em quem devia ser-lhe o maior amigo, entendeu que era acertado addiar a proposta, sem comtudo dispensar a juncta, em cuja sessão havia outros negocios a tractar, etc. Achou ao redor da casa da camara multidão de povo; mas, sem se desconcertar, ordenou em voz alta e clara, e que todos ouviram, a um capitão de infanteria que occupasse quanto antes as portas da camara com vinte arcabuzeiros, e que atirasse e matasse logo, sem esperar segunda ordem sua, a quem puzesse a mão na corda do sino ou levantasse alli a voz alta. Bastou, pois, a attitude da tropa para que a praça se desaffrontasse brevissimamente e se desfizesse o tumulto. Reunidos os membros da juncta declara-lhes o governador que podiam estar sem cuidados, porque mudára de parecer no tocante á restituição dos padres «em razão da variedade e pouca união com que se achavam na materia; mas que para o mais estivessem advertidos que d'aquelle ponto os começava a governar. Passando depois a tractar de outros negocios succedeu fallar-se no juiz do povo, ao que perguntou o governador se havia ordem de sua magestade para o haver n'esta cidade, e como fosse a resposta negativa, ordenou ao escrivão da camara citasse o nome do procurador do povo sómente, e não consentiu que o juiz do povo, que assistia na juncta, desculpasse

sua presença alli, dizendo-lhe que não lhe pedia conta, mas que breve o faria. Uma vez desmascaradas as intenções do governador, não houve mais parar na encetada carreira, desbravada de mysterios e astucia. Se por uma parte cuidava em engrossar as tropas e disciplinal-as, por outra tomava medidas energicas para lograr o seu proposito. No dia immediato ao da juncta mandou lançar bando, ordenando a quem servisse os officios por provimentos do rei ou dos governadores lhe apresentasse suas cartas para conhecer da validade d'ellas. Entre os mais obedeceu o juiz do povo, offerecendo o titulo de sua eleição, e em vista d'elle extinguiu o governador aquella judicatura.

Depois d'isto fez o governador lançar outro bando, que ninguem tivesse em seu serviço indios das aldeias, quer de antiga posse, quer de moderna, nem fossem ás aldeias resgatal-os sem licença sua.

Succedeu que um morador dos mais authorisados quebrasse o bando de se não puxar pela espada, e o governador fez-lhe pagar da cadeia, e dentro de vinte e quatro horas, a mulcta de cem mil réis, que comprou em panno e repartiu-o pelos soldados na razão de quatro varas para cada um.

Esta attitude decidida do governador veiu incutir terror e desalento nos moradores, tornando-se muitos d'elles delactores de seus proprios feitos e dos de seus cumplices nos motins. Dava Ruy Vaz de Siqueira, não só ouvidos aos mexericos e denúncias, recebendo-os em casa, e indo a deshoras a lugares solitarios e remotos, que lhe aprazavam para ahi referirem-lhe o que bem lhes aprazia sua malevolencia, como tambem exercia elle mesmo espionagem, «saindo fóra da noite e disfarçado, quando era necessario espreitar as conversações dos corrilhos, consultas e ajunctamentos que se faziam em várias casas. «Emfim, foram as coisas encaminhadas de modo, que vieram os mes-

mos moradores a pedir e a requerer ao seu governador que fizesse a juncta que havia despedido.»

Foi designado o dia do Espirito-Sancto afim de celebrar-se na egreja da Misericordia juncta geral para a acceitação e restituição dos padres da Companhia. Armou-se para isso a egreja com todo o apparato possivel, e a que foi o governador assistir ante-manhan, adereçando-se e armando-se os assentos em sua presença. Isto feito e dispostos guardas para conter o respeito e ordem, foi-se á matriz, onde assistiu com os demais membros e povo de todas as condições á missa votiva do Espirito-Sancto. Pejava o concurso de moradores o que havia de vacuo dentro e fóra do templo, a cuja porta mandou o governador ler a alludida proposta, a que seguiu-se por parte de D. Pedro de Mello uma justificação sua propria nos mais humildes termos, e na qual dava seu consentimento a tudo quanto propunha o governador, e aconselhava mais ao povo que obrasse n'aquella conformidade. D'ahi votaram todos uniformemente que os padres da Companhia tornassem para suas egrejas e collegio.

Quando o escrivão da fazenda começava a fazer o termo d'esta juncta, D. Pedro de Mello soltou palavras em sua defensa, culpando de tudo os moradores, e queixando-se que elles o desampararam, e não queriam e nem nunca quizeram padres da Companhia. Levantaram-se alguns contestando taes allegações, affirmando que obraram os amotinados a instigações dos criados do ex-governador, e as vozes foram crescendo a tal ponto, que, para levar mão do tumulto e proteger D. Pedro de Mello, foi preciso que o governador Ruy Vaz de Siqueira se erguesse e mandasse tocar repique aos sinos, e dar salvas á companhia de infanteria, trazendo e acompanhando para casa o primo D. Pedro de Mello, que não a julgando seguro asylo, passou-se na mesma tarde para o convento de Sancto Antonio, onde assistiu até se embarcar.

Attribue o author o tumulto e expulsão dos jesuitas, como a repugnancia que a princípio mostraram os moradores ao restabelecimento d'esses religiosos, proposto pelo governador, ás machinações e conselhos de D. Pedro de Mello. Fazendo a apologia do espirito obediente d'aquelles povos, repette, em conclusão, que «no mundo todo não tem principe algum debaixo do seu imperio vassallos mais humildes a seus governadores do que os d'este estado do Maranhão.»

Foi obrigado d'esta consideração que o governador Ruy Vaz de Siqueira passou-lhes perdão geral, promettendo alcançar do rei confirmação d'elle. Outhorgou-lhes tambem entrada de tropas no rio das Amazonas para o fim de resgatarem indios e proverem-se de escravos.

Chegaram por este tempo á cidade de S. Luiz os quarenta soldados que tinham sido mandados ao Gurupá, acompanhados dos que se haviam alli opposto aos amotinados e protegido os padres da Companhia.

Conclue assim este manuscripto: «Não escrevemos comparação, exemplos ou história, mais que as verdades puras do que experimentámos e vimos, fundadas em o menos do muito que ouvimos.»

HISTORIÆ SOCIETATIS JESU

(Parte tertia, sive Borgià)

AUCTORE R. P. FRANCISCO SACHINO — MDCIL

Na serie de chronicas da Companhia com este titulo, e de que são authores varios escriptores, pertence a do terceiro tomo ao padre Sachino, que n'ella tracta das coisas do Brasil nos n.os 158 do liv. I, 130 e seguintes do liv. II, 208 e seguintes do liv. IV, no liv. V e VI, e n.° 202 do liv. VII, e n.° 287 do liv. VIII; mas desde já advirto que não sigo a ordem d'elles, adoptando, por mais conveniente, a chronologica e a importancia e connexão dos factos.

1570

Relatando Sachino a expedição que foi accommettida por Jacques Sória, diz que o governador do Brasil, que ia n'essa viagem, chamava-se Luiz Fernandes de Vasconcellos (n.° 218 do liv. VI), e quanto ao ataque naval, longe d'aquella defesa brilhante que Simão de Vasconcellos *(Chron. da Comp.)* dá a entender, refere que a náu do pirata veiu sobre a *Sanct'Iago «ut in columbam accipiter»* que Sória lhe deitára dentro apenas cincoenta homens, «o que era mais que sufficiente, como foi.» Na náu dos pa-

dres havia só quarenta capazes de armas, e esses mesmos nem todos as tinham (liv. VIII, n.º 228, pag. 316).

O primeiro a morrer parece que foi Benedicto de Castro, o qual, vendo os inimigos entrados no castello de prôa, foi-se a elles com a cruz nas mãos, clamando que eram miseros hereges, impios e obsecados na sua cegueira. Ferido com tres golpes, ainda gritava, até que o lançaram meio vivo ao mar, onde afinal se callou.

Depois foi Azevedo, que bradando e prégando a verdade da religião catholica, foi-lhe aberta a cabeça. D'esta primeira carnificina restavam ainda trinta, e como a náu fizesse agua, pozeram-n'os na lancha, sendo elles os proprios a appellidarem-se de *papistas*, a consolarem-se e animarem-se uns aos outros [1].

Vaguearam assim pelo Oceano obra de dezeseis mezes, segundo diz o author. A rainha de Navarra deu gratuita liberdade a João Sanches e a doze marujos que escaparam e foram solicitar sua protecção. D'alli se partiram e vinham pelas estradas contando seus males e enchendo de indignação os ánimos ao tempo em que a guerra civil os trazia mais accesos.

Chama o chronista á náu—*Dos Orphãos*—e diz mais que iam n'ella de ambos os sexos, sem comtudo dar notícia do que foi feito d'elles.

1571

Falla tambem da morte de Nobrega, o qual na verpera d'ella passa a despedir-se de todos, como se houvesse de emprehender uma longa viagem: mas voltemos aos socios de Azevedo e ao que diz d'elles Sachino.

[1] Vid. a respeito d'este successo, pag. 91 e 92 do tomo I d'esta obra, onde resumo a *Chronica* de B. Telles.

O padre Pedro Dias, que ficára em seu lugar de superior dos restantes, foi ter com elles ao porto de Sanct'Iago de Cuba. Alli evangelisava, esperando monção e emquanto se concertava a náu. Os jesuitas da provincia de Florida, de que era provincial ou superior Antonio Sedemio, os mandam comprimentar, e elles vão para Havana por consentimento dos que alli tinham casa, fazendo para isso um caminho longo e difficil. Embarcam-se d'ahi na frota de Hespanha e chegam a Angra das ilhas Terceiras, onde tambem haviam aportado o governador Luiz de Vasconcellos e o padre Francisco de Castro com mais tres companheiros, que tinham ido ter em sua companhia á ilha de S. Domingos.

N'esse intervallo de dezeseis mezes, em que falla o chronista, muitos tinham morrido, e outros ficaram nas Antilhas. Muitos soldados e marujos fugiram de Angra para o continente de Portugal e o resto, que ficou, coube em um só navio. Dos setenta jesuitas, que haviam ao todo partido, restavam só quinze!

Reconhecendo o padre Dias que alguns d'elles estavam com a saude arruinada e menos proprios para a missão da America, os mandou restituir ás suas respectivas provincias, e outros, desmoralisados com tantos contrastes, foram despedidos da Companhia, sendo que sómente os dois acima nomeados eram sacerdotes de ordens, e oito completos de noviciado, a saber: Alonso Fernandes, Gaspar Gonçalves, André Paes, João Alvares, outro tambem do mesmo nome de Pedro Dias, Fernando Alvares, Miguel Aragão e Gaspar Gonçalves. Noviços cinco, que são: Francisco Paulo, Pedro Fernandes, Sebastião Lopes, Jacob Fernandes e Jacob Carvalho.

Predic Idus Sept.—Novas desgraças salteam os padres! Apparecem ao cair do dia cinco náus, uma ingleza e quatro francezas. Preparam-se os da frota atropel-

lada e confusamente para o combate. Era o inimigo João Cadaville, heretico acerbo, e na mesma náu, segundo se crê, em que Sória tinha antes tomado a *Sanct'Iago*. Dão signal os piratas com uma bombarda, mas o governador Luiz de Vasconcellos não obedece. Em tres descargas successivas matam os piratas cinco, ficando dezesete quasi todos gravemente feridos nas pernas, e apesar d'isso pelejam, sustentando-se de pé com uma mão nas costas e com a outra procuram deffender-se. A náu de Cadaville, mais alterosa, opprimia os portuguezes. O governador, não desmaiando, ainda mesmo quando a náu já estava cheia de inimigos, combateu impávido até o último alento, e caiu sem jámais largar o escudo nem a espada. Sem que os hereticos o houvessem conhecido, lançaram-n'o ao mar (*Ob. cit.*, liv. VII, n.º 181 e seguintes).

Já se vê que era fatidica a sua sina no mar! Nomeado em 1557 para levar cinco náus á India, a sua capitanea, ainda dentro no porto de Lisboa, abre tanta agua que não póde navegar. Partindo no mez seguinte (em maio), em vez de dobrar o Cabo, veiu ao Brasil, onde passou o inverno. No seguinte anno conseguiu passar á India; mas na volta e pela altura da ilha de S. Lourenço naufraga, perdeu tudo, e de trezentos homens apenas salvou-se com mais trinta em um batel.

Naufragio terrivel foi esse; porque foi preciso cortar sem dó as mãos á multidão anciosa dos naufragos, que, no desespêro da agonia, se agarravam ao batel com grave risco de o virarem. Luiz de Vasconcellos torcia o rosto, cobrindo-se com um panno, para não ver aquella necessaria crueldade. Chegou o batel por milagre a S. Lourenço, e por maior milagre ainda encontrou alli uma náu de mercadores portuguezes; porque se assim não fosse os barbaros os teriam assassinado. D'alli vão de novo á India, e volta o governador a Portugal sem meios, mas rico de

seus trabalhos e miserias. Nomeado governador do Brasil, viu aquellas terras; ludibrio, porém, das ondas e do destino, acabou ás mãos dos piratas, tendo antes noticia, em Angra, que seu filho Fernão de Vasconcellos fôra morto em Gôa pelos turcos! Felizes tempos aquelles em que se tinha por mór ventura morrer pela fé do que lucrar grossos cabedaes!

Morto o governador, os portuguezes se entregaram á discrição. Os padres talvez irritassem mais aquelles intolerantes herejes com a piedosa ministração dos sacramentos; tanto que acabaram primeiro com o padre Francisco de Castro e depois com Pedro Dias. Tinha este quarenta e cinco annos de edade, dos quaes passára vinte e tres na Companhia. Em seguida a elle mataram os outros, que todos acceitarm o martyrio, menos Gaspar Gonçalves, que o recusa, e para esquivar-se arranca as roupas que o compromettiam, toma a japona e o barrete de um marujo, e confunde-se com os mais: os inimigos, porém, que não queriam sustentar tantos homens, lançam alguns ao mar e entre elles Gaspar Gonçalves! Assim perdeu, diz Sachino, as honras da morte pelo inconsiderado apêgo á vida. «Foi talvez justiça, que quem preferia os sordidos trajos do marujo aos habitos religiosos, fosse atirado ás ondas como inutil carga!» Atam-lhe as mãos ás costas e fazem com elle tiro ao mar. Acharam comtudo alguns misericordia temporaria nos herejes; por isso que reservavam o espectaculo para a noite.

Chegada esta e quando a chuva tinha aplacado o mar, effeituou-se esse acto de barbaria. Deitaram os padres n'agua, e os que não sabiam nadar, dando-se as mãos e agarrados em um bolo, se iam ao fundo, encommendando-se a Deus, e sem talvez pedir misericordia onde sabiam que a não achariam em seus algozes. Foi excepção Sebastião Lopes. Este, coitado! corria no escuro da noite ora a

uma, ora a outra náu; a clamar misericordia, até que por último foi acolhido em uma «*pennula contectus*» e assim escapou. D'elle é que veiu a saber-se depois as particularidades d'este infeliz successo. A sina de todos os companheiros de Azevedo foi má; pois que só chegou ao Brasil Antonio Leonio, que ficando em caminho por doente, mais tarde recuperou a saude e chegou ao seu destino.

No entanto estes desgraçados acontecimentos influiam de modo menos desejavel, já directa, já indirectamente, na marcha regular da Ordem. Sentia-se a falta de chefes, influindo ainda mais na administração das aldeias os effeitos do desalento. A origem d'isto foi porque, apenas conhecido em Roma o desastre de Azevedo, o geral Francisco Borja declarou o padre Manuel da Nobrega provincial do Brasil; mas acontecendo que este já era fallecido no anno antecedente, suscitaram-se d'aqui hesitações e dúvidas. Pretendia-se que o padre Luiz da Gram tomasse a administração; este, porém, argumentava com as ordens existentes, pois o visitador Azevedo, na sua partida, havia estatuido que, vindo a morrer o provincial, tomasse todo o cargo o reitor do collegio da Bahia, emquanto não acudissem com outras providencias. Assentiu por fim n'isto o padre Antonio Pedro, que era reitor do collegio da Bahia. Mas a falta de Nobrega e de outros, que eram como as primeiras columnas da Ordem n'estas partes, a carencia de tudo, principalmente de sacerdotes que ha tanto eram esperados e não acabavam de chegar, pozeram em triste estado os negocios da Companhia no Brasil.

Em Pernambuco lavrava summa irritação contra os padres, promovida por um sacerdote expulso da Companhia. Este accusava os padres de heresia (mais provavelmente de crimes mundanos ou vistas ambiciosas), e se tinha havido com tal arte que chamára á sua opinião não poucos dos principaes da terra. O bispo conseguiu acalmar a tem-

pestade, revertendo a accusação sobre o calumniador, que parece ter sido preso.

É digno de reparo, observa o chronista da Sociedade, como em pouco tempo foram perdendo a vida todos os infectados d'esta praga contra os padres; e o mesmo governador (Gaspar de Sousa), que havia sido grande parte na perseguição aos padres, preso pouco depois e transportado para Portugal, pagou seus erros com quebra da fama e perigo capital. «Assim provava Deus os seus ao passo que manifestava a efficacia da sua protecção.»

Como se vê, não perdem os padres da Companhia ensejo para apresentar a intervenção divina nos menores factos passados com os da sua Ordem.

1572

Ás calamidades que vexavam o Brasil, accresceu a morte do padre Antonio Pedro, que geria a provincia desde o fallecimento de Nobrega. Respeitado e querido dos principaes da provincia e dos indios, venerado do povo, deu o espirito aos 6 *ante kal. aprilis*, de edade de cêrca de cincoenta annos, e vinte e tres da Companhia. Com a morte de Nobrega e depois com a d'este, não chegando soccorros á provincia, havia tocado esta ao último extremo. Os padres, faltos de fôrça, já de corpo, já de espirito, «com as quaes sómente poderiam bastar para o desempenho dos seus encargos, uns procuravam Portugal, outros, fugindo ás aldeias, preferiam as macerações do claustro aos incommodos de catechistas.» (*Loc. cit.*, liv. VIII., n.º 287.)

Nem faltou, postoque não fosse este o sentir de maior número, quem propuzesse o abandono d'aquella ingrata seára, tendo por melhor dirigirem seus esforços para terras mais felizes.

O geral Francisco de Borja nomeia novo provincial, re-

caindo a escolha em Ignacio de Tolosa, que com treze companheiros chega ao Brasil na 9 *kal. maii*, depois de trez mezes de navegação.

Com a chegada do novo provincial tomaram as coisas outro aspecto. Elle, já com exhortações privadas, já com prégações públicas, influiu nos espiritos, ensinou aos socios a amarem aquelles trabalhos, revocou-os ao respeito, á obediencia (segundo o Instituto) e ao espirito de verdadeiros missionarios. O padre Gonçalo Leite abriu aula de philosophia; promoveram-se com ardor as obras da egreja, e celebraram-se aqui pela primeira vez as festas de Pentecostes.

Francisco de Borja determinára mais que se recolhessem os padres das aldeias, indo apenas a ellas algumas vezes no anno para fortalecerem os catechumenos na fé; cumprindo ao mesmo tempo se fortalecessem tambem os padres na disciplina. Pareceu isto impraticavel aos homens que tinham longa experiencia do Brasil. Se aquelles indigenas, congregados pelos padres, reduzidos a aldeias e protegidos pela sua caridade, se vissem de repente privados d'essa tutela ou solicitude, viriam de certo, pela mobilidade do seu ánimo ou estimulados das injurias recebidas ou que viessem a receber, a abandonar suas aldeias e a voltar ás suas selvas e costumes primitivos em detrimento da religião.

Decidiu-se que com estes fundamentos se consultasse de novo o geral. Resolveu no entanto o provincial que os padres das aldeias viessem ao collegio uma vez cada mez para se recolherem, e restaurarem as fôrças do espirito e da religião, o que era de necessidade; visto que d'este viver isolado já iam apparecendo os inconvenientes que resultavam de residirem a sós entre os indios.

Instituiu-se um templo para os captivos em lugar que fosse mais commodo, para ahi serem doutrinados em occa-

são azada. Pareçe-me que d'aqui é que se originaram as egrejas e confrarias de Nossa Senhora do Rosario, que são no Brasil compostas de gente de côr.

Restabeleceram-se as casas no seu antigo pé e regimen. No fim do anno visita o provincial com Luiz da Gram as egrejas da visinhança da Bahia e as residencias de Porto-Seguro.

Depois do *acerbo vexame* por que passaram os padres de Pernambuco, voltaram-lhes o favor e os ânimos de todos: tirava-se, segundo o chronista, da morte, do castigo e dos padecimentos de seus adversarios argumento da impiedade da accusação e do auxilio divino. Um dos accusadores, no transe da morte, reconheceu publicamente a innocencia da Companhia e a sanctidade d'ella. «Pedindo perdão, confessou entre lagrimas suas mentiras e julgou-se por ellas maldicto.» E assim morreu.

Falleceram este anno (1572) na cidade de S. Salvador dois homens de grandes virtudes e conhecidos pelo affecto que tributavam á Companhia:—Mem de Sá, que governou o Brasil quatorze annos, fundou a egreja e dotou largamente o collegio com terras; e Lazaro de Azevedo, que morrendo, legou á Companhia a egreja de Nossa Senhora da Escada, fundada á expensas suas, na proximidade da cidade, em sitio ameno, e assim tambem suas terras e mais algumas casas.

1573

Visitadas e compostas as casas da Bahia e Pernambuco, chamavam as partes do sul a attenção do provincial Ignacio de Tolosa. Chegou elle a S. Sebastião do Rio de Janeiro no 4 *idus januarii*, levando comsigo companheiros para dar ao collegio d'aquella cidade regimen conveniente. Alli instituiu a exposição do corpo de Christo, e a irmandade do Sanctissimo Sacramento. Fez repettir no colle-

gio os exercicios de Sancto Ignacio, que eram mui concorridos do povo pela prégação do padre Luiz da Gram, sobretudo por não ter ouvido nenhum outro prégador depois da morte de Manuel da Nobrega. Estabeleceu tambem eschola de primeiras lettras onde se preparassem os que no seguinte anno deviam começar o latim.

Conhecendo elle que as terras do collegio paravam em mãos de particulares, pôde havel-as, não sem aturada contenda. Eram as da aldeia de S. Lourenço, da administração dos padres, do número d'essas. «O seu principal, accommettido de uma forte dôr do lado, vae á egreja, julgando-se a sós, confessa-se com as imagens, lava a parte com agua benta, e lançando fôra de si a molestia, saíu d'alli perfeitamente curado.» O irmão Gonçalo de Oliveira, que o espreitava e deu fé de tudo isto, foi quem assoalhou o milagre.

Era com taes superstições que os padres perturbavam a razão, de si fraca, dos pobres indigenas: até das extravagancias de um enfermo desesperado de remedio, e n'aquelle estado em que a gente se soccorre ainda mesmo a mesinheiros e bebidas repulsivas, aproveitavam-se os padres para apregoarem seus resultados como obras milagrosas alcançadas pelos merecimentos da Companhia!

Mas n'esta aldeia tão favorecida de Deus, viram-se os padres pouco depois em grave perigo por tirarem as concubinas a certos homens poderosos que alli residiam. Estes se enfureceram e atacaram a aldeia com tal vigor e arruido que até os padres, que estavam occupados na edificação da egreja, só na fuga acharam salvação. Tudo se aquietou afinal por meios brandos; mas ignoram-se com que concessões de parte a parte, devendo suspeitarem-se favoraveis aos padres, como astuciosos e mais atilados.

Foi nomeado pro-reitor do collegio do Rio o padre Braz Lourenço, que passou logo depois a reitor do mesmo.

Parte d'ahi o provincial para S. Vicente, estando já dividida a provincia; mas creio que nunca se havia realisado de facto tal divisão, senão Sachino não repettiria a notícia. Ficaram sujeitas ao collegio do Rio as residencias de S. Vicente, de Piratininga, e as do Maranhão, de Porto-Seguro, e de Pernambuco ao collegio da Bahia. Fez-se egualmente em Piratininga a exposição do corpo de Christo. Estava a aldeia na observancia das coisas da fé como na dos costumes «*ut religiorum familia videretur.*»

Não se demorou, comtudo, ahi o provincial por muito tempo: tinha pressa em tornar-se á Bahia, onde ia fazer-se congregação provincial para enviar procurador a Roma, e por esse motivo e para não perder tempo á espera de navio, comprou elle um. Embarca-se n'elle, passa pelo Rio na 9 *kal. maii*, e no fim do quarto dia sairam do Espirito-Sancto. «Mas n'esse mesmo dia, á tarde, sobrevem-lhe grande tempestade, o piloto não reconhece o lugar e o navio encalhou.» Vinham tambem em sua companhia os socios Luiz da Gram, Antonio Roque, Vicente Rodrigues, Fernando Luiz e os dois irmãos João de Sousa e Benedicto Lima.

Instava o patrão do navio com o provincial para que tirasse a roupeta e se lançasse ao mar, como já o haviam feito alguns marujos; mas allegava elle não saber nadar, e de rosario na mão implorava a assistencia divina de joelhos no alto do tombadilho. Vem-lhe o auxílio d'onde não esperava; um vagalhão colhe o navio, toma o padre e o atira ao mar.» Antonio Roque e João de Sousa lançam-se tambem á agua para o salvarem. Bebe uns goles de agua e acha-se na praia de contas na mão! A agua não era funda, a praia perto, de modo que todos, em número de trinta e cinco, salvaram-se; mas o navio carregado de páu-brasil abriu-se em dois. A protecção do céu esteve em que mais além havia uma cor-

rente impetuosa de agua doce, que amararia o navio para onde havia rochedos debaixo da agua, ella mais funda e a praia mais distante. De proposito e com dia claro não teriam encalhado em melhor sítio. Estavam dezeseis leguas do Espirito-Sancto, com grande fome e sêde: pozeram-se a caminho, indo em romaria a Nossa Senhora do Penedo, a quem se tinham encommendado.

Esta egreja (a do Penedo) é fama ter sido fundada por um leigo de S. Francisco, de nome Pedro, que andava no Brasil com licença de seus superiores. Fez esta egreja, e uma ermida na Villa Velha do Espirito-Sancto, na qual acabou seus dias. Diz no entretanto o author, em outro lugar, que não havia por esse tempo franciscanos no Brasil...

Impedidos os padres de proseguirem na sua viagem, alli se ficam, não sem fructo, occupados em doutrinar; e como o templo antigo de velho estivesse ameaçando ruina, sobre ser pequeno, traçaram outro maior com alicerces de pedra e cal, o mais de taipa e madeiras «qual mal cedem ao ferro, tal a sua rijeza.» Havia difficuldade no alimento de doze padres e quarenta obreiros, e ainda de muitos pobres; succedendo o mesmo por essa occasião a outros padres em differentes lugares. As esmolas todavia bastavam; porque essa era a ordem dada pelo provincial para que em todas as partes, excepto nos collegios, vivessem da caridade dos fieis.

Chega o novo governador Luiz de Brito, sendo recebido na Bahia com festas e no collegio com apparato, havendo ahi mysterio e outeiro. Conhecendo este que a demora dos padres ausentes era devida por sem dúvida á falta de transporte, expediu um navio para os ir buscar.

Chegam estes naufragos a S. Salvador a 7 de setembro e sabem que era fallecido o bispo D. Pedro Leitão, poucos dias antes. Era, segundo o author, sacerdote talhado

para as circumstancias do Brasil, como tambem por ser amigo dos jesuitas, a quem deixou a bibliotheca, e tinha por confessor ao padre Quericio.

Incançavel em cumprir as obrigações de prelado, visitou todo o espaço que vae de Pernambuco a Piratininga, isto é, mais de quatrocentas leguas, exposto a chuvas e ventos, acompanhado sempre em suas jornadas por alguns padres da Companhia.

Por esse tempo restavam aos padres, na visinhança da Bahia, quatro aldeias: *Espirito-Sancto*, *Sanct'Iago*, *S. João* e *Sancto Antonio*

N'este anno de 1573 começou-se a dar aos indios idoneos o sacramento da Eucharistia. O author glorifica a virtude da Communhão e quanto influía para a mudança dos costumes.

Instituiu-se tambem por esse tempo a irmandade da Misericordia, cujo principal fim era o de dar sepultura aos mortos. Os privilegios dos irmãos eram ter vélas accesas ao levantar da hostia. Os indios e christãos, ambicionando esta honra, não se esqueciam, comtudo, de outros meios para estradearem a sua importancia pessoal.

O padre Gaspar Lourenço, que residia na aldeia de Sancto Antonio, soube que uma náu da India naufragára alli perto com perda da fazenda e com muitas mortes. Era noite, e sairam o padre e seu companheiro da aldeia pelas trevas, seguidos de indios, e assim foram ao lugar do sinistro. A luz da manhan veiu allumiar um miserando espectaculo — homens mortos, não poucos moços e crianças: os vivos acabados de frio, feridos, nus, desesperados e mais mortos que vivos. O padre Gaspar e o irmão Estevam Fernandes dão sepultura aos mortos, trazem os vivos, e os indios carregam os enfermos, curam-n'os, lavam-n'os e dão-lhes com edificante caridade tudo quanto tinham. Chegam com os naufragos á cidade, onde os padres os

recebem, agasalham, e procuram-lhes vestidos, e tambem salvam do naufragio o que podem. Serviu-lhes isto de muito para acreditar e dar nome á Companhia.

No fim d'este anno, chegando os irmãos Manuel de Castro e Pantaleão Gonçalves, são mandados a Pernambuco. (F. Sachino, pars, IV, lib. I, n.º 167). N'esta jornada, que se podia fazer por mar em cinco dias, gastaram elles quarenta; sendo n'ella obrigados a reduzir o mais possivel a alimentação, e ainda assim desembarcaram a quarenta leguas de Pernambuco, obrigados da sêde e da fome.

Que perigos n'aquelles tempos — em rios de jacarés e tubarões, em praias desertas, ou em mattos sem caminhos, com o sol ardente a dardejar-lhes, ou molhados do orvalho e das chuvas! eram todos uma chaga, e muitos queriam deixar-se no caminho sem fôrças e sem coragem. Eram trinta e tres, e assim chegaram auxiliando-se mutuamente.

1574

Falleceram em 1574 no collegio da Bahia dois — Ambrosio Rego, insigne pela sua humildade, pois d'elle conta-se ter solicitado instantemente ao provincial o deixasse no seu lugar de coadjutor, empregado nos misteres da vinha do Senhor e no da cozinha. «Foi o outro, o padre Luiz de Mesquita, que trouxéra de Portugal os dois irmãos, Manuel Dias e João Solonio, contrahindo na viagem principios da enfermidade de que veiu a succumbir.»

«Pareceu mercê de Deus para manifestar a virtude d'este homem, que havendo elle por esquecimento deixado no navio uma caderneta dos seus apontamentos, nem se perdeu nem inutilisou ella; antes duas vezes fez-se o navio á véla para a ilha de S. Thomé, duas vezes foi constran-

gido a voltar pelo mau tempo, até que o capitão descobriu aquelle papel sujo e o trouxe ao collegio na vespera do passamento do sancto padre! Depois d'isto segue feliz viagem.»

N'este mesmo anno fez-se uma larga expedição ao Brasil. Ordenou el-rei a Luiz de Brito, levado pela fama do muito oiro que se dizia e asseguráva haver no sertão. Iam n'ella, além dos soldados, muitos indios; mas para que estes fossem de melhor vontade e os soldados os não maltractassem, fizeram parte da expedição os dois padres —João Pereira e Jorge Velho, habeis para o trabalho, aclimados no Brasil, e linguas mui peritos. O padre Pereira, que havia já gasto muitos annos na conversão dos indios, dava agora licções de philosophia no collegio da Báhia. Occupados ainda na viagem em doutrinar os indios e em reprimir a intemperança dos soldados, andaram quasi mil leguas (no que ha de certo muita exaggeração) a pé e descalços, por causa dos muitos rios, e quasi em continuas luctas! Foram ainda uma vez frustadas as esperanças de oiro, mas no espaço de quatorze mezes, que tantos levaram os padres n'esta expedição, baptisaram mais de quinhentos meninos.

Obra de menos vulto, postoque de mais proveito, emprehenderam os padres n'este anno, visitando todo o reconcavo e as fazendas que alli se achavam espalhadas. Recebem todavia os moradores essas visitas com repugnancia por entenderem que os jesuitas vinham espiolhar com que titulos serviam os indios. Sendo já por esse tempo mui crescido o número de africanos, aconteceu que os que possuiam só estes agasalharam e tractaram mui bem os padres, como foi sempre costume dos fazendeiros do Brasil.

Floreciam no entanto as quatro aldeias da Bahia; n'ellas mostrava-se certa humanidade, e tal qual urbanidade, com que os padres se extasiavam, não achando termos

para encarecel-as. «Envergonhavam-se de andar sem roupa, saudavam-se mutuamente, ao encontrar-se, guardavam tempo nas comidas, os principaes iam á egreja e vinham d'ella acompanhados de suas legítimas consortes, á moda da gente européa. Alguns até já sabiam grangear a vida. Mas no que todos brilhavam, e entre si mais rivalisavam, era na frequencia dos officios, nos jejuns, penitencias, flagellações e no amor e dedicação aos padres, como caminho para o céu, que a terra não lhes era muito aprazivel.»

Assim conjecturo que devia de ser, decaidos de seus brios, cercados de conquistadores e despotas, prevendo qual sería o seu futuro, as vistas de todos se voltariam para o céu, pois que é preciso algum pasto á parte menos material do homem, por muito barbaro que seja, por muito abattido que o vejamos.

Importa aqui especialisar a aldeia de Sancto Antonio, onde os padres, para recompensar seus moradores condignamente dos seus progressos na piedade, celebraram uma Semana Sancta, a que concorreram todos os das demais aldeias, apesar de quantos descommodos lhes offerecia a jornada.

Á irmandade da Misericordia, já instituida do anno antecedente, accrescentou-se agora a do Sanctissimo Sacramento com um hospital e cemiterio. Alguns dos irmãos d'aquella confraria percorriam as aldeias, vendo onde havia enfermos e necessitados para avisarem os padres, e tinham como de obrigação o fazerem todos cada dia uma das obras de misericordia. Á noite lhes perguntavam os padres o que haviam obrado, e era de ver como emulavam todos em sobresairem uns aos outros na piedade!

As instrucções ou directorios compostos pelo provincial, relativos á catechese, á penitencia, e, sobretudo, á confissão e Communhão, foram vertidos para a lingua brasilica pelo habil padre Leonardo do Valle. Para a aldeia foram

tambem agora mandados muitos da Companhia para quê se tornassem destros na lingua.

Temiam os indios do sertão descerem ás praias onde os aguardava o captiveiro. Diz o author que larga porta então abriu-se ao Evengelho com nomear D. Sebastião a Antonio de Salema para governador do Rio de Janeiro com jurisdicção independente do da Bahia, recommendando a ambos consultassem o provincial do Brasil no que fosse dos indios. A mim parece-me no entanto que não foi a religião que se teve em vista com essa medida; porque os successos posteriores, se alguma coisa provam, é o contrário.

Dois grandes males vexaram então o Brasil—a peste, aliás rarissima alli, e que por seus espantosos resultados dizimou os animaes de modo que a cada passo se encontravam nas mattas e nos campos cadaveres de tigres, de porcos, de veados, de antas, de cobras, etc., infeccionando os ares, assim tão perigosos aos homens que respiravam estes e até ás mesmas féras, se comiam aquelles. A segunda foi a fome pela escacez das colheitas de mandióca, que não bastava. Crescia este mal com o da penuria da caça, e isso remediou-se com preces e flagellações públicas. Os indios, como em Gil Braz, pagavam os erros *dos nobres*. No entanto o remedio aproveitava á imaginação dos ingenuos!

Em Pernambuco accrescentou-se aula de latim á eschola primaria. Nos Ilhéos ao mal da fome junctou-se o ataque dos *aymorés*, nação inexpugnavel por não ter residencia fixa. Assistia n'aquellas partes o padre Pina, que era tão querido e amado de todos que não havia removel-o d'alli. Tinha arte de os persuadir que se dessem ao trabalho e para exhortal-os á conformidade nos soffrimentos. Andava sempre na pedintaria e dava adiante ao primeiro necessitado que lhe estendia a mão. Dava tudo sem respeito ao dia de amanhan; que acima da previdencia está a Provi-

dencia. *Dae que recebereis*, era o seu bordão (*Date et dabitur vobis.*)

Desceram por este tempo muitos do sertão a Porto-Seguro, talvez acoçados da fome.

1575

Os começos do anno de 1575 promettiam abundantissima messe aos obreiros de Christo; mas, ainda mal, que os resultados não corresponderam ás esperanças! A cento e cincoenta leguas de S. Salvador fica o *Rio Real*, cujos incolas estavam sempre em guerra com os portuguezes. Resolveram-se agora a pedir paz e o Evangelho. Vieram seus embaixadores á Bahia e o provincial os hospeda nas aldeias dos neophitos para no entretanto experimentar sua constancia d'elles e por ella a firmeza das suas resoluções. Delega para esta expedição o padre Gaspar Lourenço, que tinha bom nome no Brasil. Toda a aldeia de Sancto Antonio quer partir com elle, e quatro d'esses fugiram com suas mulheres para entre os do *Rio Real* afim de o irem alli esperar. No comêço do anno parte o padre com o irmão João Solonio e mais vinte dos neophitos de Sancto Antonio. Mandou o governador com elles uma companhia de soldados a ver se alli se acharia lugar accommodado para a fundação de uma villa, e isto foi motivo para o mallògro da expedição. Marcham a pé e com demasiado incommodo.

Na 5 *kal. februarii* chegam ao rio, onde ficam os portuguezes em lugar proximo ao mar e proprio para uma povoação. D'alli a seis leguas estavam os indios (não declara Sachino de que nação, e só que pertenciam aos que fallavam a lingua geral). Era aldeia de mil almas, metade

dos quaes d'aquelles que em 1568 tinham fugido aos portuguezes. Ao entrarem alli conhecem os padres as quatro mulheres que com seus maridos haviam saido de Sancto Antonio. Dizem-lhes ellas que estes já tinham sido mortos e devorados: rimem-n'as os padres da escravidão, disfarçando comtudo o desacato por julgarem assim opportuno. No entanto os que tinham fugido dos portuguezes espalhavam com calor ser costume dos padres reunil-os em aldeias para os entregarem indefesos ao captiveiro, accrescendo que dava fôrça a este rumor saber-se que nas visinhanças ficaram soldados. Esforçam-se os padres por acalmal-os, pregam que os vinham chamar á fé, á salvação eterna, e fazel-os filhos de Deus, e com isto accommodam-se.

Logo que o padre chegou a este lugar, fez uma egrejinha de pindoba, onde disse missa e começou a obra da catechese. Dá ao oratorio e á aldeia os nomes do apostolo S. Thomé. Ao rumor da chegada do padre, correram muitos até do rio de S. Francisco, requerendo-lhe egual honra para suas aldeias. Era mais afamado entre estes o principal *Surubim* por causa de muitas mortes consummadas em portuguezes.

Enfiam todos por conhecerem o homem, e ainda mais por saberem que vinha com grande acompanhamento, suspeitando logo que fosse para matar os missionarios; mas sentindo-se o padre Gaspar nas mãos de Deus, deixou-se ficar, e o indio, vendo-o tão resoluto e ouvindo-lhe a prégação, disse-lhe: «folgo com a tua vinda», e d'ahi voltou para sua aldeia. O padre não ficou só n'isto e pôz-se immediatamente a caminho para a aldeia de *Surubim*, doze leguas da de S. Thomé.

Ajuda-o esse principal a levantar egreja, e o padre dá a esta aldeia o nome de Sancto Ignacio. Mandou *Surubim* ao governador seu proprio irmão para firmar as pazes,

recebendo-o bem este e aos que com elle iam, e depois os despede vestidos e brindados.

Passa d'aqui o padre Gaspar ás aldeias de Sergipe, soffrendo muito na jornada pela difficuldade dos caminhos, inçados de povos de guerra; e aquelles, que o podiam ajudar, viviam em grande miseria. Fez paz com muitas aldeias, e trouxe muito gentio de tres d'ellas com que creou a de S. Paulo.

Dadas tão boas novas na Bahia, envia o provincial o padre Luiz da Gram e Francisco Pinto; sendo que aquelle, apesar de velho, recusa cavalgadura e jornadéa á pé. Os indios de S. Thomé o acolhem com festas e engrinaldando os caminhos. Concorrem a ellas muitos das circumvisinhanças e todos pedem egrejas. Emquanto permaneceu em S. Thomé, faz maior egreja, mais accommodada ao lugar, e a dedica a Nossa Senhora da Esperança. Parece ter subido a mais de trinta o número das aldeias que queriam pazes; no entanto a proximidade dos portuguezes ia produzindo os costumados resultados: entram elles a queixar-se de que lhes roubaram as mulheres, as irmans do principal, e até a propria mulher d'este! Receiosos, pois, da escravidão, fogem para o *Apiripé.* O padre Luiz os seguia, exhortando a uns e outros a que se tornassem onde tinham suas casas e Deus. Elles retrucavam, lembrando-lhe seus padecimentos e mostrando-lhe as cicatrizes do açoite e do azeite fervendo. Tendo o provincial notícia d'estes acontecimentos, manda substituir o padre Luiz da Gram, já menos proprio para o trabalho e que não fallava a lingua geral, pelo padre João Pereira, alvidrando-lhe que com o padre Gaspar vissem meios de conciliar os ánimos e de pacificar aquella pobre gente não revolta, senão intimidada.

Entrementes prosperavam as quatro aldeias dos contornos da Bahia. Em cada uma d'ellas começaram a ren-

der-se no serviço quatro jesuitas. Introduziu esta novidade o geral Everardo, successor de Francisco Borja, já para mais commodidade da catechese, já para que melhor se conservasse entre os padres a doutrina religiosa.

N'este mesmo anno de 1575 chegaram da Europa seis padres obreiros, com grande provisão de reliquias—quatro cabeças das onze mil virgens e uma cópia do quadro representando a Virgem Sanctissima, e attribuido ao pincel de S. Lucas.

No fim d'este mesmo anno o padre Gregorio Serrão, reitor do collegio da Bahia, foi mandado a Roma na qualidade de procurador da provincia. (*Ob. cit.*, liv. XVII, n.º 260.)

1576

Arruinaram-se totalmente os trabalhos do Rio Real. O governador Luiz de Brito veiu com tropas para batter os indios do *Apiripé*, e ao approximar-se da aldeia de Sancto Ignacio fogem seus habitantes. Elle considera a fuga quebra de paz, persegue-os, *Surubim* morre, e os mais entregam-se. Captiva a todos e os encurrala na egreja de S. Thomé como em um carcere. Os soldados assolam tudo quanto encontram, e o governador arrebanha quantos achou e os arrasta para a Bahia; de modo que o resultado de tantas esperanças foi o captiveiro de mil e duzentos transportados para a Bahia «que Deus com a morte se serviu libertar dentro do anno de captiveiro».

Outro tanto practicava D. Antonio de Salema no Rio de Janeiro, levando a guerra a Cabo-Frio; mas no meio d'ella intervieram os padres que os accommodaram. Diz o author que esta guerra era movida por interêsse; por isso que lançavam mão dos indios e os escravisavam a des-

peito das exhortações e reclamações dos padres. Por aqui é licito affirmar que a porta que o author julgava aberta não era a do Evangelho!

Ia achar, porém, a liberdade d'estes miseros novo apoio em D. Antonio Barreiros, trigesimo bispo da Bahia, que alli aportou este anno.

O padre procurador, Gregorio Serrão, tendo exposto em Portugal e em Roma a importancia de Pernambuco, e de como estava povoado de gente nobre e rica, conseguiu de el-rei D. Sebastião fundasse alli um collegio. Foi este o terceiro em ordem chronologica. (*Ob. cit.*, liv. IV, n.º 261).

1577

No n.º 293 do livro V diz o author que a fama de Anchieta crescia de dia para dia; elle envolvido na sua modestia, a fugir e a recusar honras, e ellas a procurarem-n'o! Pouco antes nomeado para o reitorado do collegio da Bahia pelo provincial, procurou em uma longa e douta carta eximir-se do encargo; mas a resposta que teve foi darem-lhe o cargo de provincial. Ignacio de Tolosa, a quem succedeu, foi incumbido da tarefa de mestre de noviços e de explicar casos de consciencia no collegio da Bahia.

Todo o trabalho do provincial Tolosa esteve posto em defender a liberdade dos indios e em soffrer com paciencia os labéos e contestações que por esta causa lhe sobrevinham. Em uma reunião celebrada pelo novo bispo da Bahia, elle o acoroçoa no seu bom proposito, recommenda-lhe aquelles *Brazis* e exhorta-o a que por nenhuma coacção ou temor desistisse do patrocinio que estava de animo dispensar-lhes.

Dois sacerdotes com outros tantos leigos foram manda-

dos pelo provincial a esperar uma grande multidão de barbaros que desciam para o litoral, caminho de Porto-Seguro.

Se os padres soffreram muito para os irem encaminhar, mais do que elles essa pobre gente que palmilhou por lugares arduos, alagados, nus de toda cultura e de meios de subsistencia, tanto que pereciam a cada passo ao rigor da fome! Os padres, mais felizes do que estes indios, tinham a satisfação no cumprimento do dever, em darem ao gentio n'aquelle acto derradeiro o sacramento do baptismo *in extremis;* e do pouco alimento que se ia podendo grangear, sustentava-se-lhes o alento. Chegaram por fim, como por milagre, dois neophitos carregados de farinha de mandioca, esmolada por caridade. Então viu-se o apuro a que tinham chegado aquelles miseraveis; pois que se disputavam com encarniçamento alguma pouca de farinha que das mãos do distribuidor caía por terra! Precipitavam-se em cima d'ella, debattiam-se com furia á socco, e comiam-n'a de mistura com terra ou catavam-n'a aos grãos. Mais de duzentas crianças e de cento e vinte adultos foram n'esta jornada baptisados em artigo de morte, e sem embargo d'este supprimento, não cessaram as mortes; que a fome e a sêde continuava! Uns de fraqueza desfalleciam na passagem dos rios, outros caíam ao pé das arvores que lhes offereciam algum alimento por não terem já fôrças para trepar a ellas, e iam assim deixando uma larga esteira de cadaveres por onde passavam!

Lancemos as vistas para o collegio do Rio de Janeiro, que em todo este triennio não deu os costumados fructos, nem entre os portuguezes, nem entre os indigenas; porque o vigario-geral de nada mais curava que de accrescentar cabedaes para voltar á Europa carregado de despojos.

Escravisava e vendia os indios, e d'ahi proveiu-lhe ini-

mizar-se com os padres da Companhia, que lhe queriam ir á mão. D'esta desavença veiu a frouxidão nas prácticas religiosas: o vigario-geral não ia mais á egreja, e a seu exemplo os da nobreza. Resentia-se d'isto a propagação da fé, porque os indios, aterrados com a escravidão, não queriam saber de quem quer que fosse da Europa.

Arguia o vigario aos padres da Companhia de não prégarem a doutrina de Deus nem ministrarem *rité* os sacramentos. Arma-lhes processo, ouve as testimunhas que bem lhe pareceu, e manda ao escrivão que só escrevesse o que fazia ao seu proposito.

Respiraram por tanto os padres com a chegada do novo governador, e sobretudo do novo administrador ecclesiastico. Conhecidas as falsidades e calúmnias do libello, este as exprobra ao seu antecessor no acto de partir e ameaça-o de excommunhão.

Estes rumores, porém, contra os padres da Companhia não se limitavam só ao Rio; propagaram-se e cresciam por toda a parte no Brasil. Na Bahia chegaram a ser tão violentos, que os padres, attribuindo tudo á questão da liberdade dos indios, consultaram se não conviria entregar ao bispo a administração das suas quatro aldeias. Já vimos acima como o bispo respondêra a esta proposta. (*Ob. cit.*, liv. v, n.º 283).

1578

Ao entrar este anno, chegou á Bahia Lourenço da Veiga para governar toda a provincia do Brasil, sem excepção da do Rio de Janeiro. Mas ao passo que se julgava conveniente concentrar a administração civil, dividia-se a ecclesiastica. Na mesma frota veiu Bartholomeu Simões Pereira para o Rio de Janeiro com o titulo de administrador

das egrejas do sul, com todos os poderes prelaticios e inteiramente independentes dos do bispo da Bahia.

Por esse mesmo tempo voltou a Roma o padre procurador Gregorio Serrão com mais de dezeseis socios.

As queixas e clamores contra os jesuitas iam sempre em mais augmento; pois que eram elles obstaculo ao lucro que se auferia da escravidão dos indios. Não tinha o Brasil n'aquelle tempo nem oiro, nem prata, nem outros metaes ou pedras preciosas; que só posteriormente se descobriram. A sua fortuna era o páu-brasil, era sobretudo o assucar, principal genero de sua lavoira e do seu commércio de exportação; mas para isso tornavam-se indispensaveis muitos braços, e as riquezas andavam na razão directa do número dos operarios. Todos attentos aos bens da terra, pouco se davam dos principios de moral ou dos preceitos religiosos. Queriam a todo o custo escravos, e a venda ou trabalho d'elles era fonte de lucro. Por outro lado, as nações do Brasil isemptas, vagabundas, amigas da liberdade e de passarem a vida sem receio nem constrangimento, não podiam soffrer que as forçassem a um labor penoso e improficuo para ellas, cruel e sujeito a ameaças, ao açoite e talvez a martyrisações; e por isso as mais experientes e escarmentadas fugiam do litoral, procurando entranharem-se nas brenhas e nas solidões, e preferindo assim ao captiveiro o que quer que fosse de mais intractavel e medonho.

Os portuguezes procuravam por todos os modos oppôr-se a esta emigração, mas vendo que pela fôrça poucos resultados colhiam, começaram a usar de affagos, pequenos mimos e grandes promessas, fazendo-lhes entre-luzir pro fórma as leis divinas, o paraizo, a bemaventurança; e d'est'arte illudiam os indios e os induziam a sair de seus escondrijos, e os guiavam como rebanhos para as praias, onde os empregavam depois em seus serviços e lavoiras.

O remedio, porém, não era duradoiro. Abandonavam os filhos d'estes, como boccas inuteis, e de quem não tiravam proveitos immediatos, e separavam os maridos das mulheres sem attenção ao futuro; d'ahi elles, solitarios, sem familia, com saudades d'ella, sem liberdade, antes coactos e injuriados, definhavam aos centos, mais enfermos do moral que do physico; postoque a nostalgia e a mudança de habitos e de alimentos tambem contribuissem para isso e manifestassem seus perniciosos effeitos. As leis ácerca de liberdade dos indios eram de facto irritas e nullas, e seus infractores ousados até ao excesso de reclamarem contra suas pobres victimas!

Com a chegada do novo governador julgaram aquelles a occasião propicia para desafôgo de seus clamores, e assim o pozeram por obra, allegando que os padres, á sombra da religião, perturbavam tudo, e excitavam as familias. «Que o indio em fugindo para as aldeias d'estes, tinham alli seguro asylo como no sagrado; que era aliás aquella gente incapaz de virtude e de religião, e que os jesuitas, seus pretensos protectores, emquanto os negavam aos moradores, os empregavam em seu serviço, ou no de seus amigos.»

Á vista d'isto procedeu o governador a algumas devassas, e vendo como elles se flagellavam sem dó e repettiam o Padre-Nosso na ponta da lingua, achou que tudo era falso! Mas a despeito do apoio do governador, pouco ganharam os indios no temporal.

Deus se compadecia d'elles, enviando-lhes de novo a peste para arrancal-os com a morte aos vexames e á escravidão! Contra este mal antepozeram os padres préces e procissões (*Ob. cit.*, liv. VI, n.° 320).

Discutia-se em Roma a conveniencia de passar ao bispo a administração dos indios, e não obstante entender-se que a proposta presumia já em si a conveniencia da coi-

sa, as razões apresentadas eram fracas. Prevaleceram portanto, ou pareceu que prevaleciam, as que lhes eram contrárias.

Declarou o geral da Companhia que não devia desamparar aquellas ovelhas, sem confiança em outros pastores; que a experiencia do anno de 1571, em que se tirára os jesuitas das aldeias, mostrára que os rebanhos se tresmalhavam. Não sería isto consultar a paz, senão fugir ás claras aos trabalhos, maldições e perseguições; que sería mais louvavel e meritorio padecer e penar por amor da justiça de Christo. Dizia o geral em conclusão que não era materia aquella para ser consultada ao de leve; e assim continuassem os padres como iam, mas com cautela e moderação, abstendo-se principalmente de offender os poderosos. Levava a mal que na Bahia e no Rio elles houvessem contendido com os governadores, embora com razão mas sem a modestia e a submissão desejaveis!...

Tomaram comtudo as coisas nova feição, no Rio de Janeiro, com a chegada do governador Veiga e do administrador ecclesiastico do sul, parecendo que a conversão entrava em nova phase. Callaram-se as indisposições contra os jesuitas e aggregaram-se ás aldeias uns oitocentos indios.

Chega Sachino com a sua chronica até o fallecimento do geral Everardo; todavia não tracta do Brasil nos annos de 1579 e 1580.

Não diz ao certo em que anno chegou Lourenço da Veiga ao Brasil; e note-se mais outro descuido da parte do author, incluindo no liv. VI factos que deviam ser relatados no liv. VIII. Em todo o caso dá-se lacuna, seja em 1579 ou em 1580.

José Juvencio, continuador de Sachino, quiz escrever história e não chronica, isto é, attendeu mais á ligação das materias do que á succcessão chronologica dos factos. No primeiro tomo da parte primeira da sua obra até a quinta, refere-se nos annos de 1581 a 1590. O segundo tomo comprehende de 1591 a 1616 e foi impresso em 1710, e é o livro XXIII d'este tomo que reserva para tractar da America, e d'este livro os capitulos XVI e XVII para o Brasil. As coisas da nossa terra mereceram-lhe pouca attenção, e pelo desenvolvimento que ia tendo os acontecimentos passados nas outras partes da America hespanhola, vê-se bem que estamos no dominio dos Filippes. O Mexico, o Chili, o Perú, o Tucuman e o Paraguay, os collegios de Buenos-Ayres, de Mendoza e de Sancta Fé preoccupam-n'o tanto, que ficou a nossa terra quasi que no olvido!

Tractando do Brasil este escriptor, repette o que disseram seus antecessores, pelo que escuso resumil-o. O que diz da pacificação dos *carijós* e *aymorés* vem melhor exposto na *Relação annual* de Fernão Guerreiro. O mesmo póde dizer-se da missão dos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, no Ibyapaba, no que não adianta o padre José de Moraes [1].

Diz que os medicos mandaram o padre Anchieta para o Brasil por causa de saude e que ahi morreu. Narra depois seus innumeros milagres. «*Non Brasili coli bonitas laudabatur, et magna opus erat, longiquo ac maritima itinere.*» Apesar do que diz, não accrescenta n'este ponto aos demais chronistas, cujas obras extractei; e quanto ao caso de Boles, occupa-se d'elle de uma maneira assaz perfunctoria, relatando apenas que, accusado perante o bispo, foi preso e lançado ás chammas. Anchieta regeu sete

[1] Vid. *História da extincta provincia* que fica extrahida.

annos a provincia do Brasil e deixou-a em 1585 por achar-se muito doente. Morreu em Rerigtyba a 9 de junho de 1597 com sessenta e quatro annos de edade. Levaram os indios seu cadaver em rede para a villa do Espirito-Sancto.

A 13 de abril de 1593 baixou a lei conferindo liberdade aos indios; mas observa o author que foi burlada pelos interessados no captiveiro d'esses pobres infelizes.

No anno de 1596 foram dois padres aos *carijós*, que estavam sempre em guerra. Esses missionarios, rompendo innumeros obstaculos, avistaram-se afinal com um dos chefes—*Tacaraguá*. Este, não obstante os muitos aggravos recebidos, faz pazes e entrega um filho aos padres. Partidos apenas os de *Tacaraguá*, chegaram outros; pois que se espalhára rapidamente por aquelles vastos centros a notícia da chegada dos dois padres, dos quaes parece chamar-se o mais authorisado Domingos Garcia. A terceira turma, que chegou, formou um longo circuito para evitar os inimigos que estavam de permeio; ainda assim os encontraram, batteram-se, e, postoque ficassem vencedores, sairam tão desbaratados e quebrados da peleja, que com difficuldade concluiram a jornada até os padres.

Em 1600 estabelece-se paz com os *guayanazes*, nação feroz e guerreira, e ia em mais de trinta annos em guerra com os portuguezes. Ha aqui a notar fragrante contradicção em José Juvencio, que em outra parte da obra dá esta paz como feita em 1598 [1].

Foram trazidas a S. Salvador algumas mulheres d'esta raça, como captivas. Accommodou-se uma d'ellas mais que as outras, e por tal fórma, aos costumes portuguezes, que se intentou a reducção da tribu por sua intervenção. Indo esta com brindes, que lá distribuiu, apregoando a generosidade dos portuguezes e o quanto fôra bem tractada

[1] Vid. tambem n'este ponto o *Index* de Simão de Vasconcellos.

d'elles, persuade a alguns de seus parentes que venham a S. Salvador. Estes assim o fazem; mas atterram-se quando se vêem entre seus antigos inimigos, dado que perdem para logo o medo com os affagos e dadivas que recebem d'elles, e assim voltam contentes aos seus. Cincoenta dos mais animosos tentam depois a mesma expedição, e acolhidos por egual modo, induzem os mais a fazerem paz e a aldeiarem-se ás ordens dos padres.

Uma parte d'esta mesma nação habitava na capitania dos Ilhéos. Entrou no espirito de um irmão (jesuita) pacifical-os, e para isso aprende com summa difficuldade a lingua. Vae em missão com um sacerdote e da canoa lhes falla e os inclina á paz, reforçando os argumentos com brindes que trazia. Dizem-lhe os barbaros que desembarque. Os que iam na canoa, procuram dissuadil-o d'isso; elle, porém, vendo que nada conseguiria, se se não arriscasse, põe a sua confiança em Deus, e salta em terra. Depõem os indios os arcos, ouvem-n'o tractar da paz e ornam-se com os diches que d'elle recebem: tudo se passa na melhor ordem, e conhecendo-os o padre tão bem dispostos, aconselha-os que mandem tres dos seus a fazerem paz com os portuguezes, promettendo de os tornar em tres dias carregados de dadivas, em vista do que annuem. Foram bem acolhidos e voltam com alguns padres no prazo prefixo. São os seus esperados na praia com ruidosas acclamações e os abraçam transportados de alegria. O chefe para mostrar sua boa disposição quebra as pontas das flechas, prega-as a seu modo, e declara paz. Em razão d'isto abalam d'ahi muitos com os padres, vão á Bahia e se aldeiam. Muitos d'estes vão depois ao centro prégar pazes aos seus; sendo ellas acceitas por grande número d'elles, que descem e fixam-se nas aldeias, «vivendo n'ellas como cordeiros, os que d'antes, á moda de lobos carniceiros, não se fartavam nunca nem de sangue, nem de carniça.»

ANNALES LITTERARII

É collecção escripta em latim, que promette muito, e dá muito pouco de si. As noticias incompletas pela mór parte, sem nome de pessoas nem de lugares, tornando-se-me por isso mui difficil desentranhar d'ella o que aqui resumo.

1581

Conta a provincia do Brasil oito casas, e cento e trinta e sete socios: morreram trez; entraram cinco, e effeituaram-se trezentos e trinta casamentos e mil e trezentos baptismos.

Começou a primavera d'este anno com chuvas copiosas, como nunca d'antes as houvera na Bahia; ventanias de arrancar arvores, e por cumulo de desgraça sobreveiu peste com tanta crueldade, que só em uma aldeia, no espaço de dois dias, morreram sessenta neophitos.

Faz-se por esse tempo missão a um monte altissimo (provavelmente o monte *arabe* de que falla adiante M. Vitelleschi) que demora no interior da Bahia. Os selvagens mandam embaixadores e vae um padre ao encontro dos

indios; mas um mameluco introduz a sizania entre elles, por modo que só desceram duzentos.

Nada succede de importante no Rio de Janeiro, a não ser o medo de duas náus francezas, e isto quando a cidade estava sem tropa e o governador ausente; mas tambem retiraram-se sem causar damno.

Em Pernambuco deram-se conciliações de amizades e composições de dividas por intervenção dos jesuitas.

Nos Ilhéos começa a fazer milagres a cabeça ou queixada (o latim diz *os*) do martyr S. Gregorio, que o geral da Companhia lhes mandára seis annos atraz. Os *aymorés*, sempre vencedores d'antes, começam a recuar por milagre da tal reliquia! Dizem os *Annaes* que aquella nação era tão feroz que arrancava as crianças do ventre das mães, e logo alli as assava em espetos, e as comia na propria presença dos paes e parentes.

1582

Não tractam do Brasil.

1583

Bahia

O administrador do bispado, em artigo de morte, reconcilia-se com a Sociedade de Jesus, á qual se mostrára sempre hostil.

N'este anno houve alli fome e depois molestias, de que morreram muitos.

No collegio de Piratininga tracta-se da conversão dos *maramonis*, sendo d'isso encarregado um dos padres.

1584

Morreram dois padres, entraram seis; sendo o número total d'elles, na provincia, cento e quarenta e dois.

Bahia

Crea-se alli a irmandade das *Onze Mil Virgens;* porque faltando chuvas e havendo muita sêcca, fizeram preces e procissão nocturna, indo n'ella um andor com a cabeça de uma das *Onze Mil Virgens*, e logo se toldou o céu e começou a chover.

Representaram os padres por essa occasião um mysterio ou auto das *Onze Mil Virgens*, cujo espectaculo é digno de narrar-se aqui para se conhecer com que prácticas supersticiosas iam elles embrutecendo a intelligencia ao povo: caminhava Sancta Ursula sobre rodas disfarçadas com a tunica, e para ella se inclina um anjo que traz a palma do martyrio: as virgens choram em côro e querem todas dar o sangue pelo Divino Esposo, e disparam-se n'esse momento tiros que representam o triumpho. Recebem-n'as por último córos de anjos, que entoam seus louvores. «O público chorava» dizem os *Annaes*, e accrescentam: «Não se póde significar quanto começâmos a ser procurados e concorridos depois d'esta solemnidade.»

Ha no Rio de Janeiro cento e sessenta baptismos, em Piratininga cento e setenta, e em Pernambuco cento e noventa, acontecendo mais entrar para o collegio d'esta capitanía um moço para noviço, bom discursador, engenho ardente: «*ut omnia de eo sperari jam liceat.*»

1585

Pernambuco

Dois figurões brigam por causa da authoridade: estavam para vir ás mãos e a cidade em alboroto, quando o

senado recorre aos padres, e estes conseguem que os dois inimigos se congracem *coram papulo*.

O visitador tinha ordenado que todos os annos andassem dois padres pelos engenhos de assucar em desobriga, como se fazia na Bahia. Idéa catholica, e ao mesmo tempo jesuitica na essencia era essa; pois não faltavam esmolas de vulto aos padres, que se faziam colheita no espiritual vinham com os cofres pesados e as canôas abarrotadas dos productos da generosidade e crendice dos devotos.

Vão dois padres, cujos nomes calam estes *Annaes*, á conquista do Parahyba; e fazem-se n'esse mesmo anno, na Bahia, novecentos e cincoenta baptismos.

Appareceu por esse tempo entre os indios uma nova superstição, que fez muito damno, tanto mais quanto, approximando-se aos ritos da egreja, attrahiam os incautos com a novidade.

Explicavam os schismaticos, na sua improvisada seita, que eram os portuguezes que se afastavam da verdade. Arvorou-se um d'elles em pontifice, elegia bispos, ordenava sacerdotes, ouvia de confissão. Levanta casa para educação das crianças, dizendo ahi missas, fazendo rosarios com quantas fructas de semente dura e redonda apanham os seus, livros de cascas e taboas, e com umas garatujas para figurarem de breviarios, «que não podia ser senão innovação do proprio demonio.» Dizem que para chegar-se a ser sancto convinha passar por certo gráu de demencia, e para isso os que o queriam ser bebiam summo de tabaco e caiam logo em convulsões spasmodicas e horriveis, estorcendo-se, revolvendo-se no chão e pronunciando palavras inintelligiveis, etc. Sobrevinha a este periodo o do torpor, e logo que voltavam a si, lavavam-se e estavam sanctos, tanto mais legitimos quanto mais violento fôra o ataque.

Dizia o tal *papa* que os seus maiores viriam em um

navío para os resgatar d'aquelle durissimo captiveiro. Então morreriam ou seriam mortos todos os estrangeiros, e os que resistissem se converteriam em peixes, porcos e féras dos mattos; que os indios, que tivessem fé, se haviam de salvar, e os incredulos seriam pasto das féras e das aves de rapina. Envia elle seus nuncios e prégadores aos indios que viviam com os portuguezes, propaga-se a superstição entre elles, e fogem das aldeias com os escravos, talando as plantações e ateando fogo ás casas. Nada poupam, como homens, que para andarem mais ligeiros, na fuga, começam pelo infanticidio.

Por fim, os proprios que haviam fugido das aldeias dos padres foram os que se insurgiram contra o improvisado *papa*, prendem-n'o, maltractam-n'o, e tel-o-iam morto se lhes não acudisse a idéa que deviam leval-o ao governador como premio de seu perdão; mas este com melhor aviso entrega-o a elles proprios para que fizessem justiça por suas mãos. Estes arrastam-n'o para a aldeia, arrancam-lhe a lingua e o enforcam.

Não é para admirar este facto entre gente tão rude e em cujos espiritos fracos alimentavam os jesuitas as mais ridiculas superstições, quando ainda hoje se dão outros similhantes no valle do Amazonas, não só de apparições de papas, mas de Christos, como ainda não ha talvez quinze annos alli succedeu.

Ilhéos

Havia aqui duas aldeias com oito padres, porque o trabalho era muito. Todos adoecem, vindo a succumbir d'entre elles o padre Manuel de Paiva, com quarenta e tres annos da Companhia e quarenta e dois do Brasil: *obediente ut codex ad pueri dactum.*

Rio de Janeiro

Estão os indios (não dizem os *Annaes* quaes sejam) em guerra, e vae a elles um padre com um irmão, expostos a contínuas e rigorosas chuvas, e trazem os dois socios para as aldeias da Companhia seiscentos d'estes indios.

S. Vicente

Quer o padre visitador mudar as casas da Companhia para lugar mais commodo, e para isso lhe deram os cidadãos *duas optimas;* mas apesar de tão generosos donativos não se mudaram, tendo havido eguaes offertas em Piratininga com identicos resultados, por onde se deve colligir que foi uma cilada armada á credulidade e ánimo ingenuo e generoso dos fieis.

1586

Não tractam do Brasil.

1587

Entraram n'este anno dez noviços e morreram tres. Morre tambem na Bahia o padre Manuel de Barros, que estava, ia em nove annos, na provincia.

Augmenta-se o collegio, melhoram-se os ornamentos, e tornam-se mais frequentadas as escholas.

N'esse mesmo anno morre em Pernambuco o padre Francisco Teixeira, que em 1586 se fôra á Parahyba, onde conseguiu que um chefe selvagem com mais trinta dos seus fossem baptisados.

Rio de Janeiro

Morre o padre Balthasar Alvaro entre o discipulos, e succede por este mesmo tempo que a irmandade das *Onze Mil Virgens* fizesse de novo preces, pedindo chuvas.

Espirito-Sancto

Contam-se aqui dez mil neophitos.

Piratininga

Os *moramonins* fazem amizade com os portuguezes, e como ninguem lhes soubesse a lingua, entendiam-n'os por acenos emquanto não a aprendia um padre que se occupava com empenho d'essa tarefa.

1588-1589

Não tractam do Brasil.

1590

Abrem-se na Bahia as casas do *Gymnasio* com uma douta oração do professor de humanidades, a que assacaram epigrammas. No dia de Nossa Senhora da Conceição foram premiados doze alumnos em philosophia com grandes festas da cidade de S. Salvador, e do seu bispo, o qual se mostrou nobre e generosamente inclinado a favorecer

estes estudos, para o que estabeleceu um donativo em assucar no valor de trinta moedas de ouro *(triginta aureis destinantur)* para ser distribuido em premios aos discipulos.

Dispensava este prelado favores não menos valiosos á irmandade das *Onze Mil Virgens*, para cujo altar prometteu dar perpetuamente cera.

N'este anno emprehendem tres padres, sendo dois de missa e um irmão, a missão a algumas duzentas leguas da cidade da Bahia, e percorrem esse caminho difficil pela solidão das mattas e cópia das aguas. Chegados que foram aos indios, persuadem-n'os a que desçam para lugares mais commodos; porém conveem n'isto sómente cento e cincoenta d'elles, recusando-o formalmente os mais.

No collegio do Rio de Janeiro morreram n'esse anno o padre João Baptista, que tinha dezoito annos do Brasil e era prático na lingua geral. O administrador do bispado d'essa capitanía mostra-se cada vez mais affeiçoado aos jesuitas. Dão-se n'este anno cento e setenta e dois baptismos.

1591

Morre em Piratininga o padre Manuel de Chaves, que, a despeito dos seus oitenta annos de edade, era constante em peregrinações a pé e quasi sempre descalço.

Os barbaros, depois d'essa morte, veem em grande multidão sobre Piratininga. Devastam os campos, matam os rebanhos, lançam fogo ás povoações: não ha descanço nem folga para os cercados, e até desesperam da salvação; porque poucos em número, postoque mui valentes, não se atreviam affrontar essa tempestade de barbaros que os oppriimiam.

Vem a toda a pressa em soccorro d'elles tropa de San-

tos, d'onde se havia pedido refôrço. Já os arrabaldes eram tomados e destruida a egreja de Sancta Maria, ahi situada. Os neophitos fizeram proezas na defensão de Piratininga, offerecendo-se intemeratos ás settas dos inimigos, que, depois de repettidos ataques, retiraram-se em vergonhosa fuga.

Conta mais o chronista que na tomada do templo da Virgem apoderaram-se estes barbaros da imagem e cortaram-lhe a cabeça. Sendo feito depois prisioneiro o author d'este sacrilegio expirou atado á cauda de um cavallo.

Ha na Parahyba por esse tempo dez mil e cem christãos.

Diz o author que receberam baptismo, na capitanía de Pernambuco, oito mil quatrocentos e vinte e seis indios, o que faz crer, pelo que hoje existe da população convertida, que o decrescimento d'ella foi rapido e espantoso.

Na Bahia faz-se n'este anno cento e sessenta baptismos; e morreram nos dois annos (1590-1591) tres noviços e entraram quatro.

1592

Não fallam os *Annaes* no Brasil.

1593

Embora não se occupe o author particularmente do Brasil, e embora haja anachronismo, traz este trecho digno de reparo:

«Pelo tractado de casamento da infanta D. Catharina, em 23 de junho de 1661, com Carlos II de Inglaterra, deu-se, diz o author dos *Annaes*, á princeza um dote de dois mil contos, cedeu Portugal Bombaim e Tanger, e abriu aos

inglezes os portos do Brasil, onde lhes foi permittido residir e habitar com os mesmos privilegios dos portuguezes quanto ao commércio.»

Quando foi por occasião da restauração da Bahia, o conde duque de Olivares, ministro de Hespanha, fez entrega a D. Fradique de dois ou tres milhões para despezas da guerra.

Deshouveram-se elles depois, e o conde de Olivares, que governava tudo, ajudando-se do valimento regio para se vingar de Fradique, mandou-lhe tomar contas, e por ellas achou-o alcançado em meio milhão. Apertou com elle que o pagasse ou désse descarga: deu-a elle, e esta em poucas palavras: «Que o gastára em missas ás almas, em esmolas e obras pias, para que Deus lhe désse a victória, que alcançára e que muito mais valia [1].» Bom tempo era esse em que um general saldava contas por meio tão summario e facil!...

Restauraram-se as capitanías da Bahia e Pernambuco, não pelo parecer do célebre jesuita Vieira, que opinava pelo abandono d'esta aos hollandezes, como se verá melhor á pag. 132 da sua *Arte de Furtar*, e mais amplamente debattido na biographia do padre escripta pelo distincto litterato João Francisco Lisboa (IV vol. das suas *Obras*).

Passam os *Annaes* em seguida a apresentar este catalogo das residencias e collegios do Brasil:

Anatuba, missão do collegio da Bahia.

Bahia, collegio.

S. Barnabé, missão do collegio do Rio de Janeiro.

Aldeia de Curupotyba.

Bethlem, seminario.

Camamú, residencia e collegio da Bahia, havendo tam-

[1] Vid. no cap. XX da *Arte de Furtar* do padre Antonio Vieira confirmado este caso.

bem com o mesmo nome uma missão pertencente a esse collegio.

Canabrava, missão do collegio da Bahia.

Cabo-Frio, missão do collegio do Rio de Janeiro.

Carapicuiba, residencia e collegio de S. Paulo.

Conceição da Virgem Maria, ou da *Sancta Virgem*, residencia de Gurupotyba, do collegio do Pará, juncto ao Amazonas.

Conceição da Virgem Maria, residencia do Pinaré, do collegio do Maranhão.

Conceição da Virgem Maria, residencia de Tapajós, do collegio do Pará.

Ceará, missão.

Espirito-Sancto, residencia do Pará.

Espirito-Sancto, collegio.

Espirito-Sancto, missão do collegio da Bahia.

Goytacazes, residencia do collegio do Rio de Janeiro, em Campos dos Goytacazes.

Guayurú, missão do collegio de Olinda.

Ilhéos, residencia do collegio da Bahia.

Itinga, missão do collegio do Rio de Janeiro.

Jaboatão, residencia do collegio da Bahia juncto ao Rio de S. Francisco.

Jurú, missão do collegio da Bahia.

Maranhão, collegio.

Mortiguera, collegio do Pará.

Nheengahyba, missão do collegio do Pará.

Nossa Senhora do Desterro, residencia no Xingú, do collegio do Pará.

Nossa Senhora da Escada, residencia do collegio da Bahia.

Olinda, collegio.

Pará, collegio.

Parahyba do Norte, residencia do collegio do Recife.

Parahyba do Sul, residencia do collegio de S. Paulo.
Paranaguá, residencia do collegio de S. Paulo.
Porto-Seguro, residencia do collegio da Bahia.
Recife, collegio.
Rerigtyba, residencia do collegio do Espirito-Sancto.
Reis Magos, residencia do collegio do Espirito-Sancto.
Rio de Janeiro, collegio.
Rio da Prata, missão da colonia do Sacramento, pertencente ao collegio do Rio de Janeiro.
Rio de S. Francisco, missão do collegio da Bahia.
Sancta-Cruz, residencia do collegio do Rio de Janeiro.
Sacco, missão da aldeia do mesmo nome e do collegio da Bahia.
Santos, collegio.
S. Paulo, collegio.
S. José, residencia do collegio do Maranhão na aldeia de *S. José de Ribamar*.
S. João Baptista, residencia do collegio do Maranhão, fronteira á cidade (em Vinhaes).
S. João Baptista, residencia nos Caetés (Pará).
S. Miguel, residencia do collegio do Maranhão.
Serinhaem, missão do collegio do Pará.
Tupynambás, residencia do collegio do Pará.
Tajupeba, residencia, do collegio da Bahia.
Uratagui, missão do collegio de Olinda.

Importa observar que o chronista dá como pertencentes á provincia de Portugal as residencias dos Ilheos e Sergipe. Porque e como foram estas capitanías no que respeita á Ordem desmembradas da provincia do Brasil e a razão do silencio que guardaram os demais authores jesuitas a este respeito? Ignoro-o, levando-me esta escuridade a crer que foi com taes concessões que se conseguiu da Companhía a separação das provincias!

Finalíso este extracto pela curiosa, se bem que incom-

pletissima estatistica dos collegios, e residencias e número de socios que os habitavam, como vem nos *Annaes*.

Collegios e residencias	Annos									
	1581	1582	1583	1584	1585	1586	1587	1588	1589	Termos
Bahia	75		0	62	72	15	5	70	0	81
R. de Janeiro	20			25	27			30		22
Pernambuco.	16			22	21			22		3
S. Vicente..	7			7				11		14
Piratininga .	4			4	7			7		85
Espirito S.to.	6			8	Todos por					86
Porto Seguro	6			4				11		57
Ilhéos	6			5				11		88
	136			142	150			162		89

Collegios e residencias	Annos									
	1590	1591	1592	1593	1594	1595	1596	1597	1598	1599	1600
Bahia		70									
Parabyba...	3										
R. de Janeiro		25 a 30									
Pernambuco.		22 a 25									
S. Vicente..											
Piratininga .											
Espirito-S.to.											
Porto-Seguro		9 a 11									
Ilhéos											
Totalidade...	161	172									

Desde o anno de 1592 até o de 1600 apresentam os *Annaes* os mesmos collegios e residencias, sem comtudo assignalar-lhes o *quantum* dos socios que os povoavam, deixando os mappas em branco, e assim deficiente similhante trabalho, o que acontece tambem em muitos dos assumptos de que tracta.

Pouco ha a extractar de Mucio Vitelleschi a respeito do Brasil, e isto nos annos de 1616 a 1624.

1616

Não se tinham abrandado os odios dos portuguezes contra os jesuitas, deffensores da liberdade dos indios. Estas queixas nem sempre foram baldadas: mais de uma vez os homens poderosos tentaram com tumultos populares coagir os padres a abandonarem a administração dos indios, e apesar dos magistrados abafarem as sedições, iam os clamores sempre em crescimento. Espalhou-se que elles auferiam grandes e enormes proventos da administração dos indios, e que esses productos deviam entrar com mais justiça para o fisco! Chegaram estas vozes á metropole, e o rei, bem ou mal informado, tirou aos jesuitas essa administração, confiando-a de outros sacerdotes; e assim triumpharam os interessados no captiveiro dos indiginas, e não houve mais pôr obstaculos á sua cubiça. Parece, comtudo, que a alegria não foi de longa duração; pois que o novo governador Gaspar de Sousa, chegando á Bahia, e logo que pôde ver as coisas por si, e conhecer das falsidades que haviam prevalecido na côrte para solução d'este negocio, escreveu ao rei «informando-o de quanto convinha ao serviço de Deus, ao seu e do povo, isto é, que as aldeias continuassem a ser administradas pelos padres como d'antes; que os seus lucros nenhuns eram, a não ser o que elles dispendiam com o culto divino e salvação das almas dos indios; que haveria perigo em privar a estes de seus *curas;* que do contrário se recolheriam de novo aos mattos com gravissimo prejuizo da real fazenda, pela diminuição dos tributos.» Cumpre notar que Gaspar da Sousa era dedicado aos padres e os ouvia em tudo!

Tomou o rei esse accôrdo e os jesuitas voltaram á ad-

ministração dos indios. N'este anno (1616) apparece nova peste, em que se manifestou a caridade dos padres, e com este procedimento captivam a vontade aos moradores. Vitelleschi falla tambem de umas aguas milagrosas e narra assim o facto: que um neophyto chamado Antonio, attacado gravemente da peste, foi ao matto proximo em procura de não sei que herva. «Caindo desfallecido e quasi no último alento, eis lhe apparece um venerando varão, vestido com hábito de S. Francisco, o qual, apontando para uma fonte que saía de uma lapa, como lhe ordenava que d'ella bebesse, e isto feito desappareceu. O homem cobrando ánimo viu a fonte mais distinctamente, e, approximando-se d'ella, bebeu e guareceu. Correu fama, e a virtude da agua se conservou constante. Todos creram que o franciscano não era outro senão o proprio Sancto Antonio.»

No tempo do governador Gaspar de Sousa effeituou-se a expedição para a expulsão dos francezes do Maranhão. Nove navios, quarenta veteranos, trezentos indios escolhidos frecheiros, e por chefe Alexandre de Moura, que levou comsigo os dois padres Manuel Gomes e Diogo Nunes, e tomou posse da ilha. Expede d'ahi Caldeira que chega ao Pará, onde fez um forte. Diz que os indios como que sofregos pediam o baptismo por modo que era grande o fructo; mas que os padres não podiam fazer longa demora por não terem licença para isso. Accrescenta mais o author que até de duzentos mil passos, ou coisa de setenta leguas, vinham embaixadores dos indios. Não tendo quem continuasse a guiar aquelles na religião, deram o baptismo a alguns na hora da morte, e voltaram com a frota a Pernambuco; mas ainda assim levantaram cruzes em muitos lugares, e expozeram muitas imagens á adoração pública. Esta última parte me parece muito duvidosa.

O que houve por então de mais notavel foi a introduc-

ção no Brasil das preces de quarenta horas nos tres collegios, unicos que por esse tempo existiam n'aquellas conquistas.

Não se sabe quantos baptismos houve no anno, mas deram-se no triennio mais de trez mil trezentos e trinta em crianças, e mais de mil e duzentos em adultos.

Fez-se grande serviço a Deus com os africanos; que já os havia então em grande cópia, vivendo nos engenhos sem terem pela maior parte de christãos mais que o nome, e ainda esses mesmos nem sempre eram levados á pia baptismal. Mal conheciam a egreja, vivendo nas fazendas, como nos sertões da Africa, com toda a licença e máus vicios, uma vez que isso não prejudicasse ao serviço dos senhores. Sairam alguns padres em desobriga pelo reconcavo, e acharam mais de nove mil que havia tres annos pelo menos se não tinham confessado.

Sería longo, diz o author, enumerar todas as expedições que emprehenderam os padres jesuitas; mas de algumas ao menos é bem que se conserve a memória, ou porque foram de grande risco, ou porque tiveram resultado equivalente ao perigo, ou porque afastaram-se do commum, e servirão para exemplo e utilidade dos que lerem.

A primeira d'estas missões foi a dos padres Antonio de Araujo e João de Mendonça ás montanhas do Arabe (*ad montem arabicum*). [1] Este monte, quasi inaccessivel, intromette-se pelas terras dentro muito distante de S. Salvador. Tem duas leguas de comprido e pouco mais de metade de largura. Aqui viviam pela maior parte em lastimosa confusão muitos indigenas dos que se tinham retirado das praias, e outros fugidos do captiveiro.

Tomada pouca gente, alguns sem armas, commetteram aquelles dois padres a jornada, confiados que acabariam com os indios a que de novo se voltassem ás praias e á

[1] Falla tambem d'ella, postoque por alto, os *Annales Litterarii.*

abraçar a doutrina de Christo. Caminharam muitos dias por medonhas solidões, e por mattos enormemente espessos e onde não descobriam vestigio humano. Aconteceu-lhes frequentes vezes terem de abrir caminho a ferro, ou de trepar montanhas a pés e mãos, e de soffrer por fim os horrores e miserias da fome; porque consumida a matolotagem, tiravam o principal remedio da sua vida de algum mel silvestre que por acaso deparavam nas arvores.

Consumiram quatro mezes n'esta perigosa jornada, até que chegaram ao monte *Arabe.* O padre Araujo, gravemente enfermo, era transportado em rede, e por isso avançava com mais vagar, Mendonça o precedia com os demais companheiros.

Vendo os indios aquella caravana do alto de suas montanhas e suspeitando serem portuguezes que os vinham accommetter, deram logo rebatte, metteram as crianças e as mulheres no matto e armaram-se para a resistencia. Como se aproximassem hostis, Mendonça gritou-lhes que era sacerdote e vinha de paz, portanto que nada temessem. Adiantou-se sósinho e metteu-se resolutamente entre elles. A confiança os impressiona, e a affabilidade os rende. Se é duvidoso, como diz o author, que elles em sabendo que Mendonça era jesuita se lhe lançaram aos pés, em signal de veneração, ainda é menos provavel.

Chega o padre Araujo e desvanece algumas desconfianças que os mais suspeitosos talvez ainda alimentassem, recebendo-os todos com o melhor gasalhado e contentamento.

Viviam em paz estes selvagens com suas aldeias no monte, a pequenas distancias umas das outras e em número de quinhentas. Eram de costumes corruptissimos, destoando, porém, d'elles alguns admiraveis exemplos. O principal de uma d'estas aldeias recebeu luzes do Evange-

lho; e por isso tinha uma vida integra e recommendavel. Cumpridor de suas regras e de bom viver, não procurava vingar-se ainda mesmo quando o podia a seu salvo. Em outro tempo fôra tomado á traição pelos portuguezes, tractado indignamente, reduzido á escravidão e posto a trabalho em um engenho de assucar, d'onde fugiu. Quizeram os seus desforçal-o, e bem o podiam fazer; mas elle os dissuadiu d'esse mau intento. Homem de bom coração, de uma misericordia como ingenita para com os extranhos, não consentia que se procedesse contra elles injusta nem deshumanamente. Havia desterrado de suas aldeias os sacrificios humanos, e se lhe constava que alguns dos seus tinham inimigos á corda, lá ia e os resgatava.

Foi facil conseguir por meio d'este abraçassem os mais o christianismo; mas no que punham os padres maior empenho é que descessem para o litoral. Pareceram concordar n'isso, mas no dia da partida os mais d'elles desappareceram tão mysteriosamente, que, por mais que foram procurados, não se encontrou nenhum dos taes. Desceram ainda assim uns duzentos, que se estabeleceram na aldeia do Espirito-Sancto, na Bahia.

Outra missão foi a dos *carijós*. Partiram para ella, esperançados nos maiores resultados, os padres João Fernandes e João de Almeida. Mallogrou-se, porém, ella por não terem achado apoio n'aquelles de quem o poderiam esperar.

Salvador Corrêa de Sá e Benevides, governador do Rio de Janairo, mandou adiante dos padres ordens para que todos os magistrados dos lugares por onde teriam de passar, lhes dessem auxílio e mantimentos á custa da real fazenda; mas longe de assim o practicarem, elles empregaram todos os esforços e diligencias para que os padres não proseguissem, e isso porque tinham sempre á mão um viveiro de escravos, como estivessem os *carijós* em

constante guerra entre si. Poderam comtudo os padres progredir na sua missão pela liberalidade de Antonio de Vasconcellos, que os recebeu no seu navio, e os fez desembarcar nas terras dos *carijós*.

Ao chegarem, souberam que os portuguezes tinham, por mensagens secretas, prevenido estes indios contra os padres, aconselhando-os que se acautelassem d'aquelles dois homens, e fugissem de suas vistas, pois eram maus, e que se chegassem a ouvir-lhes a voz, ficavam sem remedio seus escravos. «Fez isto *impressão;* mas depois abrandaram.»

Entram os padres pelos sertões, são acolhidos em toda a parte pelos *carijós*, e persuadiram aos melhores d'elles que deixassem seus bosques e viessem para o Rio de Janeiro; mas faltavam navios. O padre Fernandes escreve a Salvador Corrêa pedindo-lhe meio de transporte seguro; pois com tantas mulheres e crianças não podia emprehender a viagem em canoa.

Seja que o governador não recebesse as cartas, ou que ellas se perdessem, o certo é que não obtiveram resposta, e por isso despediram-se desconsolados e saudosos d'aquella pobre gente, que mandou então um embaixador ao provincial do Brasil, instando com elle para que lhes mandasse padres. «Não lhes foram, pela *insufficiencia do numero que então havia no Brasil!* E todavia *no tempo d'Anchieta* com menos se acudia ás mais partes.»

De Pernambuco sairam duas missões ou expedições. O padre Domingos Monteiro aos *aymorés*, a quem catechisou tão bem, que os resolveu a abandonarem suas terras, e a virem para as aldeias dos neophitos. Não havendo n'ellas provisão para o accrescimo de tantas boccas, a fome os vexou, e elles abalaram de novo para os seus sertões.

Outra expedição foi a do padre Francisco Lobato aos *goytacazes*. Elle os domesticou por tal modo, que nunca

mais de então em diante voltaram as armas contra os portuguezes. Não houve, porém, meio nem modo de os trazer ás aldeias. Isto occorreu em *Cabo-Frio*; d'onde se collige que ha confusão de localidade quando o chronista diz que as duas missões partiram de Pernambuco.

D'aqui passou-se o padre Lobato para os *tamoyos* fronteiros, que eram poucos, ou antes reliquias das guerras infelizes movidas contra estes pelos portuguezes; e que por isso ainda conservavam sua indómita fereza. N'aquelles montes escondiam-se por tal fórma que não havia menor difficuldade em descobril-os, que vencel-os. Saíam ás vezes de improviso de seus rochedos, desciam armados ao litoral e assolavam tudo.

Haviam elles captivado tres *goytacazes*, que conservavam á corda. Envia-lhes o padre mensageiro para que lhe venham fallar e tragam os tres prisioneiros; porque d'ahi lhes resultará bem. Levam um mez em consultas, por fim resolvem-se e veem ao lugar marcado. Diz-lhes o padre que os portuguezes eram alliados dos *goytacazes*, e que, portanto, vingariam a morte d'aquelles tres. Em vista d'isto entregaram-lhe esses indios que traz o padre comsigo para a aldeia de S. Pedro, fundada dois annos antes pelos padres da Companhia a duas leguas de Cabo Frio. Vieram com filhos e mulheres.

1623

Em annos anteriores a este foram mandados para a missão do Maranhão os padres Manuel Gomes e Diogo Nunes, seguindo para alli na companhia de Moura. Depois d'esse tempo abstiveram-se os padres de enviar para alli novos missionarios, não porque lhes faltasse vontade, mas porque, levado de falsas informações, tinha o rei preferido empregar outros religiosos n'aquella vinha. Fez, porém, Diogo de

Mendonça com que o govêrno mudasse de opinião; por isso que, sendo, diz o author, homem integerrimo e sabedor das coisas da missão, não por fé de estranhos, mas como *tistimunha occular* (?), persuadiu o conselho das Indias que, longe de se deverem afastar do Maranhão os padres da Companhia, convinha muito alli a sua presença e assistencia. Tendo-lhe a côrte de Madrid facultado levar ávante suas idéas, entendeu-se Diogo de Mendonça com o provincial, para que fossem mandados dois jesuitas áquella capitania, para o que preparam-se logo o padre Luiz Figueira e Benedicto Amodei, ambos mui apropriados e escolhidissimos para o caso.

Não os acolheram, comtudo, os moradores do Maranhão com a mesma disposição de ânimo com que o governador da Bahia os mandava. Levantou-se uma sedição no povo, e apenas chegados, pretendia que de novo fossem embarcados. Reprimiu o governador do Maranhão este tumulto, já com fôrça, já com authoridade.

D'onde estes odios? Induz-me isto a crer que os jesuitas, apesar de tudo, tinham tão má reputação, que esta os precedia até áquellas paragens de tão difficil contacto então com a Bahia. O que diz este chronista da Companhia de Jesus não é de todo o ponto acreditavel: *Adeo fere peccate non poterant prodatores indigenarum colonis, esse ibi qui contra eorum rápacitatem tutarentur libertatem indorum, hos qne abripim in servitutem prohiberent. Nam qui hoc odii causa unica, «cui alias prœtexere» conabantur frustra.*

Reprimidos os colonos, como fica dicto, pelo governador, não deixaram comtudo de insistir com toda a efficacia que os padres fossem logo e logo revocados, se bem que o não fizessem com a violencia do comêço. Passaram depois a representar ao governador Diogo de Mendonça que prohibisse e interdissesse o territorio do Maranhão aos jesuitas,

porque a presença d'elles era alli inconveniente (*gravem*) e nociva á republica; e depois lançam os seus libellos em actos publicos (refere-se o author ao accôrdo com o senado da camara de que elles padres se não metteriam em questões de indios?); mas nada d'isto aproveitou. O governador da Bahia, como parte que tinha sido n'aquella determinação, respondeu indignado, que elle admirava-se muito de como lhes passasse pela imaginação lançarem fóra taes homens, quando pelo contrário lh'os deveriam pedir com instancia, se já alli os não tivessem comsigo, e que soubessem mais, que elle alli queria a Sociedade por muitas razões, e principalmente por haver entendido que com ella se haveria el-rei de confirmar na posse d'aquella conquista, e dilatar ainda mais seus dominios. Accrescentava por fim que, d'alli em diante, se abstivessem de todo ulterior procedimento contra os padres. Cabe notar de passagem que nem elle, nem os da Companhia poderam salvar a capital do Brasil das garras da cubiça hollandeza!

Quando esta carta chegou ao Maranhão, já andavam os espiritos mais pacificos, tendo a mansidão jesuitica produzido seus costumados effeitos, postoque não fosse grande a victória. Tinha realisado esta conversão o tracto e convivencia com os padres, «a ninguem molestos, antes affaveis, brandos e religiosos, sabendo mostrarem-se prestaveis á causa pública, quando assim o pedia a occasião». Como era de suppor, empregadas as baterias jesuiticas contra os que mais violentamente se lhes oppunham, eram estes agora que, vencidos da apparente humildade dos jesuitas, mais os favoreciam.

Os padres, desejando bem-merecer de todos, não se pouparam tambem a trabalho nem indústria para promoverem a religião pública ou particularmente. Construiram o seu templo de pedra e cal, o primeiro que teve o Maranhão d'este feitio e solidez, e não se occuparam senão com os

colonos; por quanto os franciscanos, chegados alli por aquelle tempo, tinham diploma regio para que ninguem, senão elles, se empregasse na conversão dos indigenas; mas decorridos uns seis annos, cederam d'aquelle monopolio, que reverteu para os jesuitas. Os motivos que levaram os franciscanos a isso ignoro, nem me foi possivel descobril-o nas obras por mim consultadas.

Passando o author a tractar em seguida da nação — *Mares-Verdes*, aproveita-se do que disse o padre Antonio Vieira em uma carta da mesma epocha (1623): «Eram estes *Mares-Verdes* nação feroz, inculta pela infamia de seu nome, procurada muitas vezes dos portuguezes e nunca achada d'elles.»

Dois annos antes tinham ido á esta conquista, ou antes descobrimento, os dois padres João Fernandes Gotto e Martinez. Depois de errarem muito por valles e montes inhospitos, voltaram sem nenhuma esperança.

O padre Fernandes morreu de molestias, ou contrahidas n'esta jornada, ou aggravadas n'ella.

O padre Martinez não desistiu, nem desanimou: repettiu este anno (1623) a sua expedição com alguns neophitos e gentios practicos das habitações dos *Mares-Verdes*. Os gentios fogem todos do caminho, o que embaraça a expedição; e os que ficam querem voltar e assim persuadem-n'o ao padre; mas este teima em ir adiante. Progridem d'este modo muitos dias ás tontas sem descobrirem vestigio humano, até que um dia, quando menos o esperavam, dão de repente com os Palmares (*creba mapalia?*), habitação dos *Mares-Verdes*.

Sentindo os barbaros a aproximação dos adventicios, e cuidando que seria alguma d'aquellas *bandeiras* de portuguezes que costumavam correr os mattos para os captivarem, reunem-se no momento, levam mão das armas, adiantam-se infestos e ameaçadores, preparados a dar a morte aos

invasores. O padre manda um mensageiro, por quem sabem que é um sacerdote que os vem buscar atravez de tantos obstaculos, e foi isso parte para que depozessem sua ferocidade.

Persuadiu-lhes o padre a que viessem ao Espirito-Sancto, e elles o teriam acompanhado se não fosse a falta de alimentos. Mandam no entanto sete, declarando que se o padre voltasse no seguinte anno elles o acompanhariam de bom grado.

Revoluto o anno, volve o padre em companhia do socio Antonio Bellavia. Festejam os indios a sua chegada. Segundo a affirmativa do author, todos o acompanharam para o Espirito-Sancto em número crescido.

Tinham estes pobres selvicolas sempre o que receiar e perder do contactó com os europeus, ainda quando os tractavam bem: d'esta feita accommetteu-os a peste, (*lues*) chegados que foram ao Espirito-Sancto.

Esta peste, de que fallam tantas vezes os escriptos dos padres, é de suppor que fosse quasi sempre a epidemia variolica, que attaca os indios com violencia extrema, e ainda mais me confirma n'esta opinião a descripção que d'ella faz o author «*tabes postulorum, malum brasilieorom maritimam inconlentibus frequens, et adhuc Mariverdibus inexpertum.*»

Porto-Seguro

Poucos annos antes tinham aqui vindo dois padres de muita virtude, Mathias de Aguiar e Fabio Moyo. Em seis mezes, que tantos alli se demoraram, carearam por tal modo a vontade de todos, que muitos desejaram houvesse alli casa da Companhia. Escreveram ao proposito-geral Mucio, pedindo-lhe isso, e offerecendo-se para correrem com as despezas da fundação e subsistencia dos padres. O proposito-geral acceitou o convite d'estes povos, e mandou fizessem alli casa, no genero d'aquellas chamadas—*residencias*.

Foram alli recebidos os padres com muitas festas e repiques de sino, e reconciliaram-se algumas inimizades inveteradas e que se tinham por implacaveis.

Morre n'este anno o padre Gonçalo de Oliveira; mas como nada fez que mereça menção, melhor será deixal-o em silencio.

1624

Estando ainda no govêrno Diogo de Mendonça, tomaram os hollandezes a Bahia, concedendo liberdade de culto, excepto aos padres jesuitas; mas não se achou ninguem, nem ecclesiastico, nem cidadão de algum tracto que abandonasse a nossa religião. Irritados os hollandezes por isso, commettem desacatos nas egrejas. «Ficou a Sé para templo de sua superstição de Calvino, do collegio dos jesuitas fizeram armazens de vinhos, dando licença a alguns mercadores, que os acompanharam, para n'elle se alojarem. «Emquanto alli estiveram os hereticos, a casa ficou mal-assombrada e não dormiam com o barulho os sacrilegos que a habitaram, que suppondo serem riquezas enterradas, assim excavaram tudo.»

Para remate de tantos males succedeu outra calamidade. Pouco depois de se terem rendido os portuguezes, o padre proposito provincial, Domingos Coelho, voltava por mar á Bahia, ignorando o acontecido. Vinham com elle nove sacerdotes, e entre elles o padre Antonio de Mattos, designado para succeder ao provincial na administração da provincia. O navio é tomado logo que entra na Bahia. Nenhuma esperança havia de resgate, porque os hollandezes tinham decidido que todos os religiosos, que se tomassem, fossem levados a Hollanda, para servirem de troca de prisioneiros. Foram depois tomados mais dois, os padres Gaspar da Silva e Simão Souto-Maior, em viagem para Portugal.

Estes doze jesuitas, maltractados e carregados de cadeias, são transportados para Amsterdam, onde jazeram nos carceres públicos por mais de vinte mezes, até que por diligencias do geral foram resgatados. Na ausencia d'aquelles dois do collegio da Bahia, o padre Fernão Cardim tomou a administração da provincia. Ficou ella em tristissimas circumstancias com a entrada dos hollandezes, tantoque o grande seminario da provincia, d'antes frequentado de muitos alumnos e professores, agora se via privado não só da casa, mas dos rendimentos tão necessarios para a sustentação de tanta gente. Por isso muitos, apreciando bem as suas difficuldades, já não iam longe de suppor que a provincia ou se tinha acabado, ou, pelo menos, estava agonisante.

Restauração da Bahia

Eram em número de vinte e dois os padres que por occasião da restauração se achavam nos arraiaes portuguezes da Bahia, para acudirem aos soldados por entre balas e fogo. Mas isto tinham de commum (supponho) com todos os mais religiosos. No collegio se guardou a preza feita ao inimigo, e para vigiar estacionava alli uma companhia de soldados. Os padres afastaram-se e concentraram-se no interior de suas casas.

Em Pernambuco e no Rio de Janeiro temem-se dos inimigos e apercebem-se para a guerra. Os indios acodem em grande número a soccorrel-os, o que, como sempre, se attribuiam os jesuitas a seu esfôrço e indústria.

Este authôr falla de uma viagem no anno de 1624 a Villa-Rica, na provincia de Guaíra ou Tucuman, onde os jesuitas punham collegio e que ia em grande augmento, quando foi tudo — collegio, colonia e terras — assolado pelos salteadores do Brasil (os hollandezes).

SYNOPSIS

ANNALIUM SOCIETATIS JESU IN LUSITANIA

(ab anno 1540 usque ad annum 1725)

AUCTORE R. P. ANTONIO FRANCO [1]

Do volumoso *in-folio* do padre Antonio Franco só pude estremar os poucos dados que passo a resumir.

Os padres Simão Rodrigues e Francisco Xavier, chegando a Portugal (1540), foram recebidos com estranha benevolencia por el-rei D. João III, que deu-lhes logo cartas para o rei de França, Francisco I, e para o imperador Carlos V, casado com Isabel, irmã d'aquelle, afim de que todos os monarchas, unindo seus esfórços, instassem ante o papa pela confirmação da Sociedade. N'estas difficuldades descobre-se já a astucia dos padres para aguçar a vontade dos soberanos a que forcejassem ainda mais pela introducção dos discipulos de Loyola! Foram uteis essas recommendações, como se vê da bulla de confirmação dada por Paulo III a 27 de setembro d'esse mesmo anno; mas para que fosse completo o beneficio, quiz o rei concorrer com todos os gastos da expedição das bullas.

Eram essas cartas de D. João III em termos mui pomposos, segundo o padre Antonio Franco, encarecendo a

[1] Impresso em 1726.

Julio III tanto ao padre Simão Rodrigues pelos serviços prestados ao reino, como aos mais varões apostolicos das Indias pelo que haviam já obrado em favor dos naturaes.

A tão celebrada obediencia dos jesuitas não foi todavia sempre o que cá por fóra nos parece, como melhor se verá d'este facto.

O padre Simão Rodrigues tinha ido a Roma no anno de 1551, deixando a provincia entregue a Gonçalo Madeira. Ouviu alli as *constituições* que Loyola ia publicar, e assentiu em tudo menos na faculdade que ellas davam ao geral de poder transferir para os collegios necessitados os redditos d'outros, o que impugnou com muita energia. Sancto Ignacio explicou a sua mente, mostrando que deixava a derogação d'ellas, n'essa parte, ao arbitrio do rei e da boa vontade dos socios, d'onde se conhece que a elasticidade das leis e mandados jesuiticos já era ensinada por seu proprio instituidor.

No anno de 1552 publicavam-se as *constituições* em Portugal, mas entendeu Loyola que devia tirar o govêrno ao padre Simão para extirpar os costumes por este introduzidos. Pediu venia ao rei, e com ella o transferiu ao padre Diogo Mirão» recolhendo-se o padre Simão á residencia de S. Felix (propié Minium).

Apenas nomeado Mirão, crea reitor do collegio de Coimbra ao padre Manuel Godinho. Ambos confessores de caracter, porém menos estimados dos subditos, rigidos e austeros ambos, queriam levar tudo á virga ferrea. Não permittiam que nada se fizesse sem que fossem ouvidos e consultados, fosse o que fosse o de que se tractasse, dizendo que as coisas iriam de mal a peior, se elles não attendessem a tudo.

O resultado foi tal qual se devia esperar d'estes rigores. A presença de Simão Rodrigues, que passava por Coimbra em caminho para o seu retiro, foi como oleo

lançado no fogo. Os padres odiavam os novos governadores, como homens sobre modo importunos, e que pretendiam inclinar a todos com violencia, e a cada um ao seu genio d'elles. Levantaram-se declarando que queriam a Simão para seu reitor. D'aqui nasceu a suspeita de que este, por algum facto ou palavra, ou ainda mesmo involuntariamente, fomentára a revólta. Ateado o incendio ou desesperado de o poder apagar, o facto foi que Simão se transferiu sem demora para a residencia de S. Felix, emquanto os novos superiores, incapazes de subjugar aquella tormenta, escreveram para Roma, que era impossivel restabelecer-se a paz, emquanto Simão residisse na Lusitania.

Veiu pois a Portugal, com a pressa que o negocio requeria, Miguel Turriano, a quem o padre Ignacio de Loyola commettêra suas vezes, para reparação e emenda d'estas desordens. Turriano se apresenta ao rei, a quem vence ao modo jesuitico, rendendo-lhe infinitas graças pelos beneficios que derramára sobre a Sociedade, e acaba supplicando-lhe que pozesse corôa a tantos favores, consentindo na saida do padre Simão do reino, que era o mais que podia fazer para tranquillidade da Companhia. Annuiu a isso o rei. Turriano, que trazia cartas em branco e com a assignatura de Loyola, enche-as logo, dando ordem a Simão que parta em continente a governar a provincia de Aragão de novo instituida. Na incerteza de qual fosse a vontade do rei, Simão dirige-se para Lisboa, lembrado de que em outros tempos Loyola se havia subordinado ao real arbitrio. Em Thomar, porém, entregam-lhe as cartas régias de 23 de julho, em que lhe diziam que a pedido de Loyola, que allegava como bom e justo, lhe mandava a carta do seu geral para que se transportasse a Valença, e d'ahi á provincia de Aragão, do que elle rei se daria por bem servido. Simão obedece e parte para Valença, tendo a Miguel Gomes por companheiro.

No entanto, nem por isso melhoraram as coisas no collegio de Coimbra, e *muitos o abandonavam:* podiam fazel-o, porque ainda os reverendos padres não tinham o diploma pontificio contra os *apostatas*, essa arma poderosa que só vieram a obter em 1565, no pontificado de Pio v, e por intervenção de D. Sebastião.

«*Qui durioris erant servicis, in tirocinium missi ad residenciam S. Felicis—multis—probati sunt—experimentis, Pauci tamen illorum in Societate abieré,*» diz o padre A. Franco.

No entanto Miguel Gomes, que partíra para Valença com o padre Simão, não esteve por muito tempo ausente de Portugal. Voltou por causa de saude. «*Reversus Joannem regem Proceris eliminavit atrionibus multis in sanctissimum fundatorem, inquisivi me sparsis, adeo suspensos tenit ut multi crederent extinguendam in illis terris Societatem* [1].»

Tendo o padre Simão regido por pouco tempo a provincia de Aragão, se tornou de novo a Portugal, ainda por causa de saude, e chegando a Lisboa, foi-se á casa de Sancto Antonio. O caso, todavia, estava prevenido pelo superior, que ordenou ao porteiro não lhe permittisse entrada, por não trazer carta patente, e saber-se que não tinha licença de voltar ao reino. Era por sem dúvida o pae da provincia da Ordem dos jesuitas; mas causas por certo mui graves obstavam o seu ingresso n'elle!

De olhos baixos e ánimo tranquillo louvou ao porteiro a religiosa fidelidade para com os superiores, e resolveu buscar lugar no hospital, pondo-se alli ao serviço d'aquella casa. D. João de Lancastre, duque de Aveiro, seu grande amigo, não soffreu isso, e o levou para seu palacio. A 12 de julho de 1553 chegou carta de Sancto Ignacio,

[1] Vid. Orlandini, liv. xii, n.º 60.

que, com muitos affectos, o chamava a Roma, facultando-lhe fizesse a viagem por mar ou por terra, como melhor lhe permittisse sua saude; mas que em todo o caso partisse dentro em oito dias depois de recebida a carta, e ordenava-lh'o sob preceito de obediencia. Á vista d'isto não houve soccorrer-se mais a pretextos, e partiu no fim do anno, levando por companheiro Melchior Carneiro, primeiro reitor do collegio e depois bispo de Evora.

Apenas chegado o padre Simão a Roma, Affonso de Lencastre, embaixador de Portugal, entregou-lhe um diploma pontificio, isentando-o da jurisdicção de Loyola, e permittindo-lhe tornar-se a Portugal, e viver alli onde mais lhe approuvesse.

Ou por julgar-se innocente, ou por confiar na antiga amizade, o certo é que Simão Rodrigues se apresenta a Loyola e mostra-lhe o diploma, e depois rasga-o immediatamente, para assim provar ao geral que o não provocára e fôra obtido por seus amigos d'elle padre Simão sem que o houvessem consultado para isso. Loyola louva-lhe muito o acto; mas a congregação, revendo a causa, julgou que o padre era ou fôra a causa d'aquelles tumultos. Portanto, para evitar occasião de novos disturbios, deliberou mandal-o fundar um collegio em Jerusalem. Partiu elle n'esse intuito para Veneza, e alli, impedido pelas suas enfermidades (note-se que a este jesuita sempre advem uma molestia que o impede de cumprir ordens que lhe não comprazem!) que o demorou até 1564, quando se passou á Hespanha, onde ficou até 1573, em que obteve licença para voltar a Portugal.

Não foi sem muito custo e empenho que alcançaram esta mercê os padres portuguezes que tinham ido a Roma assistir á eleição do geral, que recaiu em Everardo Mercurial. Levaram muito recommendada a volta do padre

Simão Rodrigues e não descançaram no desempenho d'este mandado emquanto não obtiveram similhante favor.

Morte do padre Simão Rodrigues

Voltou tão velho e quebrado de fôrças que apenas como que teve tempo de se admirar dos progressos que a Companhia havia feito em Portugal; porque tendo percorrido Evora, Coimbra, etc., veiu morrer em Lisboa no anno de 1579.

Observa o author que com a saida de Simão Rodrigues de Portugal, tomou o rei por confessor ao padre Luiz Gonçalves da Camara.

Atando depois o fio á narração, e referindo-se o padre Antonio Franco ao anno de 1552, em que succedeu o facto por que incorreu o padre Simão no desagrado de Loyola, diz que se não pacificaram aquelles disturbios em Coimbra com a desejada promptidão. Os rumores espalhados pelos muitos que haviam desertado da Companhia, offendiam os pios ouvidos dos fieis. Accrescia a isto que o padre Manuel Godinho, reitor do collegio, estava em uma demanda com os poderosos conegos de Sancta Cruz, e se tinha alienado as boas graças d'aquella respeitavel congregação. Querendo applacar aquella tormenta, e ver se ainda era possivel tirar partido das circumstancias, reune a 8 de novembro o collegio na sua egreja, pede que implorem a Deus por sua intenção, e continuem os socios em fervorosas orações até a sua volta. Depois, vestido de lucto e com as espaduas núas, vae-se pelas ruas, açoitando-se cruelmente com umas disciplinas, e parando em todas as estações. Commovido o povo de tal espectaculo, ajuncta-se e segue-o até a egreja de Sancta Cruz, onde elle continúa a açoitar-se, pedindo a misericordia do céu para esses ho-

mens honrados, e para si mesmo, por ter deffendido tão acremente a *justiça* do seu collegio.

Não produziu na congregação menos effeito que no povo a velhacaria jesuitica! e quer conegos, quer egressos, todos emmudeceeram!

1553

Veiu a Portugal o padre Jeronymo Natal com poderes de commissario para o fim de publicar as constituições, e foi alli recebido benignamente. O rei pede-lhe um exemplar, e dota o collegio com cincoenta mil réis—«*decorum regalium æquitanis, et quidem in perpetuum.*»

Veiu depois, no mesmo anno, S. Francisco de Borja. Está fóra de todo o encarecimento o modo com que foi acolhido na côrte. Era geral a loucura, e a tal ponto que o infante D. Luiz quiz fazer-se jesuita. Não o foi; porque pareceu a Loyola que a Sociedade de Jesus ganhava mais se o não tivesse por socio.

1555

Referem os authores da Ordem o seguinte facto passado n'este anno, postoque haja alguem que o impugne. Dizem que D. João, tão amante, como era, da Companhia, tractando de estabelecer a inquisição em Portugal, lh'a offerecêra, e que Diogo Mirão, a acceitára, sob condição do assentimento de Loyola, que de facto o dera; mas que não foi ávante o negocio, por terem chegado as cartas de Loyola annuindo á proposta quando já era morto o infante D. Luiz, fervoroso admirador e o mais tenaz defensor da Companhia, e enfermo o cardeal.

Falleceu, com effeito, n'este anno D. Luiz, e como não tinha podido fazer-se jesuita no exterior, vestindo a rou-

peta curta, mandou que fosse a ella admittido seu filho D. Antonio (prior do Crato); mas os fados o reservavam para maiores vicissitudes: tocou na corôa, e morreu no exilio!

1556

Morre Loyola em 1556. Os padres professos de Portugal, que eram poucos, reunem-se em Almeirim, onde estava o rei. Luiz Gonçalves da Camara e Gonçalo Vaz de Mello foram eleitos para acompanharem o provincial Miguel de Torres (Turriano), indo tambem com elles o padre Manuel Godinho, como procurador da provincia de Portugal, e Jorge Serrão, das do Brasil e Indias. O rei correu com os gastos da jornada.

1557

Morre D. João III a 11 de junho, com cincoenta e cinco annos de edade e trinta e cinco de reinado.

Não houve recanto do reino onde este monarcha não fundasse egrejas com largas dotações! Creou e nomeou os primeiros bispos de Leiria, Porto-Alegre e Miranda, em Portugal, o primeiro arcebispo de Evora, o primeiro bispo de Cabo Verde, o patriarcha da Ethiopia, e para o que podesse aconteçer — os bispos da China *(cocinense)* e de Malaca, e mais o bispo da Bahia. Introduziu no reino os jesuitas, antes mesmo de serem approvados pelo pontifice, como tambem os padres capuchinhos e os franciscanos. Além das casas da Companhia, mandou construir ou augmentou grandemente as fundações dos monges de S. Jeronymo, de Sancto Agostinho, dos religiosos da ordem de Christo, dos carmelitas, o mosteiro de S. Gonçalo de Amarante, e foi, emfim, quem introduziu a inquisição em Portugal!

Não satisfeito de enriquecer a curia romana, mandava esmolas á Galliza e á Hespanha. Quanto aos jesuitas, a estes favorecia elle em toda a parte e por todos os modos; porque Loyola lhe mettêra em cabeça que era elle o segundo pae da Ordem! Por isso mandava largas provisões de especiarias das Indias e do Brasil ás casas e collegios de Hespanha, França, Italia e Allemanha. «*Jubebat dari ex aromatibus Indicis et Brasilicis condimentis ampla subsidia.*»

Deixou tambem muito recommendado que seu neto D. Sebastião fosse educado na doutrina dos honrados padres (na phrase do rei), e para isso foi chamado de Roma o padre Luiz Gonçalves da Camara. A rainha nomeou para confessor de seu neto e tutelado a Miguel de Torres (Turriano). O rei, mesmo em vida, aconselhava a todos que tomassem confessores jesuitas, que era esse o caminho do céu mais do seu agrado.

1559

Cabe mencionar n'este anno a vinda do padre Luiz Gonçalves da Camara pela fatal influencia que exerceu no reino, e pelas desgraças que a elle advieram de seus conselhos!

Depois da morte do rei, tendo a rainha respirado os ares d'aquella atmosphera devota e hypocrita, e sendo de mais a mais hespanhola e filha de Filippe I, não se descuidou das recommendações do real esposo, antes apressou-se a cumpril-as. Escreveu logo ao geral Laynes que lhe mandasse o padre Luiz Gonçalves, ao que elle lhe respondeu que era preciso consultar os provinciaes. Sabia o astucioso jesuita com quem tractava, e por isso simulava taes difficuldades para lhe acirrar mais a vontade; tanto que, entendendo a rainha ser esta resposta uma recusa, man-

dou a Roma por seu embaixador a Lourenço Peres de Tavora, recommendando-lhe especialmente a vinda do padre Luiz Gonçalves da Camara. Já não houve então mais dúvidas, e volta o padre Luiz Gonçalves isento da jurisdicção de qualquer superior, excepto da do geral, mas com a condição de não habitar fóra de casas da Sociedade. Chega e põe tropeços de sua parte. D. Catharina: mulher e rainha, teima e vence, se é que a victória não foi do padre e de seus consocios, que negaceiavam para venderem-se mais caros e entrarem ainda mais no ánimo real.

Morre o padre Manuel Alvares, coadjuctor, martyr, ou no Brasil, ou em viagem para alli *(in itinere brasilico)*. Partiram tambem n'esse mesmo anno, com o bispo Leitão, sete jesuitas, sendo sacerdotes de missa os padres João de Mello e João Dicio, belga.

O último, achando contrarios á sua saude os ares do Brasil, voltou a Portugal. Dos cinco noviços tres foram expulsos por não satisfazerem a vocação.

1561

É n'este anno que volta do Brasil o padre Dicio. Foram mais dois para lá: o padre Francisco Viegas, portuguez e um irmão de nome Scipião, italiano.

1562

D. Catharina entrega o govêrno do reino.

1563

Partiram para o Brasil quatro: o padre Quiricio Caxa, o irmão Balthasar Alvaro, ambos castelhanos, e os irmãos Sebastião de Pina e Luiz Carvalho, portuguezes. O car-

deal lhes mandou dar passagem na capitânia, fazer as despezas da jornada pelo thesouro, além de presentes de muitas alfaias, paramentos e calices de prata com que os brindou.

1564

O cardeal dota o collegio da Bahia, em nome de D. Sebastião, que manifestára desejo de o fazer.

1565

Morte de Laynes.

Congregação geral em que vae por procurador da India e do Brasil Ignacio de Azevedo. Resolve-se ahi que não usem essas dignidades o titulo de dom (Ignacio de Azevedo estava no caso de o ter), annullados menos nos collegios maiores, os lugares de superintendentes, que tolhiam toda a acção ao reitor; assim como os dos commissarios aos provinciaes.

O cardeal D. Henrique obtem, em nome de D. Sebastião, que fossem coagidos e punidos, como apostatas, os jesuitas que de seu proprio moto saissem da Companhia e que não entrassem na Cartucha.

1566

O novo geral crea visitadores para as differentes provincias. Coube a Portugal Miguel de Torres, e ao Brasil Ignacio de Azevedo. Partiu este com Mauro Gonçalves, Antonio da Rocha e Balthasar Fernandes, sacerdotes, Pedro Dias e Estevam Fernandes, irmãos. Chegam á Bahia a 24 de agosto, e quasi que ao mesmo tempo que os padres Miguel Rego e Antonio Aranda.

Estabelece-se em Coimbra a inquisição no collegio que havia sido dos jesuitas, e aonde depois haviam de encarcerar o padre Antonio Vieira.

Toma D. Sebastião n'esse anno as redeas do govêrno, tendo de edade quatorze annos, e em fins de outubro volta o padre Ignacio de Azevedo «contando d'elle (Brasil) tantas maravilhas, a ponto que levantou-se como um incendio em todos que lá queriam ir prégar a fé.»

Apesar de promulgado o diploma pontificio contra os apostatas, parece que nem esses casos de deserção eram raros, nem as outras ordens podiam ver com bons olhos que se considerasse apostasia a preferencia que lhes dessem os transfugas do Instituto. O cardeal, porém, orgulhoso como quem era, e teimoso a mais não poder, vendo que não conseguia convencer os muitos doutores que eram contrarios á sua opinião, valeu-se da authoridade de legado *a latere* e de inquisidor-geral, e a 13 de outubro condemnou como heretica, offensiva, etc., a opinião que lhe era opposta. A isto não havia replica: os jesuitas ficaram jesuitas, e diz o padre A. Franco: «*Quamvis esset promulgatum pontificia diplomata de apostatis; non dierant litterati hominis externi, qui favebant Societatem sponte sua deserentibus, vel ad ordines alias migrantibus. Noxios errores cardinalis Henricus exterminaturus, usus potestate. Legati de latere, et generalis inquisitoris, dedit litteras, ubi verbis gravissimis declaravit hujus modi opiniones esse errores non tolerandos et a sacra puniendos inquisitione, tanquam sapientes hæresim.*

«*Præcepit in virtute sanctæ obedientiæ sub pœna excomunicationis nequis temere aut tam pestifera docere douctrinam auderit. Hujus modi diploma edictum* 13 *octobris, frœnum imposuit talium errorem defensoribus.*» (*Syn. Ann.*, § 11, pag. 82.)

1570

A 15 de julho d'este anno morre Ignacio de Azevedo e seus companheiros ás mãos de Soria, ficando Simão da

Costa de reserva para cortarem-lhe os herejes o pescoço no dia seguinte, tendo egual sorte a 13 de setembro de 1571 o padre Pedro Dias e mais treze companheiros. [1]

1571

Succede mais n'este anno vir S. Francisco de Borja a Portugal por causa das calumnias que contra os jesuitas mandaram assoalhar na Europa aquelles que no Brasil e nas Indias julgavam seus interêsses prejudicados pelos da Companhia.

Diz o author que os padres empenhavam-se em compor as desavenças entre o rei-cardeal e a rainha, que se queria ir para Castella, mas que nem ella, nem os padres oppunham-se a que elle casasse.

1572

Parte n'este anno para o Brasil Ignacio de Tolosa, nomeado provincial por S. Francisco de Borja pela morte do padre Ignacio de Azevedo.

Tolosa era hespanhol, natural de Medina-Cœli. Entrou para a Sociedade em Portugal, e como era doutor em theologia ensinára esta sciencia em Coimbra.

«Recebidas as cartas patentes foi-se ao altar e as depoz ante um Crucifixo, rogando á Virgem Maria tomasse a si aquelle encargo. Para prova de que acceitava a offerta, lançou de si o Crucifixo tantos raios de luz tão viva, que todo o cubiculo ficou alumiado.» Já se vê que houve d'isso testimunhas!...

[1] Vid. F. Sachino *Historiæ Societatis Jesu*, no extracto que faço, que não está de accordo quanto ao numero dos padres escapos das mãos de Jacques Soria.

1573

Partiu Tolosa a 28 de janeiro em uma frota de trinta navios, levando comsigo doze companheiros, e chegou á Bahia em fins de abril, vivendo alli sanctamente até maio de 1601.

A despeito dos grandes favores que Pio v tinha feito á Sociedade, voltára atraz nos ultimos annos do seu pontificado, querendo muitas reformações na instituição da Companhia, sobretudo na parte relativa aos não professos, a quem recusava tomassem ordens sacras. Gregorio XIII aboliu todas estas restricções, e as coisas voltaram ao antigo estado.

Reune-se em Roma a congregação para eleger novo geral, e João Polamo, hespanhol e vigario-geral, que tinha estado no segrêdo dos antecessores, era o candidato mais provavel para substituir o derradeiro.

Quando se apresentaram os da congregação ante o papa, rogando-lhe, como era de costume, a sua bençam, informou-se elle miudamente do modo da eleição e perguntou quantos geraes hespanhoes tinha havido, ao que lhe redarguiram que todos tres haviam sido d'aquella nação. D'ahi passou a indagar do número de votos hespanhoes e do das demais nações; e vendo que havia desegualdade ponderou: — «Pois é justo que agora se escolha geral de outra nação!»

Tornou-lhe Polamo modesta e commedidamente, que a Sociedade se congregava em Roma para ter mais liberdade na eleição; que ninguem soffria exclusão, obrigando-se todos por juramento a escolher o melhor. Retrucou a isto o papa que houvesse egualdade nos suffragios, pois que nas outras nações não faltavam sujeitos capazes d'aquelle cargo eminente, e apontou o belga Everardo Mercurialis.

A causa d'esta novidade era o ciume das outras nações, que viam o cargo nas mãos dos hespanhoes, entrando tambem n'essa guerra feita á eleição de Polamo o aborrecimento ao sangue judeu: pois que elle ou era christão novo, ou protegêra aquella nação perseguida. O cardeal D. Henrique tinha descoberto horrores d'esta gente, e como amigo da Sociedade, lastimava-se de que os houvesse na Companhia! Elle, portanto, D. Sebastião e Filippe I, de Hespanha, escreveram ao papa, instando para que não consentisse um geral infamado com esse labéu, e foi isso o que instigou o papa a tomar parte tão pronunciada n'essas eleições.

Reunidos os padres, apresenta-se ahi um cardeal, recommendando-lhes que não elejam hespanhol. Irritam-se, mas obedecem com a tão preconisada flexibilidade do Instituto.

Sae eleito Everardo Mercuriano (Mercurialis) a 23 de abril d'esse anno (1574). Partiram cinco jesuitas para o Brasil, com differente successo. Luiz Dias e Manuel Mesquita, sacerdotes portuguezes, e João Salonio, catalão, chegam ao seu destino, e o último vae d'ahi com outros padres da provincia do Brasil para Tucuman, na America hespanhola, onde funda collegio. Os outros dois sacerdotes, Diogo Mendes e Francisco Lopes, que tambem partiram n'este anno para o Brasil, foram apresados pelos hereticos francezes, e são postos nus na praia, depois de soffrerem grandes affrontas e correrem risco de vida a ponto de estarem os piratas a vir ás mãos, porque um dos navios os queria para os matar, e o capitão recusava entregar-lh'os.

1575

Parte D. Sebastião para a Africa e leva comsigo seis jesuitas, voltando depois d'esta primeira e louca tentativa.

Partem para o Brasil seis jesuitas, José Morinelo e Leonardo Arminio, padres italianos, os padres Francisco Lopes e João Baptista e os noviços Manuel Tavora e Jeronymo Rodrigues.

1577

Gregorio Serrão, que viera por procurador a Roma, volta com dezesete companheiros portuguezes e d'outras nacionalidades [1].

1578

Segunda jornada d'Africa em que vão quinze jesuitas. Depois da catastrophe de Alcacerquibir é acclamado rei o cardeal D. Henrique.

1579

Chega a Portugal o padre Maffei para escrever a sua *Historia das Indias*. Morre Simão Rodrigues em Lisboa, a 15 de julho d'esse anno, como já fica referido na pag. 194.

1580

Morre n'este anno o cardeal-rei, e no seguinte (1581) o geral Everardo Mercuriano; sendo eleito para snbstituil-o Claudio Aquaviva, com trinta e sete annos de edade.

Parte para o Brasil com poderes de visitador, o padre Christovam de Gouvêa, indo em sua companhia Fernão Cardim e Rodrigo de Freitas, ambos sacerdotes e procuradores da provincia do Brasil, e o coadjutor Barnabé Telles, que fôra socio de Simão Rodrigues, e Martinho Vaz, noviço. O padre Christovam na sua tornada ao reino, caíu em poder dos piratas e foi lançado nas praias de *Cantabria* (?)

[1] Vid. os nomes no catalogo.

1585

Não poucos partiram este anno de Lisboa (30 de janeiro) com destino ao Brasil, e entre elles o padre Lourenço Cardim. Como o vento era fraco, andam seis leguas e saem ao encontro d'elles duas naus de piratas francezes, occultas pela serra de Cintra. Dão-lhes caça, de noite combatem longamente, morrendo Lourenço Cardim no conflicto de uma bala que lhe despedaçou o craneo, quando animava os combatentes. Entram os piratas, roubam, maltractam os padres e os deixam no navio em que aquelles vinham, e que foi ter á Galliza.

1586

A esforços e conselho do cardeal Alberto são os comediantes condemnados a degredo, como peste e corrupção dos bons costumes. Elles offerecem dotes a cinco donzellas orphans e resgate para cinco captivos, com tanto que os deixem. Os padres mofam *(risere)* d'esta liberalidade e foram aquelles pobres coitados expulsos de Lisboa! Não desesperam no entanto de tão mofina sorte, tanto que voltaram á carga em 1588, promettendo d'esta feita dar oitenta comedias e mil dinheiros reaes (cruzados?) á Sancta Casa por cada um d'elles; mas os jesuitas não cedem e fazem com que refuzem o pedido. Tres seculos depois são os actores festejados por povos e reis, considerados e agraciados pelos governos, e, por uma singular coincidencia, ergue-se o theatro de D. Maria II onde se levantava d'antes o catafalco para os autos de fé do iniquo tribunal da inquisição! E ha hypocritas e philotheras que choram pelos tempos de outr'ora!...

1587.

Partiram n'este anno para o Brasil Marçal Beliarte, que ia por procurador da provincia, Francisco Soares, que um anno antes tinha sido tomado pelos piratas, Marcos da Costa e Henrique Gomes, todos professos, o padre Manuel Ferreira, coadjutor espiritual, Domingos Coelho *(non dominietatus)* e que depois regeu por duas vezes a provincia. Os mais eram coadjutores: — Paulo Pinto, Diogo Gomes (portuguezes), Ascanio Bonajusto e Agostinho Lifarelo (italianos).

Voltou ao reino o padre Antonio Gomes, que viera do Brasil por procurador.

1591

Foram quatro para o Brasil; Pedro Coelho e Gaspar Lobo, sacerdotes professos, Simão Pinheiro e Manuel Oliveira, não ordenados. Pinheiro foi mais tarde provincial, e Oliveira reitor do collegio da Bahia, que voltando por procurador da provincia, morreu na Italia.

Houve n'este mesmo anno a *grande conspiração* de Luiz Carvalho. Entrára este para a Sociedade, em Coimbra, no anno de 1554. Era homem de engenho, lettras e bons dotes; mas de virtudes não correspondentes, segundo a opinião dos padres. Alguns jesuitas tinham-se por aquelle tempo levantado em Castella contra a Sociedade. Elle quiz imital-os em Portugal e escreveu *Observationes Constitutionibus Jesu in Portugale*, e as traduz Gaspar Coelho, a quem representam os padres como homem leve e inconstante e de nenhuma verdade nem virtude, visto como os contrariava e convinha por tanto tisnal-o.

Transpira o negocio, e o visitador, padre Pedro da Fonseca, mette a Coelho no carcere; e por isso escreve Luiz

Carvalho ao cardeal Alberto, que tinha casos de importancia a communicar-lhe e o não podia fazer por carta. Decide este que o chamassem a Lisboa, como de facto se fez.

Apresenta-lhe o seu libello, cheio de calumnias e injurias (diz o author): lastíma o miserrimo estado da Companhia, entendendo não havia valer-lhe outro remedio senão commetter a um bispo de lettras e virtudes a reformação da Ordem. O que lhe disse Carvalho, calou no espirito do cardeal. O rei tinha obtido de Roma bullas para entender na reforma das ordens religiosas, e o bispo Jorge de Athayde, que presidia na Hespanha ao conselho de Portugal, estava convencido d'essa necessidade, e ameaça *nomeadamente* os jesuitas. O cardeal instituiu uma devassa secreta: chama os jesuitas, toma-lhes juramento de dizerem a verdade e guardarem segrêdo. «*Res erat plena periculi; nam leviores, quorum semper aliqui vivunt in tanto numero, arriperent occasionem turbandi Societatem, ejusque Sanctissimum Institutum et vivendi morem.*»

Escrevem para Roma ao pontifice e este ao rei de Hespanha, que a bulla da revisão e reforma das ordens no reino não se estendiam aos jesuitas: e ao cardeal Alberto que não fizesse questões ácerca das instituições da Companhia, e entregasse os autos e papeis a Carvalho.

Este pobre diabo é quem pagou as custas, soffrendo a vingança occulta, perseverante e inextinguivel da Ordem!

1595

Partem seis para o Brasil.— Raphael Carneiro e João Fernandes, sacerdotes; Manuel Gomes e Tenreiro, estudantes; João Baptista e Francisco Gonçalves, coadjutores temporaes.

1598

Foram quatro para o Brasil: — Antonio Mattos, Melchior Alvares e Jeronymo Peixoto, sacerdotes, e o irmão João Gomes.

1602

Partiram n'este anno onze, todos portuguezes; quatro sacerdotes, um coadjutor e os mais leigos. Entre elles o padre Luiz Figueira, de Almodovar, que depois morreu, diz Franco *in regressu ad Maranionem:* d'elle ha a grammatica e o vocabulario da lingua geral.

1604

Vão sete jesuitas, sendo seis padres e um coadjutor, e com elles um estudante. Era seu superior o padre Fernão Cardim, de volta da Inglaterra, onde os piratas o tinham deixado.

1607

Partem n'este anno seis para o Brasil: — o padre Manuel de Lima com poderes de visitador, seu socio o padre Jacome Monociros e Matheus Gonçalves, coadjutor, dois estudantes e mais outro coadjutor.

1609

A 27 de junho proclama-se a canonisação de Sancto Ignacio de Loyola.

1610

Ordem do rei expulsando da India todos os jesuitas italianos por não convirem alli ao seu serviço. Não foi sem difficuldade que poderam os padres atalhar este golpe, mas por fim o conseguem.

1619

A 25 de outubro.—Canonisação de S. Francisco Xavier.

Partiram n'este anno dez socios para o Brasil com o padre Henrique Gomes, que d'ahi viera por procurador. Todos eram portuguezes, excepto João Herman, hamburguez e pintor.

Foram tambem n'esse anno mais tres:—o padre Paulo Carvalho, doutor e professor de theologia em Evora, homem doutissimo; o padre Benedicto Amadei, siciliano, que depois passou-se ao Maranhão, e o padre Fabio Moyo, napolitano, que em seguida foi mandado ao Paraguay.

1620

Partiram n'este anno para o Brasil dois sicilianos, o padre Leonardo Mercurio *(Mercurialis)* e o padre José Costa.

1622

Morre Filippe II, e foram para o Brasil quatro sacerdotes, todos sicilianos.—Antonio Bellavia, morto em Pernambuco ás mãos dos hollandezes, quando ouvia de confissão a uns penitentes; Conrado Arici, Antonio Forti e Francisco Oliveira (parece-me duvidosa a naturalidade que dá o author a este ultimo).

1623

Expulsão dos jesuitas de Angola

Governava esta provincia João Corrêa de Sousa, que fazia guerra aos gentios, e ao que oppunham-se os padres por iniqua. Sousa, tomado de colera e para cortar difficuldades, manda uns pretos ao collegio e estes agarram os padres Jeronymo Vogado, Antonio Amaral e Matheus Navarro, mettem-n'os amarrados de pés e mãos em redes, e assim os conduzem para bordo de um navio que os trouxe a Portugal. Isto succedeu no principio do anno; e porque no mez de outubro esse governador abandonasse o seu posto e fugisse para as Indias de Castella, foi alli preso e mandado para Lisboa, onde morreu no carcere.

Foi canonisado S. Francisco de Borja a 6 de setembro d'este anno, sendo pontifice Urbano VIII.

1628

Partem oito jesuitas para o Brasil, seis sacerdotes, entre elles o futuro provincial Antonio de Mattos, e dois coadjutores, dos quaes era um belga e pintor. Tomada a náu pelos hollandezes, viveu o padre Mattos quatro annos em poder d'elles.

1633

O padre Francisco Gentino, que passára doze annos missionando em Angola, passou-se n'este anno ao Brasil, e d'ahi se foi ao Paraguay.

1635

Apparecendo n'este anno o duque de Bragança em certa festa religiosa de Evora, o padre José Gaspar Corrêa, que

prégava, voltando-se para elle, concluiu. «*Adhuc, princeps, cernam in tuo capite coronam...*» e fazendo uma pausa continuou «*gloriæ, ad quam Deus nos perducat.*» Lembram-se d'isto mais tarde nos conselhos de Hespanha, e Gaspar Corrêa foi um d'aquelles que nos tumultos de Evora, de 1637, foram chamados a Hespanha por suppor-se perigosa a sua presença em Portugal.

Por esse tempo corriam os jesuitas hespanhoes para a India e Africa, esquecendo-se do Brasil.

1640

Com a acclamação de D. João IV as coisas mudam um pouco de figura. Elle lembrou-se talvez de que a um de seus antecessores tinha o rei de Hespanha offerecido a corôa do Brasil, para não encontrar maiores obstaculos em Portugal, e por isso voltou suas vistas para ahi.

1641

Elevado ao solio, o rei se aproveita dos jesuitas para differentes missões, e o padre Francisco Vilhena veiu para o fazer acclamar no Brasil.

Não foi isto, porém, preciso, porque o marquez de Montalvão já o havia feito na Bahia, mandando a Portugal seu filho mais velho como portador de tão boa nova. Em companhia d'este veiu o padre Antonio Vieira.

O grande prégador precisava bem de uma côrte onde se fallasse portuguez e que fosse theatro de seus triumphos oratorios.

Pouco depois veiu o proprio marquez de Montalvão, trazendo os que já tinham sido seus companheiros na viagem do Brasil — o padre Ignacio Estafortio, inglez e professor de mathematicas, e o irmão Gonçalo Vaz.

1642

A 12 de fevereiro d'este anno morre o padre Ignacio Estafortio, e a 24 de abril do mesmo anno o padre Bartholomeu Guerreiro, em Lisboa.

Partiram para o Brasil o padre Francisco Corrêa, que depois foi provincial (em Portugal?) e os dois noviços Antonio Carneiro e Antonio Vaz. O último, com o andar dos tempos, passou-se a cultivar a vinha do Maranhão.

Com estes foram quatro estudantes, que no Brasil entraram para a Sociedade.

1643

Missão para o Maranhão

O padre Luiz Figueira, que tinha passado ao Brasil, foi d'alli mandado ao Maranhão[1] para cultivar aquella vinha; mas, reconhecendo-se insufficiente para tão extensa messe, tornou a Portugal, no intuito de convidar novos obreiros e de melhor proteger a liberdade dos indios. Consumidos alguns annos n'estas diligencias, partiu de Lisboa no último de abril d'este anno (1643) com quinze companheiros, tanto sacerdotes de ordens, como sem ellas. Chegaram ao Maranhão a 12 de junho; mas vendo que a terra pertencia aos hollandezes, levantaram novamente ancora e foram para o Pará, onde entraram a 27 do mesmo mez. A náu encalhou e desfez-se, perecendo dos padres, uns nas ondas, outros nos dentes dos indios de uma ilha onde tinham aportado nos destroços do navio,

[1] Como é sabido, dividiu-se o Brasil em dois estados, o do Maranhão e o do Brasil, propriamente dito; por isso conservo essa distincção, para ir de accôrdo e conforme escreveram os chronistas.

escapando só tres com vida, os padres Francisco Pires, Antonio Carvalho, e Nicoláu Ferreira de Carvalho, que acabou seus dias pouco depois.

Ia n'essa viagem, por governador do Pará, Pedro Teixeira, que tambem escapou.

1644

O padre Antonio Vieira é nomeado prégador da capella real.

1648

Salvador Corrêa de Sá e Benevides toma Loanda. Iam com elle n'esta expedição os padres Filippe Franco e Antonio Couto.

1649

O padre André Fernandes é nomeado confessor do principe D. Theodosio e bispo do Japão. Por influencia e conselhos d'elle, segundo dizem, se creou o tribunal das missões ultramarinas, que tinha por fim promovel-as. Foi provavelmente instituido em 1650, sendo o mesmo André Fernandes seu presidente emquanto viveu.

1652

Partiu para o Maranhão o padre Antonio Vieira. Muitos motivos concorreram para isso, sendo um d'elles o ter-se mettido em muitos negocios que lhe tinham acarretado inimizades, taes como o litigio do collegio de Sancto Antonio com a provincia do Brasil; favorecendo Vieira o Brasil, com sustentar a separação da de Pernambuco. Era isto o que indignava sobretudo os franciscanos: *«ob id qui sentiembant ob qui pellendum e Societate, tanquam ejus turbaret pacem.»*

1653

Morre o principe D. Theodosio em 1653.

A 27 de setembro d'esse anno divide-se a provincia em *cis* e *transtagana*, durando esta divisão até 1655. O rei foi o principal promotor d'ella, chegando até ao ponto de intimar ao provincial que suspendesse toda a communicação com seu geral, nem mandasse subsidios aos jesuitas de Portugal, que contra a ordem d'elle se demoravam em Roma. Mal sabía elle que os jesuitas lhe não obedeceriam. Tavora, que era provincial, respondeu-lhe humildemente que tal não podia fazer, nem impedir a seus subditos que o fizessem sem incorrer em peccado mortal; que se dignasse, pois, sua alteza, visto a sua grande benevolencia para com aquella minima Sociedade, não a lançar em taes angustias.

O geral, que considerou o negocio serio, mandou o visitador João Brisar, de nação francez e reitor do collegio de París, com poderes plenos para resolver o caso.

1655

O padre Antonio Vieira volta a Portugal; mas o rei não se contenta sómente com a visita; senão que difficulta-lhe a tornada e manda que o negocio se proponha na congregação da provincia transtagana, a que pertenciam as missões de Angola e Cabo-Verde; e pelo que d'aqui collijo, tambem a do Maranhão. Vieira apresenta-se e ora a favor da sua ida. O provincial Benedicto Siqueira põe a questão a votos secretos, decidindo-se a maioria pela affirmativa.

Partiram n'este anno para o Brasil nove, um italiano e os mais portuguezes, levando como superior o padre João de Paiva que missionava havia muitos annos em Congo,

e que veiu a morrer no Brasil com a opinião de não vulgar virtude.

1656

Morre D. João IV, e succede-lhe no govêrno a rainha D. Luiza, na menoridade d'el-rei D. Affonso.

1659

Entende Filippe de Hespanha que, por governar em Portugal uma mulher, ser-lhe-ia facil recobrar o reino. Não obstante as guerras que sobrevieram, partiram n'este anno em auxílio ao padre Antonio Vieira, então no Maranhão, seis sacerdotes e dois irmãos que ainda não eram professos.

1660

Morre n'este anno D. André Fernandes, bispo do Japão e tambem confessor da rainha.

Partiram para o Maranhão os padres Pedro Luiz Gonçalves, italiano, Gaspar Wrisch, João Filippe Bettendorf, belgas, com Balthasar de Campos, coadjutor e tambem belga.

1661

O padre Antonio Vieira é expulso do Maranhão. No começo de maio d'este anno, possuido o povo de furor diabolico, segundo a opinião do author da *Synopsis*, invade o collegio da Senhora da Luz, rompendo paredes, quebrando portas e roubando tudo, e afinal prendem sete padres, que põe incommunicaveis e os coage a embarcarem-se em uma náu que estava no porto.

Imitando-os a gente do Pará, tambem põe o collegio de Belem em assedio, vão pelo norte acima e prendem os que

acham nas aldeias. [1] Dentro do anno falta chuva, os rios seccam e ha peste, e préga por esse motivo o padre Vieira um notavel sermão.

1662

A rainha D. Luiza de Gusmão entrega o govêrno.

1663

Voltam ao Maranhão quatro padres e seis coadjutores, que d'alli tinham sido expulsos.

O padre Jacintho de Magistris, italiano, com o padre Luiz Nogueira, portuguez, seu socio, e mais coadjutores e noviços, partiram para o Brasil.

O visitador não foi acceito, e deposto da authoridade, o mandaram de volta a Portugal. Foi depois reenviado como commissario para punir os criminosos.

1664

Foram para o Brasil os padres Jacob Roland, belga, Matheus de Moura, portuguez. Este Moura, diz o padre Antonio Franco, é alli provincial no tempo em que isto escrevia, sem se saber se se refere a 1725, quando terminou a *Synopsis* ou a 1726, em que fora impressa.

1665

Forma de novo Portugal uma só provincia religiosa, e o padre Antonio Barradas é feito provincial de ambas, ou antes da unica, que ficou subsistindo.

[1] Desde pag. 115 até pag. 131 fica resumida do manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa (de que dou noticia na nota *B in fine*) a relação d'estes successos.

Expulso do Brasil o padre Jacintho de Magistris, «*Cum ræs essent turbata et severitati opus foret ad cohibendam deinceps pessimi audaciam.*» foram n'este anno por duas vezes differentes socios. Primeiramente, no mez de março, o padre Francisco Morato com Manuel Cortez e Balthasar Duarte, estudante, em dezembro o padre dr. Antão Gonçalves, commissario com poderes de geral, levando para socio Manuel Zuzarte. O padre Gaspar Alvares ia por provincial, tendo por socio o padre Antonio da Fonseca, depois confessor d'el-rei D. Affonso, quando deposto e preso em Cintra. Foram mais os estudantes Francisco de Sousa, e Francisco João da Silva. «*Quid in Brasilia fungentes suis muneribus, non est inerem nemo rare.*»

1666

Morre n'este anno a rainha viuva D. Luiza de Gusmão.

1667

Volta ao Brasil o padre Domingos Barbosa, que viera por procurador a Roma. Vão dois estudantes Manuel Figueiredo e Manuel Rodrigues.

1668

Partiram para o Brasil tres estudantes, Antonio Rodrigues, Mendo Pacheco e Raphael Salgado, que alli entraram para a Sociedade.

1669

O padre Manuel de Pina, que no anno anterior tinha ficado em Portugal por motivos de saude, partiu este anno com o estudante Gaspar de Barros, que ia no Brasil filiar-se na Sociedade.

1671

A 8 de dezembro morre no Porto o padre Manuel Zuzarte, companheiro do commissario Antão Gonçalves que foi ao Brasil, e alli morreu.

1674

Partiram tres padres para o Maranhão, os padres Francisco Pereira, Manuel Pereira e Francisco Ribeiro, e mais Simão Luiz, que ainda não era de missa.

1675

A 20 de abril d'este anno morre Balthasar Telles, author da *Chronica da Companhia*, na casa professa de S. Roque.

1680

No 1.º de agosto morre em Roma o padre Antão Gonçalves.

1681

Partiu para o Maranhão o padre Manuel Nunes que fôra d'antes expulso com alguns outros. Caiu n'essa viagem em poder de piratas, onde soffreu muito, Conseguiu afinal escapar e morreu entre os neophitos.

1683

Morrem D. Affonso VI, e a rainha D. Maria Isabel de Saboya, de quem nascêra D. João V.

1686

Casou D. Pedro II com D. Maria Sophia, filha do eleitor palatino.

1687

No anno de 1684, os portuguezes do Maranhão, indignados contra os padres, ainda por causa da escravidão dos indios, os exterminam d'essa capitanía. Manda o rei abafar o tumulto em 1687; voltam quatro padres—Iodoco Peres, Antonio Carvalho, Antonio Fonseca e Manuel Borba, com o irmão Francisco, que era coadjutor.

1688

Passaram-se n'este anno ao Maranhão dezoito padres com o superior, que era o padre João Filippe Bettendorf, belga, que do Maranhão tinha vindo a Portugal a buscar novos operarios, sendo dos dezoito, oito padres, tres coadjuctores e os mais estudantes.

1690

Foram para o Maranhão quatro sacerdotes e um irmão —os padres João Justo Lucca, italiano, Manuel Amaral, Manuel Galvão, Manuel Rebello, e o dr. Domingos Cruz, portuguezes.

1691

Partiram n'este anno para o Brasil sete estudantes e dois coadjuctores; e para o Maranhão tres sacerdotes, Antonio Amaral, Manuel Galvão, e João Justo Luca, italiano, o que

parece repetição, pois que o author já os faz partidos para essa provincia no anno de 1690!

1692

Com poderes de visitador ou de provincial, partiu n'este anno para o Brasil o padre Manuel Corrêa, de Estremoz, que era reitor do collegio do Porto. Levou comsigo para mestre de theologia o padre Francisco Botelho, que depois foi confessor de D. João v. O padre Manuel Corrêa morre no seu emprêgo, deixando preclaros exemplos de uma vida religiosissima. Foram tambem quatorze estudantes e o padre Luiz Severino, que voltando alguns annos depois por causa de saude, morreu em Evora.

1693

Partiram para o Maranhão com poderes de visitador o padre Benedicto de Oliveira, com seu socio Antonio Affonso, como coadjutor.

Para o Brasil foi tambem n'este anno um—o padre Filippe Bourel, allemão.

1694

Passou ao Brasil o padre João Guinsel, tambem allemão, com dezesete noviços todos portuguezes.

1695

«*In Maranoniam misimus egregiam manum erant numero quatuordecin; omnes ardentissime id postulaverant.*»

Eram todos portuguezes, cinco sacerdotes, e os mais para o serem apenas chegassem á edade [1].

[1] Vid. o *Catalogo*.

1696

Para o Maranhão foram n'este anno os padres Fructuoso Corrêa e Miguel da Silva com dois estudantes. O padre Fructuoso Corrêa tinha lido philosophia em Evora e ia ensinar theologia no Maranhão, com permissão de voltar, como de facto voltou, concluido o tempo do magisterio. Exerceu alguns cargos na Sociedade e no anno de 1720 era reitor do collegio e da universidade de Evora.

1697

A 18 de julho d'este anno morre na Bahia o padre Antonio Vieira com noventa e tres annos de edade. D. Francisco, conde da Ericeira, mandou-lhe celebrar na casa professa de Lisboa, no mez de dezembro, exequias dignas de um principe.

1698

Partiram n'este anno para o Maranhão dois padres, Francisco de Andrade e João Valladão. Deixou este um venerando exemplo de sancta obediencia. Por dez annos tinha missionado nas ilhas dos Açores, e apenas de volta deu-lhe o superior ordem de partir para o Maranhão, ao que obedeceu. Perguntado porque se não dispensára d'ella e ficara allegando os tantos annos que tinha passado nas ilhas servindo á Sociedade, objectou que os superiores bem sabiam da sua vida, e que o poderiam ter escusado se o entendessem, mas que elle ignorava se a sua salvação não dependia d'aquella obediencia.

Voltando do Maranhão annos depois, morreu no naufragio occorrido na foz do Amazonas.

1702

Para o Brasil partiu este anno o padre João Pereira, com poderes de visitador, tendo por socio o coadjuctor Ascenço Fernandes, com mais alguns escholares. O visitador se demorou no Brasil até o anno de 1706.

1703

Para o Maranhão foram doze; um estrangeiro e todos os mais portuguezes. Ia o padre Manuel Saraiva com poderes de visitador.

1705

Partiram onze para o Brasil, que tinham pedido com grande ardor esta missão; todos noviços e entrados para a Sociadade antes do novo decreto pontificio prohibindo noviços para ella. Foram para o Maranhão sete, e como superior d'elles o padre Miguel da Costa.

1706

Morre D. Pedro II de Portugal.

1707

D. João V foi acclamado rei no princípio d'este anno. Tinham os jesuitas com os ministros romanos uma célebre pendencia ácerca do pagamento dos quindenios. N'este anno, emfim, o duque de Cadaval, em nome do rei, e o cardeal nuncio concordaram em que qualquer que fosse a quantia devida pelos jesuitas por conta dos quindenios passados pagassem tres mil cruzados, e depositassem em mão

de pessoa de confiança do nuncio mais a quantia de quatro mil cruzados pelos quinze annos proximos futuros. Pagas e depositadas aquellas sommas, suspende-se a prohibição da admissão de noviços, e no meio do mez de janeiro começaram logo a ser elles recebidos. Isto, porém, não durou muito, porque o papa não acceitou a tal convenção.

Foram n'este anno sete para o Maranhão, todos não sacerdotes, excepto o padre Manuel da Costa, que de lá tinha vindo.

1708

A 20 de janeiro morreu com outros o padre Antonio de Barros, natural de Arcos de Valdevez, no naufragio que se deu a algumas leguas distante d'esse lugar! Vinha da China o padre e trazia para Roma embaixada do imperador do Celeste Imperio. Chegada ao Brasil a náu da India, é condemnada por inavegavel, e o padre Barros com outros se passou para a náu *Alamoda*. Ao chegar a Portugal tomou-a grande temporal. O piloto que a amarára muito, deu popa ao vento e veiu encalhar não longe de Vianna, onde morreram todos, excepto poucos marujos.

1709.

Renasceu este anno a controversia dos quindenios, porque o papa não quiz approvar o convenio feito a 5 de janeiro de 1707 pelo cardeal nuncio, e pedindo somma muito maior, ameaçava privar os collegios de Portugal das egrejas que lhe haviam sido annexadas por bullas de Paulo II e Xisto V. É de saber que estas egrejas eram o principal dote dos collegios, e a ameaça tão séria, e seus resultados tão amargos, que o provincial padre Manuel Dias, mandou sem demora pagar o que pediam os ministros da curia roma-

na. O rei, julgando que isto era em menoscabo da sua honra, irritou-se contra o geral que instára pela solução do negocio, e contra o provincial que o tinha d'essa fórma resolvido. O provincial foi degradado; mas ao ausentar-se, nomeou vigario-geral ao padre Francisco Tavares, a quem o rei *ordenou* que não recebesse nenhuma ordem do geral, nem permittisse que elle exercesse jurisdicção alguma sobre os padres portuguezes, seus subditos d'el-rei.

Tão pouco conhecia o monarcha as constituições da Ordem que tanto favorecêra, e tão apertado se viu depois que achou melhor consentir no seguinte anno na correspondencia e obediencia ao geral!

Partiram para o Maranhão o padre Thomaz Linchio, estrangeiro, e o coadjutor portuguez Manuel da Silva.

1711

Voltou de novo a pendencia dos quindenios; o novo nuncio Bichio intíma ao visitador se não recebessem noviços emquanto não estivessem pagas as quantias devídas. O rei interveiu, declarando que essa questão não era da Sociedade, mas sua; porque oppunha-se ao direito real de padroado que elle tinha sobre as egrejas do seu estado. Era no mez de abril, e emquanto o nuncio communica o occorrido ao papa, não deixam os jesuitas de receber noviços!

1712

Partiram treze para o Maranhão, tendo ido antes d'elles, no anno antecedente, tres João Teixeira, João Sampaio e Miguel de Castro, estudantes da missão do Maranhão, para alli receberem ordens sacras. Combatidos aquelles treze pelas tormentas, foi o navio em que iam tomado

é retomado pelos piratas, sendo os ultimos hollandezes, que os lançaram em Lisboa. Chegaram a tanta penuria de alimentos que desejavam de serem represados, ainda que fosse pelos moiros, afim de conservarem a vida. Entre os treze, que n'este anno partiram, iam os dois padres João Teixeira e Sampaio (que parece já se tinham ordenado). Este último ficou com tanto horror ao mar, que para não embarcar-se despediu-se da Sociedade. Foi em seu lugar o padre Filippe Luiz, que, soffrendo em Portugal horriveis nevralgias, nunca mais as teve no Brasil.

No mez de maio foi despedido da Companhia, por ordem do papa, o padre João Ribeiro, professo de quatro votos, lente de prima de theologia em Evora, só porque foi homem de bem e cidadão antes de padre. N'aquellas longas controversias ácerca da questão dos quindenios, em que allegava o rei o seu direito de padroado na India e China, foi consultado sobre este ponto João Ribeiro, que, como pessimo jesuita, dizia sem rebuço o que sentia, e defendeu os direitos e prerogativas da corôa, mostrando-se bom e inteiro patriota. Denunciado por este motivo ao papa Clemente XI, ordenou este sobre preceito ao geral o expellisse da Sociedade de Jesus! Escreveu-se logo ao visitador, o padre João Pereira, que sem demora désse execução ao mandamento pontificio. O padre Ribeiro, que já previa o raio, tinha ordem do rei, recommendando ao secretario de estado intimasse ao visitador, que nada se ousasse contra o padre João Ribeiro sem dar prévio conhecimento d'isso ao rei. O secretario, não sei porque, não cumpriu a ordem, deixando o visitador dar execução ao mandado do geral! Era já noite e fechadas as portas do convento quando vão-se á casa professa e ahi lêem a ordem ao padre e o expulsam da Companhia. Respondeu elle que «appellava para o pontifice melhor informado.» O visitador porém não lhe acceitou a appellação.

«Pois que assim se offende o mestre divino (retrucou o padre João Ribeiro), appello para a corôa, que tem por dever proteger e desforçar seus subditos.» Vendo que nada lhe aproveitava, e afim de evitar violencia *a que em último recurso recorreriam*, tomou vestes seculares, saíu e recolheu-se á casa de um dos principaes ministros do rei, que habitava juncto á dos professos.—É incrivel o burburinho que se levantou contra a Companhia e contra o visitador, principalmente quando se teve cabal conhecimento do facto! O rei amava o padre Ribeiro e julgava-se offendido n'elle; a côrte, a seu exemplo, não cabia em si de indignação! Chamado o visitador João Pereira, foi reprehendido, degradado para fóra do reino, e privado dos direitos de portuguez, e o padre Ribeiro nomeado deputado da meza da consciencia, lugar que exerceu até 13 de abril de 1718, em que falleceu. O visitador retirou-se ao collegio de Pontevedra, na Gollegã, e á fôrça de instancias conseguiu voltar em dezembro do mesmo anno de 1712; porém malvisto da côrte e maltractado, morreu em 1715 de puro desgôsto!

O nuncio intíma por este tempo aos padres que despedissem os noviços recebidos depois de abril de 1711 contra o theor da bulla, em cujas penas tinham por isso incorrido. O provincial, padre Manuel de Andrade, como quem sabia os preceitos de Loyola, declara que os considerava *estudantes*, e d'esta fórma ficam, mesmo porque a boa justiça começa por casa e as boas manhas devem de ser aproveitadas!

1715

Partiram para o Maranhão os padres Manuel dos Reis, José da Gama, Manuel Carvalho e Antonio Pimentel. Levaram quatro estudantes para alli serem ordenados, *pois o não podiam* em Portugal, e d'est'arte continuavam a

illudir o decreto com aquella astucia e manha proprias de jesuitas!

1716

No mez de junho concluiu-se de vez a tão cansada questão dos quindenios. A prohibição de se admittirem noviços, que dactava de 1711, causava grande e talvez irreparavel prejuizo á provincia e ás missões. Informado d'isso o rei, tractou de terminar o negocio, recommendando a conclusão d'elle ao seu embaixador em Roma, o marquez de *Fontes*, que depois o foi de Abrantes. Pactuou-se que os collegios pagassem á curia romana pelas egrejas controvertidas a somma de cinco mil cruzados em cada cinco annos, e acceita que foi a proposta pelo papa, mandou este expedir sem mais tardança lettras apostolicas para a admissão de noviços, declarando n'ellas que pelas egrejas do mosteiro de Pedrosa e de S. João dos Longos Valles *(a longis vallibus)*, ás quaes se não tinha estendido a controversia, continuasse o collegio de Coimbra a pagar o mesmo que antes do litigio.

Em Portugal occorria a todos a objecção de que se não havendo declarado no convenio quaes as egrejas que tinham dado origem á questão, ficariam provisoriamente incluidas na mesma pena todas as que pertenciam ao padroado real! «*Censuerunt viri juris peritissimi non admittendam eo modo compositionem. Declarandam prius has et illas ecclesias pertinentes ad regis patronatum non subisse oneri pecuniæ solvendo.*»

Mandou o rei o negocio aos do conselho de estado, e estes, «*pietati eorum mentes, gubernanti,*» foram de opinião que todos os inconvenientes, quaesquer que fossem, se deviam pospor ao bem da Companhia, que andava ligado ao bem público! «*Curandum unice de fallendo obice, qui tendebat in Societate extintionem: alias rationes contemmendas.*» En-

tre os que mais se distinguiram pelo ardor com que defenderam este parecer, apontavam-se o cardeal de Acunha, inquisidor-mór, o velho marquez das Minas e o conde de Castello-Melhor.

A 10 de junho communicou o rei que levantava a sua prohibição para o pagamento dos quindenios, e o fazia só para que o nuncio levantasse tambem a prohibição de admittirem-se noviços.

Para o Brasil foi mandado por visitador o padre José de Almeida, reitor do collegio do Porto. Conta-se que prevenindo o geral algumas objecções na acceitação d'este cargo, lhe respondêra o padre Almeida «que nada a elle, senão a Deus, lhe podia tornar molesta esta jornada feita no seu sancto serviço, quando era o sacrificio para serviço do rei e maior lustre da sua casa»—Convem notar que o marquez de Angeja, mais velho que elle, de volta do govêrno da India, não trepidou n'esta mesma occasião em acceitar o cargo de vice-rei do Brasil; é verdade que não era jesuita e por isso desconhecia as manhas dos reverendos!...

1717

N'este anno os jesuitas, que viu o Brasil, foram, além do padre Francisco Machado, doze que navegavam para a China e Gôa, os quaes, contrastados pelos ventos, aportaram á Bahia á espera de monção para proseguirem na viagem. Ia para Macau o padre Balthasar Miller, italiano, com um estudante portuguez, e para Gôa o padre Bernardo Garcia com nove noviços, todos portuguezes. Haviam partido de Lisboa a 17 de abril.

Quanto ao padre Francisco Machado, que já tinha estado no Brasil, tornou-se para alli n'esse mesmo anno de 1717 com mais nove noviços, que recebeu do collegio do Porto de seu reitor d'elle, o padre *Antonio Giamo.*

Para o Maranhão foi mandado por visitador o padre Manuel de Seixas, que por espaço de cêrca de vinte annos tinha missionado nas ilhas dos Açores e estava de volta de pouco tempo. Levava por socio a um coadjutor e mais oito noviços recebidos na Companhia com o fim determinado de servirem n'aquella missão.

N'este anno começou o Maranhão a ter em Lisboa procurador especial, porque antes d'isso, o do Brasil accumulava estas funcções.

1718

Partiram para o Maranhão quatro jesuitas, sendo tres sacerdotes italianos e um coadjuctor portuguez.

Eram os padres Annibal Mazolani, Luiz Buchareli e Marco Antonio Arnolfini, e o portuguez Manuel Esteves.

1719

Morte gloriosa do padre João de Villar. Entrou para a Sociedade a 30 de março de 1683 com vinte annos de edade. Estudava em Evora no anno de 1688, quando levado pela salvação das almas, pediu com instancia e obteve partir para a missão do Maranhão, onde chegou a ser reitor ou superior *(Socios regit)*, suando muito na conversão dos pagãos e na cultura dos neophitos. Entre as suas descidas fizera a dos *guanarés* para lugares menos asperos e mais commodos. No meio d'estes trabalhos, levantou-se a peste das bexigas, fatal para o gentio, e logo após o rumor de que os portuguezes os queriam captivar! Abandonam por isso o padre e fugiram para seus mattos.

Annos depois tentam os portuguezes invadir outra nação do gentio, e solicitam e conseguem para isso o apoio dos *guanarés*. A nação ameaçada faz pazes com estes, armam-se entre si, e surprehendem os portuguezes, a quem tinham por inimigos communs. Mandam embaixada ao padre Villar com fingimentos de que queriam receber o baptismo; e apesar de envolver isso suspeitas de traição, desprezou o padre todos os perigos e embarcou-se com elles, com quem tracta de mudança de aldeia. Protelam o arranjo definitivo d'este negocio a pretexto de se aconselharem com os velhos. N'isto sobreveem outros armados, accommettem e matam os hospedes. Parece que alguns poderam escapar, porque d'ahi a tres dias vieram os portuguezes *enterrar os seus mortos*. Acharam ao padre Villar despido, debruços na praia e com o craneo esmigalhado.

1720

Partiram n'este anno onze jesuitas para o Maranhão.

1722

Vão dois para o Maranhão, e dois para o Brasil, sendo um d'estes procurador.

1724

Foram n'este anno treze para o Maranhão. Acaba o padre Franco a sua *Synopsis* no anno de 1725; mas a partir de 1720 ou pouco fazia a Sociedade, ou já lhe iam a elle faltando os materiaes; porque as notícias são de mais em mais resumidas, e essas mesmas, como acima se vê, deficientes. O que ha de mais importante é o — *Catalogo dos jesuitas que se passaram ao Brasil*, e que passo a dar:

EXTRACTO D'ESSA PARTE DA SYNOPSIS

ANNALIUM SOCIETATIS JESU IN LUSITANIA

(ab anno 1540 *usque ad annum* 1725)

1549 — 6 socios

Padre Manuel da Nobrega.
Padre Manuel Pires.
Padre João de Aspicuelta Navarro.
Padre Leonardo Nunes.
Padre Vicente Rodrigues.
Padre Diogo Jacome.

1550 — 4

Padre Affonso Vaz.
Padre Salvador Rodrigues.
Padre Manuel Paiva.
Padre Francisco Peres.

1553 — 7

Padre Luiz da Gram.
Padre Braz Lourenço.
Padre Ambrozio Peres.
Padre Gregorio Serrão.
José d'Anchieta, canarim.
João Gonçalves, castelhano.
Antonio Blasques, castelhano.

1559—7

Padre João de Mello.
Padre João Dicio, belga.
Gregorio Rodrigues.
José . . . .
Rodrigo Pereira.
Crasto (dá o author este por portuguez sem declarar-lhe o primeiro nome).
Vicente de Mattos.

1560—2

Padre Antonio Gonçalves.
Padre Luiz Rodrigues.

1561—2

Padre . . . . Viegas.
E um italiano.

1563—4

Padre Quiricio Caxa, castelhano.
Balthasar Alvares, castelhano.
Sebastião de Pina.
Luiz de Carvalho.

1566—7

Padre Ignacio de Azevedo, visitador †.
Padre Miguel do Rego.
Padre Antonio da Rocha.
Padre Balthasar Fernandes.
Antonio Andrade.
Pedro Dias.
Estevam Fernandes.

1569—3

Francisco Gonçalves.
Francisco Leitão.
Luiz Fonseca.

1570

Padre Ignacio de Azevedo, que voltava com quarenta companheiros, que foram mortos por Soria †.
No mesmo anno foram mais tres, a saber:

Affonso Gonçalves.
João Martins.
E um certo noviço do reino de Valença.

1572—6

Padre Ignacio Tolosa, provincial e castelhano.
Padre Christovam Ferrão.
Padre Antonio Ferreira.
Padre Gonçalo Leitão.
Padre Melchior Cordeiro.
Padre Martinho da Rocha.

1574—3

Padre Luiz Mesquita.
Padre Manuel Dias.
Padre João Salono, catalão.

1575—6

Padre José Morinello, italiano.

Padre Francisco Lopes.
Padre João Baptista.
Padre Leonardo Arminio, italiano.
Manuel de Tavora.
Jeronymo Rodrigues.

1576 — 4

Padre Agostinho Castilho, castelhano.
Padre Pedro de Tolledo, castelhano.
Padre Francisco Ortiega, castelhano.
Miguel Garcia (não diz a *Synopsis* qual a naturalidade.)

1578 — 17

Padre Gregorio Serrão, que viéra como procurador.
Padre Simão Travassos.
Padre Pedro Soares.
Padre Pedro André.
Vicente Gonçalves.
Manuel de Barros.
Francisco Teixeira.
Simão Gonçalves.
Gonçalo Viegas.
João Baptista, flamengo.
Thomaz Filde, italiano.
João Yat Vicente (?).
Ventedio, italiano.
Gedião Lobo, flamengo.
Adrião Joannes, italiano.
Francisco Alves.
Francisco Dias.

1582—5

Padre Christovam de Gouvêa, visitador.
Padre Fernão Cardim.
Padre Rodrigues de Freitas.
Barnabé Telles.
Martim Vaz.

1587—10

Padre Marçal Beliarte, provincial.
Padre Francisco Soares.
Padre Henrique Gomes.
Padre Marco da Costa.
Padre Manuel Fernandes.
Melchior Paulo.
Ascanio Bonajusto, italiano.
Diogo Martins.
Agostinho Lifarelo, napolitano.
Domingos Coelho.

1588—3

Padre Fernando Oliveira.
Padre Bartholomeu Abreu.
Pedro Corrêa.

1591—4

Padre Pedro Coelho.
Padre Gaspar Lobo.
Simão Pinheiro.
Manuel Oliveira.

1594—3

Padre Pedro Rodrigues, provincial.

Pedro Barreira.
Antonio Gonçalves.

1595—6

Padre Raphael Carneiro.
Padre João Fernandes.
Manuel Gomes.
Manuel Tenreiro.
José Baptista.
Francisco Gonçalves.

1598—4

Padre Antonio de Mattos.
Padre Melchior Alvares.
Padre Jeronymo Peixoto.
João Gomes.

1601

Padre João Madureira; ia como visitador e foi tomado com outros pelos piratas.

1602—11

Padre Antonio de Abreu.
Padre Luiz Figueira.
Padre Vicente Lopes.
Padre Antonio Dias.
Pedro Fernandes.
Balthasar Fernandes.
Miguel Rodrigues.
Domingos Rodrigues.
Francisco Leite.
Francisco Ferreira.
Melchior Peres.

1604—8

Padre Fernão Cardim, que viera por procurador.
Padre Gaspar Alvares.
Padre Manuel Fernandes.
Padre Francisco Fernandes.
Padre Manuel de Sá.
Padre Manuel Vallada.
Benedicto Lopes.
Sebastião Cruz.

1607—6

Padre Manuel de Lima, visitador.
Padre Jacome Monteiro.
Matheus Gonçalves.
Manuel Sanches.
Antonio Lobo.
Antonio Simões.

1609—6

Padre Marcos da Costa, que viera por procurador.
Benedicto Lopes.
Antonio Gomes.
Lopo do Couto.
Francisco Pires.
Bartholomeu Carvalho.

1609—11 (bis)

Padre Henrique Gomes, que viera por procurador.
Padre Salvador Coelho.
Padre Gaspar da Silva.
Padre Nicolau Botelho.

Padre Benedicto Gama.
José da Silva.
Rodrigo Gomes.
João Barreira.
Christovam Chaves.
João Herman, hamburguez.
Raphael Cardoso.

No mesmo anno — 3

Padre Paulo de Carvalho.
Padre Benedicto Amodei, siciliano.
Padre Fabio Moyo, napolitano.

1620 — 2

Padre Leonardo Mercurio, siciliano.
Padre José Costa, siciliano.

1622 — 4

Padre Antonio Bellavia, siciliano.
Padre Conrado Arici, siciliano.
Padre Francisco Oliveira, siciliano (?).
Padre Antonio Forti, siciliano.

1628 — 8

Padre Antonio Mattos, provincial.
Padre Domingos Coelho.
Padre Manuel Tenreiro (pela segunda vez).
Padre João Oliva.
Padre Agostinho Coelho.
Padre Agostinho Luiz.

Padre Manuel Martins.
Ignacio Layot, flamengo.

1633 — 1

Padre Francisco Geatino, siciliano.

1639 — 3

Padre Pedro Moura, visitador.
Padre Luiz Lopes; seu companheiro.
Miguel Gonçalves.

1642 — 7

Padre Francisco Carneiro.
Antonio Carneiro.
Antonio Vaz.
Antonio Sequeira.
Melchior Vieira.
Pedro de Figueiredo.
Lourenço Teixeira.

1652 — 8

Padre Francisco Gonçalves, que viera por procurador.
Simão Faria.
Manuel Coutinho.
Pedro Velho.
Matheus de Sousa.
Pedro Corrêa.
Francisco de Mattos.
Agostinho Carvalho.

1655—9

Padre João de Paiva.
Padre Francisco Morato.
Padre Gaspar Martins.
Padre João Baptista Berô, italiano.
Antonio Godinho.
Manuel Rebello.
Antonio Couto
Jeronymo Mattos.
Roque Pereira.

1663—11

Padre Jacinto de Magistris, italiano, visitador.
Padre Luiz Nogueira, seu companheiro.
Padre Theodosio Hous, italiano.
Padre José Maria, italiano.
Affonso Martins.
Paulo Camillo, italiano.
José Selamboi, italiano.
Padre Valentino Estancel, allemão.
Padre Christovam Collasso.
Lourenço Craveiro.
José Torres.

1664—2

Padre Jacob Roland, belga.
Padre Matheus de Moura.

1665—3

Padre Francisco Morato (pela segunda vez).
Manuel Cortêz.

Balthasar Duarte.
No mesmo anno e em diversa monção mais sete:
Padre Antão Gonçalves, commissario.
Padre Manuel Zuzarte, seu companheiro.
Padre Gaspar Alvares, provincial.
Padre Antonio Fonseca, seu companheiro.
Francisco Sousa.
Francisco Silva.
João Silva.

1667—3

Padre Domingos Barbosa, que viera por procurador.
Manuel Figueiredo.
Manuel Rodrigues.

1668—3

Padre Antonio Rodrigues.
Padre Mendo Paulino.
Padre Raphael Salgado.

1669—2

Padre Manuel de Pina.
Gaspar de Barros.

1670—5

Padre Bernardino Antunes.
Domingos de Araujo.
Manuel Pacheco.
Manuel Saraiva.
Pedro Antonio Natalini, italiano.

1691 — 9

Irmão André Gama.
Irmão Raphael Machado.
Irmão Francisco Costa.
Irmão João Pereira.
Irmão Francisco Carvalho.
Irmão Baptista Ribeiro.
Irmão José Antunes.
Irmão Benedicto Ribeiro.
Irmão Manuel Costa.

1692 — 17

Padre Manuel Corrêa, provincial.
Padre Luiz Severim.
Padre Francisco Botelho.
Affonso Pestana.
Francisco Machado.
Carlos Figueirôa.
Bartholomeu Martins.
Antonio Ferreira.
Benedicto Soares.
Pedro Taborda.
José de Oliveira.
Antonio do Valle.
Manuel Ferreira.
José Neves.
Antonio Fonseca.
Manuel dos Santos.
Manuel Ramos.

1693—1

Padre Filippe Bourel, allemão.

1694—18

Padre João Ginzel, allemão.
Manuel da Cruz.
Sebastião Simões.
Manuel Sousa.
Manuel Nogueira.
Manuel Sanches.
Thomaz de Aquino.
Thomaz Simões.
José Silveira.
Feliciano Vasconcellos.
Antonio Fonseca.
Francisco Xavier.
Antonio Sousa.
Simão de Barros.
Martinho Borges.
Domingos Andrade.
Luiz Botelho.
Antonio Pereira.

1792—2

Padre João Pereira, visitador.
Ascenço Fernandez, castelhano.

1705—12

Veiu o padre portuguez que já uma vez se tornára do Brasil (não declara qual).

João Dias.
Lourenço Costa.
Felix Capello.
José dos Reis.
José Lopes.
Felix Ribeiro.
Julião Xavier.
Manuel Garcia.
José Cardoso.
José Rodrigo.
Manuel Luiz.

1716—2

Padre José de Almeida, visitador.
Padre Pedro Guilhelm, castelhano de Flandres.

1717—10

Padre Francisco Machado, que voltava de novo para o Brasil com mais nove, a saber:
Padre Antonio Pimentel.
Antonio Mousinho.
Manuel Rodrigues.
Manuel Moraes.
Manuel Alvares.
Domingos Araujo.
Antonio Pereira.
Marcos Tavora.
Domingos Villela.

1722—1

Padre Luiz Tavares.

CATALOGO DOS SOCIOS QUE PARTIRAM DE PORTUGAL PARA O MARANHÃO

1643—15

Padre Luiz Figueira.
Padre Manuel Moniz.
Padre Barnabé Dias.
Padre Simão Florim.
Pedro Figueira.
João Leite.
Manuel Lima.
Francisco do Rego.
Nicalau Teixeira.
Antonio Carvalho.
Domingos de Brito.
Manuel Rocha.
Manuel Vicente.
Pedro Pereira.
Gaspar Fernandes.

A maior parte d'elles morreram de naufragio ao entrar o Amazonas.

1652—13

Padre Antonio Vieira.
Padre Manuel Lima, pela segunda vez e já sacerdote.
Padre Francisco Velloso, idem.
Padre Matheus Delgado, idem.
Padre Thomé Ribeiro, idem.
Padre João Souto-Maior.
Padre Manuel Sousa.
Padre Gaspar Fragoso.

Padre João Soares.
Antonio Soares.
Agostinho Gomes.
Francisco Lopes.
Simão Luiz.

1655—3

O padre Antonio Vieira, que viéra do Maranhão, tornase a elle com mais dois, cujos nomes omitte o author por ignoral-os.

1659—8

Padre Gonçalo Veras.
Padre Pedro Monteiro.
Padre João Maria, italiano.
Padre Pedro Luiz (pela segunda vez).
Padre Bernardo de Almeida.
Domingos Costa.
Marcos Vieira.
Padre Ricardo Careu, irlandez.

Os dois ultimos reuniram-se aos outros em Pernambuco.

1660—4

Padre Pedro Luiz Gonçalves, hollandez.
Padre Gaspar Wrisch, flamengo.
Balthasar Campos, castelhano de Flandres.
Padre João Filippe Bettendorf, flamengo.

1663—10

Padre Francisco Velloso (pela segunda vez).
Padre Benedicto Alvares.
Padre Antonio Soares (d'esta vez já como sacerdote).

Padre Pedro da Silva, já sacerdote.
João Fernandes.
Sebastião Teixeira.
Domingos Costa.
Manuel Rodrigues.
João de Almeida.
Antonio Ribeiro.

1674—3

Padre Antonio Pereira.
Padre Francisco Ribeiro.
Simão Luiz. Este voltára do Maranhão com o padre visitador Manuel Zuzarte, e agora foi de novo para essa provincia.

1681 —1

Padre Mannel Nunes.

1687—5

Padre Iedoco Peres, italiano.
Padre Antonio Coelho.
Padre Manuel Borba.
Padre Antonio Fonseca.
Francisco Xavier.

1688—15

Padre João Filippe Bettendorf, flamengo. Volta de novo como procurador.
Padre José Ferreira.
Padre Miguel Antunes.
Padre João Silva.
Padre João Villar. †
Padre Ignacio Ferreira.

Padre Balthasar Ribeiro.
Padre Francisco Pedroso.
Padre Manuel Costa.
João Valladão.
Marcos Vieira (pela segunda vez).
Ignacio Luiz.
Manuel Santos.
Pedro Oliveira.
Manuel Lopes.

1690—5

Padre Justo João Lucca, italiano.
Padre Manuel Amaral.
Padre Manuel Galvão.
Padre Manuel Rebello.
Domingos da Cruz.

1693—2

Padre Benedicto Ohor, (?) visitador.
Antonio Affonso, castelhano.

1695—14

Padre José Ferreira.
Padre Manuel Galvão, (pela segunda vez).
Padre Silvestre Mattos.
Padre Eduardo Galvão.
Padre Manuel Santos (pela segunda vez).
José Vidigal.
Antão de Brito.
João Muscot, (portuguez?).
Antonio Baptista.
Francisco Ferreira.
Jacintho de Carvalho.

Manuel Brandão.
Lourenço Homem.
José Moura.

1696—2

Padre Antonio Corrêa.
Miguel Silva.

1698—2

Padre Francisco Andrade.
Padre João Valladão (pela segunda vez).

1699—1

Padre José Ferreira, (pela segunda vez.)

1703—12

Padre Manuel Saraiva.
Padre Francisco Xavier, bohemio.
Padre Manuel Brito.
Thomaz Pereira.
Francisco Gaya.
João Xavier, bohemio.
João Sampaio.
João Teixeira.
Antonio Secio.
Antonio Neves.
André Gonçalves.
Miguel Lopes.

1705—7

Padre Miguel Costa.
Padre Frederico Ingram, (pelo appellido não parece portuguez).

João Gruber (idem).
Francisco Xavier.
Filippe Sanct'Iago.
Manuel Vieira.
O coadjutor (não lhe declara o nome).

1709—2

Padre Thomaz Linch (portuguez?).
Manuel Silva, (pela segunda vez).

1712—12

Padre Filippe Luiz.
Padre Jeronymo Gama.
Padre José Sousa.
Padre Francisco Soares.
Padre José Lopes.
Padre Antonio Sampaio.
Padre Manuel Motta.
Padre João Sampaio.
Padre Miguel Lopes.
Alexandre Camello.
Domingos Corrêa.
Manuel Rodrigues.

1712—10

Apparece de novo o anno de 1712, o que me leva a crer ter havido troca de dactas, sendo a que antecede a esta talvez referente ao anno de 1711.

Padre Manuel Seixas, visitador.
Manuel Bernardes.
Manuel Silva, (pela terceira vez).
Antonio Simão.
Manuel Coelho.

José Lopes.
Francisco Thomaz.
Antonio Gonçalves.
Lourenço Duarte.
Caetano Ferreira.

1715—2

Padre Manuel Carvalho.
Padre Manuel Pimentel.

1718—4

Annibal Mazolani, italiano.
Luiz Barcarelli, italiano.
Manuel Esteves.
Marco Antonio Arnolfini, italiano.

1720—11

Padre Rodrigo Homem.
Padre Sebastião Fusco, napolitano.
Benedicto Fonseca.
Manuel Ferreira.
Luiz Alvares.
Benedicto da Cruz.
Domingos Pinto.
Antonio Macedo.
Manuel Gonçalves.
Luiz Oliveira.
Francisco Freire.

1722—2

Padre Jacintho Carvalho, (pela segunda vez.)
Padre Simão Henriques.

1724 — 13

Padre José Cunha.
Manuel Bernardes.
Francisco Machado.
Antonio Fernandes.
João Costa.
Manuel Murato.
Manuel Gomes.
Antonio Roldão.
José Martins.
Francisco Silva.
Manuel Fernandes.
Lourenço Fernandes.
José Tavares.

Indica o signal † martyrio; dispensando-me de reproduzir dos *catalogos* para aqui outros por sua nenhuma importancia e porque só difficultariam o trabalho typographico. Omitti tambem declarar a nacionalidade dos portuguezes por dispensavel e por exclusão de partes, visto como as dos outros o foram. Os nomes de alguns jesuitas que apparecem repettidos em mais de um anno, é dos que, tornando-se á Europa, foram de novo para o Brasil.

O padre Franco accrescenta em nota «que o *catalogo* era deficiente, principalmente a partir do anno de 1670; porquanto sabía de muitos que se tinham passado ao Brasil; mas que ignorava quantos foram e em que annos.»

Assim faltaram no seu *catalogo* os padres José de Seixas, que foi por visitador, João Antonio Andreoneo, Luiz Mariani e outros.

É mais de notar que o padre A. Franco só falla dos padres da Companhia que partiram da provincia de Portugal para o Brasil, sendo portanto de suppor que não tomasse rol dos que procederam de outros paizes, embora embarcados no porto de Lisboa: é esse o meu parecer *salvo meliore juditio*.

Com a *Synopsis* do padre Franco terminou tambem aqui a minha tarefa de compilador, e fico que não deixei passar facto ou feitos notaveis dos jesuitas que fossem obrados no Brasil, ainda as patranhas milagreiras nem a prácticas supersticiosas que deixasse de resumir, de apontar, e ás vezes de extractar trechos inteiros para que meus concidadãos ajuizem por si de quaes foram os tão preconisados serviços dos jesuitas no Brasil, segundo as chronicas e relações dos proprios escriptores da Ordem, em cujos trabalhos as ninharias e puerilidades ridiculas espantam e enfadam ainda mais por sua frequencia e longa individuação, e no entanto tive a coragem e paciencia de os ler, e de investigar quanto de mais selecto escreveram os reverendos membros da célebre Sociedade com respeito ao que nos toca.

Afóra essas chronicas e mais escriptos atraz compilados, e dos que vão enumerados em outro lugar (vid. nota C), passo a dar abreviadissima notícia de outros chronistas do Instituto de Loyola. Depois de Sachino (*Historiæ Societatis Jesu*—pag. 133 a pag. 159 d'este tomo), que deixou muitos cadernos para a continuação de sua *História*, entrou no cargo Pedro Passini, de quem ficou rude e indigesta materia de alguns annos.

Cinge-se o padre Vicente Quiricio a esclarecimentos concernentes a um ou outro anno; mas nada que preste.

Daniel Bartolo, successor d'este, escreveu muito em italiano sem applicação ao nosso assumpto.

Honorato Fabri, todo entregue aos seus commentarios *De rerum naturæ*, pouco fez na história de sua Ordem.

Joseph Rincio formou os *annaes* de seis ou sette annos, aproveitando-se para isso dos cadernos escriptos por Sachino e Passini; porém caiu de cama e morreu sem nada haver concluido.

Chega Cordára até 1624, e José Juvencio, de quem tirei o pouco que fica nas paginas 160 a 162 d'este tomo, coordenou sua *História* até 1626, e como já se viu quasi nada traz que sirva para as coisas do Brasil.

O erudito quão prestadio e bondoso escriptor francez, M. Ferdinand Denis, escrevendo-me ha pouco ácerca do primeiro tomo d'estes *Apontamentos*, dá-me as seguintes agradaveis informações: «Je suis faché dans l'interêt de votre travail (qui, je le vois aura une continuation), que vous n'ayez pu consulter la grande collection des manuscripts portugais donnée par M.me Geoffroy S.t Hilaire à la Bibliothèque Nationale de Paris. Il existe dans cette reunion de pièces essentiellement curieuses des lettres inèdites du p. A. Vieira, puis des lettres émanées de lui et que son état de cecité lui a permis seulement de signer.»

«La Bibliothèque Richelieu possède également le manuscript original de son fameux ouvrage intitulé—*O quinto imperio do mundo*—qui fut écrit en grande partie durant une navigation sur le fleuve des Amazones. Cet étrange ouvrage qui eut durant un temps de si cruels résultats pour son auteur, puisqu'il lui valut les rigueurs de l'inquisition, rentre essentiéllement dans votre sujet.» Oxalá que eu me demore mais alguns annos por aqui e tenha posses de chegar até París para consultar estes preciosos trabalhos, cuja notícia agradeço de coração ao meu distincto e sabio confrade.

Não me despedirei, comtudo, d'este assumpto sem conjurar mais uma vez os nossos estadistas e homens politicos de todos os matizes a que, escarmentados da desobediencia dos bispos de Pernambuco e do Pará, unam-se no

pensamento de extirpar pela raiz o jesuitismo que tenta insidiosa e solapadamente inplantar-se no nosso solo. Ahi fica consignado o que fez o Instituto ao Brasil e se julgam os nossos legisladores que lhe merecemos tanta gratidão a ponto de attrahil-os ao nosso paiz, de agazalhar a vibora, e tolerar que vão os padres da Companhia captivando o ânimo da gente ignorante e tornando-se os educadores por excellencia das gerações futuras, ousem commetter esse crime de lesa-patriotismo, e amontoem males sem conta sobre a terra a que devem tudo — seu nascimento, sua subsistencia, as honras, e a glória, e a confiança dos que os nomearam seus representantes, uns no parlamento, outros na direcção dos negocios como poder executivo.

E o que esperam, em verdade, de uma instituição cujos membros fazem holocausto de sua consciencia e de sua razão, conformando-se a seus estatutos que os querem quaes *bordões*, a *lima* na mão do operario, ou antes *cadaveres?!* Inimigos de toda a liberdade, são verdadeiros espiritos das trevas monopolisadores da instrucção, onde quer que tomem pé, transformando ahi as escholas em laboratorio de seus maleficios e rede, em cujas malhas prendam os povos, para dar-lhes a beber doutrinas subversivas de toda a moral, como — que os fins justificam os meios — e tudo mais quanto vem na *Monita secreta* e nos livros de seus doutores, onde desculpam-se e aconselham-se — o roubo, o desacato ao pudor virginal, a desobediencia aos paes, a delação, a mentira, a calúmnia, o assassinato, o perjurio, a perfidia, a conspiração, e emfim tudo quanto são crimes e vicios como permettido e louvavel quando practicado para maior glória de Deus e proveito da Ordem?!

Nós, filhos d'este seculo e da America joven e livre, perfilhemo'-nos todos em sancta cruzada, sevando as armas e engatilhando-as contra essa milicia de Roma, contra os

hypocritas da reacção religiosa que conspiram com todas as fôrças, e por todos os modos e com todas as armas, para retrotrahir a humanidade aos tempos obscuros da edade média, quando predominava a Egreja, e a um aceno do papa baqueavam thronos, substituiam-se dynastias; divorciavam-se com sua annuencia principes para contrahirem matrimonios incestuosos e adulterinos, e á sua instigação conflagravam-se povos. Direi como La Charolais, no seu relatorio dirigido ao rei de França: «Entregareis, Senhor, a nossa patria a homens que se tornarão seus dominadores e preceptores, tendo principios e interêsses oppostos aos nossos e aos de nosso paiz, a homens que por seu estado não podem jurar-vos obediencia e fidelidade? Como educarão a mocidade na obediencia que ao soberano é devida, quando teem para si que o proprio monarcha deve no temporal obediencia a um outro?!»[1]

Áquelles que fazem côro com os adeptos do jesuitismo exalçando até as nuvens os meritos dos jesuitas, como educadores, e os altos e immensos serviços que podem prestar e teem prestado á instrucção, oppor-lhes-hei estas energicas palavras do bispo Mondar, que por seu caracter religioso e suas virtudes não póde ser averbado de sus peito: — «Não será loucura, diz elle, attrever-se alguem a louvar aqui a aptidão e utilidade dos jesuitas para os estudos? Vae em cento e quarenta annos que dirigem os reverendos padres o collegio d'Aix: lançae os olhos sobre o estado deploravel das lettras n'esse paiz; e nem os jesuitas não podem fazer sabios quando *os temem e perseguem*. Possuem fóra d'aqui alguns collegios bem reputados; mas que aproveita n'elles a mocidade, depois de malbaratado o tempo precioso da infancia, acontecendo d'ahi que os de engenho ficam frivolos, supinamente vaidosos e adquirem apenas conhe-

[1] LAURENT, *Lettres sur les jésuites*, pag. 595.

cimentos superficiaes dos authores profanos, algumas prá-cticas de devoção exterior que abandonam dentro em pouco, *profunda ignorancia da religião e horrivel ausencia d'esses principios solidos que affeiçoam e preparam o cidadão e o christão.*» E depois que vemos ensinarem as irmans de caridade e seus directores espirituaes, os padres lazaristas, no que respeita á religião de Christo? um catechismo material, uma chronica religiosa inçada de factos milagrosos, de castigos divinos, e a idolatria personificada na adoração das imagens da Virgem Sanctissima na diffusão de registros e de rosarios, na relação de factos sobrenaturaes, do apparecimento de Jesus Christo e de Nossa Senhora em taes e taes lugares, dos milagres de Nossa Senhora de Lourdes, de la Salette, de suas aguas não menos milagrosas, e no fanatismo em summa, e em todas essas superstições que embrutecem o entendimento e enfraquecem o espirito. Assim, um povo educado e preparado pelos exercicios de Loyola, pelo seu methodo da *disciplina da alma* suicida-se, é um povo morto; porquanto essa disciplina, segundo um authorisado publicista, é a theocracia, é o despotismo, é a escravidão, é a negação da dignidade humana, é a condemnação do altissimo destino do homem na terra, condemnado na encyclica e no *syllabus!*

Movendo-se os jesuitas na sombra, occultam-se por detraz dos executores de seus planos, quando não podem affrontar a opinião pública, e por sua intervenção ou servindo-se d'elles, apoderam-se dos devotos, torturam-lhes as consciencias com o terror religioso, annullam-lhes a razão, inculcando-se interpretres da vontade de Deus, e assim esforçam-se por encaminhar a humanidade para a escravidão, postergando os direitos do cidadão para d'ess'arte estabelecer o predominio universal da Egreja por meio de toda a sorte de artificios, pela hypocrisia, pelo fanatismo e pela superstição, repitto mais uma vez.

Não nego virtudes nos que as tinham e nos que as teem; mas de envôlta com ellas ahi está o fim ostensivo da instituição de Loyola—o predominio do pontifice sobre o govêrno civil—a theocracia de Gregorio VII; mas creio firmemente que por mais que trabalhem os clericaes não conseguirão fazer parar a roda do progresso, nem desapparecer as conquistas da civilisação ainda que fulminadas pelos raios arrojados do Vaticano.

Fio que é louco esfôrço; pois é incrivel que o mundo retrograde quasi no fim d'este seculo—depois da imprensa, depois da philosophia do seculo XVIII, da Revolução de 89, das conquistas nas idéas e dos progressos em todo o sentido, e quando ligado o universo pelos fios electricos, communicam-se os povos e transmittem suas idéas com a rapidez do raio. Pelo menos, quanto ao Brasil, póde o beaterio e a hypocrisia religiosa machinar, que não farão mais do que convencer com tanta maior evidencia da necessidade e conveniencia da separação da egreja do estado, que já cala de ha muito entre os cidadãos esclarecidos de todos os partidos, e despertar os sinceros patriotas para que se armem e estejam em guarda contra as conspirações de sacristia, e repillam da nossa patria tudo quanto possa contrarestar sua marcha na via gloriosa da civilisação e da liberdade dentro do regimen que nossos paes adoptaram, e nós apoiâmos e deffendemos de toda e qualquer invasão extemporanea e contrária aos actuaes interêsses e o desenvolvimento regular do Brasil.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO TOMO

NOTAS

NOTAS

Nota A

...no IV volume das suas *Obras*, pag. 80

Consta de dois tomos a obra do padre Antonio Vieira, que tem por titulo — *Machinações*.

Contem o primeiro alguns documentos concernentes á Companhia do Commércio, aos bens confiscados pela Inquisição e ás ordens pontificias annullando a concessão régia. É de suppor que foi esta questão a origem e causa principal da prisão e processo movidos ao padre Antonio Vieira pelo Sancto-Officio.

No segundo tomo commenta em viagem pelo Amazonas as prophecias de Bandarra (Vid. de pag. 115 a 122 do tomo II — imp. em 1659).

Prophetisou tambem elle da sua parte mais circumstancias prodigiosas, taes como, que nas «dictas terras presadas, ou conquistas, havia n'aquelle tempo dois vice-reis (o que nunca houve antes nem depois), e que um d'elles, que era o marquez de Montalvão, era agudo, e que o outro, que foi o conde de Aveiros, era sizudo e cabelludo, e que o primeiro não havia de ser detido no govêrno, isto é, que havia de ser tirado d'elle; declarando mais que este se daria a si o titulo de excellencia, sendo exonerado por suspeitas de infidelidade, a qual não havia de estar em seu

escudo. Affirma n'essa obra que foi Montalvão o instrumento da acclamação na Bahia e em todo o estado do Brasil, ou de quem dimanou ordens por que foi D. João IV acclamado.

Todos os que governam as praças de Portugal nas conquistas foram detidos n'ellas, porque os conservou el-rei nos mesmos postos, menos o marquez, que foi mandado tirar pelo monarcha por motivo da fuga dos filhos e do ánimo da mulher (tomo II, pag. 124).

«Os que conheceram o marquez (diz A. Vieira) sabem quão bem lhe cabe o nome de agudo, pela esperteza que tinha natural em todas as suas acções e execuções, e ainda nas suas feições e movimentos do corpo; mas mais que tudo no inventar traças nos negocios e introduzir-se n'elles — sendo o instrumento em maior parte da acclamação, a qual executou com grande prudencia e indústria por haver na Bahia dois terços de Castella e um de napolitanos, que poderiam sustentar as partes de Castella, quando menos causar alvoroços.»

Tractando o padre do cometa que appareceu na Bahia, em 1618, descreve-o assim: «A figura era de uma perfeitissima palma, a côr accêsa, a grandeza como a sexta parte de todo o hemispherio, o sítio no oriente, o curso sempre diante do sol, a duração por quasi duas horas.»

«*Quia scitur quod in America, civitas singulis mensibus putentur, singulis quoque mensibus germinent.*»

Nota B

...indice do que contém esse precioso volume...
nota da pag. 115

Descobri na Bibliotheca Nacional de Lisboa um volume manuscripto sob n. E—5—53, com o titulo *Obras de varios autores*, contendo as seguintes peças, que copio com sua orthographia:

«Ante Vieira: Nas Esperanças do V.º Imperio Portuguez fundadas na primeyra, e segunda vida do Sr. Rey D. Joam IV. Accommodadas Pelo Padre Antonio V.ª a Gonç.º Annes Bandarra. Respondidas Por hum Anonymo Curiozo. Anno de 1661... pag. 1 a 87.»

«Papel offerecido pelos commissarios dos Estados Geraes: Pontos provisionalmente propostos para tirar, e pacifiquar as differenças Entre o Senhor Rey de Portugal, de hua parte, e os Senhores Estados Geraes das Provincias Unidas, e Paizes Bayxos da outra—1648... pag. 89 a 110.»

«Resposta do D.ºʳ P.º Frz. Montr.º Procurador da Fazenda. A quem se mandou dar vista do Discurso sobre a Paz, que com Hollanda ajustava Francisco de Souza Coutinho, Embayxador do Sr. Rey D. Joam IV. Aos mesmos Hollandezes. 1648. pag. 111 a 145.»

«Parecer da Meenza da Consciencia sobre os Accordos da Paz com Holanda á vista das capitulaçoens que os Estados propunham. 1648, pag. 146 a 152.»

Instrucçam Secreta Que o Senhor Rey Dom Joam IV Deu ao P.e Antonio Vieyra da Comp.a de Jesus Mandando-a á Curia de Roma, Em Outubro de 1649. pag. 153 a 168.»

«Noticia dos Successos, e expulçam dos PP. da Companhia, do Estado do Maranham, Authora a Verdade, pag. 169 a 220.

«Papel Politico sobre o Estado do Maranham. Apresentado em nome da Camara ao Senhor Rey Dom Pedro Segundo por seu Procurador Manoel Guedes Aranha. anno de 1683, pag. 221 a 297.»

Parecer sobre os successos do Maranham Feyto por Manoel da Vide Souto Mayor. Anno de 1658... pag. 298 a 307.»

«Parecer sobre o Governo do Maranham Dado no Concelho de Ultramar pelo Procurador d'aquelle Estado Manoel da Vide Souto Mayor... pag. 308 a 318.»

«Parecer sobre se augmentar o Estado do Maranham. Fazendo-se assento para Negros de Cabo Verde. Feyto... por Joam de Moura... pag. 319 a 326.»

«Problema: Em quem nos devemos fiar mais, naquelles que nos fizerão beneficios; ou naquelles a quem os fizemos... pag. 327 a 328.»

«Discurso a favor da antiga Cappitação Mostrando os inconvenientes que resultam da Nova Ley de S. Magestade vinda para as minas e os perjuizos que della se hão seguir: por Alexandre de Gusmão, etc. Em Lisboa em 18 de Dezembro de 1750... pag. 329 a 342.»

«Papel Feyto acerca do ouro por que se estabeleceu a capitação nas Minas Geraes, E em que se mostra, ser mais util o quentar-se o ouro, porque assim se apaga o que o deve seu Author o Dez.or Thomé Gomes Moreira, Secretario do Estado da India e Conselheiro do Conselho Ultramarino. No anno 1749. pag. 343 a 369.»

«Pergunta-se por Hua Freira, a qual de Dous Amantes se deve ademetir, se a hum Tolo quente Se a um Discreto Frío. Resposta De Dr. Pedro de Sá, a favor do Tolo quente. E outro de um Anonymo, a favor do Discreto Frio. pag, 307 a 378.»

Discurso Panegirico sobre o zelo, fervor, e devoção, com que depois de um incendio que arruinou o Oratorio da Senhora do Amparo, os seus devotos primorosamente o renovaron, e collocaron nelle segunda vez a m.ma senhora... pag. 379 a 382.

(Varios papeis sem titulo). pag. 383 a 388.

O outro manuscripto curioso em notícias que nos interessam e a que referi-me em outro lugar d'este tomo, traz no rosto:

CUNHA

CARTAS PARA SUA ALTEZA REAL

POR

FRANCISCO DA CUNHA MENEZES

(Governador e Capitão General da Capitanía)

Eis o que encerra esse volume:

Officio n.º 50 de 10 de julho de 1802.

«Que por falta de dinheiro no cofre Manuel Ferreira da Camara, já então na Bahia, e encarregado por carta régia de 14 de novembro de 1800 da descoberta das minas de ouro, prata e cobre, não a emprehende.»

«N. 51.—Que se não tinham feito ainda os cemiterios ordenados pela carta régia de 14 de janeiro de 1802, para *beneficio* da Bahia, em virtude de grave enfermidade do arcebispo metropolitano.»

«10 de julho de 1802.—Que tratava de haver todas as especies e variedades de aves indigenas para os viveiros da real quinta de Belem, segundo officio do govêrno de 3 de dezembro de 1800.»

«Officio do govêrno de 18 de dezembro de 1800.»

«O govêrno quer que se comprem negros escravos, que aprendam officios mecanicos, para servirem nos estaleiros, por ser isso mais economico. O govêrno acha util o negocio. Era supra de 10 de julho de 1802.»

N. 56.—O arcebispo D. frei Antonio Corrêa morreu no dia 12 de julho de 1802, de enfermidade que ha muito tempo padecia.

Ignacio Ferreira da Camara Bittencourt encarregado do Jardim Botanico, da Bahia, diz «que o resultado das sementeiras de sandalo, *puna* e *téca*, e de *outra arvore*, de que *se não declarava o nome*, foi que só nascêra um pé de *puna*, e suppõe que as mais sementes estavam damnificadas» (14 de agosto de 1802).»

Sobre a cultura de pimenta da India, diz «que se não tem augmentado mais por falta de sementeiras, visto como o Jardim Botanico não estava ainda estabelecido.»

30 de agosto de 1802.—Recebeu ordem «que não consentissem religioso algum embarcar para Portugal, sem licença do seu prelado superior, e que esta lhe seja concedida por *motivos justificados*.»

23 de novembro de 1802.—Que recebeu o caixote vindo com sementes de *téca*, que as distribuiu pelos lavradores com a respectiva instrucção,—«que sería bom virem as melhores arvores da India, porém pequenas.»

13 de dezembro.—«Remette aves para o viveiro da quinta de Belem pelo correio mercantil *Gavião*.»

11 de dezembro de 1802.—«Que devassára do ex-admi-

nistrador da pesca das balêas, e fabrico do azeite, Domingos José de Carvalho e que não resultava prova contra elle.»

Quanto á *pescaria franca* da balêa, que o govêrno recommenda que se anime, diz «que *n'este primeiro anno* foram tantos os pescadores, que o número das lanchas era mais do triplo do que no tempo do contracto.»

11 de dezembro de 1802.—«Mandou plantar em 6 caixões pés de *Aya-pana* ou herva milagrosa, e que logo que tivessem pegado as remetteria para o reino.»

«26 de fevereiro de 1803.—O brigadeiro João Baptista Godinho Vieira escreveu uma *Memoria sobre as virtudes medicinaes e uso do extracto de Caninana.* «Remette para Portugal o extracto com a memória, plantas do capim do sertão e várias especies de larangeiras.»

«O governador da relação, Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, escreve sobre gommas de tres arvores, uteis para tinturaria:—*arariba*, *amoreira* e *candim.*»

18 de março de 1803.—Respondendo ao officio do reino, do primeiro de outubro de 1802, que recommenda a inoculação da bexiga, principalmente nos meninos negros e indios, «diz que do resultado daria parte.»

30 de abril de 1803.—O Dr. Balthasar da Silva Lisboa, nomeado conservador das mattas de Cayrú. É depois visconde de Cayrú.

«N'aquelle tempo as remessas de madeira eram para o real palacio da Ajuda.»

3 de julho de 1803.—«José de Sá Bittencourt Accioli é encarregado da abertura da nova estrada para Montes-Claros.»

29 de julho.—«Tracta este officio summariamente das amostras e minas de oiro no districto de Chique-chique, limites da comarca de Jacobina, na serra do Itoleira, cabeceiras do Rio-Verde nas costas da serra do Assuriá (Bahia).»

14 de setembro de 1803.—«Difficuldades de terreno para o Jardim Botanico. O encarregado d'esta creação, Ignacio Ferreira da Camara, escolhe a roça do bacharel Caetano Mauricio Machado, perto do forte de S. Pedro. O proprietario pede 4:800$000; recebendo em dinheiro 1:200$000, ficando nos cofres reaes 2:800$000 para pagamento do que devia ao recolhimento de S. Raymundo Nonnato. A avaliação foi de menos, o proprietario recusa, pede ao recolhimento a desapropriação. Parece que a roça, chamada de *Tororó*, de João Francisco da Costa, tambem se reputava propria para isso.»

15 de fevereiro de 1804.—Publicação da carta régia de 18 de agosto de 1803—«dando liberdade aos indios nas pessoas, commércio e locação d'elles, de modo que não houvesse mais o abusivo costume de serem obrigados a servir por 40 réis diarios.»

18 de julho de 1803—do govérno—«que os navios da companhia da America (naturalmente do norte) estabelecida na Russia, ou de qualquer serviço russo, sejam recebidos como os das nações mais amigas.»

12 de maio de 1804.—Conclusão da estrada para Mon-

tes-Claros por Accioli, e que custou 23:385$871 réis. «Remetteu-se as informações reservadas dos ouvidores de Jacobina e Ilhéos.»

20 de novembro de 1804.—«Que a vaccina da Europa não tinha produzido effeito, mas recommendava o negocio ao desembargador José da Silva Magalhães, ouvidor da Jacobina.»

«Constava porém que no sertão da Jacobina, principalmente nas margens do rio S. Francisco do norte, apparecia essa enfermidade *(cow poe)* no gado vaccum. Mandou-se-lhe instrucções de como se conhecia o virus, e do modo de o recolher.»

4 de janeiro de 1805.—O navio *Bom Despacho*, chegou á Bahia (não se diz d'onde) com 7 negrinhos bexiguentos. «Os negociantes da Bahia os remetteram para conduzirem a vaccina (a lembrança lhes foi louvada pelo rei. Officio de 10 de novembro de 1804).»

«O governador faz vaccinar na sua presença com o *humor dos ultimos vaccinados* mais de cem pessoas de diversas edades. Era medico cirurgião d'aquelle navio Manuel Moreira da Rosa, e vinha mais o medico José Avelino Barbosa, ao qual se encarregou a conservação do *virus* por meio de vaccinas successivas.»

26 de janeiro de 1805.—«O Dr. José Avelino Barbosa escreveu ao Dr. Jemmer, em Londres, communicando-lhe as suas observações sobre a vaccina no paiz.»

15 de março de 1805.—«Falla-se de uma *Memória* do capitão-mór João da Silva Santos, que foi pelo rio Bel-

monte acima até onde se divide na capitanía de Villa Rica. O tal descobridor chegou até a *aldeia* dos indios *Tocaioz*, da Lorena.—«Determinou-se que este caminho ficasse vedado por ser das minas.» Sería bom que se procurasse descobrir esta memoria, que talvez pare na camara municipal da Bahia.

16 de março de 1805.—Pela opportunidade da partida, para o Rio, do paquete *Santa Margarida*, que transportava o tabaco da remessa da India, n'elle mandaram-se 4 rapazes, «que fossem sendo vaccinados successivamente de braço a braço, e para isso ia o ajudante do cirurgião do regimento de linha da Bahia José Francisco Machado. Havia já remettido o pús vaccinico em vidros para o vicerei, governador de Angola e da capitania de S. Paulo de Loanda.»

24 de julho.—O governador da capitanía do Espirito-Sancto remette para a Bahia amostras de oiro de uma mina das margens do Rio-Doce, mas sem especificar distancia, riqueza da mina e facilidade da exploração.

3 de setembro de 1805.—José Gomes de Sá Lobo Maia, secretario nomeado do govêrno de Matto-Grosso, descobriu nas pedras de um ribeiro visinho á povoação de Nasareth, districto da villa de Jagoacipe, da comarca da Bahia, azougue purissimo. Mandou-se a esse exame Manoel Ferreira da Camara, intendente das minas.—Manda amostras de ferro de Maragogipe. Talvez exista na camara municipal algum roteiro ou noticia a este respeito.

20 de setembro de 1805.—Remessa pelo navio *Trovoada* de 26 arrobas e 7 arrateis da *quina* de Camamú, dois frascos de quina branca em pó, e em casca, e extracto em vinho. (Officios ns. 119 a 121).

Pará

(Carta de Martinho de Sousa e Albuquerque ao director da villa de Souzel, 12 de agosto de 1787):

«Hontem recebi a carta de vossa mercê de 29 do mez passado (julho), n'ella vejo o triste successo acontecido no sítio do indio piloto Francisco Roberto, no dia 18 de julho, e que vossa mercê em alcance dos aggressores ou gentio *Mundurucú* mandára uma escolta, cuja fizera muito damno ao dicto gentio referido: é necessario procurar afugental-os, e se possivel fosse era melhor apanhal-os á mão, do que matar nenhum, por não horrorisar aquella gentilidade, que muitas vezes pelo horror que lhes faz o mau tratamento que lhes damos, é que *fogem de nós e nos perseguem;* e por esta reflexão, que tenho feito, é que tambem tenho dirigido á maior parte dos directores diversas ordens, em que lhes declaro o modo com que se devem haver n'estas occasiões, sendo o último remedio, que se hade applicar, o matar n'elles, o que só se deve fazer para livrar as vidas da nossa gente, se este fim se não póde conseguir, com persuadil-os e acarinhal-os, para que busquem as nossas povoações ou sitios.»

(Carta do mesmo a João Pereira Caldas). Diz que Caldas a 14 de agosto referia o grande perigo em que se tinham visto Manuel da Gama e mais officiaes, que se achavam no Rio-Branco, em uma alagação que tiveram da outra banda da cordilheira, que nos separa dos dominios hespanhoes do Orinocco, e que o dito Manuel da Gama, depois estivera em outro maior perigo em uma cachoeira.

N'aquella mesma carta dizia P. Caldas quanto desejava

que lhe viesse sua patente e tudo mais corrente para tomar a sua posse e gosar do seu novo emprêgo, ao que se lhe respondeu que estava tudo prompto no reino, mas que até então nada tinha podido vir.

«Pelo que respeita á diligencia do rio das *Trombetas*, nada por ora lhe posso dizer, pois Luiz da Rocha nada fez, que podesse servir, por não poder penetrar o dicto rio senão até a primeira cachoeira por entrar a vasar com muita força e lhe principiar a adoecer toda a gente; e agora ha tanta falta d'ella, que ainda não pude dar princípio a coisa alguma; mas o tempo descobrirá algum caminho, e eu estimarei ter possibilidade de effectuar esta diligencia, visto V. Ex.ª me dizer a sua importancia.»

Falla tambem n'essa carta, de uma cópia da *História do Rio-Branco*, que parava em poder de Caldas.

Ao mesmo do mesmo Martinho de Sousa e Albuquerque (9 de dezembro de 1787).

«É bem desagradavel o ter (V. Ex.ª) passado toda a sua mocidade, como V. Ex.ª pondéra, n'este paiz remoto, andando por fóra de sua casa já ha trinta e quatro annos, sem cuidar nos interêsses d'ella, nem gosar do prazer da vida, separado de sua familia e parentes, mettido sempre em labyrinthos do govêrno, o que eu considero que é um dos maiores trabalhos, que os homens podem ter, tendo ultimamente rezidido em Barcellos, capital do Rio-Negro (Amazonas) por espaço de 7 annos com tanta lida, e tantos diversos trabalhos e qualidades de negocios.»

10 de dezembro.—Falla das ordens, d'onde consta as providencias dadas pelo coronel Manoel da Gama, para povoar de gado vaccum os ferteis campos das margens do Rio-Branco.

«Em Alemquer havia pouco gado, já em 1784, quando lá fui; mas haverá talvez algum adiantamento agora, porque Luiz da Rocha, que a dirige, é alguma cousa efficaz.» Isto diz o governador no officio acima citado.

1º de julho de 1787.—Paz e reducção do gentio *Mura* (carta de Caldas).

A 17 de outubro d'esse anno fazia justamente sete annos que Caldas chegou a Barcellos.

14 de dezembro de 1787.—Alexandre Rodrigues Ferreira, accusando que recebêra e ia remetter para Lisboa trinta e um volumes da setima remessa das collecções naturaes, e n'esta carta encarece os grandes serviços e trabalho como naturalista.

19 de dezembro de 1787.—Para a camara de Macapá. Pediu um medico, mandou-se-lhe um cirurgião: parece que os pobres enfermos deram-se peior com elle do que com a molestia. O governador intíma que ninguem póde vender, nem preparar remedios, por ser contra a lei, que chamem o cirurgião, mas não quando estão para morrer só para o arguirem de ignorante! Ordena que o chamem em caso de qualquer molestia.—E como recusem pagar, que sejam obrigados á isso, dando 80 rs. por visita, além dos preços do medicamento. O cirurgião era Joaquim Ferreira e a ordem supra foi expedida á sua reclamação d'elle.

Nota C

... que vão enumerados n'outro lugar... pag. 253

(BIBLIOGRAPHIA)

Além das obras que vão, umas resumidas, outras apenas indicadas no corpo d'esta obra, apresento aqui esta abbreviada nota dos livros que se occupam particularmente da Companhia de Jesus, tanto no sentido favoravel a ella, como contrário, já tambem analysando seus feitos e doutrinas com toda a verdade e imparcial crítica.

Histoire réligieuse, politique et litteraire de la Compagnie de Jesus par Crétineau Joli, 5 tomos ornados de gravuras (Paris, 1859).

Histoire dramatique et pittoresque des jésuites par Adolphe Bouché, 2 tomos grandes, com gravuras.

Histoire des jesuites par l'abbé Guettèe, 3 tomos. Falla com imparcialidade e procura ser por vezes simples narrador.

De la calomnie ou instruction du procès contre les jésuites et leurs adversaires (1761).

La morale pratique des jésuites pas Arnauld, 3 tomos, (Amsterdam, 1688 e 1747).

Procès contre les jésuites, (Drouai, 1761).

Rapport judiciaire du procès criminel instruit à la poursuite et diligence etc. par AUGUSTIN DE LOYSA, etc.

Actes Authentiques qui prouvent l'obstination des réligieux expulsés et de leurs adherens, etc. (Madrid, 1716.)

Retrato dos jesuitas feito ao natural, (Lisboa, 1761).

Deducção chronologica e analytica dada á luz pelo doutor JOSÉ DE SEABRA DA SILVA, 3 tomos in-folio, impressos em Lisboa por Miguel Menescal da Costa, a 1.ª e 2.ª parte em 1767 e as *Provas* em 1768. Foi re-impressa toda a obra, na mesma officina e no último anno de 1768 em formato de 8.º, compondo-se de 5 tomos: é a mais vulgar. É attribuida ao proprio marquez de Pombal, não só por João Lisboa e o sr. Innocencio F. da Silva, como mais positivamente pelo sr. Latino Coelho no tomo I da sua *História da guerra peninsular*,

L'avocat du diable, ou les jésuites condamnés, malgré l'appel à la, raison, (1762).

Origem infecta da relaxação moral dos jesuitas, (Lisboa, 1771).

Discurso de las enfermidades de la Compañia per R. P. JUAN DE MARIANA, (Madrid, 1768).

Relação abbreviada da republica, que os religiosos jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultramarinos. É um folheto in-16.º com 85 páginas, sem nome de author nem dacta e officina em que foi impresso.

Examen impartial et aprofondi de l'Institut des jésuites par M. de la Chalorais, procureur général du roi au parlement de la Bretague (Amsterdam, 1762).

Reflexões de um portuguez sobre o memorial appresentado pelos padres jesuitas á sanctidade do papa Clemente XIII, etc. expostas em uma carta escripta na lingua italiana a um amigo em Roma e traduzido fielmente na portugueza. Anno MDCCLIX. Consta de um volume com 216 páginas in-16.° mas sem nome de author, da officina e nem do lugar onde foi impresso.

Instrucção a principes sobre a politica dos padres jesuitas, illustrada com longas notas, etc. (Lisboa, MDCCLX) um volume in-16.° de 208 páginas.

Les jésuites criminels de lèse-Magesté dans la théorie et dans la pratique (Amsterdam, MDCCLX), volume in-16.° de 424 páginas; mas tambem sem nome de author nem de typographia.

Il gesuita moderno da Vicenzo Giobbeti, 6 tomos in-16, impressos em Turim, na typographia d'Alles Fontana, (1848).

Les jésuitas par M.M. Michelet el Ed. Quinet, (Paris, 1844).

Os jesuitas em 1860, folheto de 32 páginas in-8.°, impresso em Lisboa.

Questão Janrard, discursos proferidos na camara dos deputados pelos drs. Pedro Luis e Joaquim M. de Macedo, (Recife, 1864).

Les jésuites par A. Andrei, (Paris 1872. Faz parte da collecção da *Bibliothéque Democratique*.

Le juif errant par Eugéne Sue, 10 tomos; romance de que ha uma versão portugueza dos srs. A. F. e J. F. de Castilho.

Le jesuite, par l'Abbé*** author do *Maudit*, de la *Religiensi* e do *Moine*, etc. (Paris, 1865). Consta de 2 tomos.

Lettres sur les jésuites par F. Laurent, (Paris 1864).

Les jésuites et le procès Dubach, 1 tomo.

Os jesuitas, romance por Oliveira Pires, (Lisboa, 1873).

Os jesuitas perante a hisótria por Ovidio da Gama Lobo, (Maranhão). É uma recopilação de Crétineau Joly em deffesa da Companhĭa de Jesus.

Manual práctico dos jesuitas escripto por Arnauld e queimado por ordem do parlamento de Paris em 1679.

Les provincialles ou les lettres écrites par Louis de Montelte (Pascal) à un provincial de ses amis etc. Foi publicada esta obra do célebre geometra em 1660, por ordem do rei, traduzida para o latim por Nicolas, é prohibida em 1670! Possuo a edição de Cologne, impressa em 1669 por Nicolau Schonte.

Conpte-rendu des institutions des jesuites par Omer Joly de Fleury.

Les guerres de réligion, IXeme volume des *Études de l'hu-*

manité par F. LAURENT (obra excellente e recommendada pelo merito de seu espirito analytico).

SUGENHEIM — Geschicht der Jesuiten Deutschland.

AFFONSO DE VARGAS—Relatio de stratagemati jesuitorum.

JOB MORELLI — Societatis Jesu Amores, e scriniis provinciœ superioris, Germaniœ, Monarchii super repertis, brevi libello expositi (1815).

ARGENTRÉ — Collctio judiciorum.

La monarchie des solipses (escripta em 1617 por um jesuita).

THEIMER — Clement XIV.

ARNAULD — Histoire du jansénisme.

LEIBNITZ — Opera, no tomo IV.

MONDAR — Compte-rendu des constitutions des jésuites.

Mercure jésuite (collecção preciosa de processos, etc.)

Histoire de la Compagnie de Jesus (Soleure, 1740).

Recueil des procès sur les affaires des jésuites, 3 tomos.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO

PAGINAS

SANCTUARIO MARIANNO POR FREI AGOSTINHO DE SANCTA MARIA 5

HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS DA EXTINCTA PROVINCIA DO MARANHÃO E PARÁ, PELO PADRE JOSÉ DE MORAES 45

RELAÇÃO ANNUAL DAS COISAS QUE FIZERAM OS PADRES DA COMPANHIA, PELO PADRE FERNÃO GUERREIRO.... 99

VIDA DO PADRE JOSÉ D'ANCHIETA 103

DÁ NOTÍCIA DOS SUCCESSOS E EXPULSÃO DOS PP. DA COMPANHIA, AUCTORA A VERDADE 115

HISTORIÆ SOCIETATIS JESU, AUCTORE R. P. FRANCISCO SACHINO 133

(José Juvencio) 160

ANNALES LITTERARII 163

(Mucio Vitelleschi) 176

SYNOPSIS ANNALIUM SOCIETATIS JESU IN LUSITANIA, AUCTORE R. P. ANTONIO-FRANCO 189

NOTAS 270

ERRATA

PAGINAS	LINHAS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
13	13	ao que	do que
16	9	hadalo	badalo
19	30	muita	muito
25	14	haviam	havia
38	25	proveiu	provieram
59	17	entrarem	entraram
61	14	Companhia,	Companhia [1],
»	19	Itapecurú [1]	Itapecurú
65	24	*Ibacamga*	*Ibacanga*
68	30	hollandazes	hollandezes
72	31	da do	a do
74	23	imperterito	imperterrito
75	27	ao que recusaram-se	recusaram-se
85	5	Isto é,	Isto é
106	22	e pescam	pescam
160	10	ia	iam
166	15	attrahiam	attrahia
176	16	indiginas	indigenas
»	25	dispendiam	despendiam
188	27	se attribuiam	attribuiam

Para resumir este rol de emendas deixei de apontar a palavra — neophyto — que assim escrevo, e não como se acha nas paginas 49, 56, 64, 91, 150, 155, 163, 169, 181, 185 e 218.